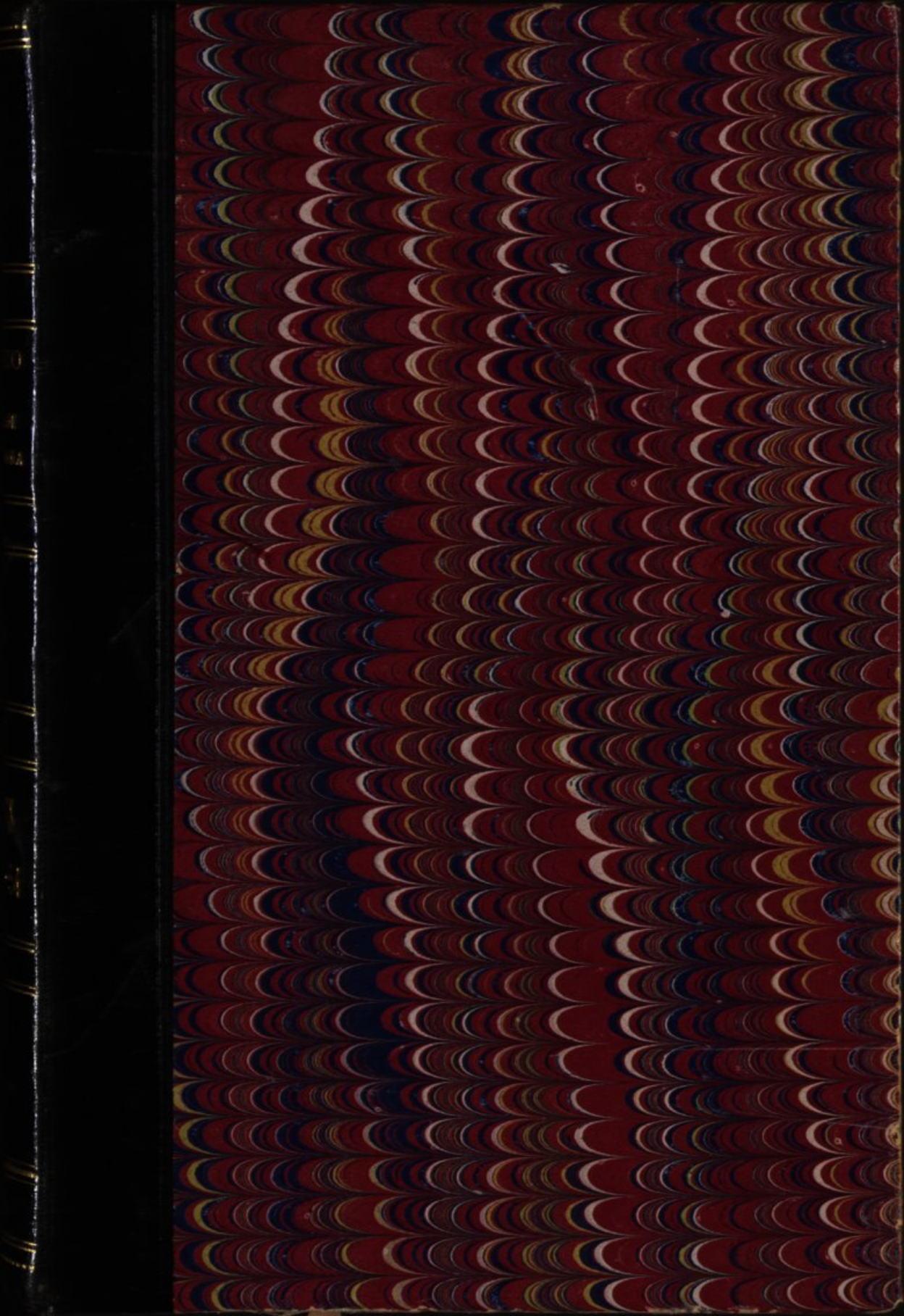
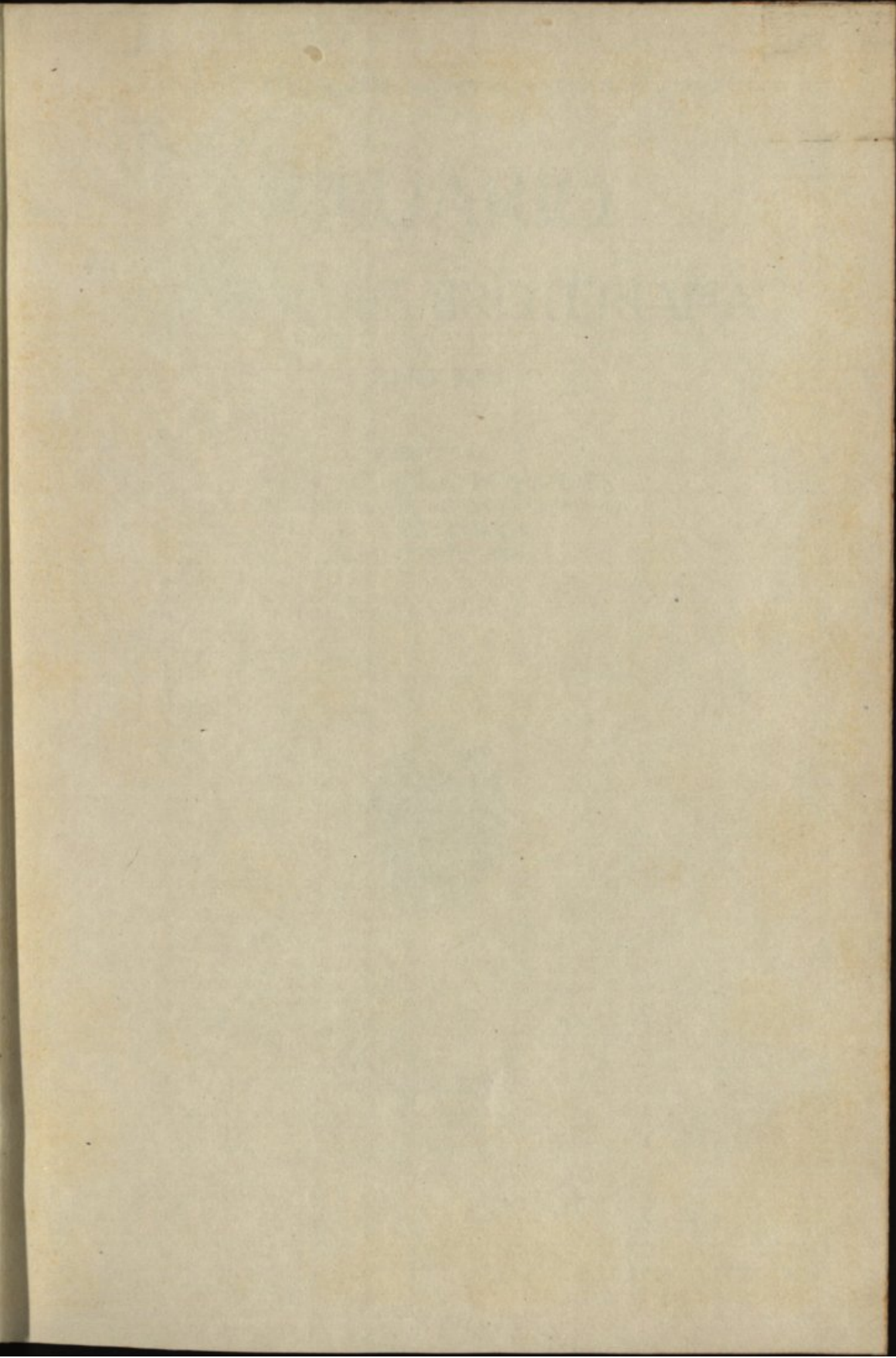


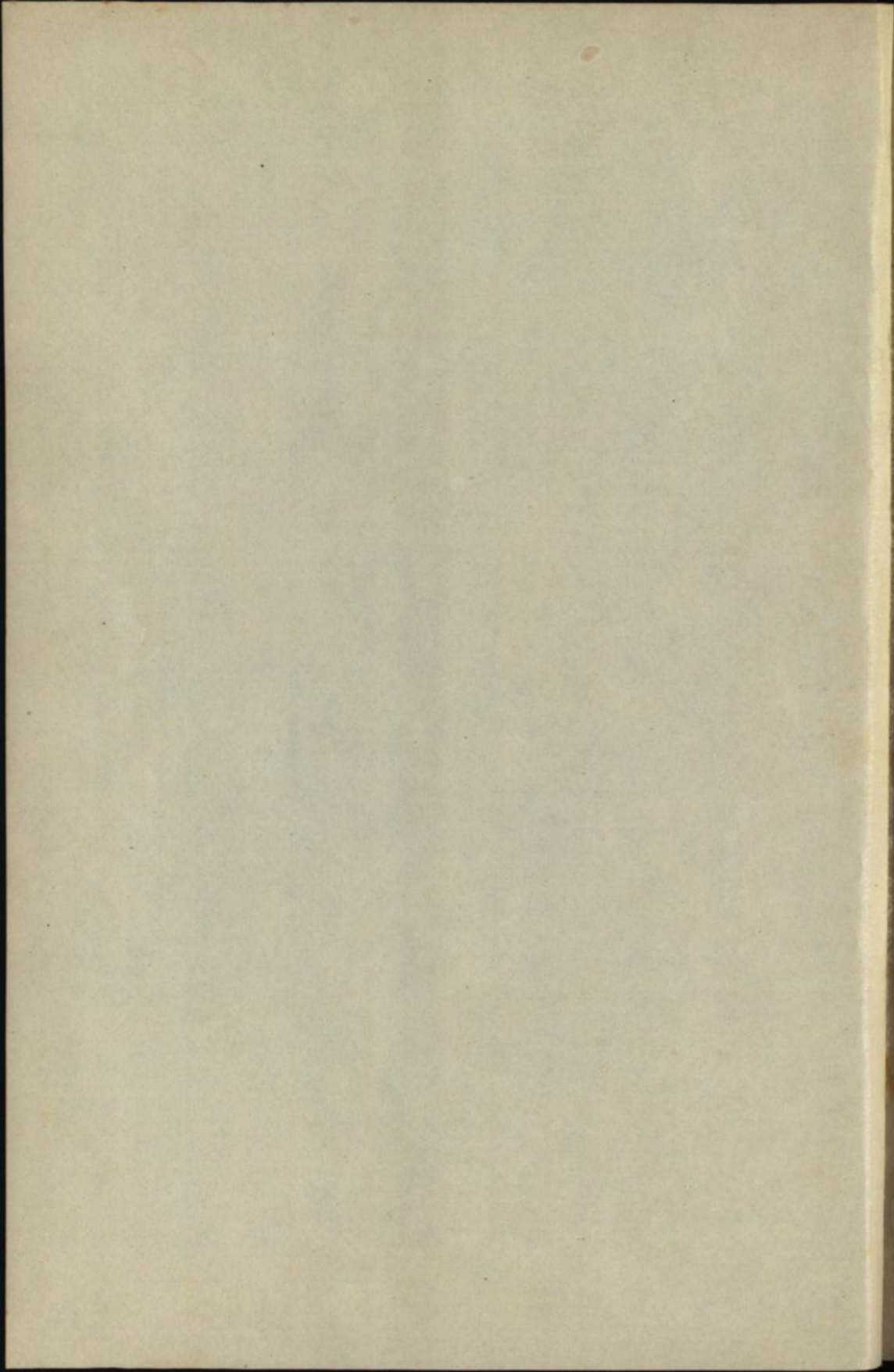


Inst. Bot. de Coimbra

E-21/
25







ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVI

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

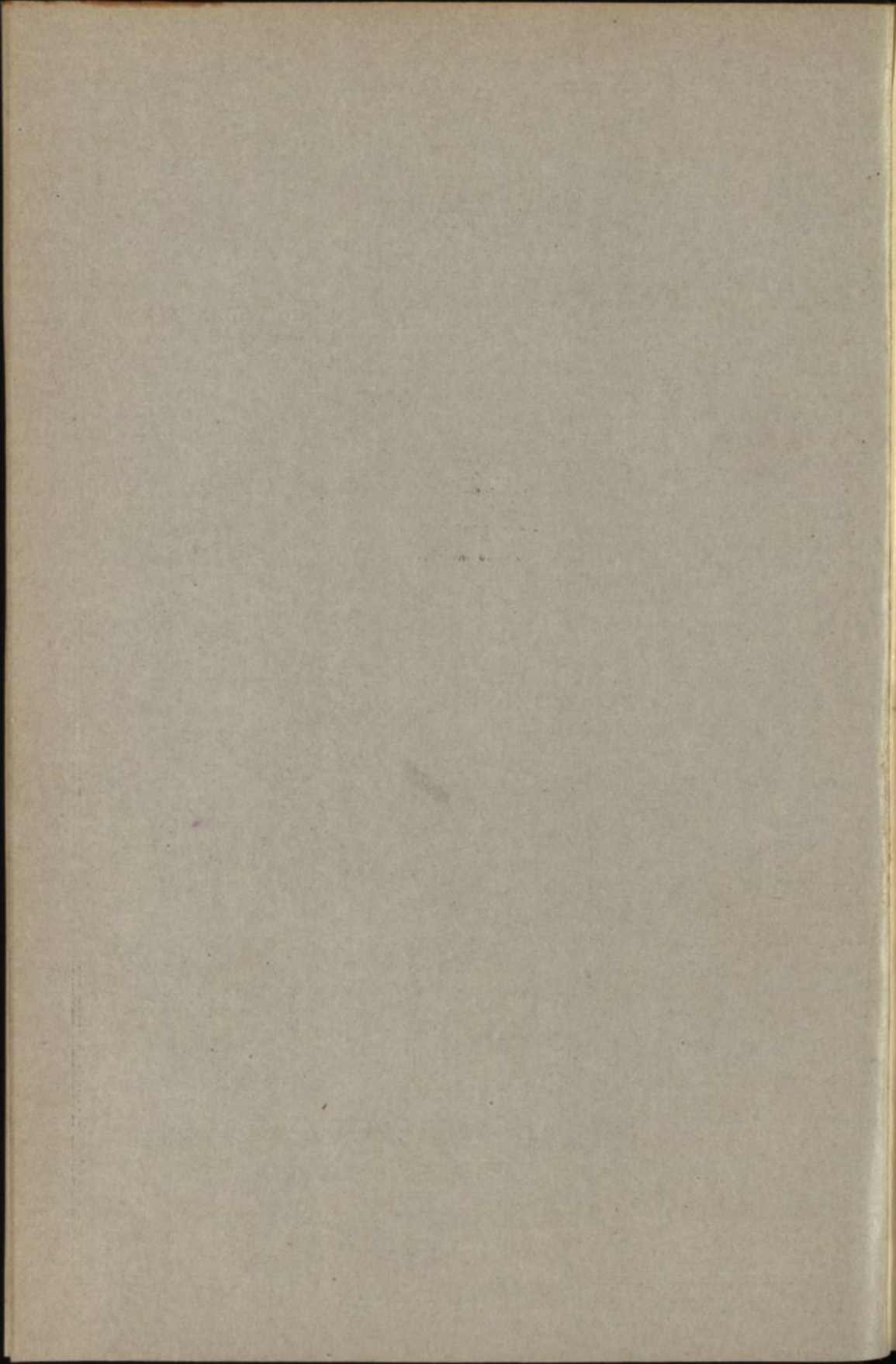
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1950



ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVI

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1950



ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO VII

1907

EDITADO POR

ALCOBACENSE, L.T. — ALCOBAÇA

1907

Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaca

SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 21 de Janeiro de 1950

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1949. Esse relatório é do teor seguinte:

« Durante o ano transacto, a vida da Sociedade decorreu nos moldes habituais, tendo a Direcção conseguido realizar a maior parte dos objectivos contidos no programa que delinear. Efectivamente, publicou-se o número XV do Anuário e os volumes V das Memórias e XXIII do Boletim. O primeiro contém os resultados de algumas herborizações efectuadas na região de Vendas Novas sob a égide do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, bem como alguns subsídios para o conhecimento do conflito entre o patrono da nossa Sociedade e o seu colega MONTEIRO DA ROCHA. O volume das Memórias foi preenchido pelo importante trabalho « *Cerastium semidecandrum* Linné, sensu latiore », da autoria do Ex.^{mo} Sr. Dr. WILHELM MÖSCHL, a quem apresentamos os nossos mais efusivos agradecimentos pela colaboração que se dignou conceder-nos. O Boletim, finalmente, insere diversos artigos de autores portugueses e estrangeiros, destacando-se, entre os últimos, o valioso trabalho do Ex.^{mo} Sr. Dr. F. BERNIS MADRAZO sobre o género *Armeria* em Portugal. A este colaborador, apresentamos também a expressão do nosso mais vivo reconhecimento.

Verificando-se que 800 exemplares já não eram suficientes para fazer face às exigências do serviço de permutas, a Direcção resolveu elevar a tiragem do Boletim e das Memórias para 1.000.

Além de outras de menor importância, o pessoal do Insti-



tuto Botânico realizou quatro extensas herborizações. A primeira teve lugar no mês de Abril, e, durante ela, percorreu-se o seguinte itinerário: Vendas Novas, Pegões, Marateca, Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines, Ferreira do Alentejo, Torrão, Montemor-o-Novo, Vendas Novas. Durante a segunda, realizaram-se explorações em Torres do Mondego, arredores de Penacova, Serra do Buçaco e Luso. Na terceira, explorou-se a região compreendida entre Alfarelos e Figueira da Foz. Na quarta, finalmente, herborizou-se nos arredores da Guarda e em diversas localidades da Serra da Estrela. O material, em um total de 533 números, está sendo estudado pelo Naturalista do Instituto e os resultados obtidos serão dados a conhecer durante o ano que agora se inicia. Desde já desejo acentuar que, no decurso destas herborizações, se encontraram diversas novidades. Este facto mostra, de uma maneira bem nítida, que, particularmente os sócios da nossa agremiação que vivem no campo, muito poderiam contribuir para o aumento dos conhecimentos sobre a flora de Portugal, desde que herborizassem com regularidade.

No plano da remodelação do Instituto Botânico, a Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra resolveu destinar uma sala à sede da Sociedade. Essa sala, que, pela sua situação e grandeza, é uma das mais belas do Instituto, encontra-se quase completamente mobilada, sendo provável que a nossa próxima assembleia geral já possa ter lugar nas novas instalações. A Direcção tem o maior prazer em comunicar este facto e vai sem dúvida ao encontro dos mais veementes desejos de todos os sócios, exprimindo aqui à referida Comissão Administrativa o profundo reconhecimento da Sociedade pelos benefícios que teve ocasião de lhe proporcionar.

A Direcção continuou a ocupar-se da regularização das suas relações com as Sociedades estrangeiras congêneres, podendo dizer-se que a normalidade se encontra já quase restabelecida. O serviço da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido cerca de 1.050 volumes e folhetos por troca com as publicações da Sociedade ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1949, existia em caixa um saldo de 9.965\$00.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fosse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e distribuição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Drs. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e VIRGÍLIO DA ROCHA DINIZ.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1950, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 21 de Janeiro de 1950

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continuasse a cargo do Ex.^{mo} Sr. Dr. ABÍLIO FERNANDES;
- b) Manter a comissão de redacção do Anuário;
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

The Journal of the American Medical Association is a weekly publication of the American Medical Association, published at 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill. 60610. It is the official journal of the American Medical Association and is published for the Association by the American Medical Association, 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill. 60610. The Journal is published weekly, except on Sundays and public holidays. It is published in English and is available in microfilm and microfiche editions. The Journal is published by the American Medical Association, 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill. 60610. The Journal is published weekly, except on Sundays and public holidays. It is published in English and is available in microfilm and microfiche editions. The Journal is published by the American Medical Association, 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill. 60610.

The Journal of the American Medical Association is a weekly publication of the American Medical Association, published at 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill. 60610. It is the official journal of the American Medical Association and is published for the Association by the American Medical Association, 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill. 60610. The Journal is published weekly, except on Sundays and public holidays. It is published in English and is available in microfilm and microfiche editions. The Journal is published by the American Medical Association, 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill. 60610.

The Journal of the American Medical Association is a weekly publication of the American Medical Association, published at 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill. 60610. It is the official journal of the American Medical Association and is published for the Association by the American Medical Association, 535 North Dearborn Street, Chicago, Ill. 60610.





Jg. de Barros e Cunha

PROF. DR. JOÃO GUALBERTO
DE BARROS E CUNHA

(1865-1950)

COM o falecimento do Dr. JOÃO GUALBERTO de BARROS E CUNHA, a Sociedade Broteriana perdeu um dos seus mais venerandos sócios e a Ciência portuguesa um dos seus mais prestimosos cultores.

O Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA, filho do Conselheiro JOÃO GUALBERTO DE BARROS E CUNHA e de D. FRANCIS ANNE LATHAM, nasceu em Lisboa a 25 de Outubro de 1865. Vergôntea de uma Família muito ilustre, recebeu esmeradíssima educação, ao mesmo tempo que era instruído racional e sólidamente, no sentido de adquirir uma vasta cultura. Dessa instrução, fez parte o ensino da língua inglesa, que sua Mãe lhe ministrou com aquele carinho de que só as Mães possuem o segredo.

O seu talento linguístico manifestou-se de maneira extremamente notável, tendo, depois do inglês, cultivado o latim, o grego, o sânscrito, o alemão e o francês. O Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA tornou-se, assim, um humanista distinto e esta preparação teve a mais benéfica influência sobre a sua futura carreira de cientista.

Passando temporadas no campo, particularmente nos belos domínios que seus Pais possuíam em Runa, encantadora povoação dos arredores de Torres Vedras, compreende-se que o espírito observador do Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA se absorvesse na contemplação da Natureza e fosse levado a admirar todas as maravilhas que se encerram na corola perfumada da mais singela flor silvestre ou no corpo do mais simples animal. Ali, teria sentido brotar também o seu extraordinário apego à terra, aquela terra que dá o pão nosso de cada dia e cuja exploração racional tanto pode contribuir para a felicidade humana.

Como seria belo conhecer com maior profundidade essas maravilhas que são os seres vivos!... Como seria útil aprender

a tirar da terra tesouros cada vez mais valiosos, fazendo-a produzir mais e melhor!... Devem ter sido, certamente, estas imperiosas curiosidades que levaram o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA a matricular-se nas Faculdades de Matemática e Filosofia da Universidade de Coimbra, no ano lectivo de 1881-1882.

Em 1883-1884, frequentou a cadeira de Botânica. Sob a influência do grande Mestre que foi JÚLIO HENRIQUES, o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA deve ter sentido redobrar o seu interesse pelo estudo das plantas. Por este facto, inscreveu-se como membro da jovem Sociedade Broteriana, agremiação em que se trabalhava ardorosamente sob o impulso de JÚLIO HENRIQUES. Na ânsia de corresponder aos incitamentos do Mestre e poder, assim, contribuir para o progresso do conhecimento florístico de Portugal, o Dr. BARROS E CUNHA lançou-se ao trabalho com o maior entusiasmo, herborizando com desvelo e preparando o material de maneira primorosa.

Durante o ano em que frequentou a cadeira de Botânica, colheu plantas nos arredores de Runa e a sua aplicação foi devidamente apreciada pelos membros do júri do exame, que lhe concederam *Acessit*.

Depois de ter frequentado Botânica, o seu interesse pela Sociedade Broteriana não esmoreceu, pois que, no ano seguinte (1885), em que concluiu a formatura em Filosofia Natural, depois de ter obtido *Acessit* tanto na cadeira de Mineralogia e Geologia, como na de Agricultura, herborizou nos arredores de Coimbra e na Serra do Gerês.

Em 1886, fez exame de Licenciado, e em 1887 obteve o grau de Doutor em Filosofia Natural. Apesar das preocupações que a prestação de provas tão difíceis lhe deveria ocasionar, não esqueceu a Sociedade Broteriana, tendo, no decurso desses anos, herborizado nos arredores de Coimbra, arredores de Torres Vedras, Polígono de Tancos, ilheu de Almourol e Montemor-o-Novo.

Semelhante dedicação não poderia passar despercebida ao grande Mestre que continuava presidindo aos destinos da Sociedade. Efectivamente, em 1890, JÚLIO HENRIQUES, ao dar balanço à actividade da Agremiação durante o primeiro decénio da sua existência, refere o nome do Dr. BARROS E CUNHA entre os dos seus melhores colaboradores.

Em 1891, o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA fez concurso de provas públicas para Lente substituto da cadeira de Zoologia da Escola Politécnica de Lisboa, tendo sido aprovado em mérito absoluto por unanimidade. As suas herborizações continuaram, alargando-se a regiões do país que não tinha ainda explorado, sendo particularmente notáveis as colheitas efectuadas nas seguintes localidades: Ericeira, Arcos de Valdevez, arredores de Setúbal, Serra de Montejunto, arredores de Alenquer e Buçaco.

O interesse científico do Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA não se limitava às plantas vasculares, pois que, além destas, colheu ainda musgos, hepáticas, líquenes, fungos e algas. Entre as colecções de plantas celulares que teve a oportunidade de organizar, destacam-se uma de algas, coligida na Praia da Ericeira, e outra de fungos, herborizados nos arredores de Torres Vedras. A preparação de cogumelos para herbário é extremamente difícil e exige cuidados especiais. O facto de JÚLIO HENRIQUES ter escolhido algumas destas plantas preparadas pelo Dr. BARROS E CUNHA para figurarem na centúria XVIII da *Flora Lusitanica Exsiccata*, colecção que se destinava a ser remetida aos herbários mais importantes do Mundo, revela bem o interesse e carinho com que o Dr. BARROS E CUNHA trabalhava na organização dos seus herbários.

Graças aos perfeitos conhecimentos que possuía das línguas germânicas, o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA concorreu, em 1904, ao lugar de professor efectivo do 3.º grupo do Liceu Central de Viseu, tendo sido admitido e colocado em comissão no Liceu Central de Coimbra. Começou, assim, a sua carreira de professor do ensino secundário, que foi das mais brilhantes. Com efeito, em 1907 foi nomeado professor efectivo do Liceu Central de Coimbra, tendo, em 1916, sido escolhido para Reitor daquele estabelecimento, cargo que desempenhou com o maior zelo e dedicação até 1919. Ocupou ainda os lugares de Professor de Metodologia especial da Escola Normal Superior de Coimbra (1916), Professor metodólogo do Liceu Normal de Coimbra (1930) e foi também membro do Conselho da Inspecção do Ensino Secundário (1926-1929).

Apesar da sua actividade como professor do ensino secundário, o Dr. BARROS E CUNHA não deixava de se interessar

pelas Ciências da Natureza, cujo estudo sempre o atraiu com a maior intensidade. Deste modo, compreende-se que tenha concorrido ao lugar de Demonstrador da secção de Ciências Naturais da Faculdade de Filosofia, cargo de que tomou posse em 12 de Abril de 1905. Em 1911, transitou para o lugar de primeiro Assistente e, mais tarde, para o de Professor auxiliar (1929). Em 1932, finalmente, concorreu ao lugar de Professor catedrático de Zoologia, cargo que ocupou até 1935, ano em que foi jubulado.

Como Professor universitário, regeu, com grande proficiência, os cursos de Etnografia colonial (curso livre), Antropologia, Zoologia dos vertebrados, Zoologia médica e Anatomia e fisiologia comparadas, deixando nos seus discípulos as melhores recordações, graças ao seu finíssimo trato e à vasta cultura que tanto o distinguiam.

A obra do Dr. BARROS E CUNHA é extensa e nela se nos revela o humanista, o antropólogo e o zoólogo.

Do valor da obra do humanista falam os seguintes trabalhos:

— *A Literatura Portuguesa (História e crítica)*. Tradução do inglês de Aubrey F. G. Bell. (Em colaboração com Agostinho de Campos). Coimbra, Imprensa da Universidade. — 1931.

— *Vocabulário dos termos gregos de uso frequente em Zoologia e Antropologia*, Coimbra. — 1937.

Os seus merecimentos de antropólogo são bem postos em evidência pelas seguintes publicações:

— *Notícia sobre uma série de crânios da Ilha de Timor*. — 1898.

— *O método estatístico da variação*. Tradução do alemão de G. Duncker. — 1909.

— *O índice facial superior nos portugueses*. — 1914.

— *Sur les différences entre les provinces du Portugal quant aux caractères craniométriques*. (Comunicação à sessão de Toulouse do Inst. Internacional de Antropologia). — 1924.

— *Descrição de um crânio Guanche do Museu Antropológico de Coimbra*. (Comunicação ao Congresso das Associações portuguesa e espanhola para o Progresso das Ciências, Coimbra). — 1925.

— *Observações sobre a população do Algarve oriental.* (Comunicação ao Congresso das Ass. port. e esp. para o Progresso das Ciências, Sevilha). — 1927.

— *Quelques nouvelles observations sur les crânes préhistoriques de Cascaes.* (Comunicação à III Sessão do Inst. Int. de Antropologia, Amsterdam). — 1927.

— *Sur les différences sexuelles dans les indices céphaliques horizontal, vertical, et vertico-transverse.* — 1927.

— *Diâmetros e índices cranianos nos Portugueses.* — 1931.

— *Les squelettes de Condeixa.* (Comunicação ao Congresso Internacional de Antropologia, Coimbra). — 1931.

— *Contribution à la craniologie d'Angola.* (Comunicação ao Congresso Internacional de Antropologia, Coimbra). — 1931.

— *Sur quelques croyances et formules populaires.* Idem. — 1931.

— *Descrição do crânio de um soba Quioco da região de Saurimo.* — 1933.

— *A autenticidade dos crâneos de Timor do Museu da Universidade de Coimbra, e o estado actual dos nossos conhecimentos sobre o problema da composição étnica da população de Timor.* — 1937.

— *O valor dos métodos indirectos de calcular a capacidade craneana.* — 1938.

— *Noticias recentes sobre a população de Timor.* (Comunicação à 4.^a secção do Congresso Luso-Espanhol, Porto). — 1942.

— *Descrição de um crânio notável do cemitério visigótico da Silveirona.* Idem. — 1942.

Entre os trabalhos consagrados à Zoologia contam-se os seguintes:

— *Estudo sobre Geografia Zoológica, 1.^a parte, Lisboa.* — 1886.

— *Estudo sobre Geografia Zoológica, 2.^a parte, Lisboa.* — 1890.

— *As últimas teorias biológicas.* — 1892.

— *Sur un procédé simple pour la démonstration de la morphologie de l'appareil sexuel des Distomiens.* — 1927.

— *Catálogo descritivo das conchas exóticas da colecção António Augusto de Carvalho Monteiro.* — 1933.

— *Ofídios de Massangulo, distrito do Niassa, coligidos por A. F. Gomes e Sousa.* — 1935.

— *Liste de quelques Tardigrades de Coïmbre.* (Comunicação ao XII Congrès Int. de Zoologie, Lisboa). — 1937.

— *Revisão do catálogo das conchas exóticas do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra.* — 1937.

— *Ophidians from Massangulo (Portuguese Nyassaland).* (Comunicação ao XII Congrès Int. de Zoologie, Lisboa). — 1937.

— *Algumas considerações sobre a necessidade de protecção às aves de rapina.* (Comunicação apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais, Lisboa). — 1941.

— *Algumas considerações sobre a necessidade de protecção das aves.* (Comunicação apresentada à 4.ª secção do Congresso Luso-espanhol, Porto). — 1942.

Dado o mérito dos seus trabalhos, compreende-se que muitas Sociedades científicas se tenham sentido honradas em admitir o Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA no número dos seus sócios. Assim, era membro do Instituto de Coimbra, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, da Sociedade Portuguesa de Biologia, da Sociedade Broteriana, do Institut International d'Anthropologie de Paris, da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos, etc.

Ao atingir o limite de idade, as suas forças encontravam-se em franco declínio. Apesar disso, a sua actividade científica e o seu interesse pelas manifestações culturais não diminuíram. Por esse facto, continuou a frequentar regularmente os Institutos de Antropologia e Zoologia e a apresentar valiosas comunicações no XIIº Congrès International de Zoologie (Lisboa, 1937), no 1.º Congresso Nacional de Ciências Naturais (Lisboa, 1941), no Congresso Luso-espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942), etc.

O seu carinho pela Sociedade Broteriana não esmoreceu também, como é nitidamente demonstrado pelo facto de, em 1944, quando das comemorações do II Centenário do nascimento de BROTERO, ter, apesar do seu precário estado de saúde, assistido com o maior interesse a muitas das cerimónias que foram levadas a efeito.

Os anos foram passando e as forças diminuindo progressivamente. O seu espírito, porém, mantinha-se lúcido e o grande amor pela ciência que cultivou com tanto brilho continuava vivo e ardente como nos belos tempos da mocidade, sendo verdadeiramente enternecedor verificar que, poucos dias antes de cerrar os olhos para sempre, manifestava ainda o mais veemente desejo de assistir ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, que deveria ter lugar em Lisboa de 23 a 29 de Outubro!...

O Dr. J. G. DE BARROS E CUNHA amou enternecidamente a sua Pátria e a sua Família; idolatrou a sua Universidade, procurando sempre honrá-la por todos os meios ao seu alcance; amou profundamente o seu mister de professor; amou a Ciência que cultivou com tanto desvelo; e amou a terra que os seus Maiores lhe legaram. De todos estes affectos se despediu serenamente, no dia 5 de Outubro do corrente ano, na sua casa de Runa, enquanto que, cá fora, ao sopro dos primeiros ventos outonais, as flores se fanavam nas suas hastes e as árvores deixavam cair as primeiras folhas amareladas, como que carpindo a partida do Amigo que a Morte lhes arrebatava para sempre...

A. FERNANDES

ACTIVIDADE DOS SÓCIOS

PLANTAS COLHIDAS PELO EX.^{mo} SR. JÚLIO L. LEBOIS FONSECA

(2.^a lista)

POLYPODIACEAE

Phyllitis Scolopendrium (L.) Newm. — Porto Oriental, nos interstícios de um muro de pedras graníticas, s. n., 6-VI-1943.

Anogramma leptophylla (L.) Link — Porto, Campanhã, num talude sombreado de terra solta, s. n., 15-VI-1941.

EQUISETACEAE

Equisetum palustre L. — Vila Nova de Gaia, Oliveira do Douro, terreno pantanoso, n.º 95, 13-II-1943. Nome vulgar no local: Rabo de burro.

GRAMINEAE

Paspalum dilatatum Poir. — Porto, à beira de um campo, n.º 85, 8-VII-1942.

Paspalum distichum L. — Santa Cruz do Bispo, Matosinhos, margem de um campo cultivado, n.º 222, 23-IX-1945.

Oryzopsis miliacea (L.) Aschrs. et Schweinf. — Porto Central, S.^{to} Ildefonso, entre pedras graníticas de casas demolidas e no solo inculto, n.º 203, 24-VI-1945.

Trisetum paniceum (Lam.) Pers. — Porto, esteiro de Campanhã pr. rio Douro, num talude de terra solta, inculto, n.º 131, 13-VI-1943.

Arrhenatherum elatius (L.) Mert. et Koch var. *tuberosum* Aschrs. — Vila Nova de Gaia, Serra do Pilar, inuros graníticos, s. n., 28-VI-1941.

Briza maxima L. — Porto Oriental, Campanhã, terra seca, inculta, n.º 159, 14-V-1944.

Cynosurus echinatus L. — Porto Oriental, Paranhos, terreno arenoso, solto, inculto, de antigo pinhal, n.º 194, 27-V-1945.

CYPERACEAE

Carex glauca Murray var. *leiocarpa* Willk. — Matosinhos, Leça da Palmeira, terreno húmido, compacto, n.º 113, 18-IV-1943.

JUNCACEAE

Luzula campestris (L.) DC. — Gondomar, solo inculto, n.º 52, 28-III-1942.

ALISMATACEAE

Alisma Plantago L. var. *latifolium* Gilib. — Matosinhos, terreno encharcado, n.º 212, 22-VII-1945.

LILIACEAE

Merendera Bulbocodium Ram. — Arredores do Porto, Maia, Águas Santas, pinhal aberto, solo solto, s. n., 11-X-1941.

ORCHIDACEAE

Serapias cordigera L. — Leça da Palmeira, areal não longe do mar, nas margens de um riacho, n.º 70, 31-V-1942.

Serapias Lingua L. — Leça da Palmeira, terreno argiloso, húmido, inculto, n.º 59, 3-V-1942.

URTICACEAE

Urtica membranacea Poir. — Porto Oriental, sobre escombros, n.º 183, 11-II-1945.

POLYGONACEAE

Polygonum aviculare L. — Vila Nova de Gaia, frente ao Porto Oriental, terreno húmido, compacto, n.º 165, 28-V-1944.

Polygonum aviculare L. var. *depressum* Meisner — Vila Nova de Gaia, Serra do Pilar, solo seco, solto, inculto, n.º 210, 21-VII-1945.

CARYOPHYLLACEAE

Corrigiola littoralis L. — Porto Oriental, Paranhos, junto a uma parede, solo arenoso e húmido, n.º 140, 29-X-1943.

Illecebrum verticillatum L. — Porto Oriental, num pinhal de solo arenoso, n.º 100, 9-III-1943.

Herniaria glabra L. var. *scabrescens* Roem. — Porto, pr. estrada de Circunvalação, no talude de um campo cultivado, n.º 75, 13-VI-1942.

Spergularia longipes (Lange) Rouy var. *Langeana* Cout. — Vila Nova de Gaia, Oliveira do Douro, Areinho, s. n., 28-VI-1941.

Spergula arvensis L. subsp. *vulgaris* (Boenngh.) Koch — Arredores do Porto, São Gemil, Águas Santas, n.º 94, 14-II-1943. — Porto Oriental, Paranhos, num talude de terra seca, n.º 185, 25-II-1945.

Eudianthe laeta (Ait.) Fenzl — Leça da Palmeira, ao norte de Leixões, n.º 60, 3-V-1942.

Silene gallica L. — Porto, Paranhos, na orla de um campo cultivado, n.º 57, 25-IV-1942. — Porto Oriental, Campanhã, numa valeta de uma rua, n.º 112, 17-IV-1943. — Porto Ocidental, solo seco, n.º 149, 7-IV-1944.

Silene scabriflora Brot. var. *sabuletorum* (Link) Samp. — Póvoa de Lanhoso, Castelo, s. n., s. d.

Saponaria officinalis L. — Vila Nova de Gaia, frente ao Porto Oriental, n.º 205, 8-VII-1945.

RANUNCULACEAE

Ranunculus muricatus L. — Arredores do Porto, Fanzeres, n.º 55, 11-III-1942.

PAPAVERACEAE

Fumaria muralis Sonder — Arredores do Porto, Gondomar, n.º 52, 28-III-1942.

CRUCIFERAE

Sisymbrium officinale (L.) Scop. — Porto Oriental, Paranhos, solo solto, inculto, n.º 155, 7-V-1944.

Cardamine hirsuta L. — Arredores do Porto, Maia, Pedrouços, n.º 147, 19-III-1944.

Nasturtium officinale R. Br. — Arredores do Porto, Maia, Águas Santas, num charco, n.º 78, 21-VI-1942.

Cochlearia danica L. — Leça da Palmeira, sobre rochedos, não longe do mar, n.º 142, 30-I-1944.

Teesdalia nudicaulis (L.) R. Br. — Vila Nova de Gaia, Serra do Pilar, solo solto e inculto, n.º 143, 15-II-1944.

CRASSULACEAE

Sedum Forsterianum Sm. — Vila Nova de Gaia, frente ao Porto Oriental, nas fendas de um muro, n.º 129, 10-VI-1943.

SAXIFRAGACEAE

Saxifaga granulata L. — Arredores do Porto, Gondomar, num muro revestido de musgo, n.º 48, 21-III-1942.

ROSACEAE

Potentilla erecta (L.) Hampe var. *vulgaris* Cout. — Arredores do Porto, Ermezinde, solo solto e inculto, n.º 173, 9-VII-1944.

LEGUMINOSAE

Ononis spinosa L. — V.^a N.^a de Gaia, frente ao Porto Oriental, n.º 213, 4-VIII-1945.

Trifolium ligusticum Balbis — Porto, Campanhã, s. n., 14-VI-1941.

Trifolium nigrescens Viv. — Porto Oriental, Foz do Douro, n.º 189, 28-IV-1945.

Trifolium pratense L. — Vila Nova de Gaia, num talude de terra solta, n.º 209, 21-VII-1945.

Trifolium resupinatum L. — Leça da Palmeira, n.º 120, 23-V-1943. — Porto Oriental, Foz do Douro, solo arenoso, n.º 187, 28-IV-1945.

Trifolium subterraneum L. — Porto Oriental, solo inculto, arenoso, n.º 102, 13-III-1943.

Lotus corniculatus L. var. *arvensis* Brot. — Arredores do Porto, Ermezinde, n.º 190, 29-IV-1945.

Ornithopus compressus L. — Porto, Paranhos, na orla de um campo cultivado, n.º 58, 25-IV-1942. — Porto Oriental, num talude, n.º 109, 11-IV-1943.

Ornithopus perpusillus L. — Vila Nova de Gaia, Serra do Pilar, n.º 64, 16-V-1942.

Vicia sativa L. var. *heterophylla* (Presl) Cout. — Arredores do Porto, Valbom de Gondomar, n.º 164, 21-V-1944.

GERANIACEAE

Geranium Robertianum L. — Porto, Paranhos, nas fendas de um muro, n.º 116, 23-V-1943. — Porto, Paranhos, n.º 156, 8-V-1944.

Geranium molle L. — Porto, Paranhos, na beira de um campo, n.º 184, 25-II-1945.

OXALIDACEAE

Oxalis Martiana Zucc. — V.ª N.ª de Gaia, Canidelo, junto a uma parede de pedras graníticas, n.º 172, 18-VI-1944.

Oxalis variabilis Jacq. var. *rubra* Jacq. — Maia, Guinfães, borda de um campo cultivado, n.º 92, 1-I-1943.

LINACEAE

Radiola linoides Roth — Leça da Palmeira, n.º 118, 23-IV-1943.

POLYGALACEAE

Polygala microphylla L. — Arredores do Porto, Gondomar, Fanzeres, n.º 54, 11-III-1942.

EUPHORBIACEAE

Mercurialis annua L. — Arredores do Porto, Matosinhos, S.ª da Hora, n.º 197, 3-VI-1945.

Mercurialis annua L. forma *ambigua* (L. f.) Cout. — Porto Ocidental, margem do Douro, n.º 181, 3-II-1944.

Euphorbia Helioscopia L. — Leixões, terreno alagado, inculto, n.º 114, 13-II-1944.

Euphorbia segetalis L. var. *portlandica* (L.) Cout. — Leça da Palmeira, Boa Nova, solo arenoso, não longe do mar, n.º 88, 26-VII-1942. — V.ª N.ª de Gaia, Praia de Lavadores, n.º 169, 11-VI-1944.

HYPERICACEAE

Hypericum Helodes L. — Leça da Palmeira, terreno muito encharcado no Inverno, n.º 126, 6-VI-1943. — V.ª N.ª de Gaia, Valadares, numa poça de água, n.º 175, 16-VII-1944.

CISTACEAE

Helianthemum alyssoides (Lam.) Vent. var. *vulgare* (Willk.) Grosser — Porto, Paranhos, num antigo pinhal, solo arenoso, n.º 193, 27-V-1945.

Helianthemum guttatum (L.) Miller subsp. *variabile* (Amo) Cout. var. *plantagineum* (Willd.) Cout. — Porto, Paranhos, n.º 117, 23-V-1943.

VIOLACEAE

Viola silvestris Fries var. *Riviniana* (Reichb.) Cout. — Arredores do Porto, Gondomar, na base de um muro, n.º 49, 21-III-1942.

LYTHRACEAE

Lythrum Graefferi Ten. — Arredores do Porto, Maia, Águas Santas, na beira de um campo, junto a um riacho, n.º 89, 1-VIII-1942.

ONAGRACEAE

Circaea lutetiana L. — Porto Oriental, perto do rio Douro, solo húmido, n.º 134, 13-VI-1943.

Epilobium obscurum (Schreb.) Roth — Arredores do Porto, Leça do Bailio, na valeta de uma estrada, n.º 81, 27-VI-1942. — Porto Oriental, Campanhã, nas fendas de um muro, n.º 167, 4-VI-1944.

UMBELLIFERAE

Hydrocotyle bonariensis Lam. — Leça da Palmeira, um pouco ao norte de Leixões, solo arenoso, n.º 61, 3-V-1942.

Eryngium campestre L. — V.ª N.ª de Gaia, Areinho, n.º 207, 14-VII-1945.

Apium nodiflorum (L.) Reichb. — Leça da Palmeira, na valeta de uma rua, n.º 127, 6-VI-1943.

Daucus Carota L. var. *maritimus* Lam. forma *serratus* (Moris) — Leça da Palmeira, Boa Nova, solo arenoso, não longe do mar, n.º 87, 26-VII-1942.

ERICACEAE

Erica umbellata L. — Arredores do Porto, Gondomar, Rio Tinto, n.º 80, 21-VI-1942. — Arredores do Porto, Ermezinde, solo xistoso, n.º 191, 24-IV-1945.

PRIMULACEAE

Primula acaulis (L.) Hill — Porto, Campanhã, talude sombreado, n.º 146, 20-III-1944.

Samolus Valerandi L. — V.ª N.ª de Gaia, frente ao Porto Oriental, nos terrenos banhados pelo rio Douro nas marés cheias, n.º 130, 10-VI-1943.

Anagallis arvensis L. — Penafiel, Bostelo, nos interstícios das pedras graníticas do pavimento do claustro da igreja, s. n., 7-VI-1941.

Anagallis tenella L. — Leça da Palmeira, nos charcos, n.º 71, 31-V-1942.

CONVOLVULACEAE

Convolvulus arvensis L. — Arredores do Porto, Maia, Águas Santas, num talude, n.º 135, 20-VI-1943.

BORAGINACEAE

Myosotis caespitosa Schultz — Leça da Palmeira, terreno encharcado, n.º 104, 28-III-1943.

Myosotis versicolor (Pers.) Sm. — Porto, Ramaldes, à beira de um riacho, em solo húmido, n.º 153, 9-IV-1944.

Lithospermum diffusum Lag. — Arredores do Porto, Gondomar, fazendo parte do substrato de um pinhal, n.º 192, 3-V-1945.

LABIATAE

Mentha Pulegium L. var. *tomentella* (Hoffgg. et Link) Cout. — Leça da Palmeira, Boa Nova, solo encharcado, n.º 139, 19-IX-1943.

Mentha Pulegium L. var. *vulgaris* (Miller) Cout. — Arredores do Porto, Ermezinde, n.º 174, 9-VII-1944.

Lycopus europaeus L. — Matosinhos, numa vala da margem de um campo, n.º 138, 11-VI-1943.

Satureja Calamintha (L.) Scheele subsp. *silvatica* Briquet

var. *calaminthoides* (Reichb.) Briquet. — Matosinhos, em terreno seco, n.º 223, 23-IX-1945.

Stachys arvensis L. — Arredores do Porto, S. Gemil, n.º 93, 14-II-1943. — Matosinhos, n.º 101, 13-III-1943. — Porto Ocidental, n.º 150, 7-IV-1944.

Lamium maculatum L. — Porto, Paranhos, n.º 99, 9-III-1943.

Lamium purpureum L. — Porto, Lordelo do Ouro, n.º 96, 20-II-1943.

Brunella vulgaris L. — Porto, Aldoar, num talude da estrada de Circunvalação, n.º 82, 4-VI-1942. — Vila Nova de Gaia, Quebrantões, n.º 206, 8-VII-1945.

Scutellaria minor L. — V.ª N.ª de Gaia, nos interstícios terrosos de um muro de pedras graníticas, n.º 171, 18-VI-1944.

SOLANACEAE

Solanum nigrum L. — Matosinhos, n.º 83, 11-VII-1942.

SCROPHULARIACEAE

Veronica Anagallis L. subsp. *transiens* Rouy — V.ª N.ª de Gaia, lodos da margem do rio Douro, n.º 73, 30-VI-1942.

OROBANCHACEAE

Orobanche Hederae Duby — Porto Oriental, num quintal, na base de uma parede revestida de hera, n.º 124, 31-V-1943.

PLANTAGINACEAE

Plantago Bellardi All. — Porto, Paranhos, no talude de uma rua, n.º 108, 11-IV-1943. — Porto, Paranhos, no talude de uma rua, n.º 152, 9-IV-1944.

Plantago Coronopus L. var. *vulgaris* Gren. et Godr. — Leça da Palmeira pr. Leixões, n.º 107, 4-IV-1943. — Porto, Paranhos, n.º 221, 9-IX-1945.

Plantago lanceolata L. var. *irrigua* (Fischer) Dsne. — Matosinhos, n.º 137, 11-VI-1943. — Porto, Campanhã, n.º 158, 14-V-1944.

Plantago lanceolata L. var. *Timbali* (Jordan) Gaut. — Vila Nova de Gaia, Valadares, n.º 176, 16-VII-1944.

RUBIACEAE

Sherardia arvensis L. — Arredores do Porto, Gondomar, solo inculto, n.º 50, 21-III-1942. — Porto, Lordelo do Ouro, n.º 97, 20-II-1943.

VALERIANACEAE

Centranthus Calcitrapa (L.) Dufr. — Porto, Campanhã, solo inculto, n.º 50, 21-III-1942. — Porto, Lordelo do Ouro, n.º 97, 20-II-1943.

DIPSACACEAE

Scabiosa maritima L. var. *genuina* Lange — Porto, Contumil, n.º 177, 23-VII-1944.

CAMPANULACEAE

Campanula Erinus L. — Porto, esteiro de Campanhã pr. rio Douro, num talude de terra seca, n.º 132, 13-VI-1943. — Porto, Campanhã, nos interstícios de um muro revestido de musgo, n.º 166, 4-VI-1944.

Campanula lusitanica L. — Porto, estrada de Circunvalação, n.º 76, 13-VI-1942.

Jasione montana L. — Arredores do Porto, Valbom de Gondomar, num antigo pinhal, n.º 163, 21-V-1944.

Lobelia urens L. var. *longibracteata* Perez-Lara — Leça da Palmeira, talude de um campo, n.º 128, 6-VI-1943.

Laurentia Michellii DC. f. var. *nana* Hoffgg. et Link — Leça da Palmeira, num terreno encharcado no Inverno, n.º 86, 26-VII-1942.

COMPOSITAE

Eupatorium cannabinum L. — Porto, Paranhos, n.º 218, 26-VIII-1945.

Ergierson canadensis L. — Porto, Contumil, n.º 220, 4-IX-1945.

Anthemis Cotula L. — Arredores do Porto, Maia, Águas Santas, n.º 136, 20-VI-1943.

Calendula arvensis L. — Leça da Palmeira, acima de Leixões, n.º 62, 3-V-1942. — Porto, margem do rio Douro, n.º 182, 11-II-1945.

Carlina corymbosa L. — V.^a N.^a de Gaia, Serra do Pilar, n.º 214, 4-VIII-1945.

Cirsium palustre (L.) Scop. — Leça da Palmeira, terreno encharcado, n.º 123, 30-V-1943. — Matosinhos, S. Mamede de Infesta, n.º 200, 15-VI-1945.

Galactites tomentosa Moench — Porto Oriental, numa vala, n.º 198, 3-VI-1945.

Galactites tomentosa Moench var. *robusta* Cout. — Leça da Palmeira, no entulho, n.º 122, 30-V-1943.

Centaurea Calcitrapa L. — V.^a N.^a de Gaia, Quebrantões, solo arenoso e inculto, n.º 215, 4-VIII-1945.

Tolpis barbata (L.) Gaertn. — Porto, Paranhos, n.º 195, 27-V-1945.

Picris echioides L. — Porto, S.^{to} Ildefonso, nos escombros de uma casa demolida, n.º 201, 15-VI-1945.

Crepis virens L. var. *dentata* Bisch. — Leça da Palmeira, n.º 119, 23-V-1943. — Porto, Contumil, num pinhal, n.º 178, 23-VII-1944. — Porto, S.^{to} Ildefonso, n.º 202, 24-VI-1945.

NOVOS DADOS SOBRE OS CONFLITOS DE BROTERO

por

A. FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

COMO já tivemos ocasião de referir em um trabalho anterior ⁽¹⁾, a nomeação do Dr. FELIX DE AVELLAR BROTERO para Lente da cadeira de Botânica e Agricultura (decreto de 24 de Janeiro de 1791 e carta régia de 5 de Fevereiro do mesmo ano) não foi acolhida favoravelmente pelos professores da Universidade de Coimbra, em especial pelos da Faculdade de Filosofia. Compreende-se que assim tenha acontecido, pelas razões seguintes:

1) O nome de BROTERO era nessa data pouco conhecido em Portugal;

2) A única credencial científica com que o insigne naturalista se apresentava era o *Compendio de Botanica*, editado em Paris em 1788, e o valor desta obra não era possivelmente bastante conhecido pelos professores de Coimbra;

3) A nomeação de BROTERO, que não era formado nem doutorado pela Faculdade de Filosofia, com dispensa de todas as provas, não poderia ser bem recebida pelo corpo docente da Universidade, constituído na maior parte por pessoas que, para atingirem os seus elevados cargos, tinham sido obrigadas à prestação de provas relativamente difíceis;

4) BROTERO era especializado em Botânica, e, nessa data, as vantagens da especialização ainda não eram suficientemente compreendidas em Portugal;

5) A criação de uma cadeira especial para ser regida por BROTERO representava uma honra de tal modo elevada, que

(¹) A. FERNANDES — Desavenças e desditas de BROTERO. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, vol. XIV, 1945, p. 51-108.



este facto não poderia ter deixado de suscitar o despeito de alguns professores;

6) O Lente de História Natural não deveria conformar-se com a amputação das matérias de Botânica sofrida pela sua cadeira;

7) Alguns Lentes substitutos devem ter-se considerado prejudicados com a inesperada nomeação de BROTERO.

Desta maneira, torna-se compreensível que, ao iniciar as actividades inerentes ao seu cargo, BROTERO tenha encontrado em Coimbra um ambiente francamente hostil. Dada esta hostilidade e o carácter azedo e colérico do nosso naturalista, não admira que, decorridos apenas poucos meses, tenha entrado em conflito pelo menos com alguns dos seus colegas da Faculdade de Filosofia. É prova desta asserção a carta dirigida por BROTERO a LUIZ DE SALDANHA E OLIVEIRA, que tivemos ocasião de publicar em 1945 ⁽¹⁾. O conflito continuou por largos anos, porquanto, em 1800, mantinham-se ainda acesas essas desavenças, como se verifica pela carta endereçada ao Ministro de Estado, D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO, pelo Lente substituto das cadeiras de Agricultura e Zoologia, Mineralogia e Botânica, Dr. VICENTE COELHO DE SEABRA SILVA TELLES, e que tivemos também o ensejo de publicar no trabalho acima referido ⁽²⁾.

Não foi, porém, nesta data que o conflito terminou. Pelo contrário, intensificou-se, tendo provavelmente atingido o máximo da sua acuidade em 1803. A averiguação destes factos deve-se ao Ex.^{mo} Sr. Dr. JOAQUIM CARMELO ROSA, actual 1.º Bibliotecário da Assembleia Nacional, que, durante o tempo que zelosamente desempenhou o lugar de 2.º Bibliotecário da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, teve a oportunidade de ali encontrar dois curiosíssimos documentos (Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora: Cod. $\frac{CIX}{1-18}$ fls. 158 a 177), que vêm lançar bastante luz sobre o conflito de que nos estamos ocupando. O Ex.^{mo} Sr. Dr. JOAQUIM CARMELO ROSA copiou os documentos arquivados em Évora e ofereceu essa cópia ao Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. JOÃO PEREIRA DIAS. Por seu turno, o ilustre Director da Faculdade de Ciências, conhecendo o interesse que

⁽¹⁾ A. FERNANDES, *op. cit.*, p. 57-60.

⁽²⁾ A. FERNANDES, *op. cit.*, p. 61-62.

devotamos ao estudo da vida e obra do eminente botânico, teve a amabilidade de no-la entregar, depois de ter obtido a correspondente anuência do descobridor dos documentos. Cumpre-nos, pois, agradecer penhoradamente aos Ex.^{mos} Srs. Prof. JOÃO PEREIRA DIAS e Dr. JOAQUIM CARMELO ROSA a cedência da referida cópia, cuja publicação nos permite ampliar um dos capítulos do nosso trabalho «Desavenças e desditas de BROTERO», publicado em 1945. Agradecemos também encarecidamente ao Ex.^{mo} Sr. Dr. ARMANDO NOBRE DE GUSMÃO, ilustre Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, o valioso auxílio e as facilidades que se dignou conceder-nos.

Os documentos em questão, por onde se pode fazer uma ideia bastante exacta das acusações formuladas contra BROTERO e por este contra os membros da Faculdade de Filosofia e contra a Universidade em geral, são do teor seguinte:

I.^a

Naõ tenho visto, mas ouvido o conteúdo na Carta de Coimbra; e fechando os olhos sobre as intenções do *Veneravel*, que a dictou, naõ dezejava ver, se naõ a letra do *Adepto*, que a escreveu. Porque quando se ataca a honra de algum Corpo, cada hum dos seus Membros tem direito de vingar a sua reputação. Quem se mete, por malignidade sua, a fiscalizar o trabalho alheio, naõ deve levar a mal que tambem a elle se lhe fiscalize o seu.

Pergunto pois, *Primò*: se concluiu elle já o Compendio de Agricultura, há doze annos que rege aquella Cadeira, e a de Botanica, sem outra pensão quotidianna, se naõ a de dar hora e meia de lição; e tendo elle sido, com os pretextos do referido Compendio, e da Classificação do Jardim, dispensado de assistir aos Actos, e Exames da Faculdade?

Secundò: se publicou elle já a *Flora Lusitana*, que prometteu; percebendo elle do Erario Regio 300\$ r. annuaes, para as despesas das suas viagens, e Excursoenz Botanicas, etc. ?

Quanto ás Lições sabe V. S. que essas mesmas pertendeu elle logo dispensar-se d'ellas, assim que entrou a servir a Universidade. E se naõ, lembre-se das instancias que lhe fez para o conseguir; sendo a primeira em Carta de 28 de Março de 1791, onde lhe escreveu assim =

« *A Cadeira*, as formalidades, as vizitas, e mil outras couzas, « em que eu naõ pensava, me levaõ o tempo todo, e naõ « posso adiantar nada no Jardim, nem agora, nem depois; « porque vem os *Exames*, que levaõ todo o tempo igual- « mente; e as ferias saõ para descansar o espirito. Dezejára « ter ao *menos* hum pouco de tempo dos *Exames* aliviado, « para ir aos montes... O Ministerio podera attender « a isto; veremos. »

Se o que elle pensava de fazer se reduzia a observar, recolher, e arranjar plantas; cultivar, e nomenclar o Jardim;

a que fim se fez graduar, e nomiar *Lente* da Faculdade de Philosophia? Bastava ser contemplado nella, como Mestre do Jardim Botanico de Coimbra; assim como Julio Mattiazzi o era do de Lisboa. Da obrigação d'aquelles Lentes sempre foi ensinar, e examinar os Estudantes. Mas como elle, á excepção da Botanica, nenhuma outra Desciplina Philosophica tinha estudado a fundamento, necessariamente para elle saber perguntar por todas, ou havia de arrebentar a estudá-las (como lhe aconteceu ao principio) sob pena de revelar-se o mysterio da sua reputação litteraria; ou affectar indulgencia com os Estudantes, para ganhar ao seu partido o maior numero de suffragios; ou fazer a torto, e a direito tudo o que podesse, para honestamente descartar-se dos Exames, como fez; instando oportuna e importunam.^{te}; em quanto não o conseguiu; porque em 17 de Abril do mesmo anno, lembre-se V. S. que lhe escreveu assim =

«Será grande milagre poder eu aqui estabelecer hum
«Jardim conforme áquelle em que aprendi em París....
«Quando Jussieu com Thouin classárao o Jardim de
«París, não encontrárao criterios, nem Collegas alguns
«Botanicos, que não contribuissem para ajudá-los: não
«tiveraõ, durante este trabalho, mais outra couza que
«fazer, do que as Liçoenz da Cadeira Botanica. A mim
«succede-me tudo ao contrario. Da sorte que está creada
«esta Universidade, he impossivel que tenha homenz
«grandes em qualquer das Sciencias, que nella se ensinaõ;
«ao menos nas Sciencias Philosophicas: a falta de uniaõ,
«a falta de tempo, e de socego de espirito taõ necessario
«para devidamente observar, seraõ sempre hum grande
«obstaculo ao progresso dos que aqui professão as Scien-
«cias Philosophicas etc.»

Devia dizer assim; que pondo-se elle entaõ a estudar o que ignorava, para evitar os criterios dos seus Collegas, seria grande milagre restar-lhe tempo para estabelecer em Coimbra hum Jardim semelhante ao de París. Quando Jussieu com Thouin classárao o Jardim de París, não estudavaõ Zoologia, e Mineralogia, Phisica Experimental, e Chimica; porque tudo isto oportebat studuisse, non studere. Da sorte que está creada esta

Universidade, he que pode ter homenz grandes nas Sciencias Philosophicas: aliás terá Lentes de Agricultura, que não tenhaõ lido Phisica, nem Chimica. A uniaõ, quem a rompeu foi elle com o seu orgulho, e não os seus Collegas com a sua paciencia. A quem não gastava por dia mais de hora e meia a explicar, como lhe faltava tempo para observar! etc. Passo ao seguinte Paragrafo da m.^{ma} Carta. »

«Tenho que trabalhar em hum breve rezumo de noçoens «geraes de Agricultura, por não me agradarem os «que há impressos conhecidos por mim; mas que tempo «terei eu para isso, com as formalidades, e obrigaçoenz «annexas ao meu Lugar? Eu compáro esta Universidade a «hum grande Collegio, bem semelhante aos que há em «París para os Estudos menores; nos quaes se examinaõ «no fim do anno os Rapazes. Não quero dizer mais; V. S. «tem viajado, e sabe entender o resto que cálo. »

De maneira que o Sr. Rei D. Joze 1.^o, quando ordenou os Exames annuaes nas Desciplinas dos Cursos respectivos, pelas razoenz expendidas na Letra Original dos Estatutos, que se lhe prezentáraõ, e que S. Mag.^e confirmou, para terem força, e vigor de Leis, entendeu que tambem com esta, entre as outras Providencias Litterarias, que constaõ do Corpo d'aquelles Estatutos, reformava, ou antes creava de novo aquella Universidade. Elle, que não expende as razoens de reprovar nesta parte o disposto nos ditos Estatutos; antes prometeu de respeita-los, e observa-los inteiramente sob o Juramento do seu Grau, e debaixo da pena do Desagrado Regio. Elle, digo eu, compára, e diz que a compára a hum grande Collegio de París para os Estudos menores; nos quaes se examinaõ no fim do anno os Rapazes etc.

Ainda aqui não pararaõ as suas diligencias, para se aliviar, ao menos do trabalho dos Exames; porque na seguinte Carta de 24 do mesmo mez de Abril, e anno, não deixou de encomendar-se na lembrança de V. S., escrevendo =

«Os meus dois objetos de cuidado são deixar a esta «Universidade hum sufficiente Jardim Botanico; e dar hum

« menos máu principio á Cadeira de noçoens geraes de
« Agricultura ; se acazo me derem algum tempo de repouzar
« para isso ; aliás arruinarei a minha saude, e não farei
« nada. »

Como não fez ate hoje ; porque tal Compendio ainda não
apareceu ; o Jardim sim está prosseguido, mas não acabado ;
a Classificação está completa, não de plantas, se não de lugares
para ellas ; sendo certo. q̃. com os Actos, e Exames da Facul-
dade, não tem elle arruinado a sua saude.

O Compendio que era da sua obrigação desde então ate
agóra, não o tem elle concluido. O que não era da sua obri-
gação, como certamente não era, calumniar, e metter a rediculo,
assim os seus Collegas, como o Corpo inteiro da Universidade.
Isso sim ; pontualmente o cumprio desde o primeiro inst.^o que
ali chegou, e recebeu a honra de Membro d'aquella Corporação,
não para a agradecer, e desempenha-la, como convinha, se não
para a prostituir, e enxovalhar por escrito, e de palavra, como
sempre fez. Supprimo as personalidades, que melhor fora por
honra sua, do seu character, e das suas Letras, não as ter tido
com os seus Collegas. Com semelhantes armas só triumphão as
linguas acres, e mordazes, como a sua.

Pergunto em segundo lugar, que he da Flora Luzitana,
que prometteu ? Dez annos, de dia a dia levou elle a espremer-
-se para a dar á luz ; e isto com dores, e gemidos taes, e tão
desentoados, que eu (de mim o confesso) esperava certamente
por algum parto gigantesco. Eis se não quando no anno de
1801 o Gigante que nasceu, foi da sua Phitographia Luzitana
o primeiro feixinho, como elle diz, *Fasciculus primus* de 35
plantas, e nada mais ; porque a respeito da *Flora* ainda então
a apromptava, *Flora Lusitanica, quam paro*.

O que fez em França, durante os doze annos, que lá
esteve, foi traduzir e explicar em Portuguez a *Philosophia*
Botanica de Linneo, e Reus, em os dois grossos volumes que
publicou em 1788, e intitulou = *Compendio de Botanica*. O que
tem feito em Portugal, há outros doze annos a esta parte, saõ
os *Principios de Agricultura Philosophica*, que para quem tem
lido as *Philosophias Botanicas* do tempo, sabe V. S. as vanta-

genz, que d'elles tira. Nem será facil afastá-lo muito longe d'elles, e da sua Nomenclatura; porque as especulaçoens philosophicas lhe fazem o miolo em agoa. Por isso recêa prudentemente figurar, não no texto, se não nas notas de alguma memoria semelhante á dos prejuizos das sepulturas nos Templos, e do methodo de os prevenir. Talvez por este motivo não tenha elle ajuntado ás suas noçoens geraes de Angiologia, e Phisiologia das Plantas, as regras philosophicas da Pathologia, e Therapeutica vegetal; a sua Hygiene, ou Agricultura prophylatica, etc. Onde estão ali os principios da Agriologia Chymica, e da Economia Rural? Com isto se sahio á luz em 1793. Oito annos depois, appareceu, como disse, em 1801 o *Fasciculus primus* da *Phitographia Luzitana*. Ultimamente o anno passado traduzio do Inglez o Folheto de Guilherme Forsyti, sobre as doenças, feridas, e outras imperfeições das arvores fructiferas, e silvestres. E he este o Fiscal dos trabalhos litterarios da nossa Universidade?

Entre tanto porem na Faculdade Philosophica, alguns de seus Collegas ignorantes, e madraços, como elle diz q̃. são, não tem deixado de cumprir, se não o que devem ao menos o que podem. Dos Escritos de V. S. não lhe digo nada; porque dos filhos de cada hum ninguem sabe melhor do que seu Pai. Do Senhor João Antonio Dalla-Bella, que não está presente, he o Opusculo, que imprimio da Electricidade atmospherica; são as Memorias que publicou a Academia Real das Sciencias de Lisboa; huma sobre a cultura das Oliveiras; e outras sobre o modo de aperfeiçoar a manufactura do Azeite em Portugal. Ultimamente são mais duas memorias sobre a Força Magnetica, e os Elementos de Phisica, por onde se ensina na Universidade.

Do Senhor Antonio Soares Barboza já defunto, foi em 1768 o Discurso sobre o *Bom Gosto* na Philosophia. Em 1791 a Memoria sobre a causa da Doença chamada *Ferrugem* das Oliveiras. (*) Em 1797 outra sobre o *Hygrometro Vegetal*. E finalmente os Elementos de *Philosophia Moral*.

(*) As datas d'estas Memorias, pela maior parte, são de quando as publicou a Academia, e não de q.^{do} as escreverão seus Autores.

Do S.^{or} Francisco Antonio Ribeiro de Paiva, são as Introduções, com as Taboas Zoológicas de 1794.

Do S.^{or} Constantino Botelho de Lacerda, he entre as Memorias premiadas em 1787, e 88, a dos meios mais convenientes de suprir a falta dos Estrumes Animaes, onde he difficultozo have-los: Memoria, que em similhante Artigo algum trabalho poupava ao S.^{or} Brotero, para expedir o seu Compendio de Agricultura. Tambem são as Memorias de 1790 sobre a cultura das Vinhas de Portugal; e a de 1791 sobre a decadencia da Pescaria de Monte-Gordo, etc.

Do S.^{or} Thome Rodrigues Sobral, he o Tratado das Affinidades Chemicas, por onde as ensina aos seus Descipulos; a Analyse das Aguas ferreas de Val da Mó; e julgo que breve se imprimirão os Elementos de Chimica, que elle já tem divulgado.

Do S.^{or} Vicente Coelho de Seabra são os Elementos de Chimica de 1788, com a Dissertação sobre o Calor; a Memoria sobre a cultura das Videiras, e a manufactura do Vinho, premiada em 1790, e da cultura do Ricino, e manufactura do seu oleo em 1791. Outra sobre as diversas Abelhas que dão mel, proprias do Brasil, e desconhecidas na Europa, de 1799. Outra sobre os prejuizos das Sepulturas nos Templos, e o methodo de os prevenir, de 1800.

Ultimamente do S.^r Manoel Joze Barjona são os Elementos de Metallurgia de 1798. Comparem-se com algunz d'estes os Escritos todos do S.^r Brotero; e mostre elle por outra parte em como algum dos seus Autores, ou recebeu para os escrever pensão alguma annual, ou foi dispensado de assistir aos Actos, e Exames da Faculdade; assim como elle o tem sido para escrever a Flora, e o Compendio, que ainda não apparecerão.

Mas nada d'isto, a seu ver, val a pena da Classificação. Arranjar, e nomenclar plantas, oh que impagavel trabalho! Sendo que nomencladas achou elle as Exoticas, que ali haviaão; e nesta parte o que fez de novo foi substituir aos numeros,

que achou notados em hastes de madeira, os nomes systematicos, e vulgares, q̃. elle fez escrever em etiquetas de folha de ferro, com os sinaes botanicos da sua duraçãõ; e as farchas de cores, que enunciaõ os seus uzos Alimentares, Medicos, e Economicos. Para as outras plantas do Reino, em quanto não se acabavaõ as obras do Jardim, serviaõ d'elle os suburbios de Coimbra; e tambem nestas o que achou elle que emendar em Nomenclatura Botanica? Elle o confessou na mencionada Carta de 28 de Março de 1791.

« O D.^r Joze Jorge tem hum vasto Herbario das plantas do « Reino, e Exoticas; e tem tido o cuidado de as reduzir « aos seus nomes verdadeiros. »

E na outra Carta de 24 de Abril do mesmo anno. =

« Este moço tem talento, e paixão pela Botanica. He o « que dizem ter aqui feito mais estudos nesta Sciencia, « e eu o creio; porem como o persuadirão de que lhe « tinhaõ feito injustiça com a minha nomiação, não o tenho « podido conciliar a ser menos meu antagonista; o que não « deixa de me desgostar, porque me parece poderia vir a « ser muito util á Universidade, se conigo fizesse sincera « harmonia. »

Taõ atrevido era o conceito que de si fazia, e dos seus Estudos!

Sem ir com as maos á cara de seus Collegas, hia V. S. regendo as suas duas Cadeiras de Chimica, e de Historia Natural: dirigindo as fundaçoenz dos Reaes Museos, Jardins Botanicos, e Laboratorios Chemicos de Lisboa, e de Coimbra: entretendo as correspondencias Litterarias com os Sabios do seu tempo: estimulando, e auxiliando os trabalhos scientificos da nascente Academia Real das Sciencias de Lisboa: preparando os Planos das Viagens Philosophicas dentro, e fóra d'este Reino: e manifestando-se em seus Escritos periodicos, nunca solícito de seu nome, e da sua fama: sempre alto Pregoeiro, e Sacrificador de si mesmo ate á simples curiosidade alheia. Hia o Sr. João Antonio Dalla-Bella desempenhando as

funções do seu Magisterio; observando os defeitos da cultura dos Olivaes, e da manufactura do Azeite; escrevendo as suas Memorias para o uzo da Academia de Lisboa, e os seus Compendios de Phisica para o uzo da Universidade; arranjando, e nomenclando o mais vasto, o mais rico, e o mais aceado de todos os Gabinetes Phisicos da Europa, do qual deixou o Catalogo, mas não o exemplo de ter sido para tudo isto dispensado de assistir aos Actos, e Exames etc.

Quanto ao Jardim, quem há que ignore, que de ordem do S.^r Rei D. Joze 1.^o, o fundou S. Ex.^a o S.^{or} Bispo Conde, então, como agora, Reformador Reitor da mesma Universidade? Quem não sabe que V. S. o principiou de hum modo compativel com o numerario de hum Cofre, que se estava ao mesmo tempo esvaindo em outras muitas despezas igualm.^{te} uteis, e necessarias, com as obras do Museo, o Laboratorio Chimico, o Hospital, o Observatorio Astronomico, a Oficina Typographica etc.? Quem não vio, que por impedimento seu de V. S. o prosseguio o S.^{or} Dalla-Bella, tambem como pôde, e como lhe permittirão as emissoens pecuniarias do referido Cofre? E que o S.^{or} Brotero o que fez de novo foi parte do terrapleno do Plano inferior, onde tem classificado as plantas; são as tres escadas para o Plano superior; he o acrescentamento da muralha divizoria, com o seu passeio, e janelas; e ultimamente a Estufa nova?

O que não obstante, p.^a o Jardim se dar por acabado, quanto ás obras, falta-lhe ainda mais do que se tem feito; porque lhe falta a segunda Estufa, para entre ambas se alçar a caza delineada, para servir de Escola de Botanica. Faltaõ-lhe os dois Planos superiores, com os seus tanques respectivos; o deposito das aguas, e os seus precizos aquedutos; a escada da entrada principal para o referido Jardim; o viveiro das plantas etc.

Quanto á classificação, falta certamente mais d'ametade das plantas com que se contou; porque estando promptos, e dispostos para ellas só no Plano inferior, bons 3940 lugares; d'estes não nos consta que estejaõ hoje occupados 1970; e nos que o estaõ se comprehende toda a casta de plantas; entre as Exoticas, que ali achou o S.^r Brotero, com as que tem conti-

nuado a receber do Real Jardim Botânico de Lisboa, e a maior parte das Indigenas, que elle tem recolhido; assim nas suas viagens pelas Provincias do Reino, como em algumas das suas Herborisaçoens pelos vallados, e monturos suburbanos de Coimbra: d'onde tem transplantado para os seus parallelogramos do Jardim a Madre-Silva, o Meimendro, as Ortigas viva, e morta, os Pepinos de S. Gregorio, os Cachos de Rato, e os Conchellos.

Oh que se mais se dera, mais se fizera! E isto que hoje repete já então o dizia nas referidas Cartas.

«Prezentemente a Universidade cuida em fazer hum
«Observatorio no Pateo. D'aqui rezulta haver menos di-
«nheiro p.^a os gastos do Jardim, e querer-se que se vá
«muito lentamente com elle, na forma do costume. V. S.
«conhece o modo com que aqui se tem procedido a res-
«peito de gastos; e os obstaculos q̃. se encontraõ de
«continuo, para a execução de muitas couzas uteis.»

Mas não he isso o que consta dos Livros da Contadoria Geral da Junta da Fazenda, onde páraõ as Folhas originaes das Despezas das obras do Jardim Botânico; as quaes se tem pago por ordem da m.^{ma} Junta. Que se lhe mostre a Conta do que se tem dispendido, em os 12 annos da sua Administração, e verá que não correspondem a taõ avultadas Despezas taõ atrasadas Obras. E quando isso assim fosse, de lhe terem faltado os meios para as adiantar, como convinha; isso mesmo com mais razão, e verdade lhe tem dito os seus Predecessores, e elle não tem cessado de insulta-los, tratando-os de ignorantes, e negligentes. Não julgue, e não será julgado; como julgar os outros, assim o haõ de julgar a elle, que aliás não se lhe dará d'isso, huma vez que teve o descaramento de fazer gravar sobre hum dos Porticos do Jardim a Inscripção que fez de propozito para escurecer até a memoria do trabalho alheio; inculcando-se elle a si, e só a si, debaixo do Soberano Nome de S. Mag.^e; como se para honrar a Filha fosse preciso roubar ao Pai a piquena gloria d'aquella fundação. E como se a gloria propria, Ella em tudo quanto fez, não a tirasse de Si Mesma;

das suas Qualid.^{es} Pessoaes; do amor dos seus Povos, e da Sabedoria do seu Reinado.

Naõ digo o mais, e o melhor, por que tambem eu o rezervo para o fazer escrever em Alemaõ, que sendo o Hebraico da Europa, he a Lingua Oriental dos Videntes, Reformadores, e Reformados. A propozito d'isto lembra-me a fuga d'elle para França; e tambem me lembra o porque. Quem naõ respeitou o Divino, como hade respeitar o humano?

Sou de V. S.

Etc.

Em 27 de Abril
de 1803

II.^a

Philos Tão Philo

Vejo o que ouvia; porque recebo de Coimbra a *Tremenda* do S.^{or} Brotero. Analise-mo-la como merece; e fico que ao seu Autor não deveremos nada do que lhe restamos Enthusiasmado como está este homem, de ser elle só o Reformador de todos, não haverá ninguem que o reforme a elle?

Remetto (principia elle) 17 Cadernos da continuação da minha Flora Luzitanica; brevemente espero remetter os outros respectivos ás duas ultimas Classes, que faltaõ para concluir a dita Flóra.

Ainda agora, Sr. D.^{or}? Algum bizoiro lhe zunio á orelha; e assim mesmo ao cabo de 12 annos ainda não remette os Cadernos respectivos ás duas ultimas Classes ã. faltaõ.

Vertigens, e muitas outras indispoziçoens que sofri neste Inverno, por cauza do muito trabalho da Aula, e applicaçõens assiduas, me não permittiraõ ter acabado a Obra, como muito dezejava.

Vertigens no Inverno de 1803 não lhe permittiraõ acabar a Obra, que principiou em 1791! Purgue-se, como deve, tome diluentes, e refrigerantes, que cessaraõ as vertigens de que se queixa. Indispozição de estomago, grossura de sangue, e humor atrabiliar saõ as cauzaas d'ellas; e não o muito trabalho da Aula, que não passa de hora e meia por dia. Guerra com todo o Mundo; porem sempre paz com os Medicos. Consulte os S.^{res} Navarros, ã. como não seja aprovar algum reprovando, em tudo o mais sempre foraõ officiozos com os seus Collegas, e não lhe haõ de levar nada pelas Receitas.

Nota: Segundo nos informou o Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. CARLOS SIMÕES VENTURA, a epigrafe grega que encima esta carta (*vide* Est. I) tem o seguinte sentido: *Um amigo ao seu amigo.*

Agradecemos reconhecidamente àquele nosso Colega a informação que teve a amabilidade de nos transmitir com a maior solitudine.

Quanto ás suas applicaçoens assiduas, a que objeto se referem ellas? Se á Flora, bastante vagar tem tido para a fazer: se ás Liçoens de Agricultura, elle as tem explicado em tiras de papel, e não em Compendio que tenha feito: se ás Desciplinas subsidiarias da Cadeira de Botanica, e Agricultura, essas já se lhe disse que oportebat studuisse, non studere.

Eu já não tenho aqui aonde pôr plantas; o local que resta está todo cheio de entulhos, caliças, e pedras; e de propozito se teima em não querer dar-me os meios p.^a o preparar.

Mente S.^{or} R.^{do}, e hajaõ vista as Folhas das Despezas do Jardim, que se tem pago por ordem da Junta da Fazenda. Ver-se-há, que sem recordar atrasados, só há cinco annos a esta parte, tem a Universidade dispendido o melhor de 20 contos de reiz..... Se com similhante Despesa ainda o Jardim está cheio de entulhos, e de caliças, isso verdadeiramente procede não de falta de dinheiro, se não de descuido de administração. Quanto mais, a quem quer elle persuadir, q̃. já encheu os lugares do Plano inferior, com as plantas com que contou?

Não ha no Jardim mais do que huma muito piquena Estufa, apenas para cem Vazos, a qual mandou fazer o Principal Castro, e não me querem conceder que faça outra, nem ao menos hum abrigadeiro; por isso perdi neste Inverno com as geadas mais de trezentas especies Exoticas.

Porque razão não fez elle se não huma estufa, podendo fazer duas em tempo do S.^{or} Principal Castro, que tanto o protegeu, e auxiliou? E se não fez se não huma, porque razão não a fez maior, e capaz de mais de cem vasos? Quem a requereu? Quem a delineou? E quem a fez executar se não elle? E se neste Inverno perdeu mais de trezentas especies Exoticas, ande lá que não foi tanto por falta de abrigadeiro, como de zelo, e cuidado seu, e do seu Joaquim.

Joze Monteiro, a pezar de passar continuamente pela porta do Jardim, indo para a sua Quinta, teima em não querer entrar dentro d'elle; e desde que acabou o Reito-

rado do Principal Castro, ainda nelle não entrou huma só vez; nem mesmo quando o Duque do Infantado a elle veio; pois antes quiz passar por grosseiro, despedindo-se d'elle no Museo, do que acompanha-lo ao Jardim. Tal he o odio, e o desprezo com que trata este Estabelecimento!

M.^r Brotero! Vós não aprendesteis em París este modo grosseiro, e incivil de tratar o vosso Prelado! Quando o S.^r Joze Monteiro da Rocha não se fizesse recomendavel se não pelo Lugar q. occupa; vós por isso mesmo o devieis tratar com mais decencia, e veneração; e quando o seu talento não fosse, se não mediocre, devieis respeitar ao menos as suas Virtudes. Não entrou nunca no Jardim, depois do Reitorado do S.^{or} Pr.^{al} Castro, para não observar elle mesmo os descuidos da vossa Administração; e observando-os ver-se obrigado a reprehender-vos. Se não acompanhou ao Duque do Infantado, quando elle foi ao Jardim, bem podia ser que o fizesse por etiqueta, a qual vós não entendeis, como Professor que sois de Re Rustica, e não de etiquetas de Cortes, e de Universidades. Depois de elle ter acompanhado ao Duque Hespanhol, o que faria de mais ao Principe Regente Nosso Senhor, quando lá fosse? Com tudo elle não deixou de acompanhá-lo, se não com o motivo da indisposição que padecia.

O seu systema he de deixar arruiná-lo (o Estabelecimento do Jardim), e não menos a Botanica na Universidade: elle não cessa de clamar nas Congregaçoens de Philosophia, que a Botanica, segundo o ultimo Decreto, deve ser reunida com a Zoologia, e Mineralogia, como era d'antes nos primeiros annos da Universidade reformada; isto he reduzida a quinze Liçoens, ou pouco mais.

Diria melhor se dissesse assim = que o seu systema tem sido de soffre-lo a elle com paciencia, huma vez que assim o permittirão os Fados da Universidade: *Sic Fata tulerunt!* Se o Prelado não cessa de clamar, que se reuna a Botanica com a Zoologia, e Mineralogia, será por ter observado, que tendo crescido a Despeza com o Ordenado do Lente da Cadeira separada, os progressos dos Descipulos de hoje, não excedem

aos de entaõ, quando ella estava reunida; e aproveitavaõ quinze Liçoens pouco menos, do que hoje aproveitaõ cento e quarenta. Arruinar-lhe os projetos de sua avareza particular, pretextados com a Botanica, não he o mesmo que arruiná-la a ella. Suprimo a calunnia da prizaõ do Pedreiro, pelo motivo que diz; porque me cahem as faces de vergonha, não sei se de haver quem diga tal, se de quem o ouça, e o acredite.

Para mais me desgostarem, ate me privaraõ d'essa piquena Graça que S. A. R. me tinha feito, em me mandar satisfazer para renda de cazas o mesmo que se pagou ao D.^r Vandelli meu Antecessor; renda que se me tinha promettido.

O que se lhe tinha promettido, e se mandou cumprir, foi pagar-lhe a renda das cazas, como se tinha pago ao S.^r D.^r Vandelli, não a mesma renda d'aquellas, não sendo estas do mesmo preço. Desembolçar des, e arrecadar vinte he gatunisse. Tratar de piquena a Graça q̃. se lhe fez, de se lhe mandar pagar renda de cazas, he insultar por huma parte a Liberalidade de S. A. R., que a desperdiçou com elle; e por outra parte a singularid.^e da m.^{ma} Graça. E porque razaõ a elle, e só a elle devia a Universidade pagar renda de cazas? Era algum Estrangeiro, a quem se tivesse desacommodado da sua caza, e expatriado do seu Paiz, para vir honrar o nosso com o seu Magisterio? Coitado! Alto favor lhe fazia a Patria em o recolher ao seu gremio, depois de elle ter dezertado d'elle; e porque?

A minha saude com este, e outros desgostos que tenho aqui tido; e juntamente com o muito trabalho, está bastantemente arruinada; e antes que ella acabe de todo de se arruinar, solicitarei neste Veraõ de S. A. R. a permissaõ de me deixar acabar o resto da minha vital carreira, com mais serenidade de espirito, e livre de desprezos em algum cantinho da terra retirado, e conversando com os meus innocentes vegetaes.

Para que he tanta verbiagem, como esta? Se intenta pedir a demissaõ da Cadeira, e do Jardim de Coimbra, com o olho no de Lisboa, faz bem, que isto de quem mais perto está do

lume, mais de pressa se aquece; porem veja q̃. tambem mais de pressa se queima. Fóra d'esse cazo, em algum cantinho da terra he que he o viver, como em Alemquer; e com os seus innocentes vegetaes he que he o conversar; que isto de velhacos com velhacos, em se conhecendo hunz aos outros, mutuamente se repellem e não se dão quartel no terreno que desfrutão. Os Russos de hoje já não são Fungos, nem pedras, como d'antes. Mas para que he condenar-se elle a si mesmo a viver em algum cantinho da terra? Não está ahi Amsterdaõ, ou Londres, ou París, que sempre foraõ o Jardim de Eden, para os nossos Padres tristes, e descontentes?

Tem transpirado aqui pelo Conego Irmaõ do D.^r Alexandre, que se dezeja empregar o d.^o D.^r nesta Universidade, e que este o dezeja igualm.^{te}, para vir assistir com seu Irmaõ, e cuidar assim melhor nos interesses de seus filhos. He provavel que sendo assim o destinem para a Cadeira de Botanica reunida com a Zoologia, e Mineralogia, jubilando o Lente Paiva, que sollicita fortemente a sua Jubilação. *Fiat, fiat; será optimismo.*

O Dr. Alexandre nunca foi homem de desacomodar a ninguem. Não o tem provocado a elle, assim como elle não cessa de provocar a todo o Mundo. Para saciar sua ambição, se a tivesse, he provavel q̃. não daria tamanha pancada em seu descuido, deixando o serviço do Paço de Lisboa, pelo das Escolas de Coimbra. Huma ingrátidaõ como essa não lhe merecia certamente os aitos beneficios que S. A. R. lhe tem feito. Por conta da sua Piedade, tem ate agora corrido elle, e seus Irmaos; e espera que continuem a correr os interesses de seus filhos; contemplando nelles, ao menos, a viagem que mandou a seu Pai fazer, ao fim do Mundo do Brazil, para executar principalmente os artigos secretos da sua Commissão. A qual sobre a fe dos mais authenticos Documentos, póde o S.^r. Brotero estar certo, que elle desempenhou na forma que se tem exprimido o mesmo Principe N. S. por escrito, e de palavra. Não com palavras escassas, e taxadas, como costumaõ os Principes, se não mt.^o liberaes de honra, e de proveito.

Este D.^r, nem mesmo as plantas treviaes do seu Paíz conhece. O *Hibiscus esculentus* do Jardim da Ajuda, que os dois D.^{res} teimaraõ contra mim, que lá estava bem nomenclado, he o *Hibiscus Manihot*. As sementes do verdadeiro *Hibiscus esculentus*, q̃. me vieraõ do Rio de Janeiro, de Madrid, e de Londres, tem confirmado evidentemente.^{to} esta minha asserção. »

A quem fará crível similhante Testemunha, que não digo hum Botanico Europeo, como o S.^r Vandelli; mas qualquer Carióca não conhece o *Quiábo* para os Carerús do Brazil, ou por outro nome o *Quingombó* dos Negros do Congo, e de Angola? Para se fazer verosimil huma caricatura d'estas, haõ de-se engenhar as figuras, nem taõ calvas que lhe appareçaõ os miólos. Perguntei-lhe por esta historieta, e respondeu-me com a sua costumada ingenuidade.

Que elle em materia nenhuma, e m.^{to} menos na Botanica, tivera nunca a vaidade de ser, e parecer *Sophos*, se não *Philosophus*: que com similhante D.^r nunca tinha perdido tempo em lhe fallar a propozito, pela estulticia que lhe conhecia, de viver como vive, taõ satisfeito de si, e só de si: que sim tinha huma vez cahido na fraqueza de arrazoar com elle no Jardim da Ajuda; porem fora a respeito do *Spilanthus oleráceus*, ou *Jambu* do Pará, e não do *Hibiscus*, de que se trata: que al fim elle já tinha adquirido huma perfeita parlezia de espirito, para se não envergonhar de o não terem em conta dos Sabios Herbolarios do seu tempo, e do seu Paíz. Do seu tempo, por ser tal que os homens daõ huns aos outros, mais que fazer, e observar, do que as plantas. Do seu Paíz, por que, álem de outras principaes razoenz que elle cála, depois que Portugal se fez Mineiro, largos dias tem cem annos, p.^a o transformar em Agricultor.

Voltemos a elle, que continua dizendo =

Em quanto o Jardim da Ajuda não tiver hum bom Botanico, e o Museo hum Sabio Zoologista, e hum verdadeiro Mineralogista, taes Estabelecimentos serviraõ mais de

descredito á Nação, do que de honra, e utilidade. Estes tres Naturalistas são indispensaveis; e no cazo que em Lisboa se haja de estabelecer algum dia hum Curso Philosophico, como he de toda a neccesid.^e, o numero dos ditos Naturalistas deverá ainda ser augmentado.

Naõ diz nada de novo; porque essa trempe já todos sabem que há muito se anda armando; bem entendido que fazendo elle huma perna d'ella. Meta S. A. R. dentro em sua Corte, e Caza Zoologistas taes, e Botânicos, e Mineralogistas; e verá as raridades que lhe descobrem; se he que já algumas d'ellas se não tem descoberto a si mesmas. Porem *fiat, fiat; será optimismo*. Prezentemente em Lisboa, o que he de toda a neccesid.^e he dinheiro para se amortizar a divida Nacional, e não para o londreamos os Naturalistas do Curso Philosophico, que se propoem.

Quanto a novidades d'esta Universidade, posso assegurar com a opinião geral, que ella se acha em summa decadencia, e bem como antes da Reforma; á excepção da obrigação que tem os Estudantes de frequentar. Grandes Ordenados, e Premios dados aqui a pessoas de muito fraco merecim.^{to}, tem desanimado os benemeritos não premiados, principalmente nas Sciencias Positivas; de tal sorte que na maior parte do tempo lectivo, os Lentes Proprietarios, e mesmo os Lentes Substitutos, deixaõ de ir ás suas Aulas respectivas: as Lições por conseguinte estão abandonadas a Oppositores novos, ordinariamente de muito curtas luzes; e por isso nos poucos momentos que se demoram nas Aulas, servem aos Estudantes sómente de rizadas; e se tem visto por isso muitas Aulas fechadas durante algumas semanas. »

Vista ás Partes, para responderem em termos.

O Cofre da Universidade está carregado com a despesa de quarenta mil cruzados de mais annualmente, com decadencia conhecida da Instrucção Publica; sendo huma voz geral de todo o Corpo Academico, que se isto

continua mais algum tempo, não só porá as rendas da
Universid.^e na agonia; mas igualm.^{te} o seu ensino publico.

Responda o Fiscal da Faz.^{da} da Universidade. »

Lisboa em 3 de Maio de 1803.

Como o leitor já deve ter verificado, estes documentos, que revestem a forma de cartas, apresentam-se envolvidos por um certo mistério, pois que não são assinados, nem mencionam o nome da pessoa a quem eram endereçados. Para nós, porém, é absolutamente seguro que estas cartas eram dirigidas a DOMENICO AGOSTINO VANDELLI, Lente jubilado da Faculdade de Filosofia, que, ao tempo, desempenhava o lugar de Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa. É prova frisante desta nossa convicção a passagem do primeiro documento, em que se diz: «Sem ir com as maos á cara de seus Collegas, hia V. S. regendo as suas duas Cadeiras de Chimica, e de Historia Natural: dirigindo as fundaçoens dos Reaes Museos, Jardins Botânicos, e Laboratorios Chímicos de Lisboa, e de Coimbra: entretendo as correspondencias Litterarias com os Sabios do seu tempo: estimulando, e auxiliando os trabalhos scientificos da nascente Academia Real das Sciencias de Lisboa: preparando os Planos das Viagens Philosophicas dentro, e fóra d'este Reino: e manifestando-se em seus Escritos periodicos, nunca solicito de seu nome, e da sua fama: sempre alto Pregoeiro, e Sacrificador de si mesmo ate á simples curiozidade alheia», que se aplica inteiramente a VANDELLI, visto ter sido este professor que regeu as cadeiras de Química e de História Natural, dirigiu as fundações dos Museus, Jardins Botânicos e Laboratórios Químicos de Lisboa e Coimbra, foi um dos fundadores da Academia das Ciências de Lisboa e colaborou na elaboração do plano das viagens filosóficas ⁽¹⁾.

Uma outra passagem, que se lê um pouco mais adiante no mesmo documento, indica também claramente VANDELLI: «Quanto ao Jardim, quem há que ignore, que de ordem do S.^r Rei D. Joze 1.^o, o fundou S. Ex.^a o S.^r Bispo Conde, então, como agora, Reformador Reitor da mesma Universidade? Quem não sabe que V. S. o principiou de hum modo compativel com o numerario de hum Cofre, que se estava ao mesmo tempo esvaindo...».

Não existem, pois, dúvidas quanto ao destinatário. Mais difícil, porém, é averiguar quem teria escrito as cartas. Trata-se,

⁽¹⁾ Vide JOAQUIM AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO — Memoria Historica da Faculdade de Philosophia. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872.

evidentemente, de uma pessoa muito versada em Botânica, que acompanhava *pari passu* o que se fazia no Jardim Botânico de Coimbra e que tinha um conhecimento exacto do que se passava na Faculdade de Filosofia. Parece, portanto, que deveria tratar-se de um elemento em serviço activo na Faculdade. Dada a animosidade que muitos dos colegas nutriam por BROTERO, nada custaria a considerar verosímil esta hipótese. No entanto, dois factos se opõem a esta conclusão. O primeiro reside na circunstância de a segunda carta ser datada de Lisboa e os professores em actividade habitarem normalmente em Coimbra; e o segundo na particularidade de a primeira carta incluir muitas transcrições da correspondência trocada entre BROTERO e VANDELLI, no tempo em que as relações entre os dois eram cordiais.

Poderia pensar-se que VANDELLI teria deixado a sua correspondência em Coimbra, no Gabinete de História Natural ou no Laboratório Químico, e que essas cartas tivessem sido depois utilizadas por algum dos seus sucessores naquelas cadeiras. Contra esta hipótese, milita, porém, o facto de as cartas terem as datas de 28 de Março, 17 de Abril e 24 de Abril de 1791. Efectivamente, VANDELLI encontrava-se já nessa época em Lisboa, dirigindo o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, e deveria ter sido para aí que BROTERO lhe teria escrito. Somos, assim, levados à conclusão de que a pessoa que escreveu ou mandou escrever os documentos transcritos residia em Lisboa. Esta conclusão é corroborada pelos inícios de ambos os documentos: « Não tenho visto, mas ouvido o conteúdo na Carta de Coimbra... » e « Vejo o que ouvia; porque recebo de Coimbra a *Tremenda* do S.^{or} Brotero ». Acresce ainda que VANDELLI tinha dirigido os trabalhos da fundação do Jardim Botânico e tinha estado exercendo as suas funções de professor em Coimbra até 1791. Conhecia, portanto, muito bem a actividade científica dos seus colegas, não se compreendendo que um professor da Faculdade de Filosofia lhe tivesse remetido um relato circunstanciado dessa actividade. Deste modo, tudo nos indica que as cartas não foram escritas por nenhum professor em exercício na Faculdade de Filosofia.

Atentemos agora na maneira como os documentos estão escritos. A análise mostra imediatamente que se trata de uma

espécie de panfleto, que deveria ter sido posto em circulação com o objectivo de demonstrar a incapacidade científica de BROTERO, pôr em evidência os ataques que dirigia à legislação universitária vigente, e mostrar a inanidade das acusações formuladas pelo eminente botânico contra os seus colegas.

Quem poderia ser o autor desta campanha que deveria ter em vista aniquilar BROTERO sob os pontos de vista científico e político?

O estudo dos documentos mostra que a essa personalidade se deveriam aplicar as condições seguintes: residir em Lisboa em 1803; ser bastante versado em Botânica; conhecer pornenhorizadamente o que se tinha feito e estava fazendo no Jardim Botânico de Coimbra; estar na posse da correspondência dirigida por BROTERO a VANDELLI em 1791, época em que o primeiro depositava inteira confiança no segundo; sentir a necessidade de se justificar perante acusações que lhe eram dirigidas por BROTERO, de modo a que o seu prestígio não ficasse abalado; nutrir ciúmes pela obra que o nosso insigne botânico estava realizando; e ter interesse em que BROTERO não passasse de Coimbra para o Jardim da Ajuda.

Satisfazendo a estes requisitos encontram-se somente dois nomes: DOMINGOS VANDELLI e ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA.

Dado o seu carácter invejoso e sem escrúpulos ⁽¹⁾, os ciúmes científicos que deveria sentir por verificar que BROTERO estava levando a bom termo a obra que ele não fora capaz de realizar, a necessidade de manter o seu prestígio de *botânico europeu*, a conveniência que tinha em conservar BROTERO afastado do Jardim da Ajuda e ainda o facto de ser ele a pessoa que estava, evidentemente, na posse das cartas que BROTERO lhe escrevera, consideramos extremamente provável ter sido o próprio VANDELLI quem escreveu ou inspirou as cartas que lhe eram aparentemente endereçadas.

As relações entre VANDELLI e ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA foram a princípio muito cordiais. Efectivamente, VANDELLI apadrinhou o doutoramento do infeliz naturalista, tendo sido

(¹) Vide CARLOS FRANÇA — Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). História de uma missão científica ao Brasil no século XVIII. *Bol. Soc. Broteriana*, vol. I (2.ª série), 1922, p. 65-123.

mediante proposta daquele professor que RODRIGUES FERREIRA foi designado para chefiar a Missão Científica ao Brasil, que percorreu os Estados do Pará, Sertões do Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá ⁽¹⁾.

Em 1803, RODRIGUES FERREIRA ocupava o lugar de Vice-director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, encontrando-se, assim, bastante ligado a VANDELLI. Atendendo a este facto e a que RODRIGUES FERREIRA necessitava defender-se também da gravíssima acusação de ignorante com que BROTERO o apodava, poderia pensar-se que as cartas tivessem sido o produto da colaboração daqueles dois naturalistas. Esta hipótese, porém, não nos parece verosímil, pelas razões seguintes:

a) O que se conhece do carácter de RODRIGUES FERREIRA parece mostrar que ele não seria capaz de promover uma campanha do género da que foi movida a BROTERO;

b) Como relata CARLOS FRANÇA (*op. cit.*), RODRIGUES FERREIRA, ao regressar do Brasil, veio encontrar os exemplares que tinha coleccionado à custa de muitos sacrifícios bastante deteriorados, e, o que é mais grave, com as etiquetas perdidas ou trocadas. A tradição diz que esta inutilização do material não pode ser atribuída somente a desleixo, mas que parece ter sido o fruto de uma obra conscientemente planeada e levada a efeito por alguém que sentia inveja dos trabalhos que o arrojado explorador poderia elaborar. A tradição diz mais que esse alguém foi VANDELLI. Sendo assim, é muito pouco provável que, atribuindo RODRIGUES FERREIRA o fracasso da sua obra científica a VANDELLI, mantivesse com ele relações amistosas em 1803.

Tudo leva a crer, pois, que tenha sido somente VANDELLI o autor das cartas que visavam a perda de BROTERO.

A leitura dos documentos sugere-nos que os factos se poderiam ter passado do seguinte modo:

Tendo sido encarregado da regência da cadeira de Botânica e Agricultura, o primeiro cuidado de BROTERO foi, como professor consciencioso, escrever os *Princípios de Agricultura Philosophica*, destinados a servir de livro de texto para a parte de agricultura do seu curso, visto que, para a botânica pura, existia já o *Compendio*. Os *Princípios* foram publicados em

(1) Vide CARLOS FRANÇA — *op. cit.*

1793, mas nessa obra não foram tratados muitos assuntos ⁽¹⁾, possivelmente pelo facto de BROTERO não ter tido tempo, em virtude de, a instâncias de várias personalidades, resolver consagrar o máximo da sua actividade à elaboração da *Flora Lusitanica*. Depois de um trabalho exaustivo, durante o qual foi sempre animado pelos Ministros de Estado D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO e D. JOÃO DE ALMEIDA DE MELLO E CASTRO, BROTERO tinha a sua obra quase concluída na Primavera de 1803. Além do original que já tinha enviado, o insigne botânico remeteu nessa data mais 17 cadernos. Dado o interesse com que o grande Ministro D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO acompanhou a elaboração da *Flora* e as amistosas relações em que se encontrava com BROTERO ⁽²⁾, é extremamente provável que o original tenha sido enviado ao Ministro, a fim de este ordenar a correspondente impressão. Acompanhando o original, BROTERO deve ter remetido a carta, da qual são transcritas as passagens contidas no segundo documento.

Nessa carta, queixa-se amargamente da falta de saúde; das dificuldades com que em Coimbra estão procurando entrar o seu trabalho; da atitude francamente hostil do Vice-Reitor MONTEIRO DA ROCHA ⁽³⁾, que, além de lhe dificultar a obtenção das verbas necessárias para o prosseguimento das obras do Jardim, pugnava constantemente para que fosse dada execução à carta régia de 21 de Janeiro de 1801, pela qual o ensino da Botânica era restituído à cadeira de Zoologia e Mineralogia, ao mesmo tempo que se estabelecia uma cadeira própria de Agricultura ⁽⁴⁾; do facto de não lhe quererem pagar a renda da casa, nos termos a que ele se julgava com direito ⁽⁵⁾; e do perigo que julgava correr em consequência de supor que o Conselho da Faculdade o queria substituir pelo Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. Além das queixas, BROTERO faz acusações graves aos Drs. VANDELLI e

⁽¹⁾ Vide, porém, A. FERNANDES — Felix de Avellar Brotero e a sua obra. *Bol. Soc. Broteriana*, vol. XIX (2.^a série), 1944, p. LXIII.

⁽²⁾ Vide AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR — Cartas inéditas de e para Brotero. *Anuário Soc. Broteriana*, X, 1944, p. 12-96.

⁽³⁾ Vide A. FERNANDES — O conflito entre Brotero e Monteiro da Rocha. *Anuário Soc. Broteriana*, XV, 1949, p. 35-54.

⁽⁴⁾ Vide JOAQUIM AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO, *op. cit.*, p. 83, 85 e 86.

RODRIGUES FERREIRA, chamando mesmo ignorante ao último. Em seguida, possivelmente com o objectivo de dispor as coisas no sentido de conseguir um lugar de naturalista naquele estabelecimento, expõe os seus pontos de vista sobre a organização do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. Termina por uma critica severa ao estado da Universidade de Coimbra, não só no que respeita ao ensino, que considera miserável, mas também à sua situação financeira.

Por qualquer circunstância que desconhecemos e que será muito difícil averiguar, o conteúdo desta carta transpirou e dela se obtiveram cópias que foram postas a circular. Como é compreensível, a carta provocou escândalo e foi objecto de largos comentários tanto em Lisboa como em Coimbra.

Provavelmente, ao saber que era alvejado, VANDELLI teria elaborado a primeira carta, utilizando os elementos que a correspondência de BROTERO que tinha em seu poder amplamente lhe fornecia, visto o autor da *Flora Lusitanica* se não ter coibido de, nessas cartas, criticar ásperamente os Estatutos Pombalinos e o trabalho dos seus colegas, que apoda de ignorantes e madraços. Esta carta deve ter sido posta em circulação e a ela se seguiu a segunda, elaborada depois de VANDELLI obter de Coimbra cópia da que BROTERO enviou juntamente com o original da *Flora*.

Se BROTERO não dispusesse de fortíssimo apoio no seio do Governo, é provável que tivesse sido vítima da campanha que lhe moveram. Pensamos, porém, que D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO lá deveria ter estado vigilante e teria neutralizado todas as tentativas de aniquilamento do nosso eminente botânico.

A publicação da *Flora Lusitanica*, ocorrida em 1804, firmou definitivamente o prestígio de BROTERO e deve, certamente, ter contribuído para que as bocas de muitos dos seus inimigos se fechassem, embora no íntimo continuassem a detestar profundamente o sábio botânico, a quem jamais perdoaram os agravos que dele tinham recebido.

É esta a interpretação que nos parece mais lógica em face dos documentos que conhecemos. Só a descoberta de novos elementos poderá mostrar se são ou não exactas as nossas deduções.



EXPLICAÇÃO
DA ESTAMPA

ESTAMPA I

Reprodução fotográfica da primeira página
do documento II.

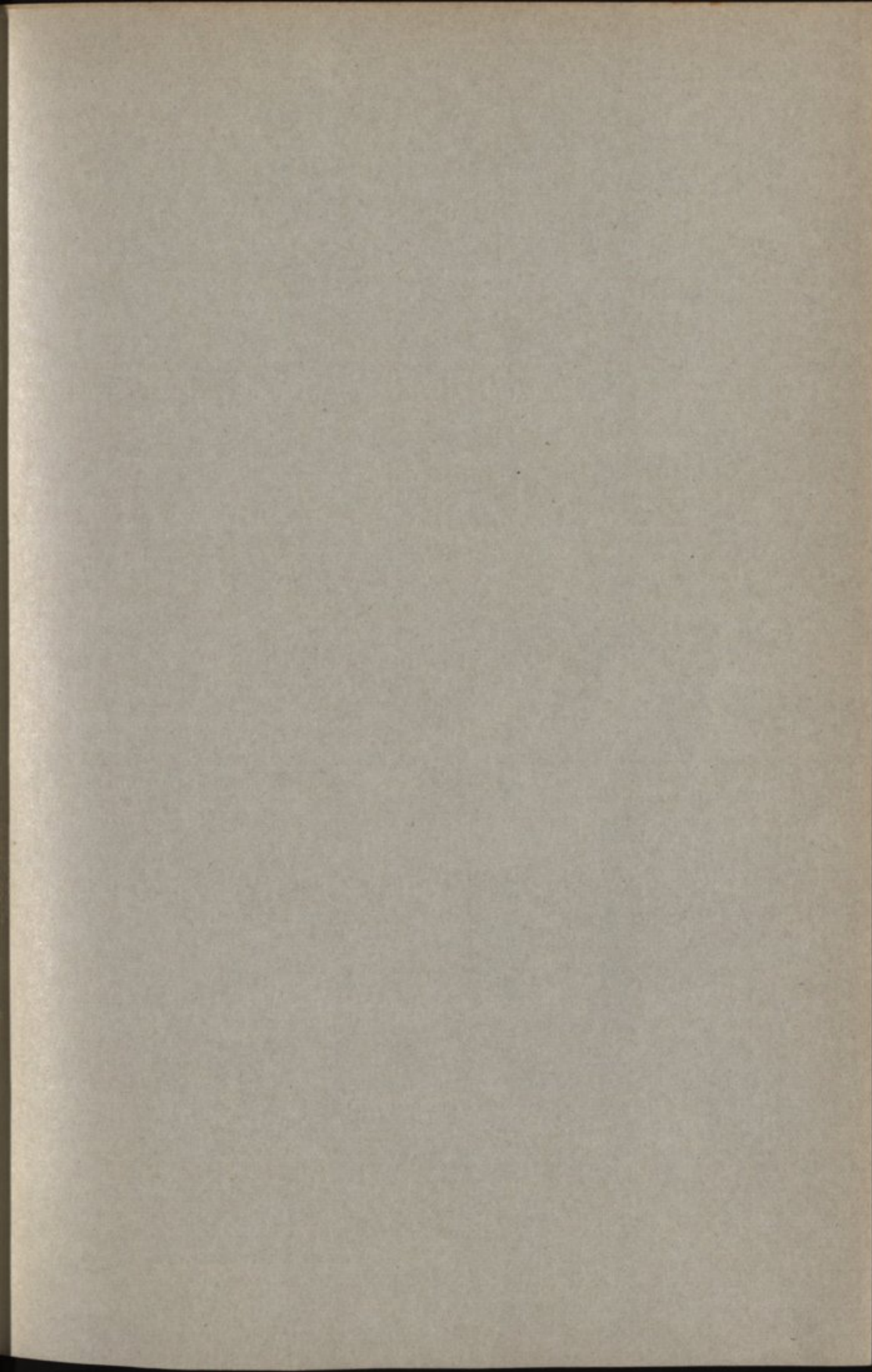
Philos. Ita Fidei.

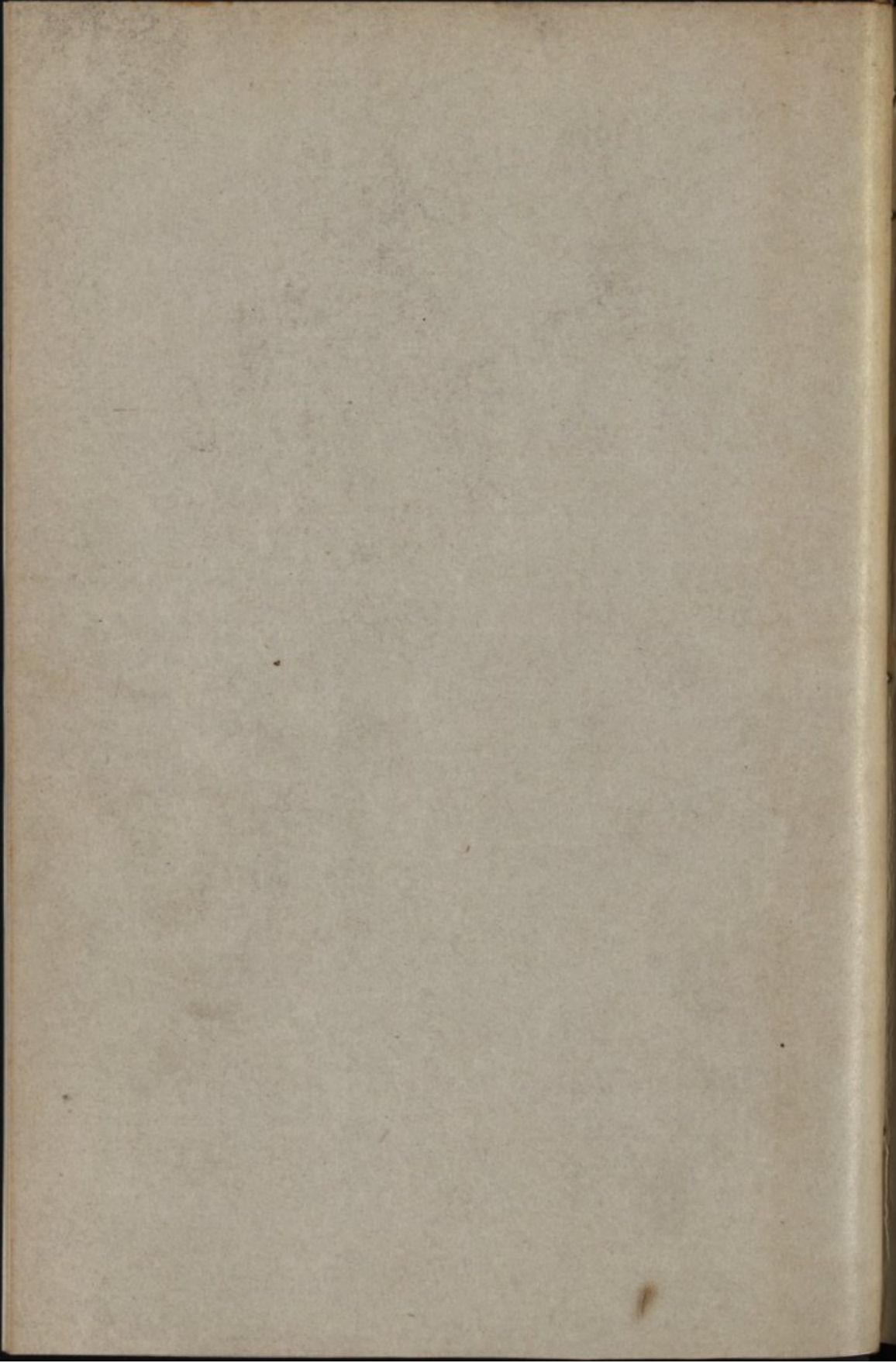
Vejo o que cuvia; porque recebi de
Coimbra a Transmissão do Sr. Bresten. Anali-
za-me-la' como merece; e fico qua' ao seu Autor
nao duvidemos nada do que elle testamos. En-
thusiasmado como este este homem; de ser
elle o Reformatador de todos, mas haverá nim-
guem' que o reforme a' elle?

Remetto (prinicipia elle) 17 Co-
dices da continuacao da minha Ho-
ra Lusitânica; brevemente expoz re-
metto os outros respectivos ás duas ul-
timas Claves, que faltão para concluir
a dita Hora.

Ainda agora, Sr. D.^o? Alguns ti-
zão a' zuzia a' orelha; e assim mesmo ac-
cabo de 12 annos ainda nao remetto os Codex-
es respectivos ás duas ultimas Claves q' faltão.

Portuguez, e muitas outras indigene-
zas que soffri muito Inverno, por cau-
sa do muito trabalho da Aula, e ageli-
cacoes afribuas, me nao permittirão ter





28. JAN. 1952

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVII

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

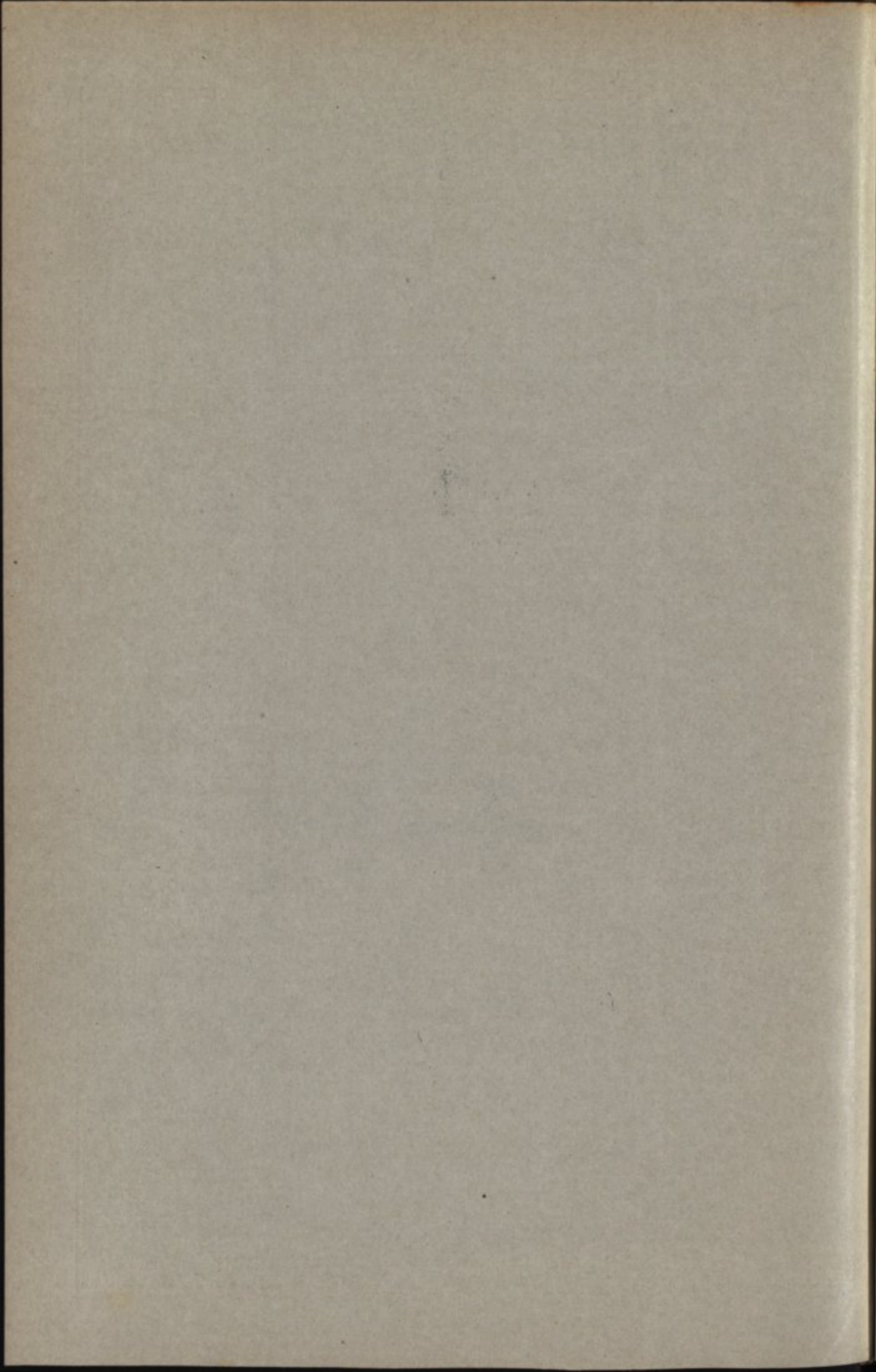
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1951



ANUARIO SOCIÉDADE BROTEFIANA

ANO XXV

EDITADO POR

PROF. DR. ANTONIO CARNEIRO

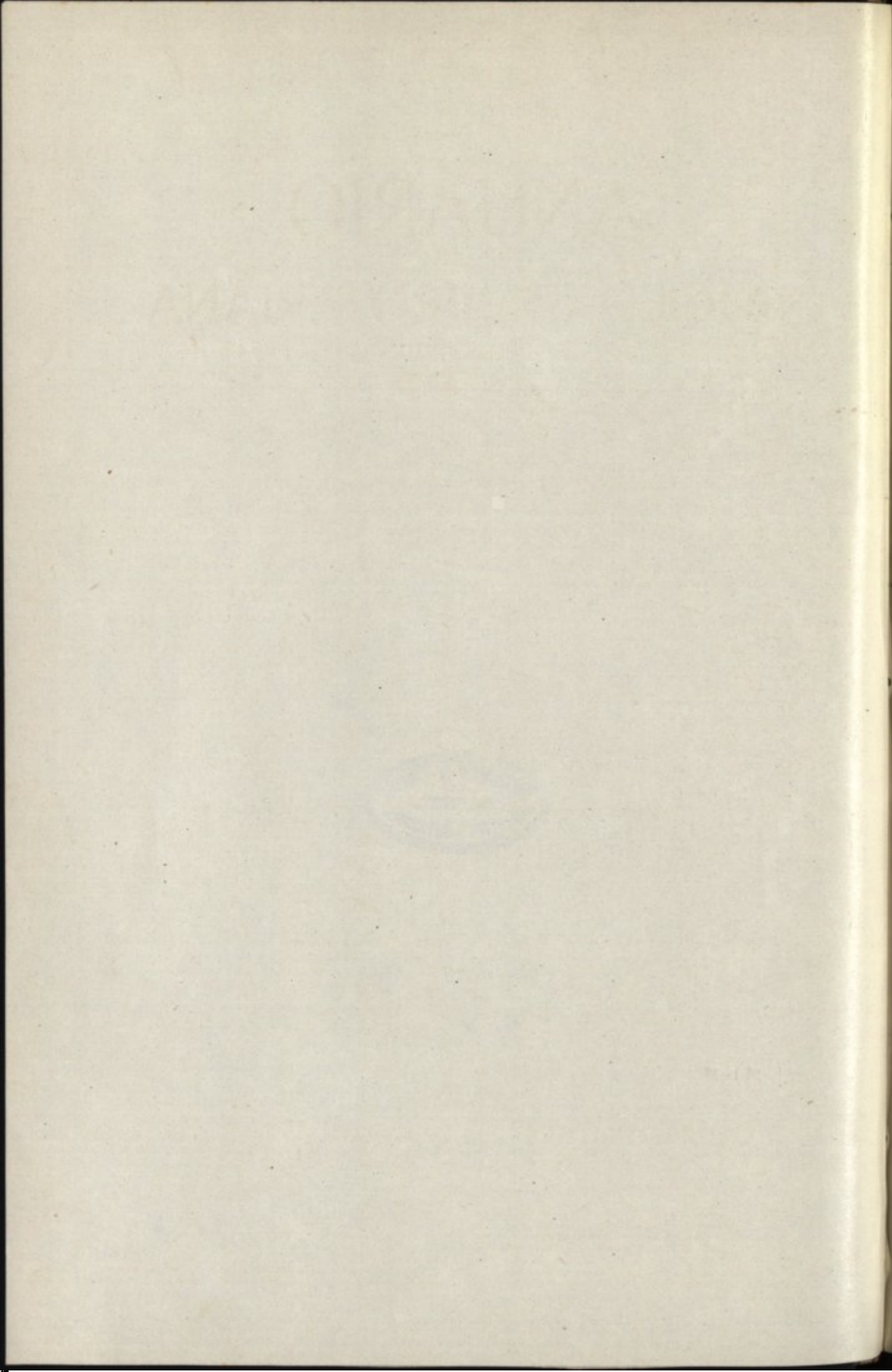
INSTITUTO BOTÂNICO - UNIVERSIDADE DE CAMBÓIA

1951



VOL. XXV

1951



ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVII

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1951

ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVII

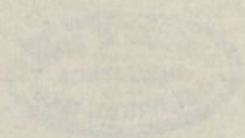
REDACÇÃO

PROF. DR. ARILO FERNANDES

Prof. de Botânica, Instituto de Botânica da Universidade de Coimbra

E. A. MENDONÇA

Prof. de Botânica, Instituto de Botânica da Universidade de Coimbra



TIP. ALCOBACENSE, LIMITADA
ALCOBAÇA

SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 20 de Janeiro de 1951

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1950. Esse relatório é do teor seguinte:

«Anunciei-vos no ano passado considerar provável que a presente reunião tivesse já lugar nas novas instalações que a Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra resolveu destinar, dentro do Instituto Botânico, à sede da Sociedade. É-me extremamente grato verificar que tudo decorreu de harmonia com as minhas aspirações e que a nossa Sociedade possui agora uma sede própria, que penso poder ser considerada muito satisfatória. Não posso, portanto, calar o regozijo que sinto ao receber-vos pela primeira vez nesta bela sala, mobilada de maneira simples e austera, de cujas janelas se desfruta um panorama de verdadeiro encantamento para os olhos de todos os que, como nós, se dedicam ao estudo do maravilhoso mundo das plantas. Nas estantes, podereis admirar algumas das obras mais célebres dos pioneiros da investigação botânica. Entre elas, figuram também as do nosso Patrono e as do Fundador da Sociedade, propositadamente reunidas aqui, para que tenhamos sempre perante os olhos os seus nobres exemplos de amor, carinho e dedicação pela ciência que cultivamos. Na parede fronteira à entrada, podereis ver um retrato de BROTERO, adaptação feita pelo desenhador de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências, Sr. JOSÉ DOS SANTOS FIGUEIRA, da bem conhecida gravura de QUEIROZ. Reconheço a falta de dois retratos: o do Dr. JÚLIO HENRIQUES, fundador da Sociedade,



e o do Dr. LUÍS CARRISSO, seu oportuno reorganizador. Tenho, porém, o prazer de vos anunciar que se está trabalhando na sua execução, sendo provável que no próximo ano se encontrem já nos seus lugares.

Como oportunamente tive ocasião de vos informar, os botânicos do país vizinho tiveram a simpática ideia de prestar também homenagem ao Patrono da nossa Sociedade, por ocasião das festas que promoveram para comemorar o II centenário do nascimento do excelso botânico ANTONIO JOSÉ CAVANILLES. Essa homenagem consistiu em dar o nome de BROTERO a uma das ruas do magnífico Jardim Botânico de Madrid. A lápide, onde se encontrava inscrito o nome de FELIX DE AVELLAR BROTERO, foi coberta por uma bandeira que, associando os nomes dos dois maiores botânicos peninsulares, constituía também um verdadeiro símbolo da fraternidade luso-espanhola. Depois de descerrada a lápide, os botânicos espanhóis tiveram a gentileza de oferecer a bandeira à delegação portuguesa que foi assistir às festas em honra de CAVANILLES. A delegação teve depois a grata lembrança de a oferecer à Sociedade Broteriana. No momento de a receber, prometi que procuraria mandar colocá-la em lugar condigno. A promessa foi cumprida, porquanto todos podereis ver a aludida bandeira na vitrina que ocupa a parte média da parede lateral.

Conforme acentuei no relatório do ano transacto, todos estes benefícios se devem à Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra. Penso, pois, interpretar o pensamento de todos, exprimindo aqui, mais uma vez, à referida Comissão, o profundo reconhecimento da Sociedade.

Como habitualmente, a Direcção ocupou-se com o maior interesse das revistas da Sociedade, tendo-lhe sido possível, graças à verba consignada na rubrica Publicidade e Propaganda do orçamento do Instituto Botânico, publicar os volumes XXIV do Boletim e VI das Memórias, bem como o número XVI do Anuário.

O primeiro contém diversos artigos de autores nacionais e estrangeiros. Entre os autores estrangeiros, contam-se os Ex.^{mos} Profs. R. BENOIST, R. DE LITARDIÈRE e RAYMOND-HAMET, a quem apresentamos aqui as nossas homenagens e os nossos agradecimentos pela apreciada colaboração que se dignaram conceder-nos.

O volume das Memórias encerra algumas contribuições de autores portugueses para um melhor conhecimento da flora portuguesa e nele colaborou também o botânico holandês, Prof. J. L. v. SOEST, que amavelmente se prestou a fazer a revisão do material do género *Hieracium* existente no herbário português do Instituto Botânico. A este especialista de tão difícil grupo, apresentamos também aqui a expressão do nosso reconhecimento.

O número do Anuário, finalmente, depois de relatar a vida da Sociedade, insere um artigo em que se transcrevem documentos que põem claramente em evidência os conflitos em que se viu envolvido e as dificuldades que teve de vencer o insigne FELIX DE AVELLAR BROTERO.

Durante o ano transacto, a Sociedade recebeu diversos pedidos de permuta das suas revistas com publicações congêneres. Esses pedidos foram satisfeitos. Por outro lado, a Direcção solicitou permuta com numerosas revistas, alargando-se assim consideravelmente o âmbito das nossas relações, tanto nacionais como internacionais. Deste modo, o serviço da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido por troca 385 volumes e 1.132 folhetos.

Como de costume, o pessoal do Instituto Botânico efectuou diversas explorações. O estudo do material colhido está sendo efectuado pelo Naturalista do Instituto e oportunamente será dado conhecimento das novidades encontradas.

A Sociedade fez-se representar no XIII Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, celebrado em Lisboa, de 23 a 29 de Outubro, juntamente com o XX Congresso da sua congénere espanhola, onde diversos sócios apresentaram comunicações.

A Direcção é constrangida a lamentar novamente a pouca actividade manifestada pelos sócios, pois poucos foram os que efectuaram herborizações. Apela-se, portanto, mais uma vez, para a boa vontade de todos, no sentido de que seja prosseguida com regularidade a tarefa da exploração botânica do país».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1950, existia em caixa um saldo de 10.954\$30.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES disse que, devido ao encarecimento do papel e ao aumento das taxas dos portes de correio, a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção ficasse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e distribuição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Drs. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e VIRGÍLIO DA ROCHA DINIZ.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1951, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 20 de Janeiro de 1951

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continuasse a cargo do Ex.^{mo} Sr. Dr. ABÍLIO FERNANDES;
- b) Manter a comissão de redacção do Anuário;
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

NOVOS SÓCIOS

JOAQUIM DA PIEDADE ABREU, Regente Agrícola, Estação de Melhoramento de Plantas, Elvas.

ÚRSULA BEAU, Coimbra.

UM NOVO HÍBRIDO DE *CISTUS*: *C. CRISPUS* $\times$ *LADANIFERUS*

por

R. FERNANDES, U. BEAU e H. S. KAIM

EM 29 de Abril de 1951, uma de nós (HERTHA SIEMERS KAIM) encontrou em Ribeira de Parreiras, nas proximidades do Monte Estoril, um *Cistus* que lhe despertou a atenção. Efectivamente, tratava-se de uma planta que, embora à primeira vista se assemelhasse ao *C. ladaniferus* L., espécie muito abundante naquele local, diferia dele pelo facto extraordinário de possuir flores purpúreas. Colheram-se dois ramos floridos, que foram enviados para Coimbra à segunda autora (ÚRSULA BEAU). Dada a impossibilidade de resolver o problema suscitado por planta tão interessante com os recursos que possuía, esta autora levou o material ao Instituto Botânico, onde se procedeu a um estudo minucioso em face da literatura (*vide* lista bibliográfica), bem como ao confronto com os espécimes de herbário nacionais e estrangeiros ali existentes.

Dos estudos efectuados, resultou a conclusão de que o *Cistus* do Monte Estoril (fig. 1) não pode ser incluído em nenhuma das espécies de flor vermelha, nem em qualquer dos híbridos com flores da mesma cor conhecidos até hoje. Notou-se, porém, que a planta apresenta muitas semelhanças, não só com o *Cistus ladaniferus*, mas também com o *C. crispus*. Surgiu, assim, a ideia de que se estaria em presença de um híbrido entre aquelas duas espécies.

A fim de confirmar ou infirmar tal ideia, procedeu-se ao estudo comparativo dos supostos pais com o presumível híbrido, obtendo-se os resultados que constam do quadro seguinte:

	<i>Cistus crispus</i>
Porte	Ascendente ou prostrado-ascendente
Cor dos ramos superiores	Esbranquiçada
Revestimento piloso dos ramos	Pêlos simples longos e abundantes; pêlos estrelados formando revest. ^{to} contínuo
Viscosidade dos ramos	Nula
Forma das folhas	Ovado-lanceoladas ou oblongas, relativamente largas
Cor das folhas	Esverdeada, quase sem distinção entre a página superior e a inferior
Margem das folhas.	Ondulado-crespa
Revestimento piloso das folhas :	
a) Pêlos simples	Muito abundantes nas folhas jovens e, em todas, junto à base
b) Pêlos estrelados	Abundantes tanto na página superior como na inferior
Superfície foliar	Muito reticulado-rugosa
Inflorescência	Flores subsésseis, fasciculadas no cimo dos ramos
Diâmetro das flores	3-4 cm.
Cor das pétalas.	Purpúrea
Forma das sépalas :	
a) Externas	Lanceolado-acuminadas
b) Internas	Ovadas, longamente acuminadas
Revestimento piloso das sépalas :	
a) Pêlos simples	Muito abund. ^{tes} na face externa e na margem
b) Pêlos estrelados	Abundantes, de ramos relativ. ^{te} compridos
Estilete	Maior que os estames
Comprimento das anteras	0,6 mm.
Número de lóculos do ovário	5

<i>Cistus crispus</i> $\times$ <i>ladaniferus</i>	<i>Cistus ladaniferus</i>
Erecto	Erecto
Vermelho-acastanhada	Vermelho-acastanhada
Sem pêlos simples; pêlos estrelados pouco abundantes	Nulo
Fraca	Grande
Lanceoladas, de comprimento intermediário	Linear-lanceoladas, relativamente longas
Página superior verde, inferior verde-acinzentada	Página superior verde-escura, inferior esbranquiçada
Folhas inferiores um pouco ondulado-crespas; superiores quase lisas	Lisa
Sem ou com muito poucos pêlos simples	Sem pêlos simples
Pouco abundantes na página superior; muito densos na inferior	Sem pêlos na página superior; pêlos estrelados densíssimos na inferior
Reticulado-rugosa	Lisa
Flores subsésseis, solitárias	Flores pediceladas, solitárias
6-6,5 cm.	6-10 cm.
Purpúrea	Branca
Lanceolado-acuminadas	Suborbiculares, repentinamente contraídas em ponta curta
Ovadas, bruscamente acuminadas	
Existentes no dorso e na margem	Só na margem
De tipo intermediário	Pêlos escamiformes
Menor que os estames	Subnulo
1,25 mm.	1,75 mm.
6	10



Fig. 1. — O exemplar de *Cistus crispus* $\times$ *ladaniferus* encontrado em Ribeira de Parreiras, fotografado no local.

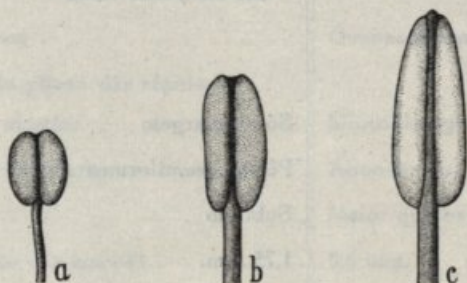


Fig. 2. — a, Antera de *Cistus crispus* L. b, Idem de *C. crispus* $\times$ *ladaniferus*. c, Idem de *C. ladaniferus* L. Notar o tamanho intermediário da antera do híbrido.

A análise deste quadro permite verificar que o *Cistus* do Monte Estoril possui flores subsésseis, com cinco sépalas e pétalas purpúreas como *Cistus crispus*, enquanto que, pelo porte erecto, pela cor dos ramos e pelas flores solitárias se aproxima de *C. ladaniferus*. A maior parte dos caracteres (revestimento piloso dos ramos, das folhas e das sépalas, a margem e a superfície foliar, o diâmetro das flores, o comprimento das anteras — fig. 2 — e do estilete, etc.) são, porém, nitidamente intermédios entre os daquelas duas espécies. O quadro mostra, pois, de uma maneira flagrante, que o *Cistus* do Monte Estoril é na realidade um híbrido entre *C. crispus* e *C. ladaniferus*.

Averiguemos agora se as observações efectuadas no local de colheita (fig. 3) concordam com a conclusão alcançada.

Em Ribeira de Parreiras, existem, lado a lado, três espécies de *Cistus*: *C. crispus*, *C. ladaniferus* e *C. salviifolius*. Como as duas últimas espécies possuem flores brancas e se sabe que flor vermelha domina flor branca (v. DANSEREAU, 1940, pág. 12), é extremamente provável que um dos progenitores do híbrido tenha sido *C. crispus*, o único dos três que possui flores purpúreas, tal como o híbrido. Relativamente ao outro progenitor, os caracteres do híbrido mostram que não poderia ter sido *C. salviifolius*, mas sim *C. ladaniferus* L. Em virtude de as pétalas do híbrido serem destituídas de mácula ⁽¹⁾, é provável que o progenitor *ladaniferus* tenha sido a var. *albiflorus* Dunal e não a var. *maculatus* Dunal.

A ideia de se tratar de planta exótica escapada à cultura não é de admitir, visto que, no quintal da vivenda mais próxima, se não cultiva nada que se assemelhe ao *Cistus* encontrado. Por outro lado, o local da colheita, embora não muito afastado do Monte Estoril, conserva-se num estado natural (fig. 3).

Vê-se, portanto, que as observações efectuadas no local da colheita corroboram a conclusão a que se chegou.

Nas suas experiências sobre os híbridos artificiais de *Cistus*, BORNET (in GARD, 1910) fez o cruzamento entre *C. crispus* e *C. ladaniferus* var. *maculatus*, empregando, em primeiro lugar,

(¹) Nos cruzamentos artificiais, a mácula comporta-se sempre como dominante.

C. crispus como progenitor feminino. Apesar de se terem desenvolvido alguns frutos, as sementes produzidas foram em pequeno número e, uma vez semeadas, ou não germinaram ou deram origem a plantas que morreram passado pouco tempo. No cruzamento recíproco, *C. ladaniferus* ♀ × *C. crispus* ♂, obteve 5 indivíduos de *C. ladaniferus*, fenómeno atribuído por GARD (1910) ao desenvolvimento partenogenético da oosfera.

Cruzando *C. crispus* com *C. ladaniferus* var. *albiflorus*, POIRAULT e TEXIER obtiveram híbridos, como relata DANSEREAU (1940).

Os resultados das hibridações artificiais não se opõem, pois, à conclusão alcançada, visto mostrarem que, no cruzamento *C. crispus* × *ladaniferus*, se formam sementes susceptíveis de desenvolvimento.

Em Portugal, encontram-se algumas vezes as duas espécies coabitando no mesmo local. Apesar disso, só agora foi assinalado o híbrido entre as duas, o qual é extremamente raro, pois que, a despeito das numerosas pesquisas efectuadas no Monte Estoril, só foi encontrado um exemplar.

O aparecimento desta planta constitui um facto deveras notável, porquanto raramente se produzem híbridos espontâneos entre *C. ladaniferus* e as espécies de flor vermelha. Com efeito, o × *C. Rodiei* Verguin (*C. ladaniferus* × *albidus*) só foi herborizado num local em França, não tendo sido, que nos conste, encontrado ainda noutro ponto. Quanto ao *C. purpureus* Lam. (*C. ladaniferus* × *villosus*), muito cultivado nos jardins e apreciado pelas suas qualidades ornamentais, não há a certeza de que exista no estado espontâneo, embora alguns autores o cite como aparecendo no Oriente. Julga-se ter sido obtido artificialmente, passando depois a ser cultivado nos jardins. À primeira vista, *C. purpureus* Lam. aproxima-se muito da planta colhida no Monte Estoril. No entanto, a forma das folhas (mais largas e menos reticulado-rugosas em *C. purpureus*), a nervação (folhas apenas trinérvias na base em *C. purpureus*), o tamanho dos pedicelos (flores distintamente pediceladas em *C. purpureus*), etc. permitem distinguir facilmente os dois híbridos.

Para se averiguar da fertilidade do híbrido, voltou-se a Ribeira de Parreiras na altura considerada própria e verificou-se que, ao passo que os exemplares de *C. ladaniferus*

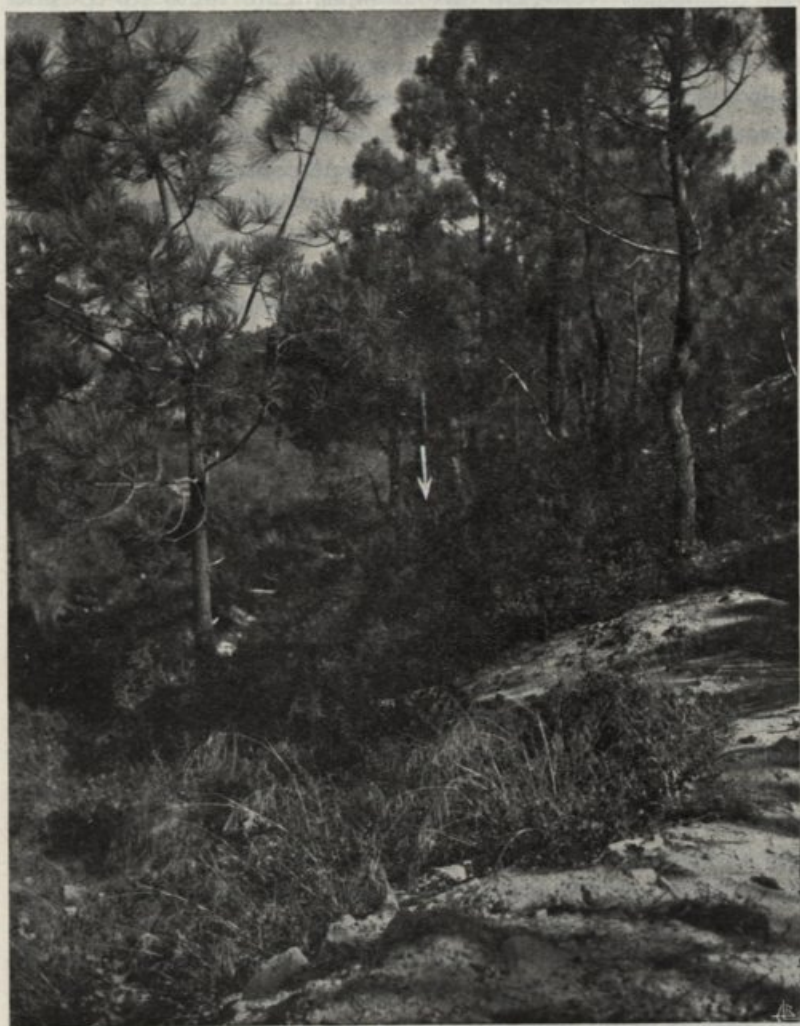


Fig. 3. — Aspecto geral da vegetação na localidade denominada Ribeira de Parreiras, nas proximidades do Monte Estoril. A seta indica o local onde se encontra o híbrido *Cistus crispus* $\times$ *ladaniferus*.

vizinhos possuíam cápsulas que tinham produzido sementes, o híbrido as não apresentava, nem no solo, à sua volta, se notavam quaisquer vestígios das mesmas. Este facto foi considerado indício de esterilidade.

Tratando-se de um híbrido, é natural esperar que a fertilidade seja diminuta (ou mesmo nula), em virtude de, devido a irregularidades meióticas, apenas se formarem alguns (ou nenhuns) grãos de pólen e óvulos bem conformados. O género *Cistus* parece pertencer ao tipo cariológico em que todas as espécies possuem o mesmo número de cromosomas (SIMONET, 1937), visto ter-se encontrado 9 como número haploide em todas as espécies estudadas até hoje. A meiose nas espécies puras decorre em regra sem anomalias, o que se traduz na formação de óvulos e grãos de pólen normais, e, por conseguinte, na produção, por cada cápsula, de elevado número de sementes férteis.

Apesar de as guarnições cromosómicas das diversas espécies serem aparentemente muito semelhantes, existem decerto entre elas diferenças estruturais e génicas, que explicam certas irregularidades da meiose notadas em alguns dos híbridos entre espécies da mesma secção (SIMONET e DANSEREAU, 1939; DANSEREAU, 1949). Essas diferenças devem ainda ser maiores entre as guarnições de espécies pertencentes a secções diferentes, como as secções *Eucistus* e *Ladanium*, a que pertencem os progenitores do híbrido do Monte Estoril. As espécies que se incluem nestas duas secções diferem consideravelmente no que respeita aos caracteres da morfologia externa, sendo provável que exista uma diferença correspondente entre as respectivas guarnições cromosómicas. Por isso, quando se formarem híbridos entre espécies destas secções, é de esperar que apresentem uma meiose irregular e sejam, portanto, estéreis. Este ponto de vista é plenamente justificado pelas observações de SIMONET e DANSEREAU (1939), que verificaram que a meiose de $\times C. Rodiei$ var. *antipolitensis*, híbrido entre espécies das duas secções referidas, decorre de modo muito irregular e que a planta é estéril.

Não nos foi possível estudar nem a mitose nem a meiose do híbrido. Para, indirectamente, avaliarmos da maior ou menor irregularidade com que decorrem os fenómenos meióticos, procedemos ao exame do pólen do híbrido, em confronto com

o dos progenitores. Verificámos que tanto *C. crispus* (fig. 1, Est. I e fig. 1, Est. II) como *C. ladaniferus* (fig. 2, Est. I e fig. 2, Est. II) apresentavam uma percentagem muito elevada de grãos de pólen normais, providos de abundante conteúdo, inferindo-se desta observação que a meiose nessas espécies decorre sem anormalias. No híbrido, notámos que quase todos os grãos de pólen se apresentavam vazios e com as membranas retraídas (fig. 3, Est. I e fig. 3, Est. III), o que mostra que a sua meiose é muito irregular. Entre os grãos de pólen mal conformados, encontrámos alguns bem constituídos (fig. 4, 5, Est. I e fig. 4, Est. II.). A percentagem destes é, porém, baixa, pois que, entre 2655 grãos examinados, observámos apenas 19 bem conformados, o que dá a percentagem de 0,7%. É interessante notar que o diâmetro (e, portanto, o volume) destes grãos de pólen do híbrido (fig. 4, Est. II), sensivelmente uniforme em todos, é bastante superior ao dos grãos de pólen de *C. crispus* e de *C. ladaniferus*.

Em $\times C. Rodiei$ var. *antipolitensis*, SIMONET e DANSEREAU (1939) encontraram também uma percentagem baixa (1%) de grãos de pólen bem constituídos. Neste híbrido, como dissemos, a meiose é irregular, formando-se, por vezes, 18 univalentes. Dado o facto de a percentagem de pólen bem constituído ser muito próxima em ambos os híbridos, é provável que na planta do Monte Estoril se formem também algumas vezes 18 univalentes. A formação de núcleos de restituição nas células-mães com 18 univalentes conduziria à formação de díadas, que originariam grãos de pólen ou macrósporos com 18 cromosomas, isto é, providos das guarnições de ambos os progenitores. Os grãos de pólen perfeitos de $\times C. Rodiei$ var. *antipolitensis* e do híbrido do Monte Estoril devem provavelmente ter sido originados por este mecanismo.

O confronto entre o pólen bem conformado do híbrido *C. crispus $\times$ *ladaniferus* e o dos seus progenitores mostra que aquele tem um volume comparável ao que, normalmente, o pólen das plantas tetraploides apresenta relativamente ao dos diploides que lhes deram origem, sendo, provavelmente, o seu conteúdo cromático duplo, resultante da reunião das guarnições cromosómicas dos progenitores. Os grãos de pólen assim formados são férteis e, se tiverem a oportunidade de fecundar*

óvulos do mesmo tipo, originarão alotetraploides. Estes, devido à regularidade da sua meiose, poderão produzir sementes viáveis. Infelizmente, a percentagem de óvulos e grãos de pólen deste tipo é bastante baixa e as probabilidades de se encontrarem gametos por eles originados serão também pequenas. No entanto, o híbrido do Monte Estoril tem a capacidade de produzir alotetraploides estáveis e férteis e oxalá que um acaso feliz venha a contribuir para a sua formação, que corresponderia, possivelmente, à diferenciação de uma nova espécie.

Apresentamos em seguida a descrição do novo híbrido:

C. crispus × *ladaniferus* n. hybr.

Frutex, ca. 45 cm. altus, erectus, ramis junioribus atro-sanguineis fere glabris (pilis stellatis sparsis vestitis). Folia in petiolum brevem attenuata, fere sessilia, fere usque ad apicem trinervia, lanceolata vel linear-lanceolata, acuta, 3-4 cm. longa, 0,5-1 cm. lata, margine plusminusve undulata crispa aut plana, reticulato-nervosa, supra viridia pilis stellatis paucis, subtus tomentoso-canescens pilis stellatis densissime vestita; petioli in vaginam pallidam, 0,3 cm. longam, connati. Flores magni, in apice ramorum solitarii, subsessiles, foliis summis et bracteis ovato-lanceolatis, acuminatis, stellato-tomentosis et praecipue in marginibus longe villosis, involucrati; sepala exteriora ovato-lanceolata, acuminata, 1,4-1,6 cm. longa, 0,5 cm. lata, interiora latiora et longiora, ovata, abrupte acuminata, una margine albo-scariosa; sepala supra stellato-tomentosa dorso et margine villosa, lato scarioso excepto, subtus glabra aut exteriora leviter adpresse villosa; petala pulchre purpurea, 2,8-3 cm. longa, 3,3 cm. lata, basi flavescens, maculae atropurpureae destituta; stylus brevis, rectus, 0,15 cm. longus, staminibus brevior; ovarium undique sericeo-villosum, 6-loculare. Capsula seminae non visa.

Ic. nostr. Tab. III.

Specimen in Herbario Instituti Botanici Universitatis Conimbrigensis.

Loco: Ribeira de Parreiras, circa Monte Estoril, in pineto.

Legit: Hertha Siemers Kaim, Aprili-29-1951.

Floret Aprili.

Como dissemos, a planta foi encontrada nas vizinhanças do Monte Estoril, em um local inculto, de solo argiloso. A vegetação arbórea (fig. 3) é constituída por *Pinus Pinaster* Ait. No estrato subarbustivo, identificaram-se:

Quercus fruticosa Brot.

Daphne Gnidium L.

Ulex Gallii Planch.

Cistus crispus L.

Cistus salviiifolius L.

Helianthemum alyssoides (Lam.) Vent. var. *incanum*
(Willk.) Grosser

Erica umbellata L.

Olea europaea L. var. *Oleaster* (Hoffgg. et Link) DC.

Thymus villosus L. subsp. *lusitanicus* (Boiss.) Cout.

Lavandula Stoechas L.

Das plantas herbáceas, reconheceram-se:

Briza maxima L.

Dactylis glomerata L.

Cynosurus echinatus L.

Urginea maritima (L.) Baker

Asparagus aphyllus L. var. *genuinus* forma *microclados*

Smilax aspera L.

Gladiolus illyricus Koch. subsp. *Reuteri* (Boiss.)

Euphorbia Characias L.

Rubia peregrina L.

Aster aragonensis Asso var. *fugax* (Brot.)

Inula viscosa (L.) Ait.

Pulicaria odora (L.) Reichb.

Achillea Ageratum L.

Senecio praealtus Bertol.

Carlina corymbosa L.

Carlina racemosa L.

Andryala integrifolia L.

Reichardia intermedia (Schultz-Bip.) Samp.

BIBLIOGRAFIA

- BAILEY, L. H.
1927 *The Standard Cyclopedia of Horticulture*, **1**, 766-778.
- BOISSIER, E.
1867 *Cistineae in Fl. orient.*, **1**, 436-450.
- BOLAÑOS, M. y GUINEA, E.
1949 Jarales y jaras. *Inst. Forestal de Investigaciones y Experiencias*, **20**, n.º 49.
- COUTINHO, A. X. P.
1939 *Flora de Portugal*, 2.ª ed., 486-490.
- DANSEREAU, P.
1939 Monographie du genre *Cistus*. *Boissiera*, **4**.
1940 Études sur les hybrides de *Cistus*. *Ann. Épiph. Phytogén.*, **4**, 7-26.
- DAVEAU, J.
1886 Cistinées du Portugal. *Bol. Soc. Broteriana*, **4** (1.ª série), 15-80.
- DUNAL, F.
1824 *Cistineae in A. P. DE CANDOLLE, Prodr. syst. nat.*, **1**, 264-268.
- FONT-QUER, P.
1925 Las Jaras híbridas españolas. *Bol. R. Soc. Esp. Hist. Nat.*, **25**, 171-177.
- GARD, M.
1910 Recherches sur les hybrides artificiels de Cistes obtenus par M. Ed. Bornet, *Ann. Sci. Nat.*, **12**, 71-112.
1912 Recherches sur les hybrides artificiels de Cistes obtenus par M. Ed. Bornet. Deuxième mémoire—*Sond. Beih. Botan. Centralb.*, **29**, 306-394.
1913 Recherches sur les hybrides artificiels de Cistes obtenus par M. Ed. Bornet. Troisième mémoire. *Sond. Beih. Botan. Centralb.*, **31**, 373-428.
- GROSSER, W.
1903 *Cistaceae in A. ENGLER, Das Pflanzenreich*, 14 Heft IV, 193.
- JANCHEN, E.
1925 *Cistaceae in A. ENGLER, Die Nat. Pflanzenfam.*, **21**, 289-313.
- LAMARCK, J. B. A. P. M.
1786 *Encycl. Méthodique*, **2**, 12-27.
- LYNCH, R. I.
1910 *Cistus purpureus*. *The Gardeners' Chronicle*, **48**, 118-119.
- ROUY, G. et FOUCAUD, J.
1895 *Cistinées in Flore de France*, **2**, 254-316.
- SAMPAIO, G.
1946 *Flora Portuguesa*, 2.ª ed., 197-199.
- SIMONET, M.
1937 Étude caryologique de quelques espèces de *Cistus*. *C. R. Acad. Sci.*, **205**, 1090.
- SIMONET, M. et DANSEREAU, P.
1939 Sur la méiose de deux hybrides de *Cistus*, $\times$ *C. hybridus* Pourr. et $\times$ *C. Rodiei* Verg. var. *antipolitensis* Dans. *C. R. Acad. Sci.*, **208**, 1526.

VERGUIN, L.

1932 *Cistus Rodiei*, hybride nouveau. *Bull. Soc. Bot. Fr.*, **79**, 600.

WARBURG, O.

1930 A preliminary study of the genus *Cistus*. *Journ. R. Hort. Soc.*, **55**, 1-52.

WILLKOMM, M.

1856 *Cistinearum orbis veteris, inlc. et descript. plant. novor. criticarum et rariorum Europae austro-occidentalis praecipue Hispania*, **2**.

WILLKOMM, M. et LANGE, J.

1880 *Cistineae in Prod. Fl. Hisp.*, **3**, 705-746.

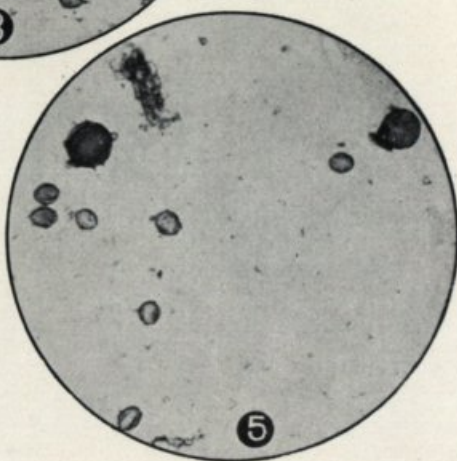
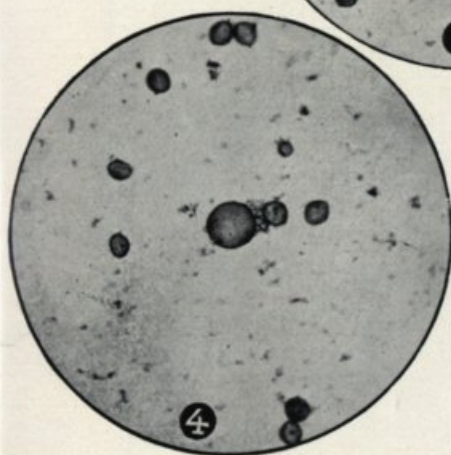
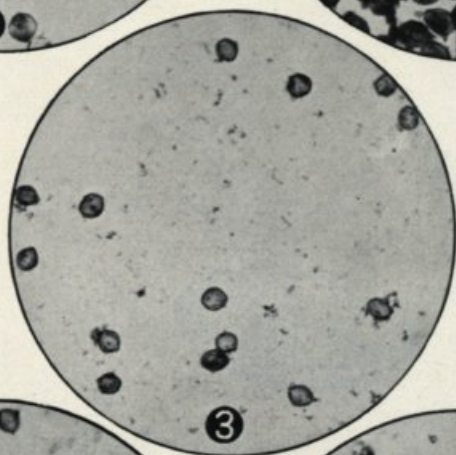
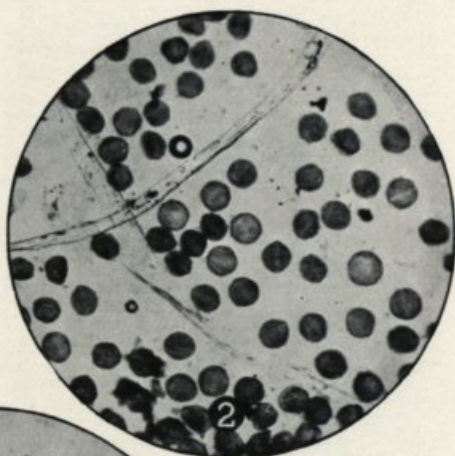
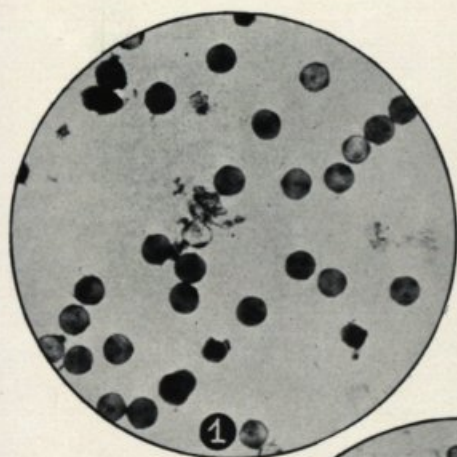
EXPLICAÇÃO
DAS ESTAMPAS

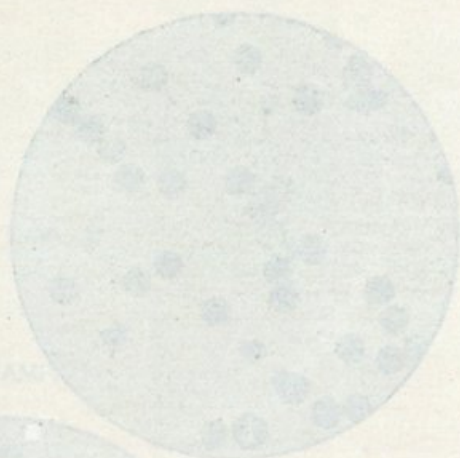
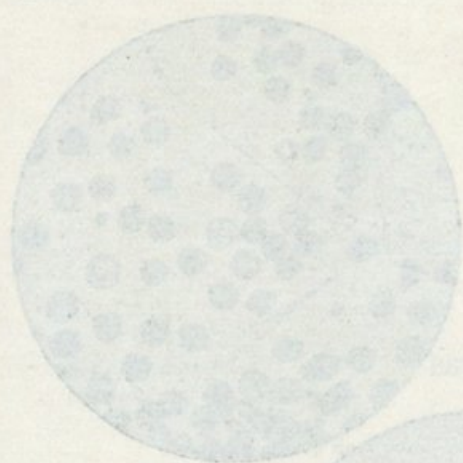
EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS



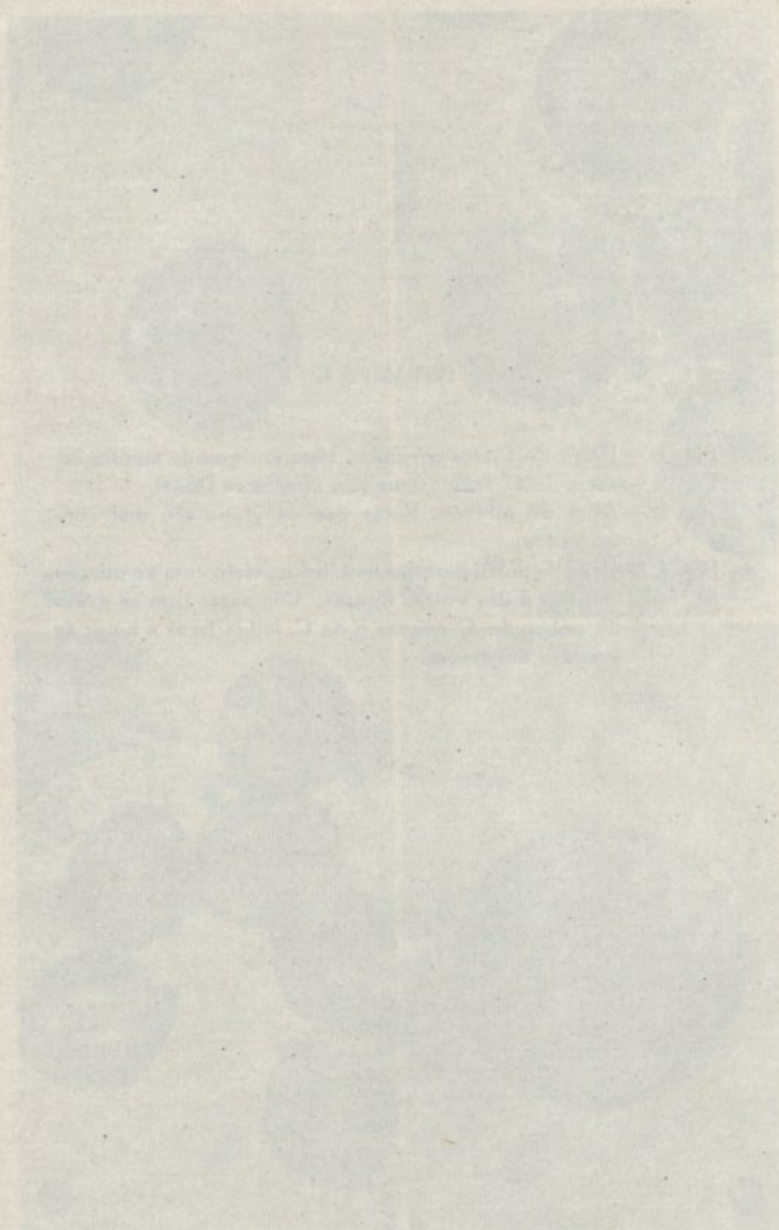
ESTAMPA I

- Fig. 1. — Pólen de *Cistus crispus* L.
Fig. 2. — *Idem* de *C. ladaniferus* L. var. *albiflorus* Dunal.
Fig. 3. — *Idem* do híbrido *C. crispus* $\times$ *ladaniferus* R. Fernandes, Beau et Kaim.
Fig. 4. — *Idem* do híbrido, notando-se, ao centro, um grão bem conformado muito volumoso.
Fig. 5. — *Idem* do híbrido, mostrando dois grãos perfeitos.





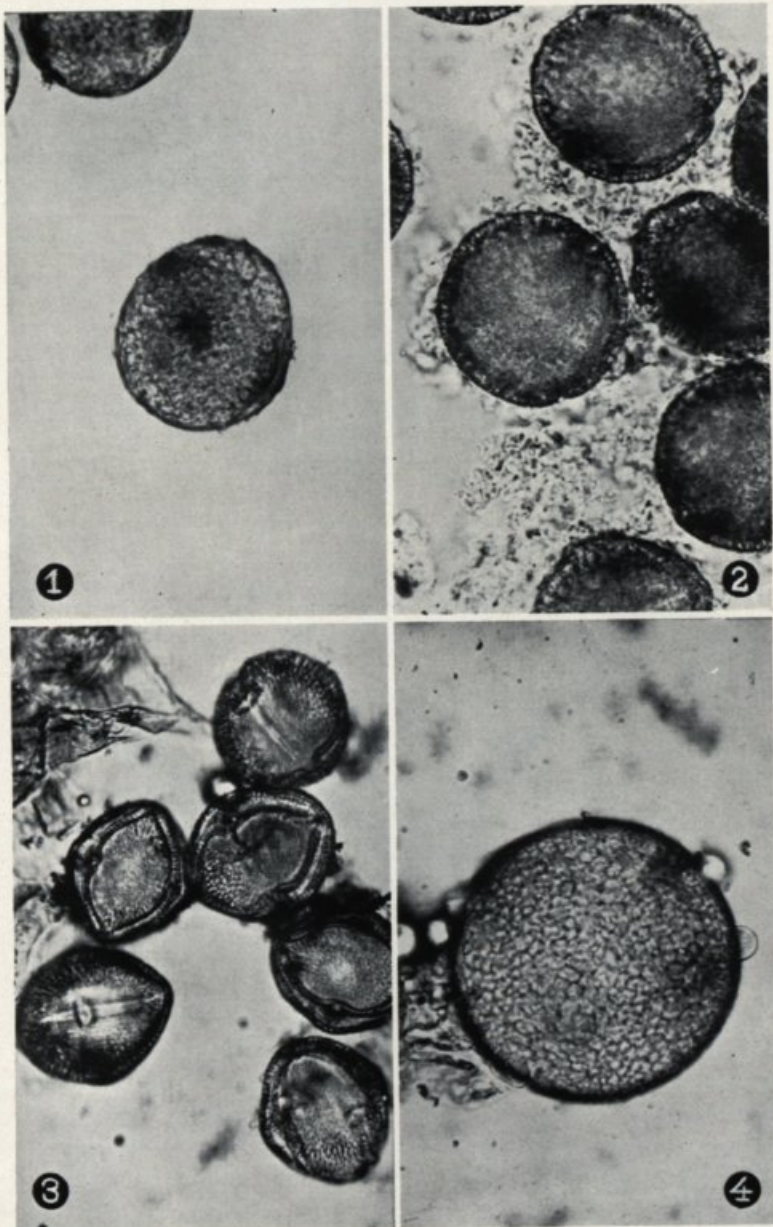
UNIVERSIDAD DE CHILE
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTANICO

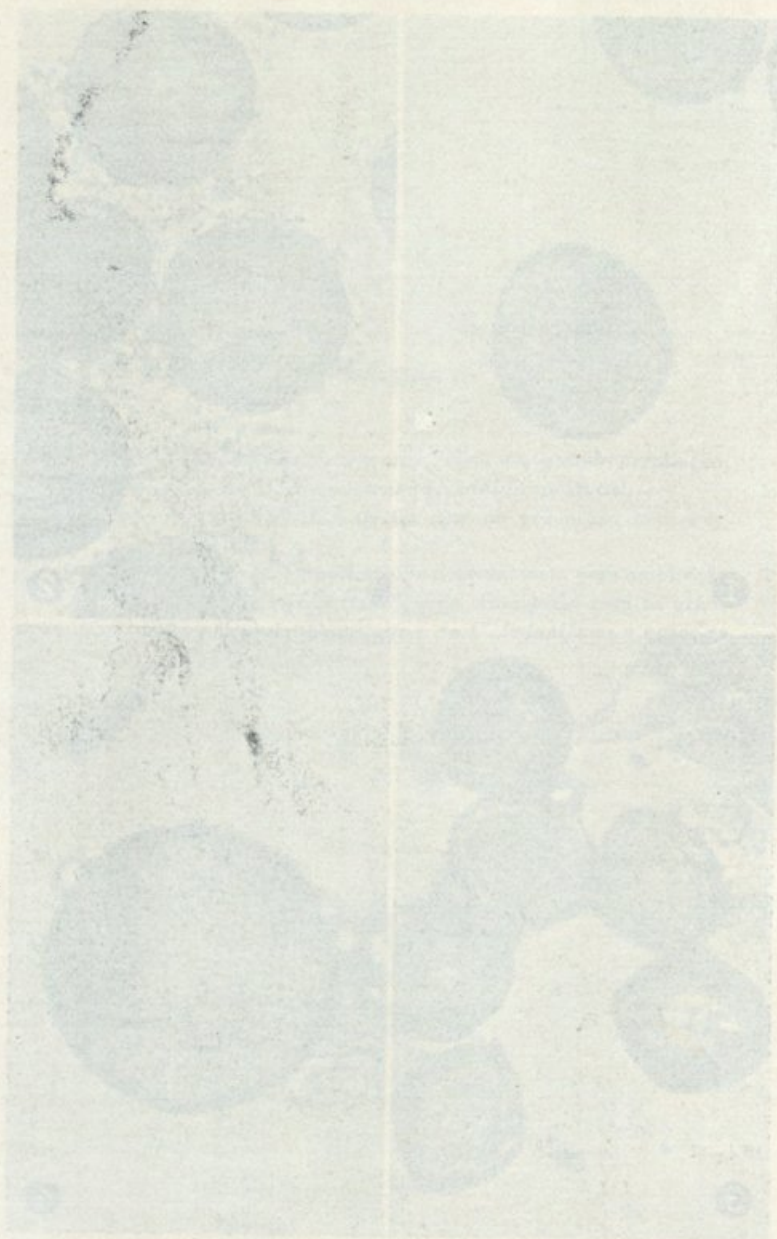


ESTAMPA II

- Fig. 1. — Pólen de *Cistus crispus* L. visto em grande ampliação.
Fig. 2. — *Idem* de *C. ladaniferus* var. *albiflorus* Dunal.
Fig. 3. — *Idem* do híbrido. Notar que os grãos são mal conformados.
Fig. 4. — Grão de pólen perfeito do híbrido, visto com ampliação idêntica à das outras figuras. Comparar com os grãos de pólen de *C. crispus* e de *C. ladaniferus* e notar as grandes dimensões.









HERBARIUM
OF THE
MUSEUM OF
NATURAL HISTORY
OF THE
CITY OF
PARIS

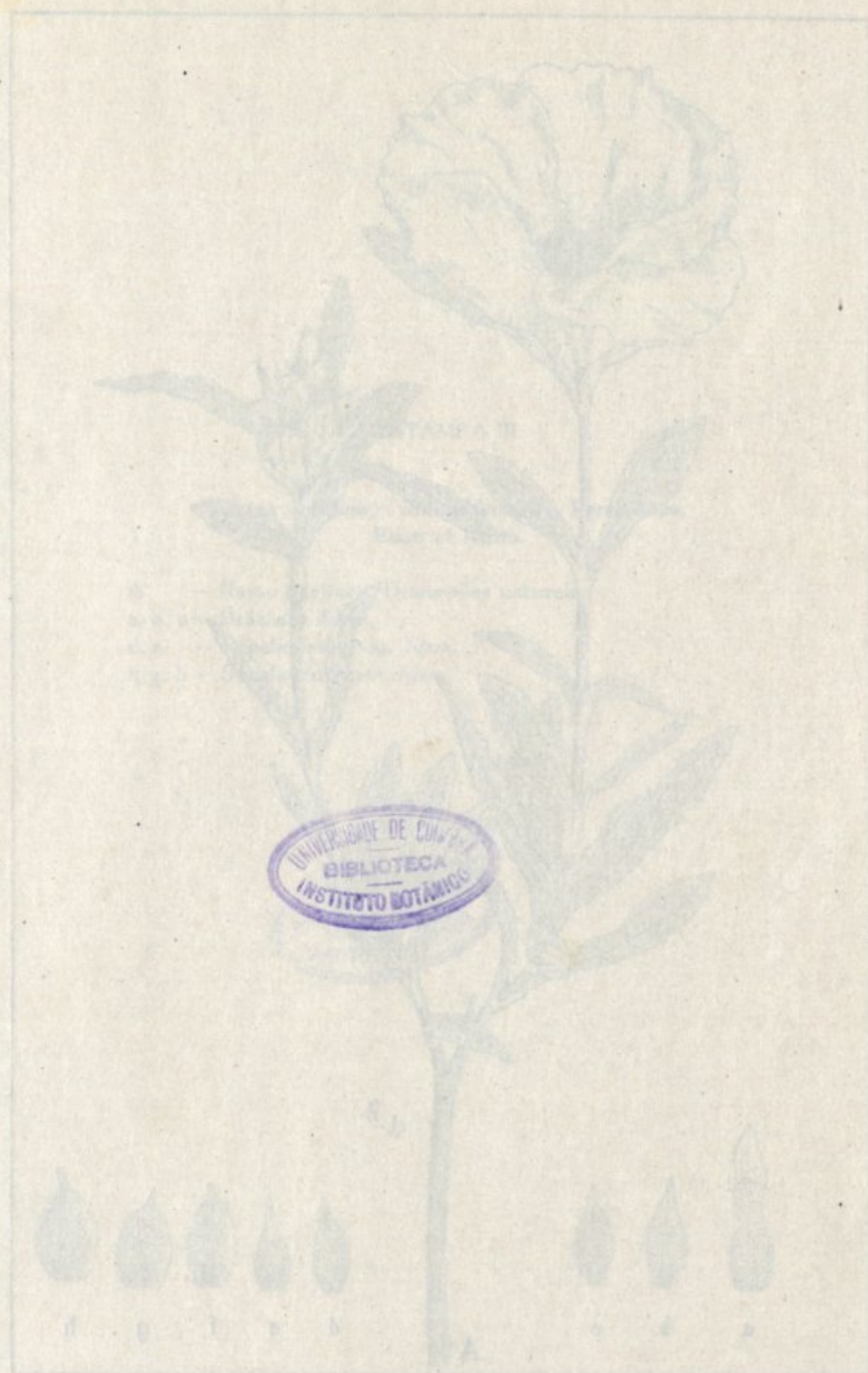
ESTAMPA III

Cistus crispus $\times$ *ladaniferus* R. Fernandes,
Beau et Kaim

- A — Ramo florífero. Dimensões naturais.
a, b, c — Brácteas. *Idem.*
d, e — Sépalas externas. *Idem.*
f, g, h — Sépalas internas. *Idem.*







UM PARECER DE BROTERO SOBRE A REFORMA DA FACULDADE DE FILOSOFIA

PUBLICADO POR

ABÍLIO FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

DURANTE o calamitoso período das invasões francesas, a Universidade de Coimbra, animada do mais puro patriotismo, não hesitou em pôr os seus recursos financeiros e a própria vida dos seus filhos ao serviço da sagrada causa da libertação da Pátria. Organizou-se o corpo académico, que muito se distinguiu na luta contra o invasor, e o Laboratório Químico foi transformado em verdadeiro arsenal, graças à competência do lente de Química, THOMÉ RODRIGUES SOBRAL, e ao entusiasmo do Vice-Reitor, MANUEL PAES DE ARAGÃO TRIGOSO. Os encargos resultantes destas actividades foram custeados pelo cofre da Fazenda da Universidade.

Entretanto, o Governo, cujos recursos eram muito limitados, convidou a Junta da Fazenda a emprestar ao erário a maior quantia de que pudesse dispor. Esse empréstimo, porém, converteu-se na realidade em pesada contribuição extraordinária de defesa, que o cofre tinha por vezes dificuldade em satisfazer ⁽¹⁾.

Antes da entrada das tropas de MASSENA em Coimbra, o bem avisado governo da Universidade fez evacuar para Lisboa o cofre da Fazenda, bem como outras preciosidades. Os soldados não encontraram esses ricos bens para pilhar, mas, na ânsia de descobrirem objectos valiosos, ocasionaram

(1) J. SILVESTRE RIBEIRO — Historia dos estabelecimento scientificos, litterarios e artisticos de Portugal, t. V, 1876, p. 114.



vários danos na Capela, na Secretaria, na Imprensa e no Observatório Astronómico.

Expulso o invasor, o cofre regressou a Coimbra. Foi, porém, necessário reparar os prejuízos causados nas dependências universitárias; pagar os vencimentos em atraso aos professores em exercício; socorrer os doentes que em número muito elevado acorriam ao hospital de Coimbra; etc.

Se atendermos a estas despesas extraordinárias que a Junta da Fazenda foi obrigada a fazer e a que, durante o atribulado período das invasões, as rendas da Universidade não puderam ser cobradas com regularidade, compreende-se que as quantias acumuladas tenham sofrido uma diminuição considerável.

Regressando ao governo da Universidade em 23 de Dezembro de 1813, o Reformador-Reitor, D. FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO, resolveu, decorrido algum tempo, prosseguir as obras do Jardim Botânico, estabelecimento que sempre lhe mereceu o mais acrisolado carinho. As despesas resultantes da ampliação das escolas sistemáticas, da construção dos socalcos que olham a nascente e da aquisição e colocação das formosas grades que marginam a actual alameda JÚLIO HENRIQUES, executadas com ferro vindo expressamente da Suécia, foram de tal modo elevadas, que o cofre da Universidade ficou exausto. O estado das finanças tornou-se tão precário que D. FRANCISCO DE LEMOS se viu obrigado, em 1818, a deixar em atraso o pagamento do ordenado dos lentes. Este facto deu ensejo a que, com justificada razão, se levantassem fortes clamores contra o Reitor, porquanto os recursos de alguns professores se limitavam unicamente aos seus vencimentos. Em várias publicações clandestinas, entre as quais se destacaram as intituladas *Lanterna Magica* e *Trombeta*, D. FRANCISCO DE LEMOS era apodado de déspota e nelas se criticava ásperamente a administração da Fazenda da Universidade (¹).

(¹) Para um conhecimento pormenorizado desta campanha contra D. FRANCISCO DE LEMOS e suas consequências, veja-se:

MARTINS DE CARVALHO — *Ephemerides Conimbricenses. O Conimbricense*, n.ºs 2528 e 2529.

A. BERNARDO SERRA DE MIRABEAU — *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina, etc.* Coimbra, 1872.

J. SILVESTRE RIBEIRO, *op. cit.*, p. 153 e seg.

THEOPHILO BRAGA — *Historia da Universidade de Coimbra*, t. IV, 1902, p. 325.

Dado o interesse que o Prelado sempre consagrou aos problemas universitários, é provável que tenha tentado equilibrar o orçamento. O certo, porém, é que, nos princípios de 1821, o pagamento do ordenado dos lentes e dos outros funcionários se encontrava ainda em atraso. As precárias condições económicas em que se encontrava levaram o Dr. ANTONIO JOSEPH DE ARAUJO SANTA BARBARA, primeiro lente da Faculdade de Matemática, a enviar uma exposição às Cortes Constituintes, queixando-se de que nem ele, nem os seus colegas e demais funcionários da Universidade, recebiam ordenados há quase um ano ⁽¹⁾. A exposição do Dr. SANTA BARBARA originou nas Cortes uma polémica vivíssima, no decurso da qual se destacou o deputado BORGES CARNEIRO, que criticou acerbamente a administração de D. FRANCISCO DE LEMOS e pediu a sua substituição no cargo de Reitor ⁽²⁾. BROTERO, que era também deputado, não perdeu o ensejo para pedir igualmente a demissão do Prelado, personalidade por quem, como veremos, não tinha simpatia, dizendo «que era incompatível a execução das funções do Reitor da Universidade com as do Bispo; que elle já tinha mostrado sua incompatibilidade a Sua Magestade; porque tinha observado que, quando se trata dos interesses da Universidade em colisão com os do Episcopado, sempre se sacrificam os interesses da Universidade; por isso que fosse removido o Reitor e que ficasse com o seu Episcopado» ⁽³⁾.

Foi sem dúvida esta polémica que suscitou o aviso de 8 de Março de 1821, em que o Governo mandou suspender todas as despesas extraordinárias da Universidade, enquanto não estivessem pagos os ordenados dos lentes e dos outros funcionários ⁽⁴⁾.

Nas Cortes continuava a discussão sobre o estado da Universidade, e o Governo resolveu tomar providências para obstar à total ruína da Fazenda. O primeiro passo nesse sentido foi a nomeação, por portaria de 11 de Abril de 1821, de uma comissão, constituída por FELIX DOS SANTOS CARVALHO, nas funções de contador, e JOAQUIM JANUARIO DE SALDANHA MACHADO, nas de

(1) Veja-se THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 334.

(2) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 337 e seg.

(3) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 338.

(4) J. SILVESTRE RIBEIRO, *op. cit.*, p. 162.

THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 334.

escrivão, encarregada de analisar as causas que tinham ocasionado a ruína da Fazenda e de organizar um balanço das suas receitas e despesas ordinárias ⁽¹⁾.

Se bem que se fizessem ouvir ainda algumas vozes em sua defesa, D. FRANCISCO DE LEMOS continuava a ser violentamente alvejado na Assembleia Nacional. O Governo resolveu então nomear o monge beneditino e opositor na Faculdade de Teologia, D. FREI FRANCISCO DE S. LUIZ, Bispo Coadjutor do Bispado de Coimbra e sucessor de D. FRANCISCO DE LEMOS no cargo de Reformador-Reitor da Universidade ⁽²⁾. A participação deste facto a D. FRANCISCO DE LEMOS era indicação clara de que o Governo não desejava que ele continuasse à frente dos destinos da Universidade. Assim o compreendeu o venerando Prelado, que imediatamente pediu a demissão, pretextando a sua avançada idade ⁽³⁾.

Concedida a demissão a D. FRANCISCO DE LEMOS, foi, como já tinha ficado estabelecido, nomeado Reformador-Reitor D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ, por carta régia de 27 de Agosto de 1821. O novo Prelado esforçou-se por restabelecer a disciplina entre os estudantes e procurou insuflar vida nova na Universidade, reformando os métodos de ensino e os compêndios por onde se deveria estudar. Para isso solicitou os pareceres dos conselhos das Faculdades ⁽⁴⁾.

O aviso de 8 de Março de 1821 proibia que se fizessem despesas extraordinárias. Por esse facto, tinha ficado por acabar o pórtico do Jardim Botânico, que urgia concluir, a fim de se evitar a sua ruína. O Prelado representou ao Governo nesse sentido e obteve a necessária autorização para completar a obra. Entretanto, o estado da Fazenda não melhorava e tendo-se levantado, como relata THEOPHILO BRAGA ⁽⁵⁾, a questão da reforma dos forais, de onde provinha uma grande parte dos rendimentos da Universidade, tornou-se necessário que a comissão encarregada do exame do estado da Fazenda, nomeada por portaria de 11 de Abril de 1821, continuasse os seus trabalhos, particularmente no que respeita ao estudo dos referidos forais.

(1) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 334-335.

(2) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 341.

(3) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 341-343.

(4) THEOPHILO BRAGA, *op. cit.*, p. 345-346.

(5) *Op. cit.*, p. 347-348.

Como relata SILVESTRE RIBEIRO ⁽¹⁾, o orçamento da receita e despesa da Universidade foi submetido às Cortes na sessão de 27 de Fevereiro de 1823. Em referência ao ano de 1822, existia um *deficit* de cerca de vinte e seis contos de reis, quantia que era realmente avultada. Falou, em primeiro lugar, o Reformador-Reitor, D. FRANCISCO DE S. LUIZ, que, muito sensatamente, expôs as medidas que, na sua opinião, poderiam levar ao restabelecimento do equilíbrio do orçamento universitário. Terminou por sugerir que se nomeasse uma comissão encarregada de propor as reformas que parecessem convenientes e justas, a fim de se tomarem providências tendentes a melhorar o estado daquele secular estabelecimento.

BORGES CARNEIRO, na sua linguagem viva, atacou fortemente a organização universitária, atribuiu o *deficit* a irregularidades de administração, criticou a maneira como se obtinham certos rendimentos e propôs que se fechassem as Faculdades positivas, que se diminuíssem ou suprimissem certos vencimentos, que se regularizassem as jubilações e que se acabasse com as propinas referentes a certas exéquias, préstitos, festas, etc.

Prosseguindo a discussão na sessão de 1 de Março de 1823, o deputado JOSÉ DE SÁ emitiu o parecer de que a receita da Universidade devia passar para o tesouro e não aprovou o montante de certos vencimentos, nem a distribuição de certas verbas, particularmente a referente à Faculdade de Teologia. A Imprensa da Universidade mereceu-lhe também reparos pouco lisongeiros.

SERPA MACHADO pronunciou um discurso mais sensato e concluiu dizendo que o Governo deve ser encarregado de propor ao Congresso uma reforma sobre a parte administrativa da Universidade, de modo a que a Assembleia consiga «restabelecer e reformar esta bella instituição litteraria, como recomenda a Constituição, e não extinguil-a, e queimal-a com gosto dos idiotas e charlatães».

Procedendo-se à votação, foi resolvido que se nomeasse uma comissão encarregada de propor às Cortes, o mais rapidamente possível, as reformas que se deveriam fazer, tanto no que respeita à receita como à despesa da Universidade, entrando

(1) *Op. cit.*, p. 180 e seg.

imediatamente em vigor as resoluções tomadas que não se opusessem às leis vigentes ⁽¹⁾. Esta comissão, preconizada pelas Cortes, foi criada por decreto de 15 de Março, mas a sua instauração só foi feita mais tarde (ver adiante).

Restaurado o absolutismo, D. FRANCISCO DE S. LUIZ pediu a exoneração do cargo de Reformador-Reitor, a qual lhe foi concedida em 23 de Junho de 1823.

Logo no dia imediato foi publicado o decreto da nomeação do Principal MENDONÇA para o cargo de Reformador-Reitor, tendo sido dado conhecimento do facto à Faculdade de Filosofia na congregação de 27 de Junho: «O Ill.^{mo} Sñr Vice-Reitor apresentou o Avizo, pelo qual Sua Magestade tendo concedido a demissão do Cargo de Reitor da Universidade de Coimbra ao Reverendo Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil, Nomeava p.^a lhe succeder no dito Cargo a Diogo Furtado de Castro do Rio Mendonça, do seu Conselho, Principal Diacono da Sancta Igreja de Lisboa» ⁽²⁾.

Em 30 de Outubro de 1823, D. JOÃO VI ordenou ao Principal MENDONÇA que partisse imediatamente para Coimbra, onde a sua presença se tornava absolutamente necessária. Como era de esperar, uma das medidas que primeiro se impôs à consideração do novo Prelado foi o melhoramento do estado financeiro da Universidade, que continuava extremamente precário. Para isso, logo em 8 de Dezembro, oficiou ao Governo, solicitando a «instauração da *commissão encarregada de examinar e propor as reformas convenientes, assim na receita, como na despesa da Universidade*» ⁽³⁾, que, como vimos, tinha sido criada por decreto de 15 de Março, mediante proposta da Assembleia Nacional.

A resposta foi-lhe dada na carta régia de 19 de Dezembro de 1823 e no aviso da mesma data. A carta régia, transcrita na íntegra por THEOPHILO BRAGA ⁽⁴⁾, refere-se particularmente à

⁽¹⁾ Para um conhecimento mais pormenorizado destas sessões das Cortes, veja-se J. SILVESTRE RIBEIRO, *op. cit.*, p. 180-184.

⁽²⁾ Actas da Faculdade de Filosofia — Arquivo da Universidade de Coimbra, Depósito IV, Secção 1.^a D, Estante 1, Tabela 3, N.º 30, (Antigo) C-XI-5-21.

⁽³⁾ J. SILVESTRE RIBEIRO, *op. cit.*, p. 194.

⁽⁴⁾ *Op. cit.*, p. 354-356.

instauração da comissão encarregada de estudar as reformas tendentes a melhorar o estado da Fazenda, a qual ficou constituída pelos seguintes membros: ANTONIO CAMELLO FORTES DE PINA, AGOSTINHO JOSÉ PINTO DE ALMEIDA, ANTONIO HORTENCIO MENDES CORDEIRO, GUILHERME HENRIQUES DE CARVALHO, MANUEL JOSÉ FERNANDES SICOURO, JOSÉ JOAQUIM DE FARIA e pelo escriturário JOSÉ MARIA PEREIRA. Esta comissão seria presidida pelo Reitor. O aviso autorizava o Prelado a fazer nomear, em cada uma das Faculdades, uma junta, composta por três membros escolhidos pelas respectivas congregações, que ficaria encarregada de estudar se deveriam suprimir-se algumas cadeiras ou substituições, ou criar-se outras em lugar das que se extinguissem, ou ainda reunir-se as que tivessem mais analogias, e se haveria necessidade de introduzir alguma alteração ou reforma nos estabelecimentos anexos às Faculdades.

O Reitor deu conhecimento deste aviso à Faculdade de Filosofia na congregação de 16 de Janeiro de 1824, como se vê pelo conteúdo da acta dessa sessão que a seguir transcrevemos ⁽¹⁾:

«Em 16 de Janeiro de 1824 pelas 4 horas da tarde se congregou a Faculdade de Fisolofia. Presidio o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr Principal Mendoça Reformador, Reytor desta Universidade; e assistirão os D. D. Francisco Antonio Ribeiro de Paiva, Manuel José Barjona, Paulino de Nola Oliveira e Souza, Joaquim Franco da Silva, Caetano Roiz de Macedo, João Pedro Correa, e eu abaixo assinado, q̃. servi de Secretario.

1.

Apresentarão-se as faltas dos estudantes da Faculdade do mez de Dezembro de 1823, e forão lançadas no Livro competente.

2.

Foi nomeado Secretario da Congregação o D.^{or} Oppositor Domingos dos Reis Teixeira do Paço da Costa Machado. Em

(¹) Actas da Faculdade de Filosofia — Arquivo da Universidade de Coimbra, Depósito IV, Secção 1.^a D, Estante 1, Tabela 3, N.^o 30, (Antigo) C-XI-5-21.

quanto a Fiscal, determinou-se, q̃. sendo necessario se nomearia provisoriamente; e q̃. este objecto haja de ser tomado em consideração pela Junta, q̃. se ha de nomear para a reforma da Faculdade; para propor a Sua Magestade, o q̃. julgar conveniente.

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr Presidente apresentou, e mandou ler um Aviso de Sua Magestade, cujo theor he o seguinte.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sñr. Tendo levado á Presença de Sua Magestade o officio de V. Ex.^a datado de 8,, do corrente mez, sobre a instauração da Commissão encarregada de examinar, e propor as reformas convenientes assim na receita, como despesa da Universidade: Foi o mesmo Senhor Servido conformando-se inteiramente com o parecer de V. Ex.^a, Determinar, o q̃. consta da Carta Regia datada de hoje, dirigida a V. Ex.^a: E alem disto, achando digno de attenção o mais que V. Ex.^a propoz no referido Officio. Ha por bem authorizar a V. Ex.^a para que, fazendo nomear em cada uma das Faculdades Academicas huma Junta composta de trez Membros d'ellas escolhidos pelas respectivas Congregações, confira com estas diversas Juntas, se se deverão supprimir inteiramente algumas Cadeiras, ou Substituições, ou crear outras em lugar d'ellas, ou unir as que tem maior analogia; e se deve haver alguma alteração ou reforma nos Estabelecimentos annexos ás Faculdades: para que, á vista do que se assentar nas mesmas Juntas, e do que for representado pelos outros Membros das ditas Faculdades, que ou espontaneamente quizerem fazer este Serviço, ou por V. Ex.^a forem ouvidos, e consultados; possa V. Ex.^a propor a Sua Magestade o que for a bem do Ensino Publico da Universidade.

Manda porem o Mesmo Senhor declarar a V. Ex.^a que, aindaque estas diversas alterações e reformas devão ser accomodadas ao estado da Fazenda da Universidade, e talvez concorrer para a diminuição da sua despesa: não he comtudo da Sua Real Intenção, que esta diminuição se considere, senão de hum modo secundario, e só digno de ser tomado em consideração, huma vez que destas reformas senão siga notavel prejuizo no ensino das Sciencias, que Sua Magestade muito dezeja manter, e promover em utilidade de seos vassalos. ————— Deos guarde a V. E.^a Palacio da Bemposta em 19,, de Dezembro de 1823.

____ Joaquim Pedro Gomes de Oliveira. ____
Sñr. Principal Mendoça, Reformador, Reytor da Universidade
de Coimbra. ____ Cumpra-se e registre-se. Registe-se. Reaes
Paços das Escolas em 2,, de Janeiro de 1824. ____ Principal
Mendoça Reformador, Reytor.

4.

Depois de lido o referido Aviso, determinou o Ill.^{mo} e
Ex.^{mo} Sñr. Presidente, que em a primeira Congregação se exe-
cutaria na parte, q̃. pertencia á Faculdade; para o que deverião
os membros da Congregação vir prevenidos.

Eu o D.^{or} José Joaquim Barboza, que sirvo de Secretario
o escrevi.

D. Principal Mendoça Ref.^{or} R.^{or}

Francisco Antonio Rib.^o de Paiva

Manuel Jose Barjona

Paulino de Nola Oliv.^{ra} e S.^{za}

Joaquim Franco da Silva

Caetano Roiz de Macedo

João Pedro Corr.^a de Campos

José Joaquim Barboza »

O aviso contém duas disposições dignas de ser postas em
relevo. A primeira diz respeito ao direito concedido a qualquer
membro das Faculdades, que não fizesse parte das Juntas, de
poder espontâneamente expor o seu parecer ao Reitor e de
este poder consultar também qualquer desses membros. A se-
gunda é já assinalada por SILVESTRE RIBEIRO ⁽¹⁾, que se refere a
ela nos seguintes termos: «Uma declaração continha o aviso,
que faz bastante honra ao governo d'aquelle tempo, e vinha a
ser, que embora as diversas alterações e reformas devessem
ser accomodadas ao estado da fazenda da Universidade, e
talvez concorrer para a diminuição da sua despeza, era com-
tudo da intenção do soberano que essa diminuição fosse consi-
derada como ponto secundario, para sómente ser tomada em
linha de conta quando de taes reformas não resultasse notavel
prejuizo para o ensino das sciencias, as quaes S. M. muito dese-
java manter e promover ».

⁽¹⁾ *Op. cit.*, p. 194.

Em congregação de 14 de Fevereiro de 1824, procedeu-se na Faculdade de Filosofia à eleição da comissão, como mostra a seguinte passagem da respectiva acta: «Procedendose a elleição por votos em escrutinio secreto dos membros da junta, que hade propor a Sua Magestade as reformas necessarias na Faculdade de Filosofia, sahirão elleitos o Doutor Francisco Antonio Ribeiro de Paiva, o Doutor Thome Rodrigues Sobral, e o Doutor Manoel Joze Barjona».

BROTERO, que contava nessa data a provecta idade de 80 anos, estava jubilado desde 1811 e desempenhava as funções de Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. Dado o facto de o exímio botânico se encontrar afastado da Universidade há muito tempo e a circunstância de não dever ser olhado com simpatia pelo regímen absolutista restaurado, visto ter sido eleito deputado às Cortes de 1820, é provável que o Principal MENDONÇA lhe não tenha solicitado o seu parecer sobre a reforma que se projectava. É crível, porém, que BROTERO, professor consciencioso que muito se interessava pelos progressos do ensino, pela especialização do qual sempre lutou, tenha resolvido, espontâneamente, enviar o seu parecer ao Reitor, uma vez que o texto do aviso lhe concedia esse direito. Esse parecer de BROTERO, que se encontra no Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, ao qual foi oferecido pelo Ex.^{mo} Sr. Eng. ANTÓNIO LUÍS DE SENA RIBEIRO, é do teor seguinte:

Parecer

Do Lente Felix de Avellar Brotero

Sobre as Reformas respectivas

á sua Faculdade

A Faculdade Philosophica como taõbem a de Mathematica foraõ accrécimadas, conforme he bem notorio, ás quatro antigas da Universid.^e de Coimbra pelo Augusto Sñr Rei D. Jose I. de gloriosa memoria com grandes applausos e elogios de m.^{tos} Sabios por ter Elle com tanto acerto promovido o ensino das Sciencias em utilidade dos Seus vassalos, e mesmo dado exemplo aos outros Soberanos de assim o practicarem nas Uni-

versid.^{es} dos Seus Estados, nas quaes todas então so haviaõ tres ou quatro Faculdades de Sciencias: Elle ampliou m.^{to} as rendas da Universid.^e principalm.^{te} em razão das grandes e indispensaveis despesas q̃ era preciso fazer com os empregados no ensino das doutrinas das duas novas Faculdades e com os seus respectivos Estabelecim.^{tos}: Elle reformou as antigas quatro Faculdades, deu novas Leis a todas, e tudo pareceo então persuadir-Lhe huma immutavel subsistencia das disposições daquella grande empreza; porem a experiencia com o tempo desmentio esta persuasão, e pouco a pouco foi mostrando que era necessario ir fazendo algumas pequenas Reformas na grande Reforma. Com effeito fizeraõ-se nella ja algumas, e presentem.^{te} julga-se que muitas são ainda necessarias, e em todas as Faculdades, por differentes motivos, para cujo fim se acha estabelecida huma Commissão. Portanto como na Faculdade de Philosophia parecem ser precisas algumas alterações e emendas para melhor, penso ser do meu dever, como hum dos seus respectivos membros, participar o meu parecer a respeito dellas.

Na epoca da fundação da Faculdade de Philosophia na Universid.^e, as Sciencias Philosophicas, q̃ nella então se estabelecerão, a Physica, Chimica, e os tres ramos scientificos de Historia Natural, Zoologia, Botanica e Mineralogia, não abrangeão hum tão vasto ambito de conhecimentos como hoje; depois desse tempo tem havido em todas numerosos descobrimentos, todas depois tem feito progressos extensissimos, e são presentem.^{te} em toda a Europa m.^{to} cultivadas em razão da sua grande utilid.^e na Medicina, Agricultura, Commercio e Artes. Na fundação mencionada foi instituida huma so Cadeira para o ensino dos tres ramos scientificos de Historia Natural; mas o interesse e amenidade destas Sciencias da Natureza tendo attrahido depois dentro de poucos annos hum grande numero de estudiosos por toda a Europa, ellas foraõ por elles de tal sorte ampliadas e aperfeiçoadas, que huma so Cadeira p.^a o seu ensino ficou sendo muito inadequada. Com effeito toda a Botanica então era ensinada na Universidade dentro de hum mez com pouca differença, e os estudantes destinados a seguir a Faculdade de Medicina, para os quaes principalm.^{te} a Cadeira de Historia Natural tinha sido instituida, ficavaõ quasi intei-

ram.^{te} inertes em Botanica, e tão ignorantes no conhecim.^{to} practico dos vegetaes, como dantes eraõ. Donde resultou, q̃ a Augusta Snr.^a Rainha D. Maria I. annuindo ás sabias representações, que entãõ Lhe fez o judicioso e m.^{to} benemerito Reformador Reitor da Universid.^e o Ex.^{mo} Principal D. Francisco Raphael de Castro, julgou acertado determinar, que se erigisse hum nova Cadeira, na qual se ensinasse a Botanica juntam.^{te} com a Agricultura Philosophica e pura, que com ella tinha grande analogia, e ficasse o ensino da Zoologia e Mineralogia continuando na antiga Cadeira, o que com effeito se executou.

Depois da demissão dada pelo Ex.^{mo} Principal Castro, tornou a ser Reformador Reitor da Universidade o Ex.^{mo} Bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, o qual levado da preocupação, que o dominava, por todas as instituições da Reforma Josephina, como taõbem da ufanía de saber fazer melhores innovações do que o Ex.^{mo} Prelado Castro, seu Predecessor, representou ao Governo, que a Botanica devia tornar a ser incorporada com a Zoologia e Mineralogia na Cadeira de Historia Natural, e que a nova Cadeira, que se tinha estabelecido, devia so ser destinada ao ensino da Agricultura, e que alem desta se devia ainda instituir outra para o ensino de Metallurgia. O Governo annuo a esta Representação quanto ao q̃ respeitava á nova instituição da Cadeira de Metallurgia; mas quanto ao outro projecto determinou q̃ elle ficasse p.^a se cumprir p.^a o futuro, e que entretanto o quarto Lente da Faculd.^e continuasse no exercicio, em que estava, da Leitura simultanea da Botanica e Agricultura, por assim ser conveniente em beneficio da instrucção publica. Estas resoluções foraõ executadas, e tem subsistido, continuando a haver na Faculdade athe agora hum Cadeira destinada ao ensino de Metallurgia, e outra ao da Botanica e Agricultura. Mas deveraõ ellas continuar a subsistir do mesmo modo daqui em diante? Sera necessario haver alguma alteração a seu respeito? Eis aqui sobre o q̃ passo a entrepor o meu parecer.

Nas diversas alterações e Reformas, q̃ actualmente se houverem de fazer, acha-se determinado, como he de toda a prudencia, conciliar o presente estado da Fazenda da Universid.^e com o bem do ensino publico das Sciencias de tal maneira, q̃ o dito ensino naõ seja notavelm.^{te} sacrificado á Economia.

Debaixo desta circumspecta conciliação pode m.^{to} bem ter logar o reunir em huma so Cadeira o ensino de duas Sciencias, q̃ são m.^{to} analogas, e esta reuniaõ por analogia será m.^{to} conveniente, quando alguma dellas tiver antes sido ensinada simultaneam.^{te} com outra, com a qual não tivesse analogia; comtudo na mencionada reuniaõ, que parece ser motivada por economia da Fazenda, sera preciso que o Lente respectivo não prejudique o ensino, ommittindo ou ainda abbreviando demasiadam.^{te} as essenciaes e sufficientes noções das Sciencias reunidas. Foi assim que a Botanica mereceo ser desunida da Zoologia e Mineralogia, com as quaes não tinha analogia, e foi reunida á Agricultura, que lhe he m.^{to} análoga: com effeito, a Agricultura, cujo principal objecto he a cultura dos vegetaes, tem com a Botanica, q̃ tracta do conhecim.^{to} delles e da sua habitação, huma grande e maior analogia do que com qualquer outra das Sciencias da Faculdade; a Botanica he uma Sciencia m.^{to} diversa de todas ellas, hoje he vastissima, e ja o era quando foi separada da Zoologia e Mineralogia; destas foi desunido o seu ensino essencial, por ser este excessivam.^{te} ommittido e muito limitado, quando reunido com o das duas ditas Sciencias. Mas como o desempenho deste essencial ensino he bem compativel com o essencial da Agricultura Philosophica, foi porisso m.^{to} acertado reunir estas duas Sciencias, e tanto mais porq̃ nesta reuniaõ se attendeo entaõ taõbem muito á economia das despezas; se pois taõbem por economia da Fazenda a Botanica e Agricultura foraõ entaõ reunidas em huma so Cadeira, com muita maior razãõ hoje, por serem maiores os motivos economicos, ellas devem continuar a persistir reunidas do mesmo modo, q̃ dantes existiaõ.

Quanto á Metallurgia, não me parece que o seu ensino deva continuar a subsistir da mesma maneira, em q̃ se acha estabelecido na Faculdade. A experiência tem athe agora mostrado q̃ a sua respectiva Cadeira he superflua na Faculd.^e; o seu ensino não tem athe agora produzido hum unico Metallurgista, nem mesmo hum so alumno, que não seja superficial na theoria, e inteiram.^{te} inerte na practica. He bastante que na Cadeira de Chimica se hajaõ de ler aquellas ideas de Metallurgia geraes e concisas, que m.^{tos} Chemicos costumãõ mencionar nas suas lições, como vi practicar por m.^{tos} de taes professores em França;

porq̃ particularizar os trabalhos de minas e tudo o mais q̃ he respectivo á Sciencia Metallurgica ordinariam.^{te} costuma so ser effeituado por hum habil professor Metallurgico, q̃ nos não temos, e demais disso cuja Aula seja estabelecida na Casa da Moeda; como porem na de Lisboa se acha ja huma estabelecida e destinada principalm.^{te} p.^a esse fim, tanto por este como pelos outros precedentes motivos, sou de parecer que a Cadeira de Metallurgia deve ser supprimida na Faculdade.

A Mineralogia tem por objecto o conhecim.^{to} de toda a sorte de Mineraes pelos seus caractéres externos e mesmo chimicos; os Metaes e Semimetaes, por serem Mineraes constituem hum parte classica do Systema da Sciencia Mineralogica; esta hoje he vastissima, inteiram.^{te} diversa da Zoologia, e m.^{to} analogá á Metallurgia: por conseguinte o seu ensino merece ser reunido com o da Metallurgia em huma so Cadeira, assim como, e pelos mesmos motivos, a Botanica e a Agricultura Philosophica foraõ reunidas. A Zoologia, q̃ tracta do conhecimento dos animaes, e q̃ não tem analogia com Sciencia alguma da Faculd.^e, he a q̃ me parece dever ficar separada, e ensinar-se em uma so privativa Cadeira; nem isto deve excitar alguma admiração estranha, porq̃ esta Sciencia he hoje tão extensa, q̃ em França o seu ensino se acha dividido em m.^{tas} Cadeiras.

Para as Substituições das Cadeiras da Faculdade tem havido som.^{te} dois Lentes athe agora, e se isto foi por economia, como conjecturo, no presente estado da Fazenda da Univ.^{rsid.}, em q̃ a economia he de grande necessid.^e, parece q̃ se não deve augmentar mais o numero das Substituições; contudo p.^a bem do ensino não deixaria de ser m.^{to} util haverem na Faculd.^e trez Lentes Substitutos, hum p.^a a Cadeira de Physica, outro p.^a a de Chimica, e outro p.^a as Cadeiras de Historia Natural.

Pelo q̃ respeita aos Estabelecim.^{tos} annexos á Faculdade Philosophica, a sua boa manutenção he indispensavel, e não me parece q̃ nelles se deva fazer alteração alguma senão p.^a os melhorar. Todas as Sciencias da Faculd.^e exigem m.^{ta} practica, e esta depende de tal maneira dos seus respectivos Estabelecim.^{tos}, que sem elles quasi todo o ensino ficaria puram.^{te} theoretico, incompleto, e destituido das Luzes que lhe são de absoluta necessid.^e. No serviço de taes Estabelecim.^{tos} devem

haver officiaes habeis, e os inhabeis, se actualm.^{te} os houverem, como he o Jardineiro será (*sic*), devem ser expulsos. Os ditos Estabelecim.^{tos} devem ser conservados e mellhorados segundo as representaçoẽs de cada hum dos seus respectivos Lentes proprietarios; mas sem superfluidade, sem luxo, e de maneira, q̃ quanto nelles se fizer de novo seja compativel com a economia e com o sufficiente decoro da Universid.^e. No tempo, em q̃ servi a minha Cadeira, sendo entã Reformador Reitor da Universid.^e o Ex.^{mo} Principal Castro, tudo assim adequadam.^{te} se practicava com as despesas feitas com o Jardim Botânico; mas infelizm.^{te} depois da demissão dada por este judicioso Prelado, o serviço deste mencionado Estabelecim.^{to} foi inadvertidam.^{te} commettido a homens inertes e negligentes, e as suas obras e despesas foraõ feitas com m.^{to} luxo e superfluam.^{te}, ommittidas as mais necessarias, como eraõ as da continuação das Estufas, as da Aula p.^a as liçoẽs de Botanica, e de Materia Medica, e as da conservação e augmento das plantas do Jardim, omissoes, que julgo ser necessario remediar, aindaq̃ seja pouco a pouco, a favor do ensino publico, conforme o permittir o estado da Fazenda.

A Bibliotheca da Universid.^e he hum Estabelecim.^{to} respectivo a todas as Faculdades, e pelo que respeita á de Philosophia ella he m.^{to} pobre nos livros q̃ lhe são necessarios segundo o estado actual das Sciencias Philosophicas. Nas Bibliothecas das Universidades dos Estados de alguns pequenos Soberanos de Allemanha nada falta ao dito respeito, como m.^{tas} vezes observei; mas na da nossa Universid.^e he tal a deficiencia de livros das Sciencias Philosophicas, que lhe faltaõ os mais classicos e os mais interessantes autores das ditas Sciencias, tanto antigos como modernos, tendo succedido m.^{tas} vezes [com sentim.^{to} o digo] que alguns Sabios estrangeiros indo comigo a nossa Bibliotheca com o designio de tirar algumas duvidas sobre objectos de Historia Natural, nella naõ puderaõ achar nem hum so livro dos que procuravaõ para o dito fim. Esta falta de livros tanto na minha Faculd.^e como nas outras de Sciencia naturaes he digna de toda attençaõ, e merece de ser providenciada á proporçaõ dos meios, q̃ o estado actual da Fazenda da Universid.^e o permittir.

Aqui com isto terminarei as reflexões, que me occorreraõ a

participar sobre as alterações, de que me parece ser susceptível a minha Faculd.º

Alcolena de Belem

a — de Fevr.º

de 1824

Felix de Avellar Brotero

Como se vê, BROTERO começa por fazer os maiores encômios à grande reforma de 1772, que constituiu, na verdade, um passo extremamente notável no nosso ensino superior. As disposições contidas nessa reforma não poderão, no entanto, continua o insigne naturalista, considerar-se imutáveis, pois a experiência mostrou que, graças ao rápido desenvolvimento das Ciências, novas condições vão surgindo às quais é necessário ir adaptando o regime de estudos. Para isso, tinham já sido feitas algumas pequenas reformas na grande reforma e outras se impunham, para o estudo das quais tinha sido estabelecida uma comissão. Como membro da Faculdade de Filosofia, julga ser seu dever transmitir o que pensa sobre o assunto, no sentido de contribuir para o melhoramento do estado da sua Faculdade.

Em seguida, enumera as disciplinas que formavam o quadro da Faculdade de Filosofia no seu início e faz a história da cadeira de História Natural, mencionando os motivos que levaram o Governo de D. MARIA I a separar dela a Botânica e Agricultura, que passaram a constituir uma cadeira autónoma. Como se sabe, BROTERO foi encarregado da regência dessa cadeira, a qual foi criada principalmente a instâncias do Principal CASTRO. Compreende-se, assim, que o nosso naturalista tenha palavras de verdadeiro carinho para com aquele Prelado.

Refere-se depois às tentativas feitas por D. FRANCISCO DE LEMOS no sentido de voltar a reunir a Botânica à Mineralogia e à Zoologia, na cadeira de História Natural, ao mesmo tempo que solicitava a criação de uma cadeira de Agricultura e outra de Metalurgia. O Governo atendeu a representação do Bispo-Conde no que respeita à criação da cadeira de Metalurgia, mas, relativamente à Botânica e Agricultura, resolveu que a proposta do Reitor ficasse para ser aplicada mais tarde.

BROTERO efectuou os seus estudos de História Natural em França, onde foi discípulo dos grandes mestres que foram

BUFFON, LAMARCK, JUSSIEU, AUBENTON, BUISSON, VALMONT DE BOMARE, etc. ⁽¹⁾. Com estes professores e nas suas viagens através da Europa, reconheceu BROTERO que a História Natural era já nesse tempo um campo vastíssimo que a mente de um só homem não poderia abarcar. Reconheceu, também, que os progressos em qualquer ramo não eram possíveis sem especialização. Verificou ainda que os professores no estrangeiro não eram somente transmissores de ciência feita, mas que eram altos espíritos, cultos e sabedores, que, além de ensinarem o que os seus predecessores tinham conseguido descobrir, se empenhavam tenazmente eles próprios em criar ciência. BROTERO foi, assim, levado à convicção de que o verdadeiro professor não é aquele que conhece o conteúdo de muitos livros, mas sim o que leu e meditou esses livros e procura avidamente a solução das inúmeras incógnitas da ciência que cultiva.

Quando BROTERO chegou a Coimbra, imperava na Universidade o tipo do professor enciclopédico que os Estatutos Pombalinos exigiam. O professor que tanto teria de ensinar Química como Mineralogia, Zoologia ou Botânica. O professor que teria necessariamente de ser superficial, incapaz de criar ciência, dada a sua falta de especialização e a impossibilidade de conseguir tempo para a obter. A separação da Botânica e Agricultura da cadeira de História Natural representava o primeiro passo no caminho da especialização, que era tão cara a BROTERO. Por isso, a representação de D. FRANCISCO DE LEMOS, em que pedia ao Governo que a Botânica fosse reunida de novo à História Natural, desgostou profundamente o eminente naturalista, que considerava a especialização absolutamente indispensável ao progresso da ciência portuguesa. Compreendendo-se, assim, que BROTERO nunca tenha perdoado a D. FRANCISCO DE LEMOS a solicitação de tal medida. Este facto e as desinteligências que surgiram entre BROTERO e o Bispo-Conde no que respeita às obras do Jardim Botânico explicam sobejamente as palavras pouco amáveis com que o autor da *Flora Lusitânica* se refere ao Prelado no seu parecer, bem como outras

⁽¹⁾ Veja-se A. FERNANDES — Felix de Avellar Brotero e a sua obra. *Bol. Soc. Broteriana*, vol. 19 (2.^a série), 1944, p. LIII-LXXIV.

alusões desagradáveis que lhe fazia todas as vezes que se lhe deparava ensejo.

BROTERO desejava ser o professor que sonhara, isto é, o professor que ministra conhecimentos adquiridos, que cria ciência e forma discípulos por quem aspira a ser superado. Esta atitude de BROTERO era verdadeiramente revolucionária para o meio universitário de Coimbra e não poderia ser vista com bons olhos pelos seus colegas, pelo facto de vir perturbar a rotina habitualmente seguida. Pensamos que daqui resultaram algumas das campanhas que se moveram contra BROTERO e a acusação de que era um pobre botânico, incapaz, por falta de conhecimentos, de ensinar Minera-logia e Zoologia. Por isso se insurgia contra a já decretada reunião da Botânica com a Zoologia e Mineralogia (a aplicação do decreto estava suspensa). Esta explicação da atitude de BROTERO, em que tanto se insistiu naquele tempo, levando muitos espí-ritos a considerá-la verosímil, aparece-nos hoje como verdadei-ramente pueril, pois que, dados os superiores dotes intelectuais do nosso naturalista e a circunstância de ter mesmo seguido em França cursos de Zoologia e Mineralogia, não lhe seria difícil obter os conhecimentos que necessitaria para dar lições dessas matérias comparáveis às dos seus colegas. Esta asserção é ple-namente justificada pelo facto de BROTERO ter publicado também alguns trabalhos de Zoologia e posto em ordem a colecção mineralógica do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda ⁽¹⁾.

As razões pelas quais BROTERO combatia tenazmente o pro-jecto de D. FRANCISCO DE LEMOS eram outras. Em primeiro lugar, porque a medida preconizada representava um retrocesso pelo desaparecimento da especialização que já se tinha conseguido. Por outro lado, a aplicação do projecto impossibilitaria BROTERO de se consagrar exclusivamente à Botânica e comprometeria, portanto, a realização do grande sonho da sua vida: a elabo-ração da *Flora Lusitânica*.

Foi sem dúvida o pensamento de poder influir no estabe-lecimento de uma maior especialização dentro da Faculdade de Filosofia que decidiu BROTERO a emitir o seu parecer a pro-pósito da reforma que o Governo solicitava. Essa reforma deveria, porém, nos termos do aviso e como acentua BROTERO,

(¹) Vide A. FERNANDES — *Op. cit.*

« conciliar o presente estado da Fazenda da Universid.^e com o bem do ensino publico das Sciencias de tal maneira, q̃ o dito ensino não seja notavelm.^{te} sacrificado á Economia ». Dentro deste critério não seria possível estabelecer grandes especializações, como seria desejo de BROTERO, desejo que parece inferir-se quando o exímio naturalista diz que em França o ensino da Zoologia se acha dividido em várias cadeiras. Nesta conformidade, BROTERO limita-se a sugerir reuniões de disciplinas que lhe parecem análogas, a propor o desaparecimento da Metalurgia, cujos fundamentos passariam a ser ensinados na Química e na Mineralogia, e a recomendar a separação da Mineralogia da Zoologia. Mediante esta proposta, não haveria aumento de despesa, visto o número de cadeiras ficar sendo o mesmo.

A Reforma Pombalina estabeleceu as seguintes cadeiras no Curso Filosófico :

Filosofia Racional e Moral
História Natural
Física Experimental
Química Teórica e Prática.

A instâncias do Principal CASTRO, foi depois criada, em 1791, a cadeira de Botânica e Agricultura, para a regência da qual foi nomeado BROTERO. O quadro das cadeiras da Faculdade passou então a ser :

Filosofia Racional e Moral
História Natural (Mineralogia e Zoologia)
Botânica e Agricultura
Física Experimental
Química Teórica e Prática.

No início do seu segundo reitorado, D. FRANCISCO DE LEMOS propôs o seguinte quadro :

Filosofia Racional e Moral
História Natural (Mineralogia, Zoologia e Botânica)
Agricultura
Física Experimental
Química Teórica e Prática
Metalurgia.

O Governo só atendeu em parte a proposta de D. FRANCISCO DE LEMOS, ficando a funcionar as seguintes cadeiras:

Filosofia Racional e Moral
História Natural (Mineralogia e Zoologia)
Botânica e Agricultura
Física Experimental
Química Teórica e Prática
Metalurgia.

Segundo o parecer de BROTERO, as cadeiras do Curso Filosófico passariam a ser:

Filosofia Racional e Moral
Mineralogia
Zoologia
Botânica e Agricultura
Física Experimental
Química Teórica e Prática.

Considerando a parte que diz respeito à História Natural, verifica-se, pelo confronto com as cadeiras existentes, que a reforma preconizada por BROTERO representava um considerável progresso no sentido da especialização e, portanto, na eficiência do ensino. Os seus pontos de vista sobre o desaparecimento da cadeira de Metalurgia, cujos fundamentos passariam a ser ensinados na Química e na Mineralogia, parecem igualmente bastante sensatos.

É também o reconhecimento da necessidade da especialização que leva BROTERO a assinalar a vantagem do aumento do número de lentes substitutos de dois para três: um para Física, outro para Química e outro para as cadeiras de História Natural. Desse modo, ficaria cada um destes lentes dentro da sua especialidade.

Referindo-se aos estabelecimentos anexos à Faculdade, BROTERO faz as mais judiciosas considerações ao dizer que «a sua boa manutenção he indispensavel, e não me parece q̃ nelles se deva fazer alteração alguma senão p.^a os melhorar». Em seguida, acrescenta estas palavras que consideramos oportuníssimas e verdadeiramente preciosas: «Todas as Sciencias da Faculd.^e exigem m.^{ta} practica, e esta depende de tal ma-

neira dos seus respectivos Estabelecim.^{tos}, que sem elles quasi todo o ensino ficaria puram.^{te} theoretico, incompleto, e destituído das Luzes que lhe são de absoluta necessid.^e». Os Estabelecimentos anexos deverão, por isso, ser melhorados, sem superfluidade e sem luxo, e dotados de pessoal competente. Foi assim que se procedeu relativamente ao Jardim Botânico de Coimbra durante o tempo em que ali prestou serviço, sendo Reformador-Reitor o Principal CASTRO. Depois da saída deste Prelado, o Jardim foi entregue a homens que BROTERO apoda de inertes e negligentes e as obras foram feitas com muito luxo e superfluidade, visto não se terem executado as que considerava mais importantes: continuação das estufas, instalação da sala de aula e aumento do número de plantas. Espera que essas omissões sejam remediadas a pouco e pouco.

BROTERO termina o seu parecer com uma referência à Biblioteca da Universidade, queixando-se da falta de livros tanto antigos como modernos. Relata o facto de ter ido ali por vezes com estrangeiros, a fim de tirarem dúvidas sobre questões de História Natural e de não terem encontrado nenhum dos livros que pretendiam consultar. Como não poderia deixar de ser, visto os livros serem utensílios indispensáveis ao mestre e investigador que deve ser o professor universitário, considera o estado da biblioteca digno da maior atenção e espera que se tomem providências adequadas para remediar aquele grande mal.

Analisando as sugestões de BROTERO de uma maneira geral, não poderemos deixar de concordar que, dentro do critério que lhe era imposto de conciliar o estado da Fazenda da Universidade com o bem do ensino, o seu parecer era extremamente sensato e continha soluções que muito poderiam contribuir para os progressos do ensino e da investigação.

E relativamente aos trabalhos da comissão eleita na congregação de 14 de Fevereiro de 1824? É provável que tenha reunido e que nas suas reuniões se tenham discutido os problemas que deveriam sem dúvida preocupar a Faculdade de Filosofia. O certo, porém, é que não se encontra qualquer referência aos seus trabalhos nas actas das sessões posteriores a 14 de Fevereiro. À instabilidade política e à desorientação dos espíritos que reinavam naquela época deve, sem dúvida,

ser atribuído o facto de a comissão nada ter feito ou não ter dado a conhecer os resultados dos seus trabalhos.

Consideramos provável que os mesmos factores tenham influenciado os trabalhos da outra comissão, instaurada pela carta régia de 19 de Dezembro de 1823, para estudar as reformas tendentes a melhorar o estado da Fazenda da Universidade. As condições desta continuaram precárias, até que, como relatam MÁRIO BRANDÃO e M. LOPES D'ALMEIDA ⁽¹⁾, «a conveniência de centralizar todos os rendimentos do Estado, na conformidade da doutrina do decreto de 16 de Maio de 1832, levou o ministro da fazenda, José da Silva Carvalho, a publicar o decreto de 5 de Maio de 1835, pelo qual todos os bens, direitos, acções e títulos da Universidade foram encorporados nos próprios nacionais, ficando a Junta da Fazenda debaixo das ordens do Tribunal do Tesouro público, que dessa hora em diante teria os seus encargos». Deste modo se converteu em realidade a ideia emitida pela primeira vez pelo deputado JOSÉ DE SÁ, na sessão da Assembleia Nacional de 1 de Março de 1823.

* * *

Devemos os melhores agradecimentos ao Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. MÁRIO BRANDÃO MENDES DOS REMÉDIOS, ilustre Director do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, não só pelo facto de ter chamado a nossa atenção para o parecer de BROTERO que se encontra no Estabelecimento que superiormente dirige, mas também pelas facilidades que teve a gentileza de nos dispensar durante as pesquisas que efectuámos no aludido Arquivo. Desejamos tornar extensivos os nossos agradecimentos à Ex.^{ma} Sr.^a D. MARIA LÍGIA PATOILLO CRUZ BRANDÃO, Conservador do Arquivo, que muito nos auxiliou também nas pesquisas.

Agradecemos ainda ao Ex.^{mo} Sr. FRANCISCO CABRAL JÚNIOR, inteligente e zeloso catalogador do Instituto Botânico, os valiosos auxílios de toda a ordem que teve a amabilidade de nos prestar.

⁽¹⁾ *A Universidade de Coimbra. Esboço da sua história.* Coimbra, 1936, p. 128.





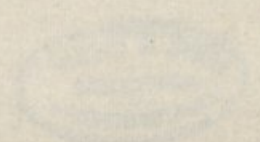
... e a ...

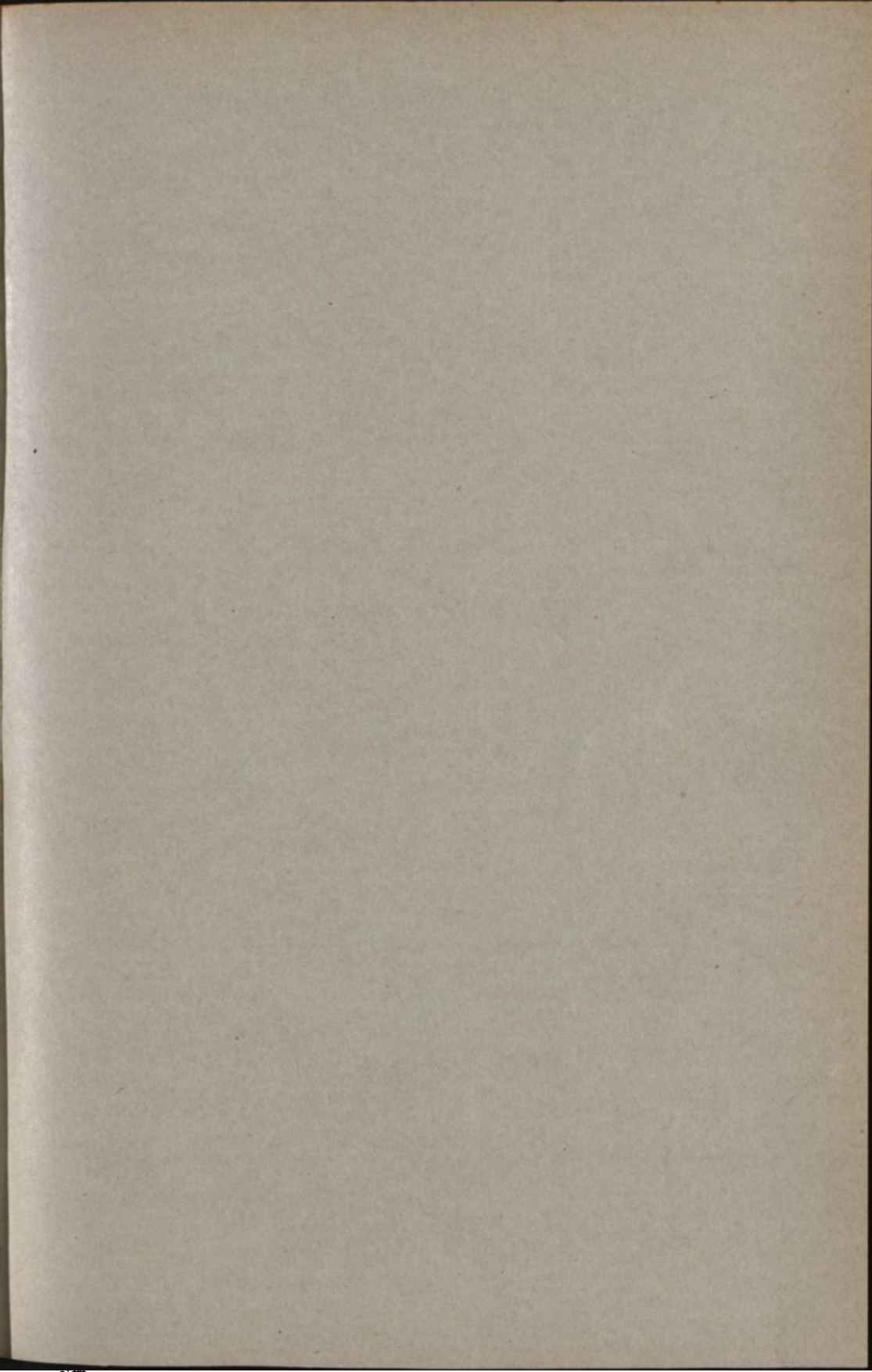
... e a ...

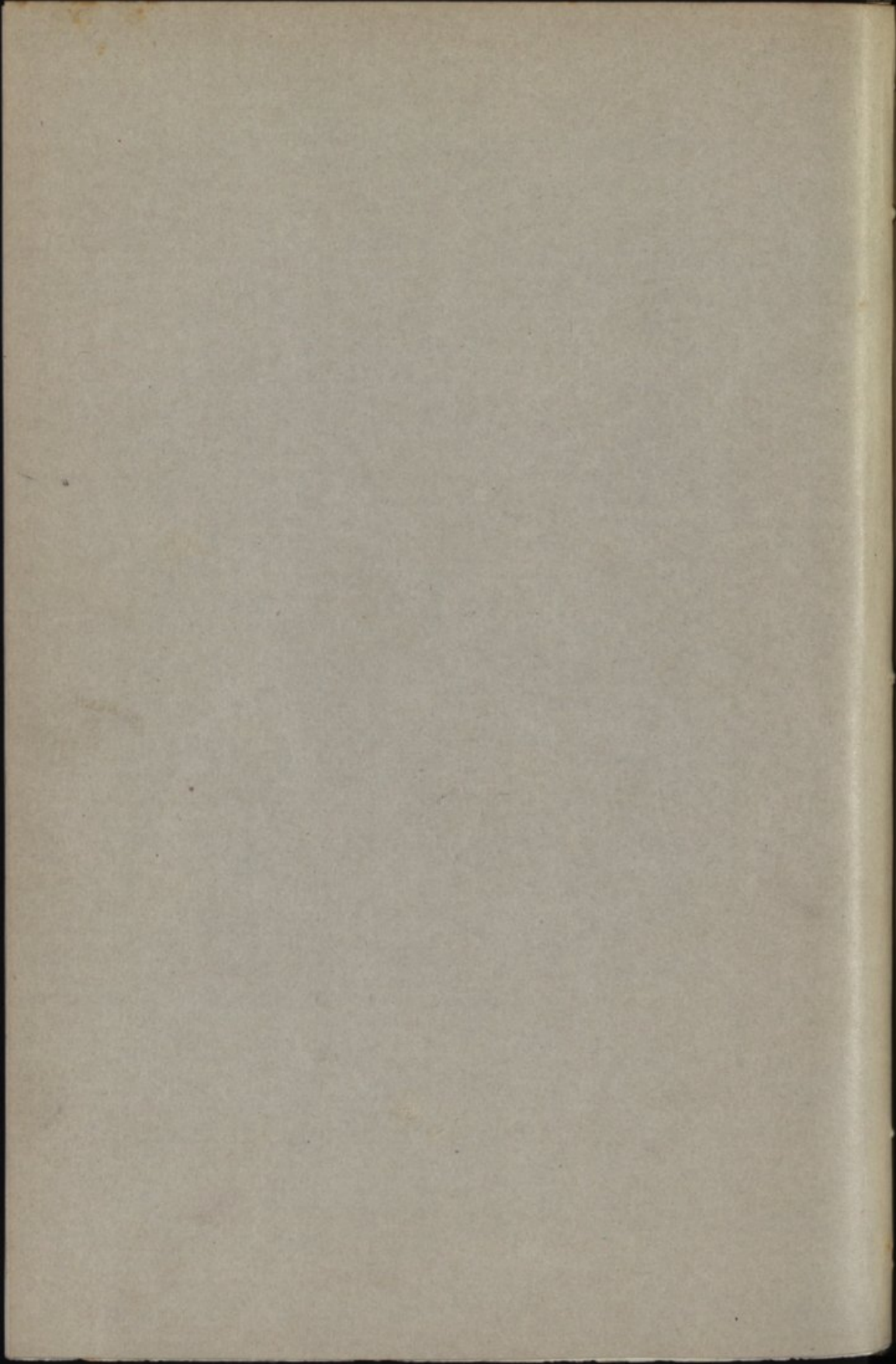
... e a ...

... e a ...

... e a ...







16. SET. 1952

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVIII

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

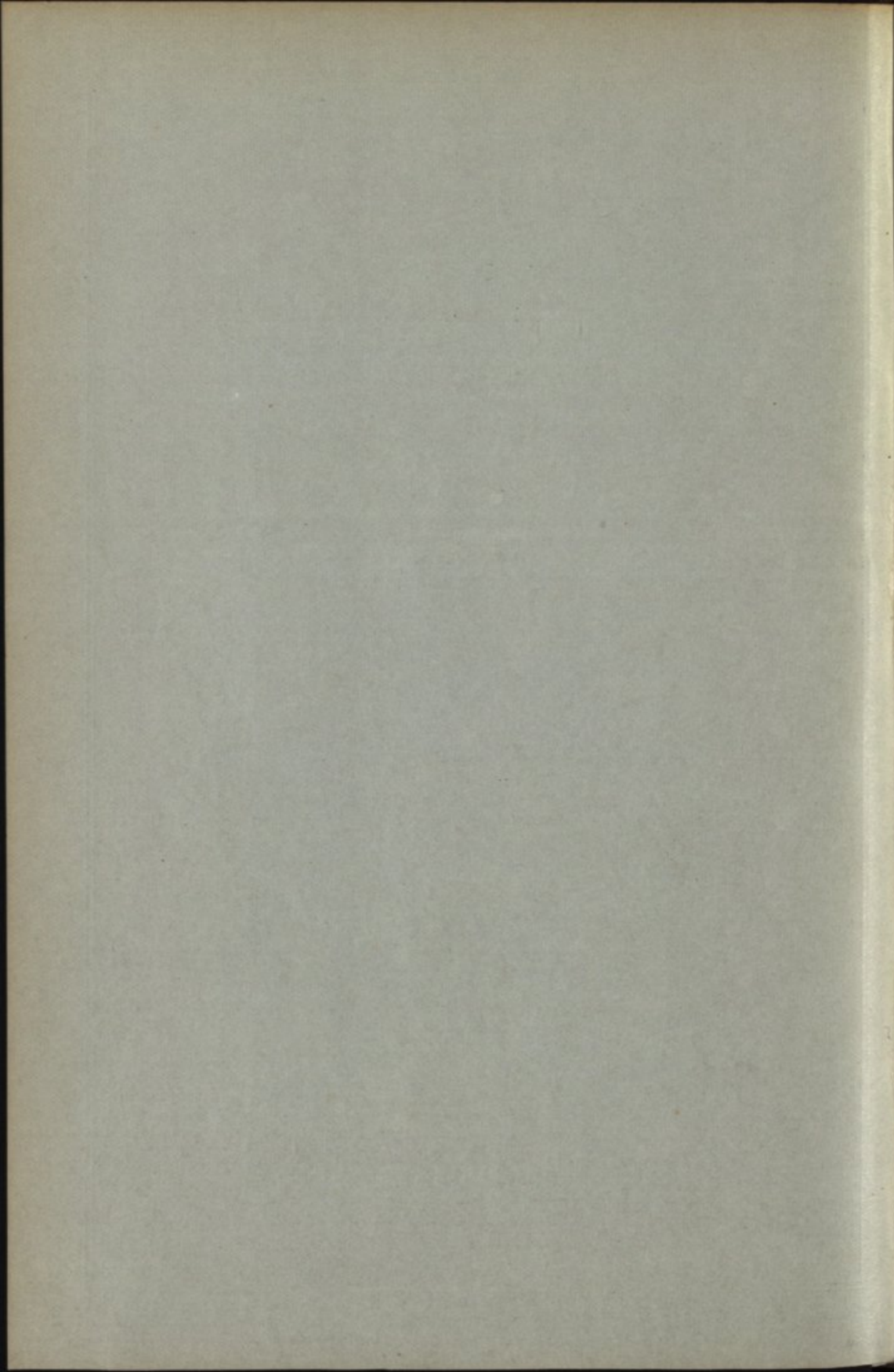
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1952



ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVIII

EDITORES

PROF. DR. ADILJO FERNANDES

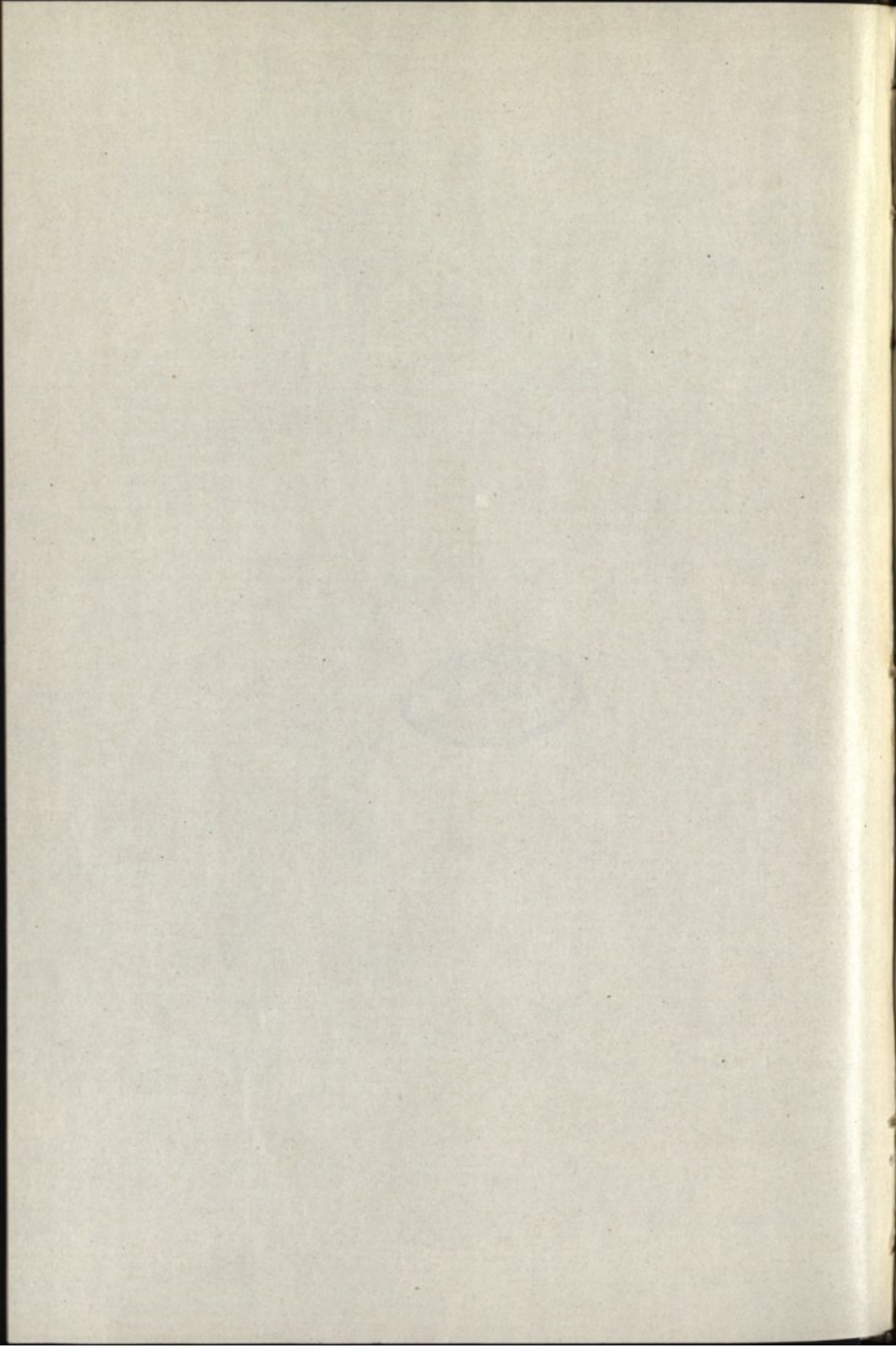
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Director do Jardim Botânico



COIMBRA
1952



ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XVIII

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1952



ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

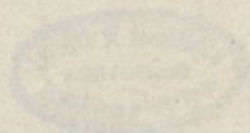
ANO XVIII

REDACTORES
PROF. DR. ABILIO FERNANDES
F. A. MENDONÇA



TIP. ALCOBACENSE, LIMITADA
ALCOBAÇA

1932



SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 26 de Janeiro de 1952

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1951. Esse relatório é do teor seguinte:

«No decurso do ano transacto, a Direcção conseguiu realizar a maior parte dos objectivos que tinha em vista. Efectivamente, publicaram-se os volumes XXV do Boletim e VII das Memórias, bem como o n.º XVII do Anuário. Estas publicações contêm diversos artigos não só de autores portugueses, mas também de botânicos estrangeiros. A todos agradecemos, penhoradamente, a colaboração que tiveram a amabilidade de nos prestar.

A Sociedade recebeu diversos pedidos de troca de publicações, os quais foram satisfeitos. Por outro lado, a Direcção solicitou também permuta com numerosas revistas, tendo-se, assim, alargado ainda mais o âmbito das nossas relações. Desta maneira, o serviço da biblioteca foi bastante intenso, recebendo-se por troca 446 volumes e 1.239 folhetos. A Direcção da Sociedade aproveita gostosamente este ensejo para agradecer reconhecidamente ao inteligente e zeloso Catalogador do Instituto Botânico, Sr. FRANCISCO CABRAL JÚNIOR, o valiosíssimo auxílio que lhe tem prestado, tanto no que respeita à pesquisa das instituições com as quais há conveniência em estabelecer permuta, como no que se refere à ordenação e catalogação das publicações recebidas.

Como habitualmente, o pessoal do Instituto Botânico efectuou diversas herborizações. O estudo do material está



sendo feito pelo Naturalista do Instituto, que oportunamente dará conhecimento das novidades encontradas.

A Sociedade fez-se representar no XIV Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, celebrado em Málaga, de 6 a 16 de Dezembro, juntamente com o XXI Congresso da sua congénere espanhola. Nessa reunião científica, vários sócios apresentaram comunicações.

Novamente a Direcção é constrangida a lamentar a reduzida actividade manifestada pelos sócios, pois poucos foram os que efectuaram herborizações. Apela-se, portanto, mais uma vez, para a boa vontade de todos, no sentido de que seja prosseguida com regularidade a tarefa da exploração botânica do país. »

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1951, existia em caixa um saldo de 12.943\$60.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES disse que, devido ao encarecimento do papel e ao aumento das taxas dos portes de correio, a impressão e a remessa das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção ficasse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e distribuição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Drs. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e VIRGÍLIO DA ROCHA DINIZ.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1952, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 26 de Janeiro de 1952

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continuasse a cargo do Ex.^{mo} Sr. Dr. ABÍLIO FERNANDES;
- b) Manter a comissão de redacção do Anuário;
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão do seguinte

NOVO SÓCIO

MARIA MANUELA FARINHA, Instituto Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa.

estabelecimento em 1911, pelo Nacional de Educação.

Em 1912, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1913, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1914, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1915, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1916, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1917, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1918, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1919, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1920, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1921, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1922, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1923, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1924, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1925, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1926, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1927, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1928, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1929, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1930, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1931, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1932, o estabelecimento passou a ser denominado de

Escola de Educação de Jovens e Adultos.

Em 1933, o estabelecimento passou a ser denominado de

NOTAS SOBRE A FLORA DE PORTUGAL

III

por

ROSETTE FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

O conhecimento da flora portuguesa, particularmente no que respeita à área de dispersão de muitas espécies, está ainda longe de poder considerar-se perfeito. Na verdade, quase todas as recentes herborizações têm revelado novidades, algumas das quais de certo valor. Tornam-se especialmente dignos de nota os resultados das explorações levadas a efeito em Trás-os-Montes e Alto Douro (A. ROZEIRA, Rev. P.^o A. DE BARROS CARNEIRO, J. G. GARCIA, J. GOMES PEDRO, J. PINTO LOPES, G. BARBOSA e M. MYRE), nas regiões de Coimbra, Guarda, Vendas Novas e Vila Viçosa (pessoal do Instituto Botânico de Coimbra), nos arredores de Elvas (J. MALATO BELIZ e P. ABREU), bem como no Algarve e em outros pontos do país (A. R. PINTO DA SILVA, F. C. FONTES, L. G. SOBRINHO e E. MENDES). Pensamos que esses resultados são animadores e que constituirão incentivo à realização metódica e regular de novas herborizações, que muito poderão contribuir para um melhor conhecimento florístico do país.

O exame dos herbários das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto revela a existência de bastantes espécimes, alguns já antigos, colhidos em localidades ou mesmo em regiões não assinaladas nas obras de conjunto sobre a flora de Portugal. O presente trabalho refere regiões novas para algumas espécies que se encontram nessas condições e de cujos espécimes tomámos conhecimento ao passar em revista o herbário português do Instituto Botânico de Coimbra, com o objectivo de elaborar a lista das espécies geresianas a figurar no *Simpósio da Flora e da Vegetação da Serra do Gerês*. Referimos também regiões novas para certas espécies recentemente herborizadas e uma nova forma albina.

Anthoxanthum amarum Brot.

A área de distribuição desta Gramínea é mais vasta que a indicada por COUTINHO, visto aparecer não só no Minho e Beira, mas também em Trás-os-Montes (MENDONÇA e VASCONCELLOS, Cont. top. flor. reg. duriense, *An. Inst. Vinho Porto*, II, 1944, p. 128) e no Douro Litoral, como tivemos ocasião de verificar pela observação dos espécimes abaixo mencionados. SAMPAIO é bastante impreciso ao apontar «terrenos incultos e frescos, no Norte», omitindo as Beiras da área de distribuição de *Anthoxanthum amarum* Brot.

Espécimes: Porto, 4-1895, *Gonçalo Sampaio* s. n., PO; Porto, ponte do Comboio (por baixo, na margem do Douro), 6-1906, s. col., s. n., PO; Rio Tinto pr. Gondomar, 3-IV-1943, *J. Lebois Fonseca* 106, COI; *idem*, LISU.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral e Beira Baixa.

Poa nemoralis L. *sensu stricto*

O tipo específico de *Poa nemoralis* L. parece ser bastante raro no nosso país, visto que só se lhe fizeram ainda duas referências para o distrito de Bragança (MENDONÇA e VASCONCELLOS, l. c., p. 130; J. G. GARCIA, Estudos sôbre a flora de Portugal, *Bol. Soc. Broteriana*, XX, 2.^a série, 1946, p. 54). Foi herborizado, mais recentemente, em nova região, na Beira Alta, num local sombreado de um bosque de castanheiros, em condições semelhantes àquelas em que habitualmente se costuma encontrar.

Espécime: Arredores da Guarda, Chafariz do Soito do Bispo; lugares húmidos, junto do regato, à sombra dos castanheiros, 24-VII-1950, *A. Fernandes et J. Matos* 3485, COI.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Alta.

Pennisetum villosum R. Br.

Esta curiosa Gramínea afro-asiática é bastante cultivada nos jardins, sendo muito apreciada devido ao belo efeito produzido pelos seus tirsos grandes, plumosos, de um amarelo

claro, muito decorativos. As inflorescências também se usam, depois de secas, para a confecção de ramos para jarras, os quais se conservam durante muito tempo. De disseminação fácil, *Pennisetum villosum* R. Br. escapa-se com frequência das culturas, aparecendo naturalizado em muitas partes do mundo.

Em Matozinhos, nos arredores do Porto, encontra-se com abundância, podendo considerar-se como subespontâneo nesse local. É natural supor que a sua área se torne maior no nosso país, atendendo à facilidade com que os frutos se espalham e à rusticidade da planta. No campo, *P. villosum* R. Br. perde as características de planta cultivada, voltando a adquirir o aspecto que possui no seu meio primitivo, isto é, tornando-se menos elevado, mais denso, com folhas e espigas mais curtas, etc.

Em alguns tratados de horticultura e jardinagem, esta espécie figura como *P. longistylum* Hochst., planta afim mas distinta e com a qual se não deve confundir (O. STAPP, Fl. Trop. Afr., IX, 1939, p. 1008).

Espécimes: Porto, Calçada das Virtudes; inculto, terra humosa, 12-VII-1941, J. Lebois Fonseca s. n., COL; Matozinhos; inculto, terra solta, 5-VIII-1945, J. Lebois Fonseca 216, COL.

Cyperus Eragrostis Lam.

Esta espécie foi citada para o Douro Litoral apenas uma vez (vizinhanças do Porto, 1879, F. Newton 617, COL). O Sr. J. LEBOIS FONSECA, digno sócio da Sociedade Broteriana, voltou recentemente a herborizá-la também nas proximidades do Porto.

Espécime: Porto oriental (lugar de Contumil); inculto, terra solta, 4-IX-1945, J. Lebois Fonseca 219, COL.

Distribuição: Douro Litoral, Beira Litoral, Ribatejo e Alto Alentejo.

Scirpus erectus Poir.

Na Beira Litoral, *Scirpus erectus* Poir. parece tender a dispersar-se, visto que, depois da sua descoberta, em 1934, nos arrozais de S. Fagundo, voltou a ser herborizado em Estarreja

(J. C. VASCONCELLOS, Anot. Herb. Inst. Sup. Agron., p. 9, *An. Inst. Sup. Agr.*, XI, 1940) e, em data posterior, nas matas de Foja e em Montemor-o-Velho.

Espécimes: Matas de Foja, 15-VII-1947, J. Matos s. n., COL; pr. apeadeiro de Montemor-o-Velho, 25-VII-1947, J. Matos s. n., COL.

Cladium mariscus (L.) R. Br.

SAMPAIO indica esta espécie para o litoral do Centro e Sul e COUTINHO para os paúis e águas estagnadas da Beira, Estremadura e Alentejo. A consulta do material dos herbários permitiu-nos verificar que *Cladium mariscus* (L.) R. Br. aparece também no Algarve.

Espécime: Monte do Vale Santo, Sagres, 8-V-1924, Carrisso et Mendonça 489, COL.

Distribuição: Beira Litoral, Estremadura, Baixo Alentejo e Algarve.

Carex Halleriana Asso

A região de Bragança tem-se mostrado fértil em novidades. Com efeito, nas plantas herborizadas nas proximidades daquela cidade pelo Rev. P.^o BARROS CARNEIRO, encontraram-se algumas espécies novas para a flora portuguesa e, em maior quantidade, novas para Trás-os-Montes. *Carex Halleriana* Asso, citada até agora apenas para o Centro e Sul, constitui mais uma das espécies a incluir na lista das que foram herborizadas, pela primeira vez, nessa província, por aquele prestimoso membro da Sociedade Broteriana.

Espécime: Arredores de Bragança, 30-V-1944, P.^o A. de Barros Carneiro 466, COL.

Distribuição: Trás-os-Montes, Beira Litoral, Estremadura e Algarve.

Carex hirta L.

De acordo com a moderna divisão em províncias, é necessário corrigir a distribuição de *Carex hirta* L., visto que Valbom (Porto), onde SAMPAIO a colheu, fica situado no Douro

Litoral e não no Minho. Em Julho de 1951, o pessoal do Instituto Botânico de Coimbra colheu-a na Beira Alta, que constitui região nova para esta espécie.

Espécime: Balsa, arredores de Alfaiates, junto à estrada, 6-VII-1951, A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos 3916, COL.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral e Beira Alta.

Erythronium dens-canis L.

É com razão que SAMPAIO indica para esta Liliácea as montanhas do Minho à Beira. Com efeito, *Erythronium dens-canis* L. tem aparecido nas regiões montanhosas do Norte e Centro do país, um pouco mais frequentemente do que aponta COUTINHO (Serra de Rebordãos, Serra do Gerês, arredores de Miranda do Corvo).

No Minho, herborizou-se fora da Serra do Gerês, em Insalde (VII-1917, Abade Clemente Pereira 22, COL), o que já figura em «A Flora do Concelho de Paredes de Coura» (Bol. Soc. Broteriana, XXVIII, 1.^a série, 1920, p. 45). Em Trás-os-Montes, colheu-se no Marão (F. A. MENDONÇA e J. C. VASCONCELLOS, Cont. top. flor. reg. duriense I, An. Inst. Vinho Porto, 1942, p. 12), no Monte de S. Bartolomeu (A. ROZEIRA, A Flora da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1944, p. 77) e na Serra da Nogueira, localidade ainda não citada. Finalmente, figura no herbário de Coimbra um exemplar da Serra da Estrela.

Espécimes: Alto da Serra da Nogueira, 19-VI-1932, Carriso et Mendonça 2569, COL; Serra da Estrela, III-1898, Luís Navega s. n., COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta e Beira Litoral.

Limodorum Trabutianum Batt.

Esta orquídea é pouco frequente no nosso país, tendo sido encontrada somente em duas localidades citadas por COUTINHO na Flora de Portugal (2.^a ed., 1939, p. 186): Vila Franca e Alenquer. No herbário de Coimbra figura um

exemplar do Colégio de S. Fiel, colhido em Barro, que supomos ser a povoação deste nome existente nos arredores de Torres Vedras.

Recentemente, foi herborizada nas proximidades de Cascais, que constitui outra localidade nova para a Estremadura.

SAMPAIO emprega, como nome do género, *Centrosis* e não *Limodorum*. Segundo as Regras Internacionais de Nomenclatura, porém, *Limodorum* é *nomen genericum conservandum*.

Espécime: Barro, III-1890, *Menyarth* s. n., COI; Cascais, Marinha, num pinhal, 10-IV-1950, *Hertha Siemers Kaim* s. n., COI; *idem*, 23-IV-1951.

***Spergularia marginata* (DC.) Kittel**

Tanto COUTINHO (*l. c.*, p. 245) como SAMPAIO (*Fl. port.*, 1947, p. 344) indicam *Spergularia marginata* (DC.) Kittel para o Centro e Sul do país. Esta espécie estende-se, porém, mais para o Norte, visto ter sido encontrada nos salgadiços de Viana do Castelo. A província do Minho representa, pois, região nova. É possível que herborizações cuidadosas venham mostrar que a planta se encontra em todos os pontos da orla marítima do país que lhe ofereçam condições de vida, isto é, nos salgadiços das embocaduras dos rios e nas areias marítimas.

Espécime: Viana do Castelo, nos salgadiços junto ao Lima, 12-VII-1945, *J. G. Garcia* 666, COI.

Distribuição: De Norte a Sul, nas areias do litoral e nos salgadiços da foz dos rios.

***Moehringia trinervia* (L.) Clairv.**

Na Beira Alta, *Moehringia trinervia* (L.) Clairv. aparece também fora da Serra da Estrela, único local daquela província que, segundo COUTINHO (*l. c.*, p. 253), faz parte da zona de distribuição desta delicada Cariofilácea. Herborizou-se também na Beira Baixa, já em 1882.

Espécimes: Arredores da Guarda, encosta pr. Faia, 24-VII-1950, *A. Fernandes et J. Matos* 2491 A, COI; Sítio da Serra: Alcaide, Junho 1882, *A. R. da Cunha* s. n., LISU.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta, Beira Litoral e Beira Baixa.

Ranunculus Henriquesii Freyn

A província do Minho, onde o Rev. P.^e A. DE BARROS CARNEIRO a herborizou em 1950, constitui região nova para esta espécie. Referindo-se COUTINHO a Trás-os-Montes e Beira e SAMPAIO «desde o Douro à Beira», como a zona onde se encontra este Ranúnculo, convém precisar melhor a sua área de distribuição. A consulta dos herbários de Coimbra e da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, bem como o exame da bibliografia, permitiu-nos estabelecer a distribuição abaixo indicada.

Espécime: Armil (Fafe), margens dos caminhos, 8-V-1950, P.^e A. de Barros Carneiro 470, COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes (Cout.), Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral e Beira Baixa.

Rorippa palustris Besser

A primeira menção precisa de *Rorippa palustris* Besser para Trás-os-Montes foi feita por ROZEIRA (l. c., 1944, p. 105), pois que tanto SAMPAIO como COUTINHO se limitaram a indicar as margens do Minho e do Douro como *habitat* desta planta. J. G. GARCIA herborizou-a numa nova localidade, perto de Chaves, sendo esta a primeira citação para o distrito de Vila Real e a segunda para a província. É natural que esta Crucífera se distribua com mais frequência ao longo dos cursos de água, na zona norte do país.

Espécime: Chaves, nas margens do rio Tâmega, 17-VII-1945, J. G. Garcia 841, COL.

Lepidium Draba L.

Se bem que a distribuição geográfica desta espécie seja mais correcta em SAMPAIO (do Douro à Estremadura) do que em COUTINHO, que se limita a indicar o Douro e a Estremadura, ela não corresponde bem ao que a consulta dos herbários nos

permitiu verificar. Na verdade, existe em Coimbra um exemplar da Figueira da Foz, mostrando que a planta se encontra num lugar intermediário entre o Douro e a Estremadura, mas esse exemplar é único, o que, por outro lado, demonstra que *Lepidium Draba* L. não é muito frequente na Beira Litoral. O centro de dispersão desta Crucífera no nosso país parece ter sido Lisboa, onde aparece com abundância, sendo mais rara no Douro e nas regiões interiores, donde só conhecemos um exemplar de Castelo Branco.

Na excursão que realizámos ao Algarve na Primavera de 1951, tivemos o ensejo de herborizar esta Crucífera nas proximidades de Portimão. O Algarve representa, pois, região nova para *L. Draba* L.

Espécimes: Figueira da Foz, VI-1890, *F. Loureiro* s. n., COI; Carvalhinha, Castelo Branco, Abril-Maio 1881, *A. R. da Cunha* s. n., LISU; In locis salsug. pr. viam, circa Portimão, 4-V-1951, *A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos* 3657, COI.

Distribuição: Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura e Algarve.

Sedum acre L.

SAMPAIO distingue nesta espécie a var. *neglectum* (Ten.) Rouy et Camus, baseado unicamente na ausência de sabor acre, qualidade impossível de apreciar depois das plantas secas. Além da propriedade indicada por SAMPAIO, *Sedum neglectum* Ten. distingue-se principalmente de *S. acre* L. pela disposição mais laxa das folhas nas hastes florais. Em plantas de herbário, este carácter é também difícil de apreciar, em virtude do emurchecimento e da queda de muitas folhas. A dificuldade em separar o tipo da variedade, facto que é assinalado igualmente por CARUEL (Fl. italiana, IX, 1890, p. 60), leva-nos a considerar, no nosso país, apenas *S. acre* L., como faz COUTINHO.

No que respeita à distribuição, verifica-se que a indicada por SAMPAIO é um pouco imprecisa, visto que, segundo este autor, o tipo específico aparece no Douro e a var. *neglectum* sobretudo no Norte, nas areias do litoral.

A Beira Alta, onde *S. acre* L. foi herborizado recentemente pelo pessoal do Instituto Botânico de Coimbra, representa nova região para esta espécie.

Espécime: Guarda, à entrada da cidade, sobre um muro de delimitação da Mata, 2-VII-1951, A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos 3729, COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta e Beira Litoral.

***Sedum hirsutum* L.**

Esta espécie, que SAMPAIO aponta para o Norte e Sul, tem uma distribuição mais vasta, visto aparecer também no Centro do país, como indica COUTINHO e como tivemos ocasião de verificar pela consulta dos herbários.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Alto Alentejo e Algarve.

***Sedum pruinaum* Brot.**

Existe também no Algarve.

Espécime: In apricis dumetosis, solo calcareo. Inter Lagos et Vila do Bispo, in regno algarbiorum, 5-V-1924, Carrisso et Mendonça 3161, COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta, Alentejo e Algarve.

***Sedum rubens* L.**

De acordo com BROTERO, que menciona *Sedum rubens* L. como «raro circa Conimbricam et in Lusitania boreali» (Fl. Lusit., II, 1804, p. 213), esta planta poucas vezes tem sido herborizada na região Norte do país. O Douro Litoral representa região nova para esta espécie, da qual já foram também colhidos exemplares em Trás-os-Montes.

Espécime: Valbom, Gondomar, a 10 km do Porto, nos interstícios argamassados de um muro de pedras graníticas, 23-V-1942, J. Lebois Fonseca 66, COL.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Astragalus hamosus L.

Da região transduriense são apenas citados os exemplares de Ligares (F. A. MENDONÇA e J. C. VASCONCELLOS, *l. c.*, p. 24) e Barca d'Alva (ROZEIRA, *l. c.*, p. 118), quando a verdade é que *Astragalus hamosus* L. foi encontrado, há já bastante tempo, noutra local de Trás-os-Montes.

Espécime: Alfândega da Fé, Santa Justa, Maio-1890, D. Maria Ochôa s. n., COL.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Lathyrus Ochrus (L.) DC.

Encontra-se também no Norte do país.

Espécime: Arredores de Braga; Cunha, Abril 1899, Jacinto U. Torres s. n., COL.

Distribuição: Minho, Beira Litoral, Estremadura e Algarve.

Lathyrus quadrimarginatus Bory et Chaub.

Aparece também no Minho.

Espécime: Póvoa de Lanhoso, 4-Junho-1910, António Fernandes s. n., COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Estremadura, Alto Alentejo e Algarve.

Linum gallicum L.

Alargue-se a distribuição desta espécie para o Norte, visto ter sido herborizada em Trás-os-Montes.

Espécime: Montes a norte de Bragança, 25-V-1944, P.^o A. de Barros Carneiro 467, COL.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Beira Baixa, Ribatejo, Estremadura, Alto Alentejo e Algarve.

Euphorbia amygdaloides L.

Em «De Flora Lusitana Commentarii» (I, 1946, p. 13), A. R. PINTO DA SILVA corrigiu o lapso de COUTINHO e de SAMPAIO que omitiram o Algarve da área de distribuição desta espécie. O autor cita para esta província dois exemplares, ambos de Monchique, um deles herborizado por DAVEAU e o outro,

recentemente, pelos colectores da Estação Agronómica Nacional. No herbário de Coimbra, existem espécimes de outras localidades do Algarve, igualmente bastante antigos, e um outro, também de Monchique, herborizado por MOLLER.

Espécimes: Faro, Agosto-1882, J. d'A. Guimarães s. n., COI; Monchique, Junho-1887, A. Moller s. n., COI; Castro Marim, Abril 1889, A. Moller s. n., COI.

***Euphorbia matritensis* Boiss.**

Conhecida de Trás-os-Montes e Alto Douro e da Beira Baixa (Castelo Branco), *Euphorbia matritensis* Boiss. aparece também na Beira Alta.

Espécime: Sabugal, lameiro do Bernardo pr. Rapoula do Cró, 6-VII-1951, A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos 3891, COI.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta e Beira Baixa.

***Euphorbia nutans* Lag.**

De origem americana, *Euphorbia nutans* Lag. é subespontânea no Algarve. O facto de Alfarelos, onde a planta foi recentemente encontrada, ficar muito afastada daquela província e de não haver exemplares de localidades intermédias, leva a pensar que, na Beira Litoral, só há relativamente pouco tempo se verificou a introdução da planta, a qual teve lugar independentemente da entrada pelo Algarve.

Espécime: Alfarelos, 9-X-1946, J. Matos s. n., COI.

***Euphorbia terracina* L.**

Há desacordo entre COUTINHO e SAMPAIO no que respeita à distribuição desta espécie, pois o primeiro a indica para o litoral do Centro e Sul, ao passo que o segundo a cita para o litoral de Norte a Sul. Verifica-se, porém, que, de acordo com SAMPAIO, a planta existe também no Norte, porquanto, além de um exemplar recente do Douro Litoral, existe no herbário do Instituto Botânico de Coimbra um espécime antigo da mesma localidade, e no herbário do Instituto Botânico da

Faculdade de Ciências de Lisboa observámos um exemplar idêntico.

Espécimes: Pinhal da Âncora, bordo do pinhal, VI-1886, A. R. da Cunha s. n., COI; Vila do Conde, 1888, Casimiro Barbosa 1152, COI; *idem* LISU; Entre Vila do Conde e Póvoa de Varzim, 9-VI-1945, J. G. Garcia 550, COI.

Pistacia Terebinthus L.

Pode dizer-se que esta Anacardiácea aparece em quase todo o país. Com efeito, se exceptuarmos o Minho, Douro e Ribatejo, regiões onde futuras herborizações talvez permitam encontrá-la, *Pistacia Terebinthus* L. tem aparecido em todas as províncias de Portugal. A área indicada por SAMPAIO (de Trás-os-Montes ao Alentejo), mais correcta que a apontada por COUTINHO (Trás-os-Montes, Beira Montanhosa, Baixo Alentejo) deve ainda alargar-se, visto esta espécie aparecer também no Algarve, como referem A. R. PINTO DA SILVA e F. C. FONTES (Plantas raras e plantas novas para o Algarve, *Agron. Lusit.*, XIII, 1951, p. 9). Estes autores mencionam ainda alguns espécimes herborizados na Beira Baixa e na Estremadura. Como nos herbários de Coimbra e da Faculdade de Ciências de Lisboa figuram exemplares ainda não citados, achámos conveniente fazer-lhes referência, a fim de se precisar melhor a área de distribuição de *P. Terebinthus* L. no nosso país.

Espécimes: Almeida, Junça, Junho-1890, M. Ferreira s. n., COI; Almeida, pr. ao rio Coa, Junho-1890, M. Ferreira s. n., COI; Arredores de Coimbra, Cabrizes, Maio-1879, M. Ferreira s. n., COI; Margem do Tejo, encosta da parte norte, Malpica, VI-1881, A. R. da Cunha s. n., LISU; Castelo Branco, margens do rio Pônsul, Junho-1881, A. R. da Cunha s. n., LISU; Vila Velha, margem do Tejo, encosta montanhosa do sul, Junho-1881, A. R. da Cunha s. n., LISU; Rodão, Maio-1901, J. S. Tavares s. n., COI; Idanha-a-Nova, Tapada do Tanque, Julho-1883, A. R. da Cunha s. n., LISU; Castelo de Montalvão, Julho-1913, M. Ferreira s. n., COI; Arredores de Loulé, Março-1883, J. d'A. Guimarães s. n., COI.

É possível que SAMPAIO tivesse conhecimento de alguns destes exemplares, mas, neste caso, torna-se inexplicável o facto

de ter omitido o Algarve, província de onde existe em Coimbra um espécime já muito antigo.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Eryngium galioides Lam.

Esta Umbelífera (fig. 1) só uma vez foi herborizada entre o Tejo e o Douro (Vila Velha de Rodão — Fonte das Virtudes — *R. da Cunha*). É, pois, de assinalar o facto de a planta ter aparecido agora na Beira Alta, província que constitui região nova para esta espécie.

Espécime: Arredores de Vilar Formoso, nas bermas da estrada de Vilar Formoso à Guarda, 7-VII-1951, *A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos* 3925, COL.

Distribuição: Alto Douro, Beira Alta, Beira Baixa, Alentejo e Algarve.

Chaerophyllum temulum L.

Embora SAMPAIO atribua a esta espécie uma área muito vasta — quase todo o país — não possuínos elementos que nos permitam fazer tal afirmação. Com efeito, os espécimes que figuram nos herbários foram herborizados nas zonas Norte e Central do país. Para o Sul do Tejo, *Chaerophyllum temulum* L. só foi encontrado em Marvão, não existindo nenhum exemplar do Baixo Alentejo nem do Algarve. No seu estudo sobre as Umbelíferas (*Bol. Soc. Broteriana*, XII, 1.^a série, 1893, p. 240), COUTINHO menciona os espécimes das províncias indicadas na Flora, não fazendo referência a qualquer exemplar colhido no Douro Litoral, onde, há poucos anos, o sócio da Sociedade Broteriana, Sr. J. LEBOIS FONSECA, herborizou esta espécie.

Espécime: Águas Santas, Ermezinde, a 5 km. do Porto oriental; terra vegetal solta; inculto entre *Rubus* e *Urtica*, 30-VII-1944, *J. Lebois Fonseca* 179, COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa e Alto Alentejo.

Conopodium majus (Gouan) Loret

Para o Sul do Tejo não é apontado nenhum exemplar da região interior, onde, de facto, a espécie também existe, como o demonstram os seguintes espécimes:

Espécimes: Castelo de Vide, 6-1908, *Gonçalo Sampaio* s. n., PO; Castelo de Vide, Senhora da Penha, Junho de 1914, *M. Ferreira* s. n., COL.

O Alto Alentejo constitui, pois, região nova para esta espécie.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura e Alto Alentejo.

Sium erectum Huds.

Segundo SAMPAIO, *Sium erectum* Huds. aparece no nosso país «nos poços e charcos, de Norte a Sul». Consultando os herbários e a bibliografia, fomos levados a discordar de tal afirmação, visto apenas termos encontrado espécimes do Douro Litoral, da Beira Litoral e da Estremadura. A primeira e a última províncias não são citadas por COUTINHO.

Espécimes: Between Pampelido e Boa Nova, 24-June 1880, s. col., s. n., PO; Pinhal de Leiria, Julho-1917, *Guilherme Felgueiras* ⁽¹⁾ 445, COL.

Distribuição: Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura e Algarve (BOURG. teste NYM.).

NOTA: O exemplar de Insalde, do Abade CLEMENTE PEREIRA, referido por J. HENRIQUES (A Flora do Concelho de Paredes de Coura, *Bol. Soc. Broteriana*, XXVIII, 1.^a série, 1920, p. 60) a *S. erectum* Huds., pertence a *Apium nodiflorum* (L.) Lag.

Kundmannia sicula (L.) DC.

É considerada planta rara na flora portuguesa, porquanto só era conhecida de Tavira. É possível que se encontre no Al-

⁽¹⁾ O espécime de GUILHERME FELGUEIRAS é citado por este em «Contribuição para o estudo da flora e da fauna da mata de Leiria», 1919, p. 19, e mais recentemente por ARALA PINTO em «O Pinhal do Rei», II, 1939, p. 174.



Fig. 1. — *Fryngium galioides* Lam.

Espécimes herborizados nos arredores de Vilar Formoso.



garve um pouco mais frequentemente, visto ter aparecido noutra localidade daquela província.

Espécime: In incultis, solo argilo-calcareo, prope pagum Conceição de Faro, in regno algarbiorum, 24-V-1926, A. Mendonça s. n., COL.

Lithospermum diffusum Lag. forma
albiflorum R. Fernandes

A typo corollis albis differt.

Leg.: P.^o A. de Barros Carneiro 472.

Habitat: S. Miguel do Couto (Santo Tirso).

Floret: Aprili.

Specimen in Herbario Instituto Botanico Universitatis Conimbricensis.

Tanto quanto nos foi possível averiguar, esta forma ainda não fora descrita, se bem que, por vezes, tenham sido assinaladas plantas com flores brancas.

Omphalodes nitida Hoffgg. et Link

SAMPAIO e COUTINHO estão em desacordo sobre a área de distribuição desta espécie. Com efeito, o primeiro atribui-lhe apenas o Norte, ao passo que o segundo a indica para as províncias do Norte e Centro. Segundo os dados que possuímos, *Omphalodes nitida* Hoffgg. et Link encontra-se no Norte e Centro do país, de harmonia com a referência de COUTINHO. Nos herbários de Coimbra e da Faculdade de Ciências de Lisboa, existem dois espécimes, ainda não citados, de Ferreira do Zêzere, no Ribatejo.

Espécimes: Ferreira do Zêzere, Castelo, Abril-1911, R. Pahlinha et F. Mendes s. n., LISU; Ferreira do Zêzere, Maio-1914, M. Ferreira s. n., COL.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa e Ribatejo.

Lycium halimifolium Mill.

Lycium halimifolium Mill. (Gard. Dict., ed. VIII, 1768).

Lycium vulgare Dunal (ap. DC. Prodr., XIII, 1852).

Esta espécie é excluída por SAMPAIO da flora portuguesa.

Com efeito, as localidades em que tem sido herborizada não oferecem quaisquer garantias de que *Lycium halimifolium* Mill. seja espontâneo no nosso país. Mais ainda, a planta parece não se ter difundido, aparecendo sempre em locais restritos, nas proximidades de jardins ou constituindo sebes que, certamente, foram plantadas. Não se tratando de planta espontânea nem naturalizada, o melhor é, na verdade, suprimi-la do inventário da flora de Portugal.

Os locais referidos por COUTINHO para esta espécie são: Sintra (no herbário do Instituto Botânico de Coimbra, o exemplar de Sintra traz a indicação de «cultivado no Jardim da Quinta de...») e entre Setúbal e Palmela. Ambos são espécimes antigos, visto o primeiro ter sido colhido por VALORADO e o segundo por WELWITSCH. Mais recentemente, foram herborizados os seguintes espécimes: Caldas de Moledo, pr. da Régua, Setembro de 1908, *Julio Gama* s. n., COI; Ferreira do Zêzere, Águas Belas, Setembro-1912, *R. Palhinha* s. n., LISU; Estação de Sintra, Julho-1909, *J. dos Santos* s. n., LISU; Sintra, sebes, Maio-1910, *J. dos Santos* 2857, COI.

***Scrophularia ebullifolia* Hoffgg. et Link**

Torna-se necessário rever a distribuição desta espécie, porquanto há discordância entre o que afirma SAMPAIO, que a aponta para o Centro e Sul, e COUTINHO, que a cita para Alto Minho, Beira Montanhosa, Estremadura e Alentejo Litoral. Segundo os dados que possuímos, a área de dispersão desta espécie é ainda maior que a citada pelo último autor, podendo dizer-se que se estende de Norte a Sul do país. É de admirar que COUTINHO a não refira para o Algarve, quando, no seu estudo sobre as *Scrophulariaceae* (*Bol. Soc. Broteriana*, 1.^a série, XXII, 1906, p. 172-173), cita um exemplar de Loulé, colhido por MOLLER. É também estranho que SAMPAIO refira apenas o Centro e Sul, quando é certo que ele próprio herborizou esta espécie em Póvoa de Lanhoso.

O Alto Alentejo, onde MANUEL FERREIRA herborizou a planta em 1914, é também região ainda não mencionada.

Espécimes: Póvoa de Lanhoso, Julho-1894, *Gonçalo Sampaio* 1438 a, LISU; Castelo de Vide, Sr.^a da Penha, Junho-1914, *M. Ferreira* s. n., COI.

Distribuição: Minho, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

***Veronica micrantha* Hoffgg. et Link**

Estenda-se a área desta planta até o Ribatejo.

Espécime: Ferreira do Zêzere, V-1914, *M. Ferreira* s. n., COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa e Ribatejo.

***Veronica persica* Poir.**

Veronica Tournefortii Gmel. (Fl. Bad. I, 1805, p. 39), non Vill.

Veronica persica Poir. (Dict. Enc., VIII, 1808, p. 542, p. p.).

Veronica Buxbaumii Ten. (Fl. Nap., I, 1811, p. 7).

VILLARS (Prosp., p. 20; Dauph. II, p. 9) empregou primeiramente o nome específico *Tournefortii* para designar uma planta que foi considerada, mais tarde, como variedade (var. *Tournefortii* Reichb.) de *Veronica officinalis* L. Nesta conformidade, uma vez que GMELIN empregou o mesmo nome para designar uma outra espécie do género, deve, de acordo com o artigo 61 das Regras Internacionais de Nomenclatura, ser rejeitado o binome deste autor (*V. Tournefortii* Gmel.) e usado o de POIRET.

Além das regiões apontadas por COUTINHO e SAMPAIO, *V. persica* Poir. aparece também em Trás-os-Montes.

Espécime: Margens dos caminhos, entre Bragança e Ponte Velha, 4-III-1943, P.^o A. de Barros Carneiro 469, COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral, Ribatejo e Estremadura.

***Veronica scutellata* L.**

A distribuição desta espécie prolonga-se pela Estremadura, província que nem COUTINHO nem SAMPAIO assinalam para *Veronica scutellata* L.

Espécime: Pinhal de Leiria, VII-1917, *Guilherme Felgueiras* 344, COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa e Estremadura.

NOTA: Tanto G. FELGUEIRAS (*l. c.*, p. 13) como ARALA PINTO (*l. c.*, p. 178) já referem esta espécie para o Pinhal de Leiria, sem no entanto mencionarem o número e a data da colheita.

***Orobanche crenata* Forskal**

Na Estremadura, esta *Orobanche* encontra-se frequentemente, parasitando diversas espécies de Leguminosas. Na Beira Litoral, onde até à data não fora assinalada, herborizou-se recentemente pela primeira vez. O Baixo Alentejo, que nos conste, também ainda não estava incluído na área desta espécie.

Espécimes: Coimbra, na cerca do Seminário, sobre *Vicia Faba* L., 15-VI-1946, P.^o M. Póvoa dos Reis s. n., COL; arredores de Serpa, Maio-1915, F. Mendes s. n., LISU.

Distribuição: Beira Litoral, Estremadura e Baixo Alentejo.

***Gnaphalium purpureum* L.**

Segunda menção para o Douro Litoral. A primeira é de Santo Tirso.

Espécime: Porto oriental (Paranhos), entre interstícios de pedras calcárias de uma rua; terra areenta, 3-VI-1945, J. Lebois Fonseca 196, COL.

***Eclipta alba* Hassk.**

Esta Composta foi assinalada pela primeira vez (J. C. VASCONCELLOS, *l. c.*, p. 15) nos arrozais de Azambuja. Voltou agora a ser encontrada, no Paúl de S. Fagundo, perto de Coimbra. A planta cresce ali abundantemente, apresentando-se perfeitamente desenvolvida e com aquénios maduros, o que leva a crer que encontrou condições propícias à sua fixação e propagação. É natural que a introdução nos arredores de Coimbra se tenha operado por sementes vindas com o arroz importado, independentemente da que teve lugar no Ribatejo.

Espécime: S. Fagundo, nos arrozais, 17-X-1951, J. Matos et A. Matos s. n., COL.

Inula salicina L.

Esta espécie existe também na Beira Alta.

Espécime: Entre Vilar Formoso e Castelo Bom, numa moita de *Quercus pyrenaica*, nos lugares húmidos, 7-VII-1951, A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos 3936, COL.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Alta.

Hyoseris scabra L.

Tanto COUTINHO como SAMPAIO se limitam a indicar os arredores de Lisboa como o local onde tem aparecido esta Composta, sendo um pouco de estranhar que a edição de 1947 da Flora portuguesa não refira o Algarve, onde SAMPAIO a herborizou.

Espécime: Tavira, 31-III-1913, Gonçalo Sampaio s. n., COL.

Distribuição: Estremadura e Algarve.

Scorzonera laciniata L. var. intermedia (Guss.)

SAMPAIO não distingue variedades nesta espécie, que indica como distribuindo-se desde a Beira ao Algarve, o que não é exacto em virtude de a var. *tenuifolia* aparecer em Trás-os-Montes (J. MARIZ, *Bol. Soc. Broteriana*, 1.^a série, XI, 1893, p. 160; B. RAINHA, *De Flora Lusitana Commentarii*, IV, 1948, p. 117).

A var. *intermedia* (Guss.) não é citada por COUTINHO para o Algarve, onde recentemente a herborizámos.

Espécime: À saída de Portimão, nos salgadiços, 4-V-1951, A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos 3655, COL.

Distribuição: Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

NOTAS DE FLORÍSTICA

III

por

J. MALATO-BELIZ e J. P. ABREU

(Estação de Melhoramento de Plantas, Elvas)

NA sua maior parte, a presente série de notas resultou da observação de material ultimamente colhido em diversas regiões do Alto Alentejo, quer durante o reconhecimento florístico e geobotânico de pastagens naturais, quer em várias visitas à Serra de S. Mamede, realizadas com a finalidade de estudar a sua vegetação.

A estas se juntaram algumas outras, referidas às províncias do Algarve e de Trás-os-Montes e Alto Douro, originadas no estudo de algumas espécies ali herborizadas, respectivamente, em 1950 e em 1951, no decorrer de rápidas excursões efectuadas para exame de pastagens.

Os autores manifestam a sua gratidão aos Ex.^{mos} Senhores Directores dos Institutos Botânicos do Porto, Coimbra e Lisboa, ao Prof. J. DE VASCONCELLOS (Instituto Superior de Agronomia), ao Eng.^o Agrónomo A. R. PINTO DA SILVA (Estação Agronómica Nacional) e aos Conservadores e Naturalistas dos vários Herbários pelas facilidades concedidas para a consulta de material e de bibliografia e por todos os esclarecimentos que amavelmente lhes prestaram.

Merendera Bulbocodium Ram.

A distribuição desta espécie, indicada em qualquer das nossas *Floras* (COUTINHO, 1939 e SAMPAIO, 1947) é, praticamente, coincidente no que respeita às Províncias do litoral. Contudo, COUTINHO, apontando como limite meridional da área o rio Tejo, inclui nela parte da região interior do País.

Qualquer destes Autores, porém, não faz referência a Trás-os-Montes, onde a espécie tem sido herborizada por várias vezes (ROZEIRA, 1944).

O limite inferior da área de distribuição da *M. Bulbocodium* em Portugal está situado a sul daquele que lhe tem sido atribuído, pois tivemos ocasião de a herborizar em dois locais de relativa abundância, no Alto Alentejo. É natural, até, que esta espécie venha a ser assinalada mais ao sul, o que, até agora, não se terá verificado em virtude do maior número de herborizações se efectuar no período primaveril, época pouco propícia para assinalar ou para colher espécies que, como esta, são de floração outonal.

Espécimes: Alto Alentejo: Castelo de Vide: Mão Parada, 400 m. s. m. (14-Outubro-1951, *Beliz* 226); Elvas: herdade da Alagada: margem direita do rio Guadiana, 158 m. s. m. (25-Outubro-1951, *Beliz*, *Boesser* e *Abreu* 683).

Distribuição: Do Minho e Trás-os-Montes e Alto Douro ao Alto Alentejo.

Allium neapolitanum Cyr.

Até agora, a única localidade conhecida desta planta, no Alto Alentejo, era Castelo de Vide (MALATO-BELIZ e ABREU, 1950). Porém, em 1949, colhemos este *Allium* nas proximidades de Elvas, patenteando, deste modo, o alargamento da sua área de distribuição na Província.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: quinta do Rio Torto (1-Abril-1949, *Beliz*, *Abreu* e *Chaves*, s. n.).

Narcissus triandrus L. var. *concolor* (Haw.) Bak.

Depois de se ter mencionado, pela primeira vez, a existência desta variedade no Alto Alentejo, tomando por base exemplares colhidos na Serra de S. Mamede, próximo de Castelo de Vide (MALATO-BELIZ e ABREU, 1950), de novo se herborizou esta planta noutros locais da referida Serra. Este facto leva-nos a alargar, a toda a Serra de S. Mamede, a área de distribuição da variedade nesta Província.

Espécimes: Alto Alentejo: próx. de Alegrete: aba SW da

Serra de S. Mamede. Devónico. 500 m. s. m. (2-Fevereiro-1951, *Beliz, Abreu e Ruivo* 645); Castelo de Vide: próx. à Amieira. 550 m. s. m. (26-Fevereiro-1952, *Beliz* 224).

Narcissus serotinus L.

Esta espécie vem indicada nas nossas *Floras* apenas para o Algarve. Parece, todavia, não ser ali muito frequente, pois é, sòmente, citada para Tavira e Faro. O facto, mesmo, de não ter voltado a encontrar-se naquelas localidades, de há anos para cá, apesar de procurada, levou a admitir a hipótese do seu completo desaparecimento do País (FERNANDES, 1936).

Recentemente, tivemos ocasião de herborizar esta interessante espécie na margem do rio Guadiana, próximo de Elvas.

Procurando explicação para o facto do *N. serotinus* não ter sido assinalado antes nesta localidade, uma vez que, desde há anos, temos percorrido a região em várias épocas, fomos levados a admitir a hipótese da sua recente introdução, feita pelas águas do Guadiana. Tal suposição tem probabilidade de ser verdadeira, pois, segundo o Eng.º Agr.º V. MORENO MARQUEZ (com. verb.), este *Narcissus* é frequente na vizinha região de Badajoz.

Do exposto, conclue-se que o limite da distribuição do *N. serotinus*, no interior da Península Ibérica, é mais setentrional do que aponta FERNANDES (1951) e se situa, na região Elvas-Badajoz, ao longo do Guadiana.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: herdade da Alagada: margem direita do rio Guadiana. 158 m. s. m. (25-Outubro-1951, *Beliz, Boesser e Abreu* 682).

Distribuição: Alto Alentejo (Elvas) e Algarve.

Dianthus loricifolius Bss. et Reut.

Segundo COUTINHO (1939), esta planta existe apenas nas montanhas da Beira (Castelo Bom, Alcaide e Ferreira do Zézere), ao passo que SAMPAIO (1947) sòmente refere a sua existência na margem do rio Minho.

Todavia, verifica-se a necessidade de incluir o Alto Alentejo na área de distribuição da espécie no País, pois foi por nós colhida em Montalvão, na margem esquerda do rio Sever.

Espécime: Alto Alentejo: Montalvão: Dourados: barreiras do rio Sever (28-Maio-1951, *Beliz* 207).

Distribuição: Minho, Beira Alta (Castelo Bom), Beira Baixa (Alcaide), Ribatejo (Ferreira do Zézere) e Alto Alentejo (Montalvão).

Ranunculus leontinensis Freyn

Na *Flora* de COUTINHO (1939), esta espécie é apontada na Beira Alta e no Alto Alentejo. Porém, SAMPAIO (1947), omitindo a primeira daquelas Províncias, indica o Alentejo como área de distribuição da espécie, por Ele considerada variedade.

Creemos que este autor se refere apenas ao Baixo Alentejo, pois já anteriormente, no seu *Prodromo da flora portuguesa* (1909-11), havia revelado a existência do *R. leontinensis* nesta Província alentejana. Contudo, consultando o herbário de G. SAMPAIO, não encontramos nenhum exemplar da espécie que justifique a citação.

A planta encontra-se também no Algarve, onde a herborizámos em 1950.

Espécime: Algarve: entre Vila Real de S.^{to} António e Castro Marim: na borda de um braço de água, próx. ao Guadiana. (Abril-1950, *Beliz*, *Guerra* e *Ruivo* 366).

Distribuição: Beira Alta, Alto Alentejo e Algarve.

Matthiola fruticulosa (L.) Maire

Percorrendo, recentemente, os terrenos da lezíria do rio Guadiana, próximo de Elvas, colhemos esta crucífera, a qual é mencionada por COUTINHO (1939) com o nome de *Matthiola tristis* (L.) R. Br., tendo este sido corrigido, mais tarde, para *M. fruticulosa* (L.) Maire (ROTHMALER et PINTO DA SILVA, 1940). Aquele Autor, não inclui o Alto Alentejo na área de distribuição que, na sua *Flora*, atribui à espécie. Apenas SAMPAIO (1909-11 e 1947) a menciona no Alentejo. Julgamos que este Autor se refere somente ao Alto Alentejo uma vez que, de entre os herbários consultados, unicamente no herbário do Instituto Botânico de Coimbra nos foi dado encontrar um exemplar colhido, igualmente, na região de Elvas, em 1886.

Espécimes: Alto Alentejo: Elvas (Junho-1886, J. C. de S.^a Senna COI); Elvas: Alagada: margem arenosa do Guadiana 158 m. s. m. (25-Outubro-1951, Beliz, Boesser e Abreu 687).

Distribuição: Trás-os-Montes, Douro, Serra da Estrela, Sesimbra, Serra da Arrábida e Alto Alentejo (Elvas).

Lunaria biennis Moench

Com origem no sudeste da Europa, esta espécie parece ter sido introduzida no País como planta ornamental, cultivada em jardins. Da sua cultura resultou, porém, a disseminação e o consequente aparecimento como subespontânea, em locais não assinalados nas nossas *Floras*, muito embora tenha sido apontada em Castelo Branco nalguns trabalhos (MARIZ, 1885; ROTH-MALER *et* PINTO DA SILVA, 1940). Na realidade, os exemplares existentes nos diversos herbários portugueses, confirmam, em absoluto, esta ideia, pois aqueles que não foram colhidos em jardins, foram herborizados em locais vizinhos de antigos parques e matas ajardinadas que tiveram nome graças à abundante existência de espécies exóticas.

Foi nestas últimas condições, em locais sombrios e húmidos, sob coberto de árvores que colhemos esta crucífera, nos arredores de Castelo de Vide.

Os exemplares observados em herbário pertencem, apenas, a duas Províncias do interior do País (Beira Baixa e Alto Alentejo); contudo, ultimamente, a espécie foi também indicada, como fugida da cultura, no catálogo da *Flora vascular da Serra do Gerês* (PINTO DA SILVA, SOBRINHO e outros, 1950).

Espécimes: Castelo Branco: Matta do Castelo (Junho-1881, A. R. da Cunha s. n. COI); Sernache do Bom Jardim: Jardins do Colégio das Missões (Junho-1890, Domingos Romão Boavida s. n. COI); Castello Novo (Junho-1920, Luis Fernandes LISU); De Marvão a Portalegre (Maio-1913, Dr. Palhinha e F. Mendes LISU); Alto Alentejo: Castelo de Vide: próx. da estrada para Marvão (3-Abril-1949, Beliz 30); junto à quinta do Cartaxo (27-Março-1950, Beliz e Abreu 341); Gerês — Caldas (9-Abril-1949, L. G. Sobrinho LISU).

Distribuição: Minho, Beira Baixa e Alto Alentejo.

***Lepidium heterophyllum* Benth. var. *alpestre* F. Schultz**

Esta variedade, ainda não mencionada no Alto Alentejo, foi por nós herborizada, recentemente, próximo de Montalvão. Foi também assinalada a sua existência no Baixo Alentejo e no Algarve (PINTO DA SILVA e FONTES, 1951), províncias também não referidas por COUTINHO (1939).

Espécime: Alto Alentejo: Montalvão: Dourados: barreiras do rio Sever (3-Junho-1951, *Beliz* e *Ruivo* 1062).

Distribuição: Alto Trás-os-Montes e Alto Minho, Beira transmontana e meridional, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

***Anagyris foetida* L.**

Até agora somente conhecida no Baixo Alentejo e no Algarve, esta planta foi por nós colhida nos arredores de Elvas em restos de mato com *Quercus coccifera*. Nesta região a espécie é hoje bastante rara e é possível que este carácter venha a acentuar-se, visto que os matos onde se encontra estão a caminho de completa destruição, por meio de arroteias realizadas com o fim de fornecer maior superfície à cultura cerealífera. Como último reduto, a *A. foetida* poderá, talvez, manter-se nas extremas das propriedades, onde também a temos observado.

Especime: Alto Alentejo: Elvas: herdade da Padeira; em restos de mato de *Quercus coccifera* (8-Fevereiro-1952, *Beliz* e *Abreu* 1112).

Distribuição: Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

***Ulex aphyllus* Link**

Apontada por COUTINHO (1939) apenas para o Alentejo litoral, Baixo Alentejo e Algarve, verifica-se que esta espécie existe também no Alto Alentejo, pois aí se herborizou em 1951, aproximadamente no local em que havia sido colhida por M. FERREIRA em 1913.

Espécimes: Arredores de Alpalhão (Junho-1913, *M. Ferreira* COI); Alto Alentejo: estrada Alpalhão-Nisa: terreno arenoso de origem granítica; em pousio antigo (25-Janeiro-1951, *Beliz*, *Abreu* e *Ruivo* 644).

Distribuição: Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

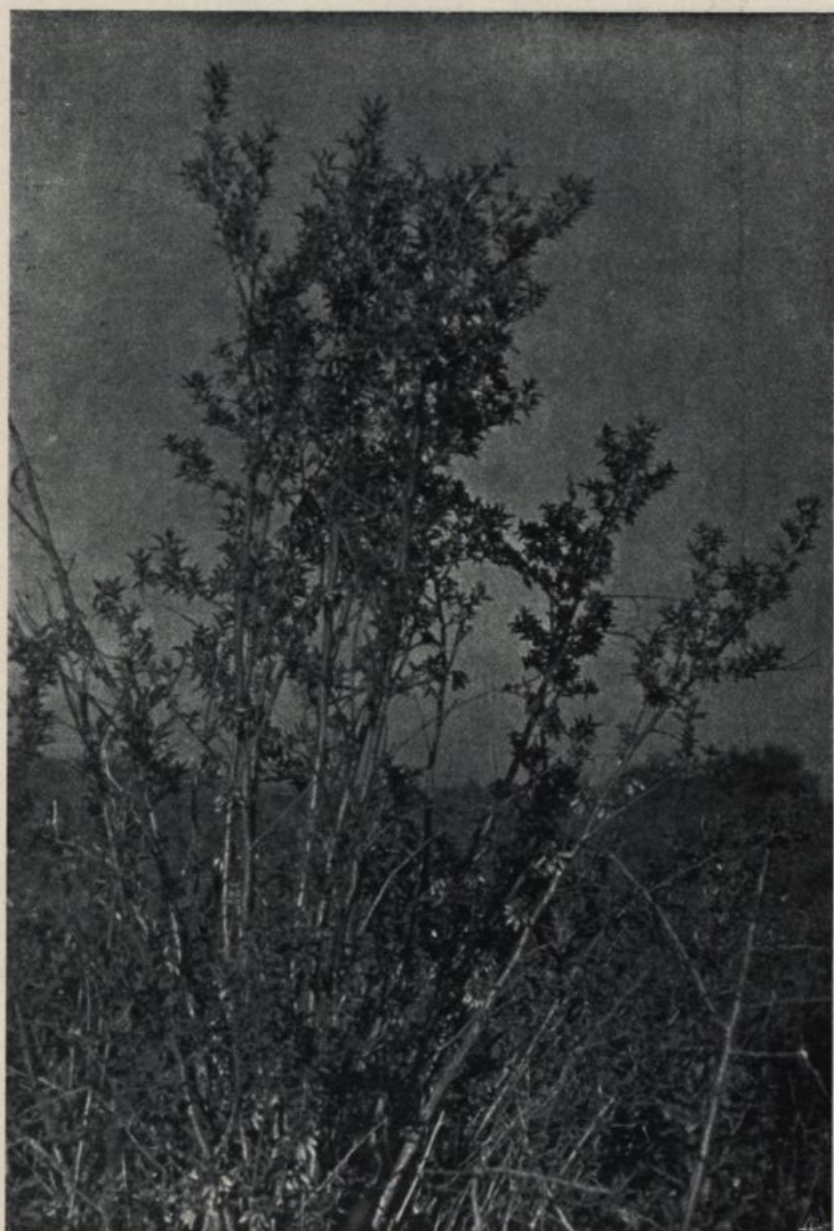


Fig. 1 — Aspecto da *Anagyris foetida* L. nos arredores de Elvas



Deposited in the Library of the Faculty of Sciences, University of Coimbra, under the name of the author, Dr. António de Almeida, on 15/1/54.

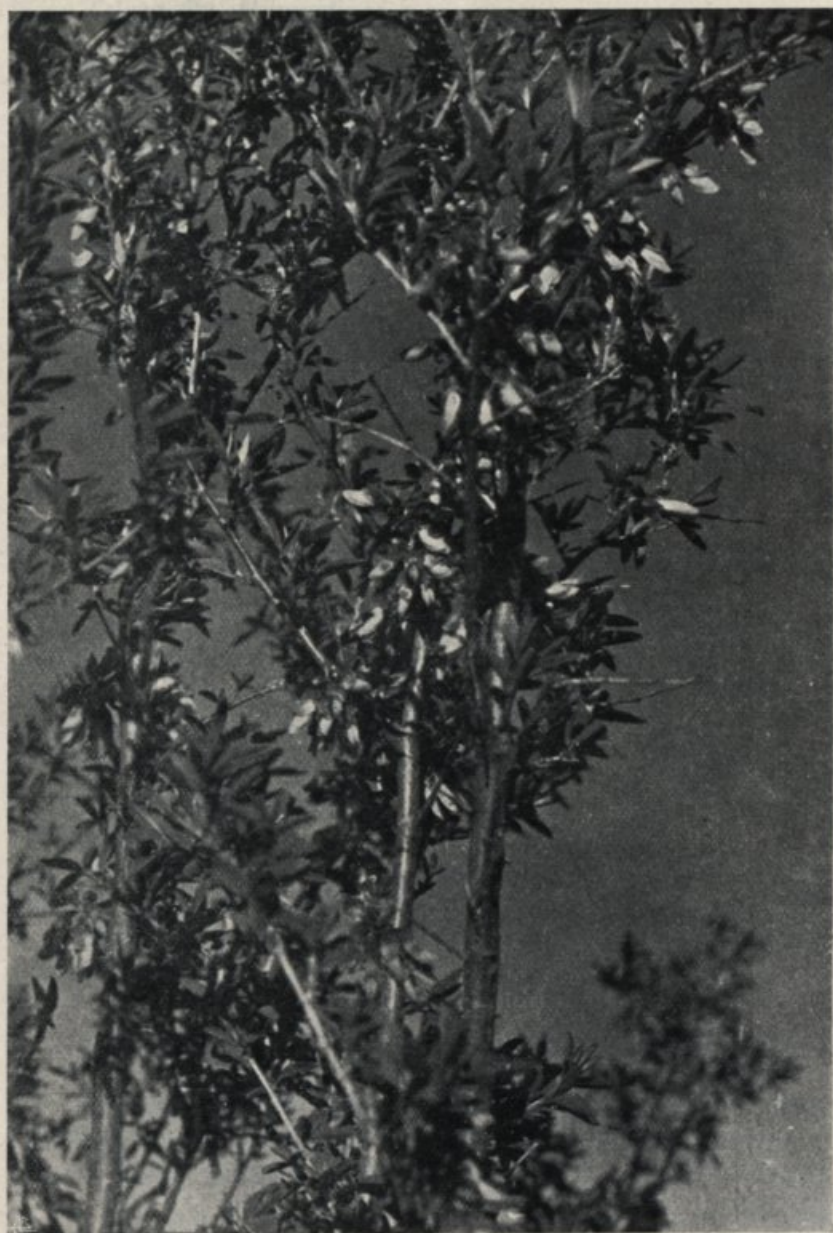


Fig. 2 — Pormenor de *Anagyris foetida* L.



Trigonella monspeliaca L.

Na *Flora de Portugal* refere-se a existência desta leguminosa nas províncias de Trás-os-Montes, Estremadura e Algarve. Mais tarde, GARCIA (1946) indica-a também para a Beira Litoral e para o Alto Alentejo (Reguengos de Monsaraz), tendo sido de novo assinalada na primeira daquelas Províncias por FERNANDES (1949), e na segunda por FERNANDES e FERNANDES (1948). Além dos dois locais conhecidos para o Alto Alentejo, verifica-se, agora, existir também nos arredores de Elvas.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: Gramicha: terreno da Estação de Melhoramento de Plantas (23-Maio-1951, *Beliz* e *Abreu* 674).

Distribuição: Trás-os-Montes, Beira Litoral, Estremadura, Alto Alentejo e Algarve.

Medicago murex Willd. ssp. ovata (Carmig.) P. Cout.

Na *Flora de SAMPAIO* (1947) não é indicada qualquer localidade para esta subespécie, considerada por este Autor como variedade. Todavia, COUTINHO (1939) situa a planta na Estremadura e no Alentejo litoral.

Herborizada por nós no Alto Alentejo, esta Província deverá ser incluída na área de distribuição desta leguminosa em Portugal.

Espécime: Alto Alentejo: Montalvão: Dourados: barreiras do rio Sever; terreno xistoso (3-Junho-1951, *Beliz* e *Ruiivo* 1065).

Distribuição: Estremadura, Alto Alentejo (Montalvão) e Alentejo litoral.

Coronilla repanda (Poir.) Bss. ssp. dura (Cav.) Perez-Lara

COUTINHO (1939) aponta, para esta subespécie, o Alto Alentejo como limite sul da área de distribuição. Porém, a planta existe também no Baixo Alentejo (VASCONCELLOS, 1941) e no Algarve, o que está de acordo com a citação de SAMPAIO (1947).

Espécimes: Odemira (Abril-1905, *G. Sampaio*); arredores de Faro: areas da Arabia (Abril-1887, *Padre José de Sousa*

Guerreiro PO, COI e LISU); Faro (Abril-1915, G. Sampaio) Algarve: Concelho de Lagos: entre o Castelo de Farragudo e a ponta do Altar: praia, areias marítimas calcáreas. 4 m. s. m. (17-Abril-1945, P. Silva, C. Fontes, M. Myre e B. Rainha 585 LISE 19640); Loulé: entre Loulé e Quarteira, próximo de Quatro Estradas no pinhal (próx. à estrada), areias. Ca. 25 m. s. m. (5-Maio-1945, P. Silva, C. Fontes, M. Myre e B. Rainha 996, LISE 19550); Algarve (Abril-1950, Beliz, Guerra e Ruivo).

Distribuição: Trás-os-Montes, Beira transmontana e meridional, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

***Vicia peregrina* L.**

Esta espécie não é citada para o Alto Alentejo por COUTINHO (1939), na sua *Flora*. Todavia, foi por nós herborizada nos arredores de Elvas. SAMPAIO (1947), aponta, como limite norte da área de distribuição, a Estremadura e, como limite sul, o Algarve, muito embora não tivessemos encontrado, em qualquer dos herbários consultados, exemplar algum do Alto Alentejo.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: barreiras por detrás da Estação de Melhoramento de Plantas (29-Maio-1951, Abreu e Cidrais 676).

Distribuição: Beira meridional, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

***Mercurialis tomentosa* L.**

Dever-se-á incluir o Alto Alentejo na área da espécie no nosso País, pois a colhemos ultimamente nas proximidades de Sousel. Como para a espécie da nota anterior, verificámos não existir em qualquer herbário exemplar que justificasse a anterior inclusão desta Província na área de distribuição da *M. tomentosa*, como fez SAMPAIO (1947).

Espécime: Alto Alentejo: entre Sousel e Estremoz (2-Março-1951, Beliz e Ruivo 656).

Distribuição: Douro, Beira meridional, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Elatinoides lanigera (Desf.) P. Cout. var. **dealbata** (Hoffgg. et Link) P. Cout.

Esta variedade, denominada por ROTHMALER (1940) *Kickxia dealbata* (Hoffgg. et Link) Rothm., além das regiões indicadas na *Flora de Portugal* de COUTINHO (1939), encontra-se também no Alto Alentejo, nos arredores de Elvas.

Espécimes: Alto Alentejo: Elvas: in arvis incultis prope Elvas versus fronteira de Caia. 250 m. s. m. (16-Setembro-1938, Rothmaler 14236 LISE 5140); Elvas: terrenos da Estação de Melhoramento de Plantas (19-Junho-1951, *Beliz* e *Ruivo* 1108).

Distribuição: Estremadura, Alto Alentejo, Alentejo litoral e Baixo Alentejo.

Asperula hirsuta Desf.

Durante o estudo de material do género *Asperula* L. herborizado no Algarve em 1950, efectuado nos diversos herbários portugueses, tivemos ocasião de verificar a existência desta espécie em Trás-os-Montes e Alto Douro, onde foi colhida por F. GARCIA e M. MYRE em 1943.

Espécime: Confluência do Tanha com o Coirgo (Maio-1943, F. Garcia e M. Myre LISI).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro e Algarve.

Galium tenellum Jord.

Esta rubiácea que, a avaliar pelas citações existentes, não é muito frequente em Portugal, existe também no Alto Alentejo, tendo sido colhida nos arredores de Montalvão, junto à fronteira.

Espécime: Alto Alentejo: Montalvão: Dourados: barreiras do rio Sever (3-Junho-1951, *Beliz* e *Ruivo* 1104).

Distribuição: Trás-os-Montes, Estremadura (arredores de Lisboa) e Alto Alentejo (Montalvão).

Lonicera Periclymenum L. var. **glauco-hirta** Kze.

COUTINHO (1939) indica esta variedade apenas para o litoral do Baixo Alentejo e para o Algarve, ao passo que SAMPAIO (1947) aponta, de uma maneira vaga, o sul do País. Porém,

além de se ter verificado a sua existência em Trás-os-Montes e Alto Douro (MENDONÇA e VASCONCELLOS, 1942 e 1944), foi herborizada também na Beira Baixa e no Alto Alentejo.

Espécimes: Fundão: estrada de Alcambar, próx. à levada; terreno granítico (Setembro-1945, *J. de Vasconcellos*); Alto Alentejo: Castelo de Vide: caminho do Prado (Sr.^a da Victória); nas barreiras da estrada. 550 m. s. m. (26-Feveiro-1952, *Beliz* 220).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Baixa, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Tanacetum microphyllum DC.

Citada por COUTINHO (1939) somente para a Beira meridional, esta espécie existe também em Trás-os-Montes e Alto Douro (ROZEIRA, 1944; SAMPAIO, 1947) e, mais recentemente, foi por nós herborizada nas proximidades de Elvas.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: Alagada: margem arenosa do rio Guadiana. 158 m. s. m. (25-Outubro-1951, *Beliz, Boesser e Abreu* 685).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Baixa e Alto Alentejo.

Leontodon tuberosus L.

A província de Trás-os-Montes e Alto Douro deverá ser incluída na área de distribuição desta espécie, muito embora as *Floras* a não mencionem. Com efeito, não só a planta ali foi colhida por nós, como também já anteriormente lá havia sido assinalada (MENDONÇA e VASCONCELLOS, 1944).

Espécime: Trás-os-Montes e Alto Douro: Mirandela: Lameirão: pastagem permanente. (3-Maio-1951, *Beliz, Esteves e Ruivo* 748).

Distribuição: De Trás-os-Montes e Alto Douro ao Algarve.

El presente trabajo es el resultado de una investigación realizada en el Jardín Botánico de la Universidad de Chile, durante el año 1964.

El autor desea agradecer a los señores profesores de la Facultad de Ciencias, por haberle permitido realizar esta investigación.

El autor desea agradecer también a los señores profesores de la Facultad de Ciencias, por haberle permitido utilizar el Jardín Botánico de la Universidad de Chile.



SUMARIO

Neste terceiro conjunto de notas sobre a flora de Portugal, os autores mencionam algumas plantas novas para Trás-os-Montes e Alto Douro, Alto Alentejo e Algarve e assinalam, nestas províncias, novas localidades de espécies nelas pouco citadas.

De entre as plantas referidas, destacam-se, pela sua pouca frequência em Portugal, as seguintes: *Narcissus serotinus* L., *Dianthus laricifolius* Bss. et Reut., *Anagyris foetida* L., *Medicago murex* Willd. ssp. *ovata* (Carmig.) P. Cout., *Asperula hirsuta* Desf. e *Galium tenellum* Jord.

RÉSUMÉ

Dans ce troisième ensemble de notes sur la flore portugaise, les auteurs mentionnent quelques nouvelles plantes dans les provinces de Trás-os-Montes et Alto Douro, Alto Alentejo et Algarve et ils indiquent, dans ces provinces, de nouvelles localités pour des espèces qui y sont peu citées.

Parmi les plantes rapportées, on met en évidence, par sa rareté au Portugal, les suivantes: *Narcissus serotinus* L., *Dianthus laricifolius* Bss. et Reut., *Anagyris foetida* L., *Medicago murex* Willd. ssp. *ovata* (Carmig.) P. Cout., *Asperula hirsuta* Desf. et *Galium tenellum* Jord.

SUMMARY

In this third paper on the Portuguese flora, the authors list some plants new to the provinces of Trás-os-Montes and Alto Douro, Alto Alentejo and Algarve, and cite some new stations for some of the rarer species.

Among the rare species recorded are the following: *Narcissus serotinus* L., *Dianthus laricifolius* Bss. et Reut., *Anagyris foetida* L., *Medicago murex* Willd. ssp. *ovata* (Carmig.) P. Cout., *Asperula hirsuta* Desf. and *Galium tenellum* Jord.



BIBLIOGRAFIA

COUTINHO, A. X. PEREIRA

- 1939 *Flora de Portugal (Plantas vasculares)* 2.^a edição. Bertrand (Irmãos), Ld.^a Lisboa.

FERNANDES, A.

- 1936 Narcisos de Portugal. *An. Soc. Brot.* 2: 9-26.
1951 Sur la phylogénie des espèces du genre *Narcissus* L. *Bol. Soc. Brot.* 25 (2.^a série): 113-190.

FERNANDES, A. e FERNANDES, R.

- 1948 Herborizações nos domínios da Fundação da Casa de Bragança. II — Vila Viçosa. *Bol. Soc. Brot.* 22 (2.^a série): 17-96.

FERNANDES, R.

- 1949 Notas sobre a flora de Portugal. I. *Bol. Soc. Brot.* 23 (2.^a série): 119-157.

GARCIA, J. G.

- 1946 Estudos sobre a flora de Portugal. *Bol. Soc. Brot.* 20 (2.^a série): 43-82.

MALATO-BELIZ, J. e ABREU, J. P.

- 1950 Notas de florística. I. *Mem. Soc. Brot.* 6: 63-77.

MARIZ, J. DE

- 1885 Subsídios para o estudo da Flora Portuguesa. II — *Cruciferae* L. *Bol. Soc. Brot.* 3: 72-105.

MENDONÇA, F. A. e VASCONCELLOS, J. DE C. E

- 1942 Contribuições para a topografia florística da região duriense. *An. Inst. Vinho do Porto* 3 (1): 295-330.
1944 Contribuições para a topografia florística da região duriense. II. *An. Inst. Vinho do Porto* 5: 117-200.

PINTO DA SILVA, A. R., SOBRINHO, L. G. e OUTROS

- 1950 Flora vascular da Serra do Gerês. *Agron. Lus.* 12 (2): 232-380.

PINTO DA SILVA, A. R. e FONTES, F. C.

- 1951 Plantas novas e plantas raras para o Algarve. (De Flora Lusitana Commentarii ad Normam Herbarii Stationis Agronomicae Nationalis. Fasc. VI) *Agron. Lus.* 13 (1): 77-87.

ROTHMALER, W.

- 1940 Sobre algumas plantas críticas. *Brotéria* (Sér. Ciênc. Nat.) 9 (1): 5-17.

ROTHMALER, W. et PINTO DA SILVA, A. R.

- 1940 *Florae Lusitaniae emendationes*. *Agron. Lus.* 2 (1): 75-90.

ROZEIRA, A.

- 1944 A flora da província de Trás-os-Montes e Alto Douro. *Mem. Soc. Brot.* 3.

SAMPAIO, G.

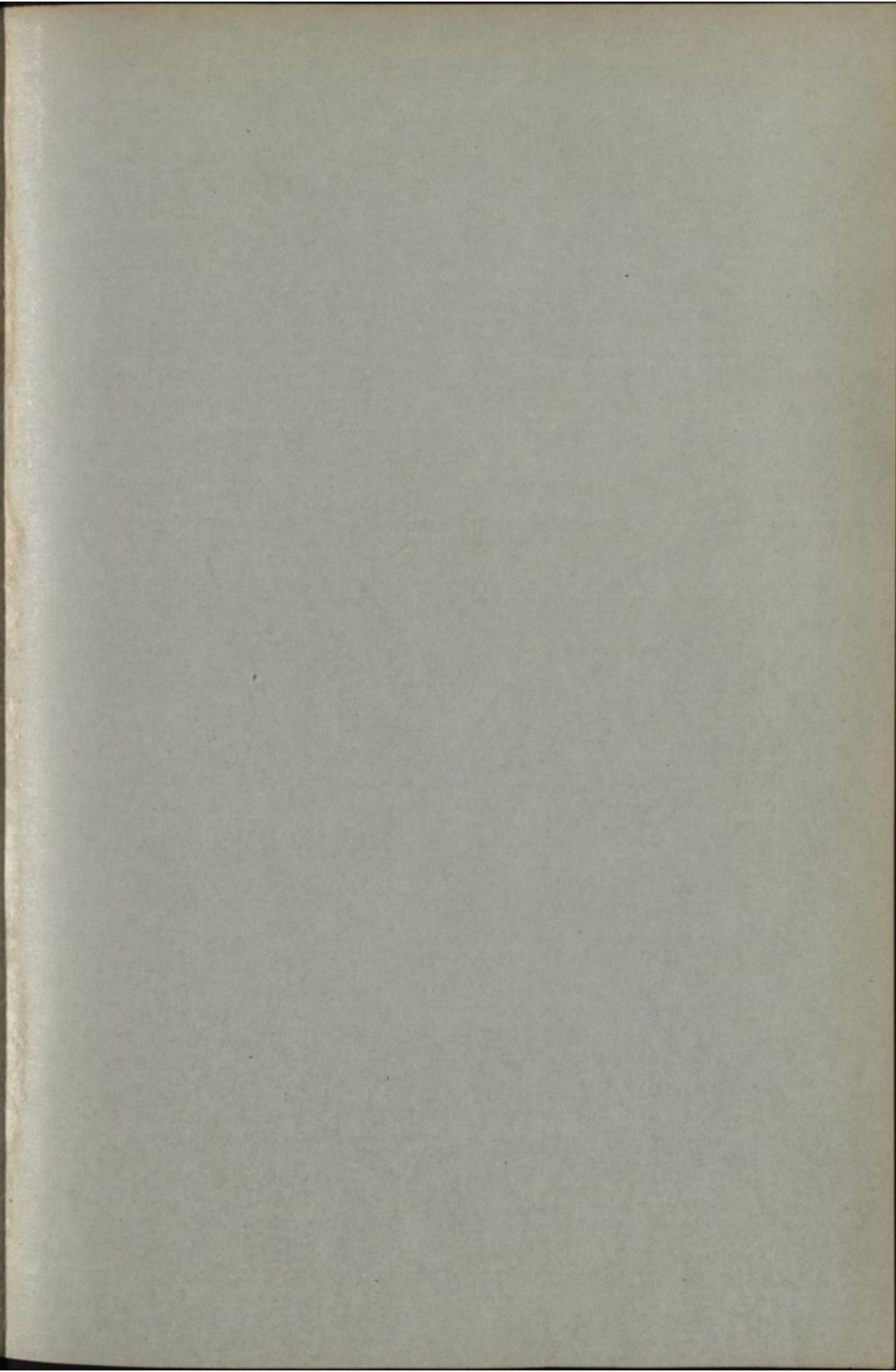
- 1909-11 *Pródrome da flora portuguesa*.

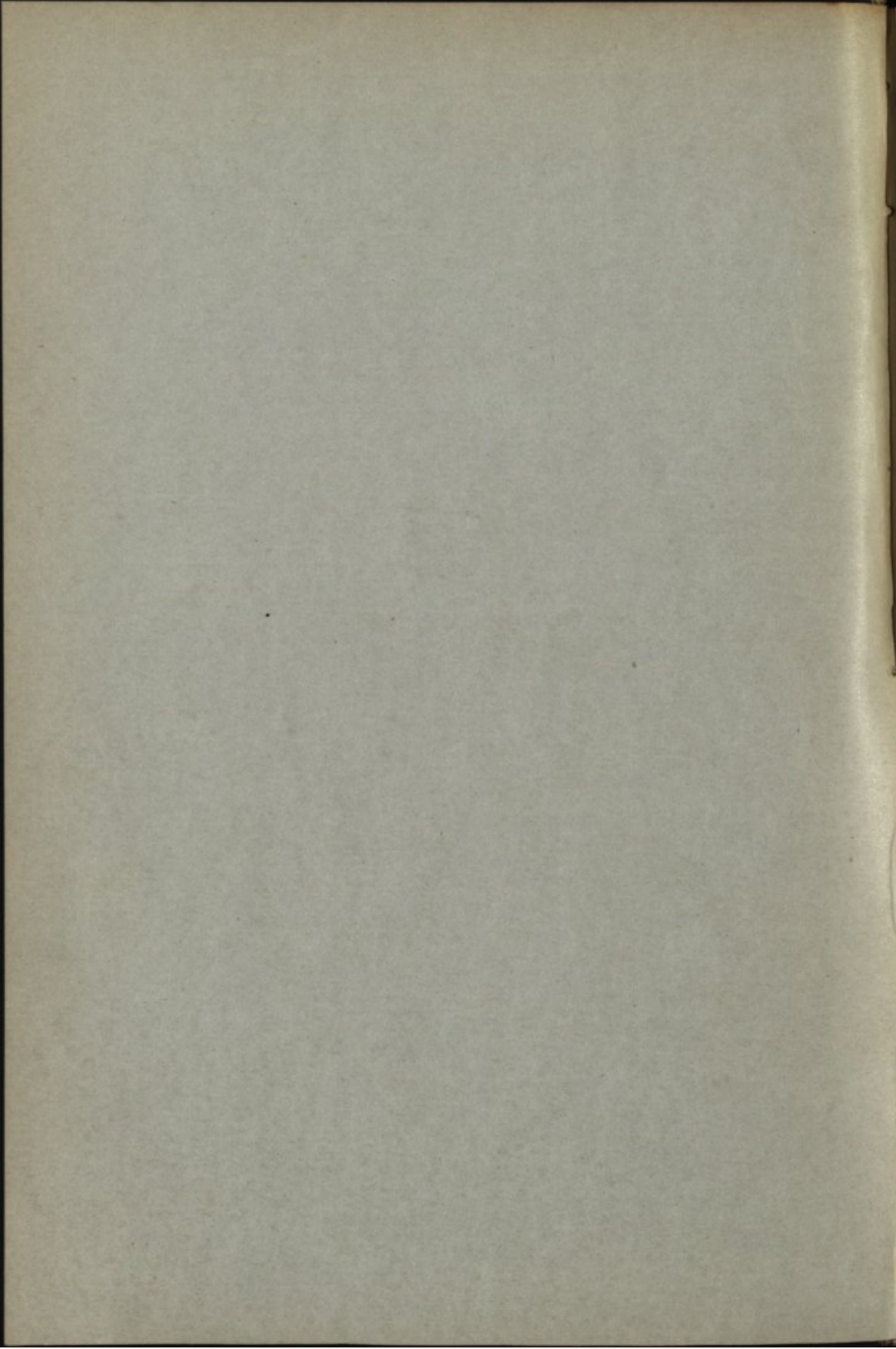
- 1947 *Flora Portuguesa* (2.^a edição). Imprensa Moderna Ld.^a Porto.

VASCONCELLOS, J. DE C. E

- 1941 Anotações do Herbário do Instituto Superior de Agronomia. *An. Inst. Sup. Agron.* 12.







ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XIX

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

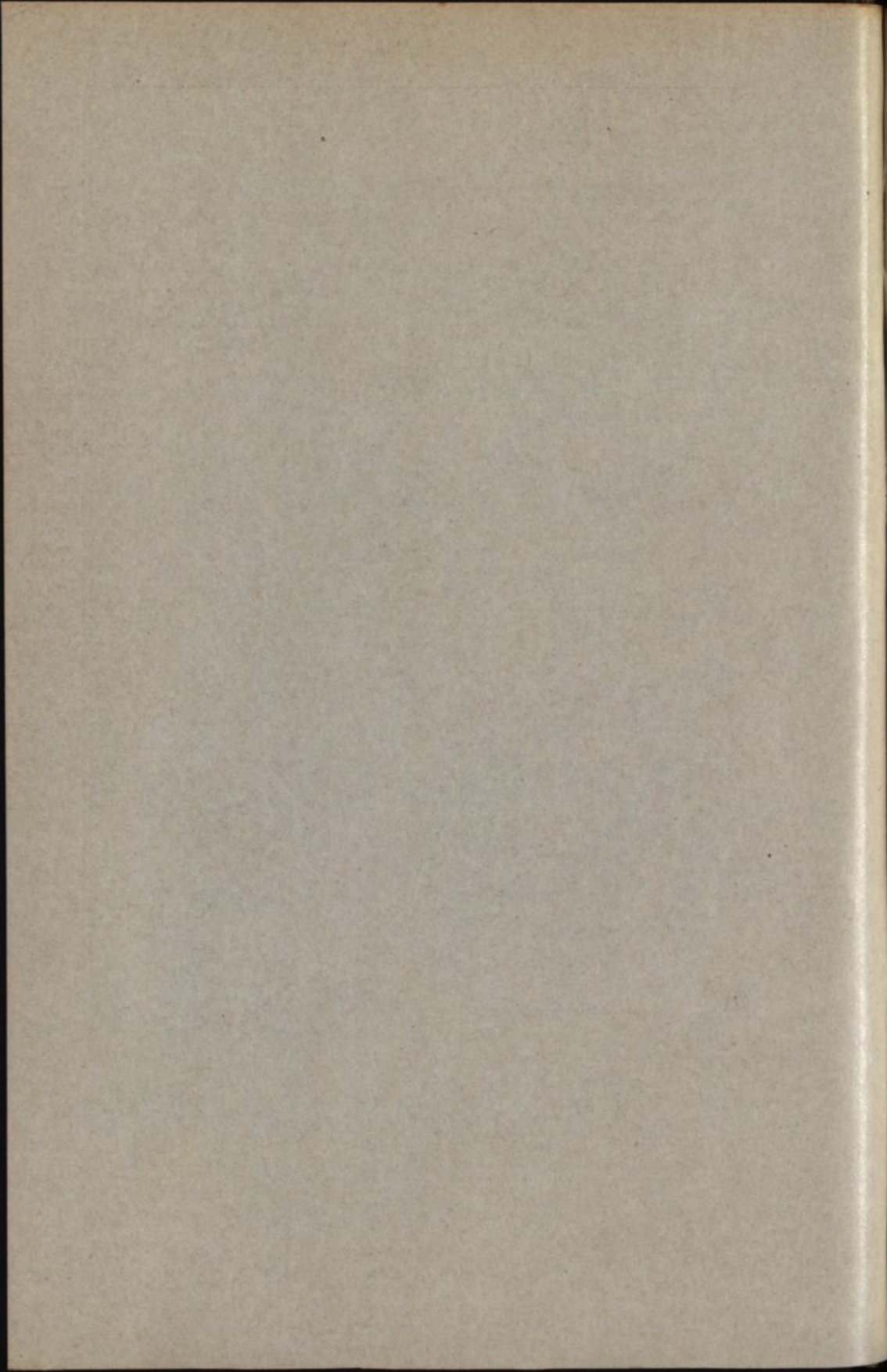
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1953



ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XIX

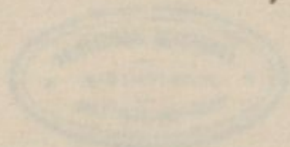
REDACTORES

PROF. DR. ADELIO FERNANDES

Professor de Botânica Geral na Universidade de Coimbra

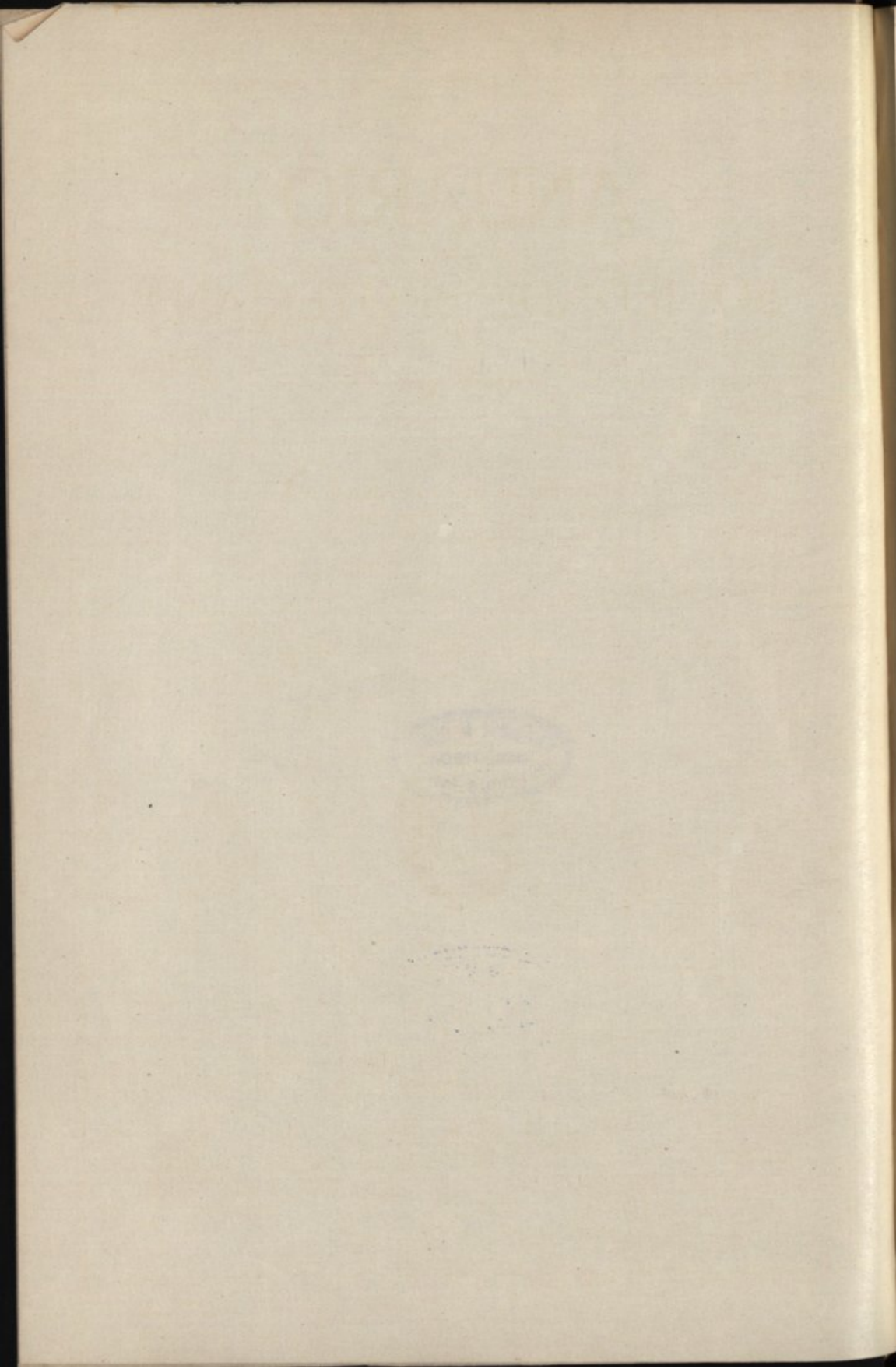
F. A. MENDONÇA

Medicador do Instituto Brotero



COIMBRA

1953



ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XIX

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA

1953

ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XIX

REDACTORES
PROF. DR. ARLDO FERNANDES
F. A. MENDONÇA



TIP. ALCOBACENSE, LIMITADA
ALCOBAÇA

1953

SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 24 de Janeiro de 1953

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1952. Esse relatório é do teor seguinte:

«Durante o ano transacto, a Direcção continuou a dispensar o melhor cuidado às revistas da Sociedade, pois que a regularidade da sua publicação é indispensável para se manterem as permutas que tanto enriquecem e tornam eficiente a biblioteca. Deste modo, publicaram-se os volumes XXVI do Boletim e VIII das Memórias, bem como o n.º XVIII do Anuário. Agradecemos penhoradamente a todos os autores a colaboração que se dignaram conceder-nos.

A Sociedade recebeu diversos pedidos de troca de publicações e solicitou também permuta com várias revistas, tendo-se, assim, alargado consideravelmente o âmbito das nossas relações. O movimento da biblioteca foi bastante intenso, pois que se receberam por troca 554 volumes e 1.685 folhetos.

Como habitualmente, o pessoal do Instituto Botânico efectuou diversas herborizações no país. O material está sendo estudado pelo Naturalista do Instituto, Ex.^{ma} Sr.^a D. ROSETTE BATARDA FERNANDES, que oportunamente dará conhecimento das novidades encontradas.

Mais uma vez a Direcção se vê constrangida a lamentar a reduzida actividade dos sócios, pois poucos foram os que remeteram espécimes de herbário para o Instituto Botânico. Apela-



-se, portanto, novamente, para a boa vontade de todos, no sentido de que prossiga com regularidade a tarefa da exploração botânica do país ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1952, existia em caixa um saldo de 15.337\$15.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES disse que a impressão e a remessa das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção ficasse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e distribuição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Drs. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e VIRGÍLIO da ROCHA DINIZ.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1953, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 24 de Janeiro de 1953

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continuasse a cargo do Ex.^{mo} Sr. Dr. ABÍLIO FERNANDES;
- b) Manter a comissão redactorial do Anuário;
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão do seguinte

NOVO SÓCIO

ARMÊNIO ALVIM BARROSO, Caixa postal n.º 2088, Rio de Janeiro, Brasil.





Manuel José Fernández Portia

PROF. DR. MANUEL JOSÉ FERNANDES COSTA

1870 - 1952

NA voragem do tempo, vão, a pouco e pouco, desaparecendo todos aqueles que receberam os preciosos ensinamentos de JÚLIO HENRIQUES; todos aqueles a quem o venerando Mestre transmitiu o seu acrisolado amor pelo estudo do mundo vegetal; todos aqueles a cujo entusiasmo juvenil o fundador da Sociedade Broteriana foi buscar incentivo para a realização da obra gigantesca que levou a cabo!... Coube agora a vez ao inclito varão que foi o Doutor MANUEL JOSÉ FERNANDES COSTA, professor jubilado da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Coimbra, sócio honorário da Sociedade Broteriana, membro do Instituto de Coimbra, da Sociedade Farmacêutica Lusitana e de outras agremiações científicas.

O Prof. MANUEL JOSÉ FERNANDES COSTA, filho de FRANCISCO JOSÉ FERNANDES e de D. LEOPOLDINA DA CONCEIÇÃO FERNANDES COSTA, nasceu em Foz de Arouce a 25 de Fevereiro de 1870. Depois de sobejamente ter evidenciado as suas superiores qualidades intelectuais, foi-lhe concedido o diploma de farmacêutico em 1891, isto é, quando contava apenas 21 anos de idade. Passou em seguida a exercer a profissão, para o que adquiriu a *Farmácia do Castelo*, cujo desaparecimento, em consequência das obras da Cidade Universitária, é ainda bastante recente.

Ao mesmo tempo que dirigia os serviços, não descurava a preparação dos seus ajudantes, a quem ensinava com carinho, entusiasmo e proficiência. Compreende-se, assim, que a *Farmácia do Castelo* fosse procurada por muitas pessoas que desejavam obter prática, para, em seguida, de harmonia com a legislação vigente, obterem nas Escolas os seus diplomas de farmacêuticos. O ensino arrebatava FERNANDES COSTA!... Des-

cobrir vocações, modelar o material plástico que chegava até ele, transmitir conhecimentos, formar caracteres!... Tudo isto era atraente, era vida que bem merecia ser vivida!...

O semblante de FERNANDES COSTA, porém, normalmente risonho, turvava-se com frequência quando pensava que a Farmácia era considerada como uma arte subalterna e que o seu ensino era ministrado em condições deficientíssimas, incompatíveis com a categoria de ciência autónoma que, em sua opinião, lhe devia ser atribuída. Este modo de ver era aliás o de toda a classe farmacêutica que, há longos anos, vinha pugnando pela elevação do respectivo ensino. Depois de muitos esforços, conseguiram os farmacêuticos ver consubstanciadas algumas das suas mais legítimas aspirações com a publicação da Carta de lei de 19 de Julho de 1902, mediante a qual o grande estadista que foi o Conselheiro HINTZE RIBEIRO unificou o ensino farmacêutico e lhe deu a categoria de superior ⁽¹⁾. Por essa lei, foram criadas três Escolas de Farmácia anexas, respectivamente, à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e às Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto.

Em 28 de Janeiro de 1903, foi aberto concurso para provimento de duas vagas de professores catedráticos e uma de professor substituto da Escola de Coimbra. Dada a atracção que sentia pelo ensino e consciente de que poderia contribuir para a sua elevação, FERNANDES COSTA resolveu concorrer. Necessitando, para esse efeito, elaborar uma dissertação, dirigiu-se a JÚLIO HENRIQUES e a CHARLES LEPIERRE que muito gostosamente o acolheram nos laboratórios que dirigiam, pondo à sua disposição todos os recursos dos mesmos, bem como a inexaurível fonte dos seus conhecimentos. FERNANDES COSTA sabia que *Hypericum Androsaemum* L. era uma planta de interesse terapêutico que estava sendo usada de uma maneira empírica, com inteiro desconhecimento da natureza química dos seus princípios activos. Resolveu, pois, efectuar o estudo anatómico e químico dessa planta, ao qual adicionou o da sua acção fisiológica, tendo, desse modo, realizado um verdadeiro trabalho de

(¹) Vide JOSÉ CYPRIANO RODRIGUES DINIZ — O ensino farmacêutico na Universidade de Coimbra. Sua evolução desde 1902 até à reforma de 1932. *Notícias Farmacêuticas*, 4: 123-203, 1937-1938.

investigação científica. Depois de ter elaborado a dissertação intitulada «*Hypericum Androsaemum*, L.» e 4 teses correspondentes às cadeiras que constituíam o curso de Farmácia daquele tempo, FERNANDES COSTA apresentou-se às provas, que se efectuaram de 18 de Fevereiro a 18 de Abril de 1904. Aprovado por unanimidade, tomou posse do lugar de professor da Escola em 14 de Maio do mesmo ano.

FERNANDES COSTA viu, assim, convertido em realidade um dos grandes sonhos da sua vida e, desde 1904 até 1940, ano em que foi atingido pelo limite de idade, consagrou-se devotadamente ao ensino, regendo as cadeiras de História Natural das Drogas, Zoologia Farmacêutica, Bromatologia e Análises Bromatológicas, Indústria Farmacêutica, Estudo comparativo das Farmacopeias, Farmacognosia e Farmácia Galénica. Professor inteligente e culto, de palavra fácil e elegante, as suas aulas eram seguidas com o maior interesse pelos alunos, que encontravam também no Mestre o amigo de coração bondoso, sempre disposto a aconselhá-los para que um dia se tornassem Homens na plena acepção da palavra...

Enquanto se entregava ao ensino com todo o entusiasmo, uma pesada névem obscurecia o horizonte do nável professor: a Escola de Farmácia não possuía instalações próprias, funcionando, graças à hospitalidade de JÚLIO HENRIQUES e de SOUSA GOMES, em dependências do Jardim Botânico e do Laboratório Químico. Logo no primeiro Conselho a que assistiu, chamou a atenção do Reitor interino, Dr. AVELINO CALISTO, para a acuidade deste problema, rogando-lhe que intercedesse no sentido de os poderes públicos instalarem condignamente a Escola. Apesar dos insistentes pedidos e da boa vontade dos reitores, o tempo ia passando e o problema continuava sem solução. FERNANDES COSTA não desanimou e, em 1911, quando ocupava já o lugar de Director, viu os seus esforços coroados de êxito, porquanto o governo da Universidade resolveu nessa data ceder a chamada «Casa dos Mellos» para instalação de alguns serviços da Escola de Farmácia. A «Casa dos Mellos», anteriormente destinada a habitação de funcionários não docentes, a carpintaria e a depósito de materiais, encontrava-se em verdadeira ruína e atropelos diversos tinham-lhe feito perder as suas sóbrias linhas de construção renascentista. Ao restauro e à adaptação do edifício

dedicou então FERNANDES COSTA o melhor do seu carinho. Desejava instalar os serviços condignamente, mas queria também que a «Casa dos Mellos» mantivesse o seu primitivo carácter architectónico. Estudou o problema em colaboração com o architecto AUGUSTO CARVALHO da SILVA PINTO e, em Fevereiro de 1912, iniciaram-se as obras que duraram até Janeiro de 1915. No edifício restaurado, instalou as salas de aula, biblioteca, laboratórios de Farmacognosia e Farmácia Galénica, Farmácia modelo, gabinete do Director, vestiários, etc. Infelizmente, o espaço era pequeno para poderem caber ali todos os serviços. Por este facto, alguns deles tiveram de ficar ainda em S. Boaventura e no edifício central da Universidade. Apesar disso, FERNANDES COSTA sentia-se contente, pois que a Escola de Farmácia de Coimbra tinha agora, no seu dizer, *uma casa sua*. No entanto, a ideia de dar a todos os serviços uma instalação adequada não o abandonou. Deste modo, em 1923, conseguiu que a Junta Administrativa da Universidade cedesse à Farmácia uma casa de carpintaria situada por detrás da Biblioteca Geral. Efectuadas as convenientes obras de reparação, aí instalou, numa ampla sala, o laboratório de Química, que, assim, abandonou as exíguas instalações em que se encontrava e para onde transitou depois o laboratório de Criptogamia e Fermentações.

Enquanto que, com tanto sucesso, ia resolvendo os problemas referentes às instalações da sua Escola, FERNANDES COSTA preocupava-se também com a elevação do nível do ensino e com a dignificação do exercício farmacêutico. Em relação com o que existia, a reforma de 1902, embora imperfeita em muitos pontos, representou um melhoramento sensível e muito contribuiu para a elevação do ensino. No entanto, os contínuos progressos da Ciência mostravam que o plano de estudos estabelecido por essa reforma era cada vez mais inadequado. Por isso, os corpos docentes das Escolas, assim como a classe farmacêutica, aspiravam a que os estudos fossem novamente reformados, dando-se-lhes a amplitude que a sua importância exigia.

Com a implantação da República, FERNANDES COSTA viu realizada uma das mais caras aspirações do seu espírito, pois estava convencido que o novo regime traria ao povo português uma era de progresso e felicidade. Foi, pois, com alvoroço, que acedeu a fazer parte de uma comissão de professores

das três Escolas do país, nomeada pelo Ministro do Interior, em Janeiro de 1911, com o encargo de elaborar um projecto de reforma do ensino da Farmácia. FERNANDES COSTA gostosamente aceitou o encargo de relator dessa comissão, tendo elaborado um plano que foi aprovado por todos os membros. Quando se esperava que fosse publicado um diploma inspirado nesse projecto, surgiu a reforma de 26 de Maio de 1911, onde o relator não reconheceu qualquer influência do trabalho que executara com o coração pleno de esperanças. De todos os lados surgiram protestos contra essa reforma que não correspondia aos anseios nem das Escolas, nem da classe farmacêutica. Compreende-se, por isso, que, convidadas a regulamentar a lei, as Escolas de Farmácia se tenham negado terminantemente a fazê-lo. Essa regulamentação, porém, como refere CYPRIANO DINIZ (*l. c.* 150), foi feita por pessoa estranha ao corpo docente das Escolas, mas não foi sancionada pelo Governo sem que FERNANDES COSTA sobre ela emitisse o seu parecer e introduzisse as emendas que considerasse convenientes. Já que o ensino farmacêutico estava em causa, o Director da Escola de Farmácia de Coimbra pôs de lado o seu legítimo ressentimento e tentou atenuar o mal o mais possível, aproximando a regulamentação do projecto que tinha elaborado. Era, porém, impossível salvar tudo, porquanto o regulamento, que foi aprovado por decreto de 18 de Agosto de 1911, não se poderia sobrepor à lei...

Em 1914, FERNANDES COSTA é novamente nomeado para fazer parte de uma comissão encarregada pelo Ministro da Instrução, JOSÉ DE MATOS SOBRAL CID, de reorganizar o ensino nas Escolas de Farmácia. Depois das correspondentes discussões, a comissão aprovou um regulamento baseado principalmente sobre o projecto elaborado em 1911 por FERNANDES COSTA e o decreto de 18 de Agosto do mesmo. Com a aprovação deste regulamento, viu FERNANDES COSTA os seus esforços coroados de êxito, mas, infelizmente, o período de vigência do decreto que o sancionou (n.º 1.102, de 25 de Novembro de 1914) foi extremamente curto.

Em 16 de Janeiro de 1915, voltou a ser nomeado para fazer parte de uma outra comissão destinada ainda a rever o problema do ensino farmacêutico. Nessa comissão apresentou, pela

primeira vez, um projecto de lei pelo qual as Escolas de Farmácia seriam convertidas em Faculdades. FERNANDES COSTA passou depois a bater-se denodadamente por esta ideia, que conseguiu ver triunfar com a publicação do decreto n.º 7.238, de 18 de Janeiro de 1921. Recebeu, assim, a justa compensação do esforço dispendido, sendo intensa a alegria que experimentou por ter conseguido realizar o máximo que sonhara no que respeita à elevação do ensino da ciência que professava.

Oito anos decorreram velozes, como decorre sempre o tempo em períodos felizes. O estado do Tesouro, porém, impunha um apertado regime de economias e de diminuição de despesas. Por esse facto, sendo Ministro da Instrução ALFREDO DE MAGALHÃES, foi publicado, em 14 de Abril de 1928, um decreto que, além de outras, extinguiu a Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. Esta medida, como é bem compreensível, desgostou profundamente FERNANDES COSTA, que via, assim, ruir a obra em que tinha trabalhado com tanto carinho, ardor e fé!...

Representações diversas fizeram com que os poderes públicos se apercebessem dos inconvenientes que resultariam da supressão do ensino da Farmácia em Coimbra. Por esse facto, foi permitida a inscrição dos alunos em anos sucessivos, até que, em 1932, foi publicada uma nova reforma do ensino de Farmácia, mediante a qual a Faculdade passou a Escola, regime em que actualmente se encontra.

Em virtude de ser o mais antigo membro do Senado, FERNANDES COSTA foi Reitor interino da Universidade desde 1 de Setembro de 1919 a fins de Outubro do mesmo ano, de 1 de Junho a fins de Novembro de 1921 e de 28 de Janeiro de 1924 a 6 de Janeiro de 1925. No desempenho dessas elevadas funções, procurou sempre prestigiar a Universidade, que amava com desvelo, e revelou os mais elevados dotes morais e intelectuais.

A análise do trabalho «*Hypericum Androsaemum*, L.», que constituiu a sua dissertação de concurso, revela que FERNANDES COSTA possuía reais qualidades de investigador. Os problemas que teve de enfrentar durante a sua vida docente, porém, não lhe permitiram dedicar muito tempo à investigação científica. Apesar disso, sob os pseudónimos «*Omega*» e «*Myr-*

tus», publicou ainda os seguintes trabalhos em «Notícias Farmacêuticas», revista que lhe era particularmente cara:

Passatempo farmaco-naturalista. Plantas vulgares de ornamentação de acção venenosa. 1) A Hera. — *Notícias Farmacêuticas*, 1: 9-12, 1934.

Ao tabuleiro do gamão. As águas coradas das farmácias como motivo decorativo. — *Idem*, 1: 77-82, 1935.

Diversos atributos e emblemas da Farmácia e da Medicina. — *Idem*, 1: 125-129, 1935.

Exercício ilegal da Farmácia. Lá e cá... — *Idem*, 1: 337-339, 1935.

Esclarecendo. — *Idem*, 1: 340-341, 1935.

A-cêrca-do Solutio de Lugol. — *Idem*, 1: 349-356, 1935.

Um caso delicado de exercício profissional. — *Idem*, 2: 98-100, 1935.

Uma Portaria notável. — *Idem*, 2: 212-213, 1936.

Comentando. — *Idem*, 2: 317-319, 1936.

Acêrca da substituição da cânfora natural pela cânfora sintética no óleo canforado injectável. — *Idem*, 2: 332-340, 1936.

Temas didácticos. A propósito dum artigo sôbre incompatibilidades farmacêuticas. — *Idem*, 3: 99-106, 1937.

O edificio da Escola Superior de Farmácia de Coimbra e as suas instalações. — *Idem*, 4: 91-121, 1937.

FERNANDES COSTA representou também papel de relevo na vida política da Nação. Assim, em 1911, foi eleito Deputado à Assembleia Constituinte por Arganil e, em 1919, voltou a sê-lo pelo mesmo círculo. Em 1921, foi Senador pelo círculo de Coimbra.

Atingido o limite de idade em 25 de Fevereiro de 1940, retirou-se FERNANDES COSTA para Coja. Uma pessoa cuja vida tinha sido inteiramente devotada ao trabalho não poderia permanecer inactiva, apesar de ser já avançada a sua idade. Por outro lado, interessando-se pelo bem público, era sua aspiração que o povo se elevasse constantemente sob os pontos de vista moral e material. É, pois, compreensível que tenha aceitado com entusiasmo o cargo de presidente da Comissão Administrativa da Casa do Povo de Coja. No exercício destas funções,

prestou serviços de tal modo notáveis que, por despacho do Ministro das Corporações e Previdência Social, foi louvado pelo zelo e dedicação com que desempenhou esse cargo. Também a população de Coja não olvidava quanto lhe devia. E, assim, projectava manifestar-lhe o seu reconhecimento no dia 28 de Dezembro de 1952. A FERNANDES COSTA, porém, foi vedada a satisfação que lhe adviria de tal homenagem, porquanto, precisamente na véspera, deixou de bater o seu coração, que tanto tinha pulsado em defesa dos nobres ideais que nortearam sempre a sua vida...

À Ex.^{ma} Família do saudoso extinto e em especial ao Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ALOÍSIO JOSÉ DE CARVALHO FERNANDES COSTA, membro da Direcção da Sociedade Broteriana, deixamos aqui consignada a expressão das nossas mais sentidas condolências.

A. FERNANDES

SOBRE A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA
DE *NARCISSUS CYCLAMINEUS* DC.
E *N. CALCICOLA* MENDONÇA

por

A. FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

AS herborizações realizadas ultimamente pelo pessoal do Instituto Botânico de Coimbra vieram mostrar que as áreas de dispersão de *N. cyclamineus* DC. e *N. calcicola* Mendonça são mais vastas do que se pensava. Em virtude de se tratar de plantas extremamente interessantes, quer pela sua beleza, quer pela sua história e raridade, publicamos aqui os dados que coligimos sobre a repartição geográfica destas duas espécies, juntamente com algumas notas históricas.

***Narcissus cyclamineus* DC.**

Pelas folhas estreitas, espessas e intensamente verdes, bem como pelas flores solitárias, pendentes, de um amarelo dourado, com tubo obcónico muito curto, coroa longa e estreita, de abertura dilatada e margem crenulada, e tépalas retroflectidas como nos Ciclamens, esta espécie é muito bela e distinta de todos os outros taxa do subgénero *Ajax*. Devido à posição da flor e às tépalas retroflectidas, o conjunto constituído pelo pedúnculo, pedicelo e flor tem o aspecto de um pequenino martelo, compreendendo-se que, no Douro Litoral, o povo, sempre tão apto a descobrir analogias, designe a planta pelo nome de *Martelinhos*. Na Beira Alta, onde *N. cyclamineus* DC. foi recentemente encontrado, o nome vulgar é *Pucarinhos*, tirado provavelmente da conformação da coroa, que na realidade lembra um pequeno púcaro.

Uma planta tão curiosa não poderia passar despercebida aos estudiosos que desde há muito tempo se enlevam na observação das maravilhas do mundo vegetal. Não admira, pois,

que *N. cyclamineus* DC. tenha sido representado por PIERRE VALLET na estampa 20 da sua obra *Le jardin du Roy tres chrestien Henri IV*, numa data tão recuada como 1608. VALLET chamou-lhe *Narcissus hispanicus minor amplo calyce foliis reflexis* e a observação da figura (fig. 1) não deixa dúvidas de que se trata realmente de *N. cyclamineus* DC.

Em 1633, foi novamente representado na estampa 20 do *Theatrum Florae, in quo ex toto orbe selecti mirabiles venustiores ac praecipui flores tanquam ab ipsius Deae sinu proferuntur*, obra de um autor anónimo, muito provavelmente francês. A figura é mais perfeita que a de VALLET e a planta é ali designada por *Narcissus hispanicus minor luteus amplo calyce foliis reflexis* (fig. 2).

Em 1816, DE CANDOLLE in REDOUTÉ, *Liliac.* 8, n.º 486, deu-lhe o nome de *N. cyclamineus*, transcrevendo a diagnose pré-lineana e citando a figura do *Theatrum Florae*. Como não há dúvidas quanto à identificação da planta representada na última obra, o nome específico deve na realidade ser atribuído a DE CANDOLLE. Mais tarde, HAWORTH (*Mon.* 2: 1831), separando *Ajax* como género distinto, chamou-lhe *Ajax cyclamineus*.

Fig. 1. — Reprodução da figura de *N. cyclamineus* DC. publicada por VALLET em 1608.



As figuras de VALLET e do *Theatrum Florae* foram executadas sobre exemplares cultivados cuja proveniência era completamente desconhecida. Essas plantas, porém, desapareceram das culturas, ficando somente as figuras a atestar a existência da

espécie. Como, no espaço de cerca de dois séculos (de 1633 a 1837), nenhum autor voltasse a referir o aparecimento de tal planta, HERBERT (Amaryllidaceae, 1837), julgando possivelmente, como sugere BOWLES (*A handbook of Narcissus*, 1934), a representação feita no *Theatrum Florae* tão má como as cópias de figuras antigas de Amarilidáceas publicadas por OLAF RUDBECK nos seus *Campi Elysii* (1701), foi levado a negar a existência de *N. cyclamineus* DC. que ele considerou «an absurdity which will never be found to exist». O decorrer do tempo parecia dar razão a HERBERT, pois que, apesar da intensidade das pesquisas florísticas que se estavam efectuando, ninguém anunciava a redescoberta da espécie.

Nas suas digressões pelos arredores do Porto, cidade em que habitava, o inglês EDWIN JOHNSTON passou, em Fevereiro de 1881, pelas margens do rio Ferreira, afluente do Sousa. Aí se lhe deparou um Narciso de que colheu exemplares, alguns dos quais foram remetidos para o Jardim Botânico de Coimbra. Infelizmente, como se verifica pelo exame da respectiva etiqueta, a planta foi identificada como *N. minor* L., continuando, assim, ainda triunfante a opinião de HERBERT. No Porto habitava também um outro inglês, A. W. TAIT, amigo de E. JOHNSTON. Como acontece com tantos dos seus compatriotas, TAIT dedicava-se à floricultura nas horas vagas e, dadas as suas relações com C. WOLLEY DOD, P. BARR, JÚLIO HENRIQUES e CORDER, todos eles grandes apreciadores de Narcisos, tornou-se também um entusiasta pelo estudo e cultura dessas interessantes amarilidáceas.



Fig. 2. — Desenho de *N. cyclamineus* DC. feito por BURBIDGE sobre a figura da estampa 20 do *Theatrum Florae*.

Os seus amigos ingleses pediam-lhe informações sobre os Narcisos de Portugal, ao mesmo tempo que lhe remetiam bibliografia e instruções sobre a sua identificação. Certo dia, JOHNSTON mostrou a TAIT uma flor de *N. cyclamineus* DC. TAIT ficou entusiasmado e pediu ao seu amigo que o conduzisse ao local onde a tinha colhido. Satisfeito o pedido, encontrou-se TAIT junto ao rio Ferreira, e aí, entre 28 de Fevereiro e 10 de Março, pôde contemplar *N. cyclamineus* DC. em flor, o qual vivia nas margens da corrente, em solo areno-argiloso, a 300 pés de altitude. As plantas eram relativamente abundantes, tendo TAIT o ensejo de colher um elevado número de exemplares, que remeteu a JÚLIO HENRIQUES, bem como aos seus compatriotas, particularmente a WOLLEY DOD e a P. BARR. Simultaneamente, *N. cyclamineus* DC. era encontrado por E. SCHMITZ, em S. Martinho do Campo, nos arredores de Valongo.

Em 1886, TAIT deu à estampa as suas *Notes on the Narcissi of Portugal*, onde, além de historiar a descoberta de *N. cyclamineus* DC. nos arredores do Porto, apresentou ainda uma descrição da espécie. A publicação desse artigo e sobretudo a chegada das plantas a Inglaterra causaram sensação, pois constituíam um desmentido formal à afirmação de HERBERT. A « absurdity which will never be found to exist » existia efectivamente, não sendo, portanto, o produto da fantasia de nenhum ilustrador antigo que desenhasse as plantas tal como desejava que fossem e não como eram na realidade.

Alguns dos bolbos enviados por TAIT para Inglaterra foram oferecidos a F. W. BURBIDGE, o bem conhecido autor da obra *The Narcissus: its history and culture*, London, 1875, que os pôs em cultura no Jardim Botânico do Trinity College de Dublin. Ali floresceram na Primavera de 1887 e sobre essas plantas se elaborou a Tab. 6950 do *Botanical Magazine*, cuja publicação foi acompanhada de uma descrição e de uma nota histórica da autoria de J. G. BAKER. Este autor indica na sinónmia *Ajax cyclamineus* Haworth, Monogr. Narciss. p. 2, de modo que, segundo ele, o nome seria *N. cyclamineus* (Haw.) Baker. Como vimos, a espécie, porém, tinha já sido correctamente denominada por DE CANDOLLE em 1816. O nome que deve prevalecer é, pois, o deste autor e não os de HAWORTH ou BAKER.

A estampa do *Botanical Magazine* e a nota de BAKER contribuíram ainda mais que o artigo de TAIT para divulgar a redescoberta de *N. cyclamineus* DC. Os floricultores dessa época, mais felizes do que aqueles que os precederam, os quais em vão tinham procurado durante cerca de dois séculos e meio o famoso *Narcissus hispanicus minor luteus amplo calice foliis reflexis*, tentaram por todos os meios obter bolbos dessa notável planta, para satisfazerem os pedidos que lhes chegavam de todos os lados. Surge, assim, um momento trágico na vida do nosso Narciso. Sobre as margens do rio Ferreira, bem como sobre as do ribeiro de Avintes, onde posteriormente tinha também sido assinalada a sua presença, convergem grupos de homens armados de enxadas que sistematicamente arrancam os bolbos, para serem depois exportados para Inglaterra e outros países. Deste modo, enquanto *N. cyclamineus* DC. enchia os viveiros dos floricultores e ia matizando as relvas dos jardins ingleses, deixava de se poder mirar nas águas cristalinas dos ribeiros dos arredores do Porto, tornando-se aqui cada vez mais raro. Portugal ia, assim, perdendo uma das preciosidades da sua flora, sem que qualquer providência fosse tomada. Por outro lado, as necessidades sempre crescentes das populações impeliam os camponeses a pôr em cultura terrenos que até aí se tinham mantido bravios. O arado revolvía a terra e *N. cyclamineus* DC., incapaz de se adaptar às novas condições, era obrigado a recuar para os incultos que ainda ficavam. O camponês, embora sem má intenção, transformou-se também em inimigo da infeliz planta. Os preços oferecidos pelos floricultores estrangeiros eram cada vez mais elevados. A legião dos colectores de bolbos não descansava, continuando a colher o almejado Narciso, que não conseguia já encontrar refúgio eficaz contra tão feroz perseguição. A certa altura, os colectores começaram a regressar com as mãos vazias, tudo parecendo indicar que a espécie tinha sido eliminada do estado espontâneo. Os floricultores, porém, estavam satisfeitos com os lucros obtidos e os jardins particulares bem povoados!... A colheita cessou, ficando a crença de que a planta se extinguiu!...

Desde 1881 até 1893, data da publicação do *Supplementum Prodrumi Florae Hispanicae* de WILLKOMM, supôs-se que *N. cyclamineus* DC. era endémico de Portugal, onde se encontrava

unicamente nas margens dos rios Ferreira e Avintes. A publicação dessa obra revelou, porém, que a espécie existia também na Galiza, tendo sido herborizada por LOPEZ SEOANE pr. La Coruña. As investigações do Rev. P.^o BALTAZAR MERINO (Flora descriptiva é ilustrada de Galicia, 3: 117, 1909) mostraram que, além de habitar nos arredores de La Coruña, vivia ainda nas ribeiras del Sar, próximo de Santiago, e em Pontevedra, nas margens do Tamuje, cercanias de Rosal.

Terminada a impiedosa perseguição, teria *N. cyclamineus* DC. conseguido sobreviver nos arredores do Porto? A esta pergunta responde o artigo do Prof. ARNALDO ROZEIRA «*Narcissus cyclamineus* DC. Notas sobre a sua área de dispersão em Portugal» (An. Jard. Bot. Madrid, 6: 143, 1946). Por ele se verifica que, apesar da rude perseguição que lhe moveram os colectores e os camponeses, a espécie não se extinguiu. As plantas que, em consequência dos acasos da disseminação, tinham ficado escondidas em sítios pouco acessíveis, aproveitaram o período de tréguas para se expandirem e a espécie conseguiu reocupar alguns dos terrenos de onde tinha sido expulsa. Assim se explica que ROZEIRA a tenha voltado a encontrar nas localidades clássicas, «por vezes em grande abundância nas margens do rio Ferreira», como mostra a figura 3. Este autor procurou delimitar com precisão a área ocupada por *N. cyclamineus* DC. em Portugal, verificando «que se encontrava limitada por uma linha que continha todos os afluentes do rio Ferreira, linha que no limite Norte passa por Cô, Paços de Ferreira, Freamunde, e que a Sul do Douro, atinge Vergada, situada próximo da estrada que do Porto segue para Lisboa, na nascente do ribeiro de Crestuma, um pouco a Sul das nascentes do ribeiro de Avintes. O limite Oeste é marcado a Norte do Douro pela margem direita do rio Ferreira e seus afluentes, e a Sul pela margem esquerda do ribeiro de Avintes. Não foi possível determinar, por falta de tempo, o limite Leste» (ROZEIRA, l. c. p. 143 e 144).

Em 5 de Maio de 1951, o Instituto Botânico organizou uma exploração, chefiada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. JOSÉ DE BARROS NEVES, que, atravessando o Caramulo, passou por S. João do Monte. Nessa localidade, colheu-se um Narciso de que não foi possível determinar a espécie pelo facto de já nem sequer possuir frutos.

Na Primavera do ano seguinte, as plantas floresceram no Jardim Botânico de Coimbra e ficámos muito surpreendidos ao verificar que se tratava de *N. cyclamineus* DC. Admitimos que poderia ter havido qualquer troca de números ao fazerem-se as plantações, mas, dados os cuidados que sempre se tomam ao proceder a envasamentos, esta explicação não nos satisfaz.



Fig. 3. — *N. cyclamineus* DC. num prado de Couce, na margem esquerda do rio Ferreira. Notar que a planta é relativamente abundante. (Segundo uma fotografia gentilmente cedida pelo Ex.^{mo} Sr. Prof. A. ROZEIRA).

Resolvemos, portanto, ir a S. João do Monte, em 9 de Março de 1952, com o fim de esclarecer o problema, já que os coletores ANÍBAL DOS SANTOS e ALEXANDRINO DE MATOS se lembravam com precisão do local da colheita.

No meio da povoação, na margem esquerda do ribeiro que a atravessa, ergue-se, junto à igreja, um pequeno outeiro rodeado de lameiros e terrenos de cultura. A vegetação desse outeiro era, nessa data, constituída pelos restos de uma floresta de *Quercus pyrenaica* Willd., onde persistiam ainda alguns exemplares arbóreos (fig. 4). Os outros pés, provenientes dos rebentos das plantas cortadas, tinham porte arbustivo, formando moita relativamente aberta. Devido à acumulação de folhas

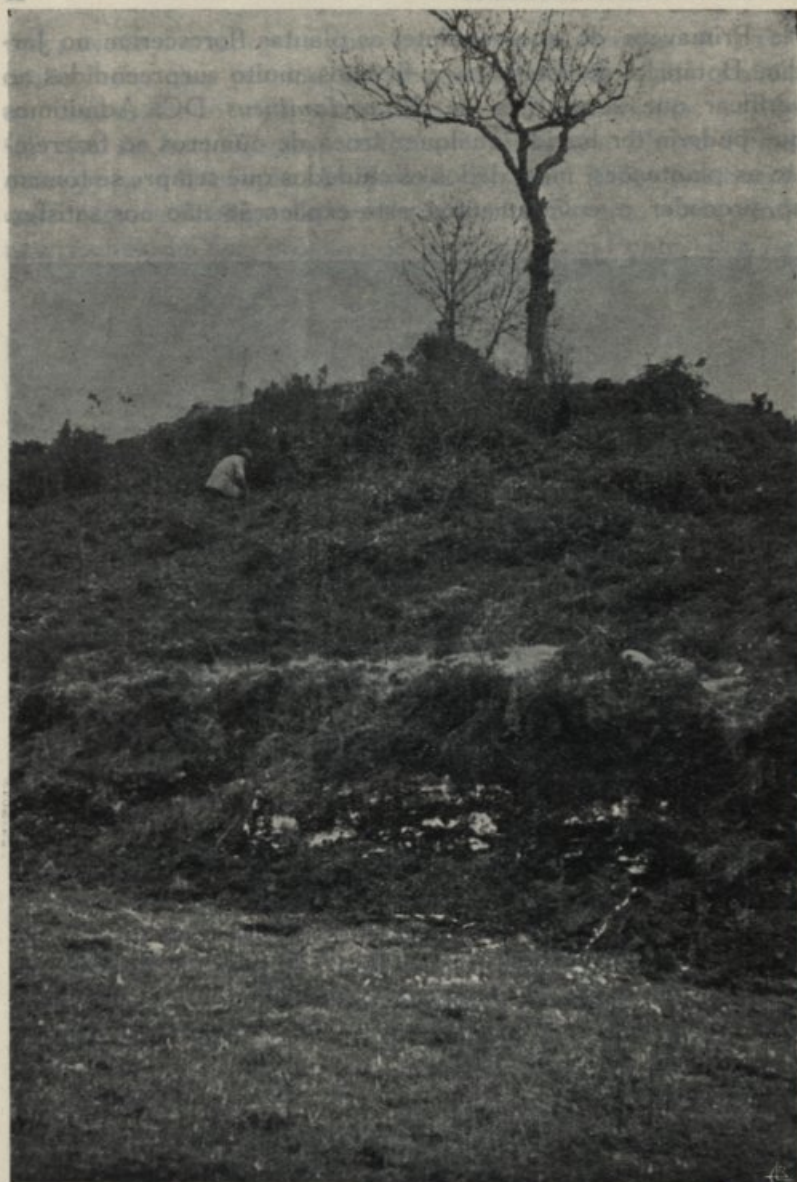


Fig. 4. — Outeiro junto à igreja de S. João do Monte, cuja vegetação era constituída, em 1952, por uma floresta muito degradada de *Quercus pyrenaica* Willd. No solo humoso das encostas voltadas a Sudoeste e Noroeste, cresce *N. cyclamineus* DC. por entre graminhas e musgos.

mortas de *Quercus pyrenaica* Willd. e outras plantas, o solo é rico em húmus e muito húmido. Nesse solo, entre as gramíneas e musgos, encontramos efectivamente *N. cyclamineus* DC. (fig. 5). Reconhecido este *habitat*, percorreram-se outras moitas de *Quercus pyrenaica* Willd. das vizinhanças, verificando-se que existia em quase todas.



Fig. 5. — *N. cyclamineus* DC. (seta) no solo humoso muito húmido da localidade descrita na figura 4, crescendo entre gramíneas, musgos e folhas mortas de *Quercus pyrenaica* Willd.

S. João do Monte, localizado em pleno Caramulo, está relativamente longe do mar (45,7 km.), a uma altitude de 639 m. Dada a circunstância de as sementes e bolbos de *N. cyclamineus* DC. serem, como aponta ROZEIRA (l. c.), muitas vezes arrastados pelas águas, poderá esperar-se que a espécie ocorra em altitudes menores, ao longo das margens do rio Águeda e seus afluentes.

Em face dos dados que conseguimos reunir, *N. cyclamineus* DC. foi até hoje colhido nas seguintes localidades (fig. 6 e 7):

PORTUGAL

DOURO LITORAL: Porto, rio Ferreira, II-1881, *Johnston* s. n., COI; margens do rio Ferreira, 22-II-1882, *Joaquim Tavares* s. n., PO; arredores de Valongo, S. Martinho do Campo, II-1885,

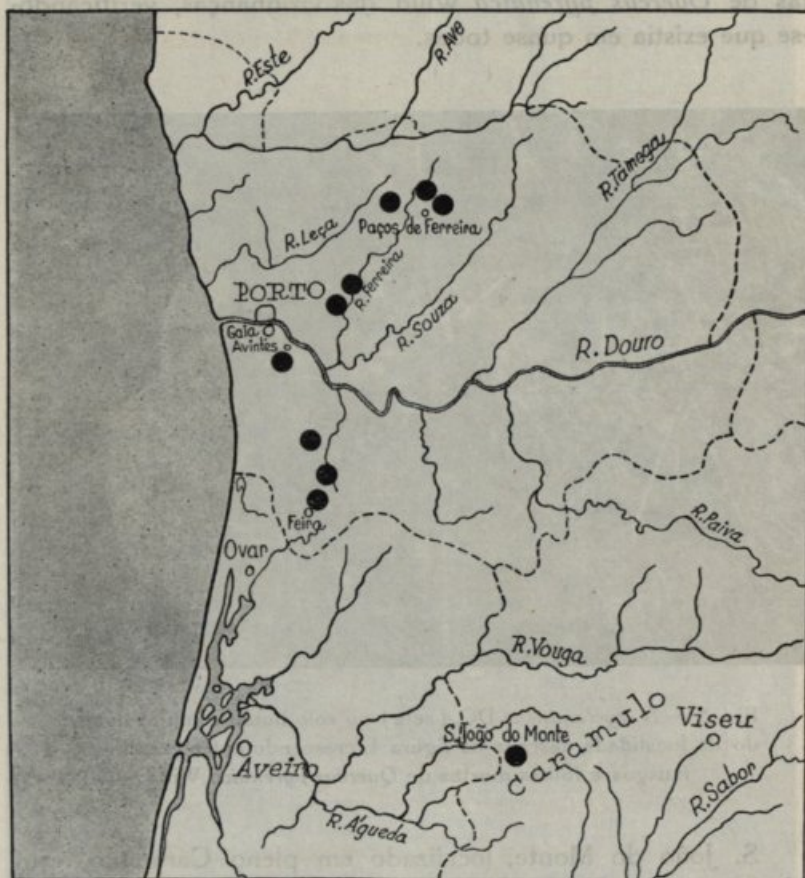


Fig. 6. — Mapa mostrando a distribuição de *N. cyclamineus* DC. em Portugal.

Schmitz s. n., COI; arredores do Porto, Valongo, S. Martinho do Campo, II-1886, *Schmitz* s. n., COI; arredores do Porto, margens do rio Ferreira. III-1886, *A. Tait* s. n., COI; arredores do Porto, Valongo, rio Ferreira, II-1901, *Sampaio* s. n., COI, LISU; arredores do Porto, III-1901, *Sampaio* s. n., LISU, PO; Valongo, rio Ferreira, III-1905, *Sampaio* s. n., PO; Valongo,

margem do rio Ferreira, 21-II-1943, *Rozeira & Castro* 3840, PO; Paços de Ferreira, próximo da nascente do rio Ferreira, numa bouça, II-1946, *Rozeira* (v. v.); Paços de Ferreira, próximo da nascente do rio Ferreira, num lameiro, II-1946, *Rozeira* (v. v.); Valongo, margem do rio Ferreira, 17-II-1946, *Rozeira & Castro* 6270, PO; Porto ad margines herbosis fl. Ferreira prope Va-



Fig. 7. — Mapa mostrando a área de distribuição de *N. cyclamineus* DC. na Península Ibérica.

longo, 200 m. s. m., 25-III-1939, *Rothmaler & P. Silva* s. n., LISE; Vila Nova de Gaia, ribeiro de Avintes, 25-II-1945, *Rozeira & Castro* 5844, PO; Vila Nova da Feira, Azenhas, próximo de Vergada, numa bouça, II-1946, *Rozeira* (v. v.); Vila da Feira, junto a um ribeiro, 16-III-1947, *Rozeira & Castro* 1744, PO; Vila da Feira, Caldas de S. Jorge, num lameiro, 16-III-1947, *Rozeira & Castro* 1745, PO; Vila da Feira, Caldas de S. Jorge, num lameiro, 16-III-1947, *Rozeira & Castro* 1746, PO.

BEIRA ALTA: Serra do Caramulo, S. João do Monte, pr. da igreja, numa moita de *Quercus pyrenaica* Willd., solo humoso, 8-III-1952, A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa 3989, COL.

ESPAÑA

GALIZA: Arredores de La Coruña (Seoane); ribeiras del Sar pr. Santiago (*Merino*); Pontevedra, margens do Tamuje, nos arredores de Rosal (*Merino*); La Siomlla (?) (Coruña), 16-II-1946, Bellot s. n., LISE.

O aparecimento de *N. cyclamineus* DC. em S. João do Monte mostra que a área de distribuição da espécie inclui também uma parte da província da Beira Alta, onde a planta não tinha ainda sido assinalada.

Narcissus calcicola Mendonça

Em Fevereiro de 1901, o Rev. P.^o Dr. A. LUISIER herborizou, na Serra da Arrábida, um Narciso que foi incorporado no herbário do Colégio de S. Francisco, em Setúbal, onde se encontrava identificado como *N. jonquilloides* Willk. Foram enviados espécimes para os herbários dos Institutos Botânicos de Coimbra e Lisboa, e, enquanto no primeiro se manteve a determinação original, no segundo foi alterada para *N. Jonquilla* L. var. *jonquilloides* (Willk.) Cout. Como os Narcisos se não podem identificar facilmente quando se dispõe apenas de material seco e como, por outro lado, o número de exemplares fosse muito pequeno, compreende-se que a inexacta determinação dos espécimes enviados para Coimbra e Lisboa se tenha mantido até hoje.

Decorridos 25 anos, isto é, em Fevereiro de 1926, o Ex.^{mo} Sr. Dr. DANIEL GUEDES DE BARROS SANTOS, médico em Porto de Mós, enviou ao Instituto Botânico de Coimbra exemplares vivos de um Narciso por ele encontrado nas fendas das rochas dos montes mais elevados do maciço calcário da Serra d'Aire. O estudo desse Narciso, efectuado pelo naturalista do Instituto Botânico, Dr. F. A. MENDONÇA (Uma nova espécie do género *Narcissus*, Bol. Soc. Brot. 2.^a sér. 6: 318, 1930), mostrou que se tratava de uma espécie nova, à qual foi dado o nome de *N. calcicola*, para recordar o seu *habitat*.

De 1926 a 1949, a espécie foi somente herborizada no maciço de Porto de Mós, o que levou a pensar que *N. calcicola* Mendonça se encontraria confinado àquela região, onde é conhecido pelo nome vulgar de *Nininas* (nome recolhido em Pena de Castelejo).

Em Janeiro de 1949, o Ex.^{mo} Sr. Eng.^o A. R. PINTO DA SILVA encontrou a espécie na Serra da Arrábida, no monte de S. Luís, assim como num prado situado nas vizinhanças da chamada Mata do Solitário.

Em 1951, BENTO RAINHA, segundo amavelmente nos informou o Ex.^{mo} Sr. Eng.^o A. R. PINTO DA SILVA, voltou novamente a herborizar a planta numa outra localidade, próxima da Mata do Solitário.

Na Primavera de 1953, a Ex.^{ma} Sr.^a D. HERTHA KAIM colheu também alguns exemplares num prado da Serra da Arrábida, situado nas cercanias do local denominado Cadeira de S. Pedro.

O estudo dos espécimes existentes em COI e LISU herborizados pelo Rev. P.^e A. LUISIER mostrou-nos que se tratava de *N. calcicola* Mendonça e não de *N. jonquilloides* Willk. LUISIER foi, pois, o primeiro botânico que herborizou esta espécie, a qual se colheu, portanto, pela primeira vez na Serra da Arrábida. Pena foi que os espécimes mantidos em herbário não tivessem sido alvo de um estudo mais pormenorizado!...

Tanto no maciço de Porto de Mós como na Serra da Arrábida, *N. calcicola* Mendonça vive sobre um substrato constituído por rochas calcárias do Jurássico. Na Serra da Arrábida, encontra-se não só nas fendas dos rochedos, mas também nos prados, enquanto que no maciço de Porto de Mós nunca o observámos nestas últimas condições. Como o gado come esta planta, é provável que no maciço de Porto de Mós, onde o pastoreio é intenso, só consiga persistir nos lugares de mais difícil acesso, isto é, nas fendas das rochas dos montes mais elevados e abruptos.

Sabia-se, portanto, que *N. calcicola* Mendonça habitava unicamente nos calcários do Jurássico. Na Beira Litoral, encontra-se a Serra de Sicó cujas características geológicas são semelhantes às do maciço de Porto de Mós, visto pertencer à mesma formação. Esta analogia fez surgir no nosso espírito a ideia de que *N. calcicola* Mendonça poderia existir também nessa Serra.



Fig. 8. — Nas fendas das rochas calcárias dos cumes dos montes coroados pelos moinhos habita *N. calcicola* Mendonça.



Fig. 9. — Exemplares de *N. calcicola* Mendonça colhidos na Serra de Sicó. Notar a diferença de dimensões entre os dois exemplares.

Por este facto, em 16 de Março deste ano, deslocámo-nos àquela região, com o objectivo de confirmar ou infirmar a ideia que nos tinha ocorrido. Depois de termos trepado ao cume de diversos montes, vimos os nossos esforços coroados



Fig. 10.—Exemplares de *N. calcicola* Mendonça da Serra de Sicó, mostrando variabilidade de tamanho. *a*, Planta mais robusta; *b*, de dimensões intermédias; *c*, de pequeno porte.

de êxito, quando explorámos o Monte Nariz e o Monte dos Moinhos (fig. 8), situados de um e outro lado da estrada que, dirigindo-se de Santiago da Guarda a Pombal, atravessa um local chamado Lagoa Parada. Igual êxito foi alcançado pela exploração do monte mais elevado da Serra, conhecido na

região propriamente pelo nome de Serra de Sicó, pois que ali encontrámos também o Narciso nas vizinhanças do marco geodésico, a uma altitude de 551 m.

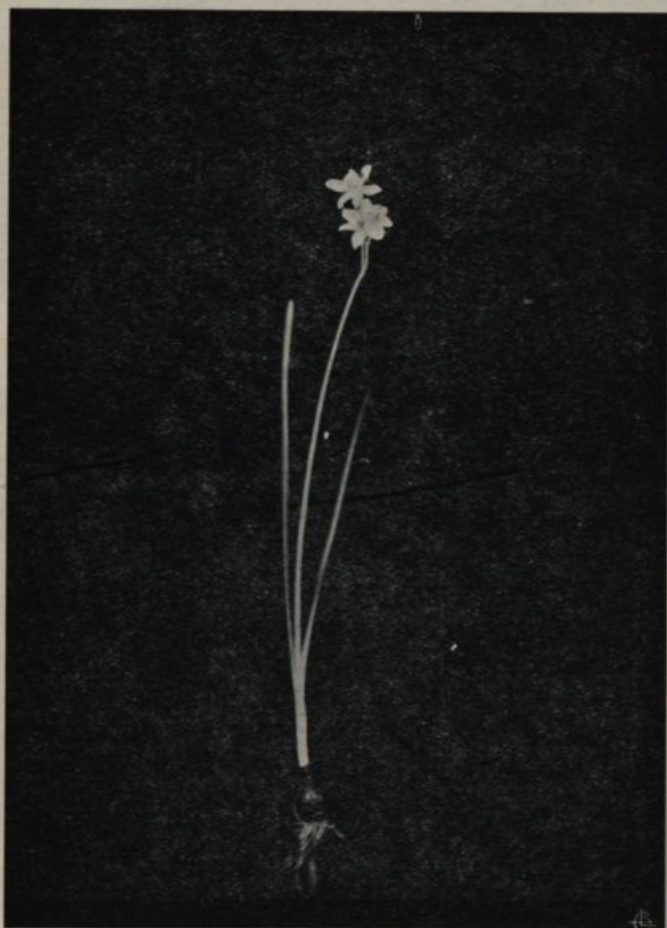


Fig. 11. — Exemplar de *N. calcicola* Mendonça var. *grandiflorus* Fernandes.

N. calcicola Mendonça apareceu somente nas fendas das rochas que coroam os diversos cumes, não tendo sido herborizado nos terrenos que se acumulam na base dos montes. As condições em que habita são, pois, idênticas às do maciço de Porto de Mós. Do ponto de vista morfológico, as plantas



Fig. 12. — Inflorescência de *N. calcicola* Mendonça var. *grandiflorus* Fernandes.

colhidas na Serra de Sicó (fig. 9) são também semelhantes às de Porto de Mós, mesmo no que respeita à variabilidade de dimensões. Efectivamente, como nesta última região, encontramos na Serra de Sicó plantas muito robustas (fig. 10 a), outras de tamanho intermédio (fig. 10 b) e outras ainda de pequeno porte (fig. 10 c). Esta variabilidade levou-nos a pensar que talvez existissem formas poliplóides nas populações. Os estudos cariológicos a que procedemos mostraram-nos, porém, que tanto os indivíduos mais vigorosos, como os intermédios e os mais pequenos eram diplóides. As diferenças de tamanho deverão, pois, ser fenotípicas, ou devidas unicamente a certas combinações de genes actuando em diplóides.

Além de notarmos variabilidade no porte, depararam-se-nos algumas plantas (fig. 11) que se distinguíam do tipo por possuírem flores maiores, com tépalas não embricadas, mais longas e estreitas e coroa mais amarela que as tépalas. A flor de um desses indivíduos (fig. 12) apresentava as seguintes dimensões:

Diâmetro.	33 mm.
Comprimento do tubo.	16 mm.
Comprimento das tépalas externas . . .	14 mm.
Largura das tépalas externas.	7 mm.
Comprimento das tépalas internas . . .	13 mm.
Largura das tépalas internas.	6 mm.
Altura da coroa	7 mm.
Diâmetro da coroa na abertura	7 mm.

Pelo facto de essas plantas serem bastante distintas do tipo, consideramos conveniente referi-las a uma variedade que denominamos *grandiflorus*.

***Narcissus calcicola* Mendonça**
var. *grandiflorus* nov. var.

A typo floribus majoribus, tepalis non imbricatis, longioribus et angustioribus differt.

Typus in Herbario Instituti Botanici Universitatis Conimbrigensis (leg. A. Fernandes, R. Fernandes et F. Sousa 4302 A.)

Habitat in petrarum calcariorum fissis in summis montibus
vulgo dictis *Serra de Sicó*.

Fl. et fr. Martius.

Os espécimes de *N. calcicola* Mendonça existentes nos herbários portugueses são os seguintes:

ESTREMADURA: Serra da Arrábida, II-1901, *Luisier* s. n., COI, LISU; Setúbal, Serra de S. Luís, in fissuris raro, 300 m. s. m., 28-I-1949, *P. Silva* 2682, LISE; Setúbal, Serra da Arrábida pr. Mata do Solitário, in pascuis calcareis, 280 m. s. m., 28-I-1949, *P. Silva* 2681, LISE; Porto de Mós (Mira), fragas calcárias, 18-III-1925, *Carrisso & Mendonça* s. n., LISU; Mira de Porto de Mós, nas fendas das fragas calcárias, 29-III-1930, *Mendonça* 1201, COI, PO; Porto de Mós, in fissuris calcareis exp. SW-S pr. Ventas do Diabo, 2-II-1949, *P. Silva & M. Silva* 2696, LISE; Mira d'Aire, por entre os rochedos, junto às Ventas do Diabo, 28-III-1951, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 3561, COI.

BEIRA LITORAL: Cabeço dos Moinhos pr. Lagoa Parada, estrada de Santiago da Guarda a Pombal, nas fendas das rochas calcárias, 16-III-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa* 4299, COI; Cabeço Nariz pr. Lagoa Parada, nas fendas das rochas calcárias, 16-III-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa* 4300, COI; Serra de Sicó, nas fendas das rochas, 16-III-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa* 4302, COI; Serra de Sicó pr. marco geodésico, nas fendas das rochas calcárias, 16-III-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa* 4302 A, COI (*N. calcicola* Mendonça var. *grandiflorus* Fernandes).

O aparecimento de *N. calcicola* Mendonça na Serra de Sicó alarga a área de distribuição da espécie (fig. 13) à Beira Litoral, pois que a sua presença ainda não tinha sido assinalada nesta província.

* * *

Confessamos que, depois de escrever estas linhas, vacilámos em as publicar. E vacilámos porque, infelizmente, os colectores de Narcisos e de outras plantas raras, esses delapidadores das preciosidades da nossa flora, continuam exercendo as suas actividades em Portugal, como se mostra pelos seguintes dois episódios que se passaram connosco.

Em Abril de 1952, deslocámo-nos à Serra da Estrela, com o objectivo de efectuarmos algumas observações sobre a polinização dos Narcisos nas condições naturais e colhermos material para as nossas investigações cito-genéticas. Nos arredores da Lagoa Comprida, herborizámos alguns exemplares de *N. asturiensis* (Jord.) Pugsley e de *N. Bulbocodium* L. Ao passarmos



Fig. 13. — Área de distribuição de *N. calcicola* Mendonça.

junto de um dos empregados da barragem, este perguntou-nos o que andávamos a fazer. Respondemos que tínhamos ido colher as plantas que trazíamos e que lhe mostrámos. O homem, depois de as ver, disse-nos: os senhores levam poucas. O sr. F..., do Sabugueiro, também aqui vem buscar essas plantas, mas traz homens que, sob a sua indicação, enchem sacos dessas cebolinhas!...

Este ano organizámos uma outra excursão a Ferreira do

Zêzere, a fim de herborizarmos a forma de *N. Pseudonarcissus* L. que se encontra em Águas Belas. Tendo descoberto o local, dirigimo-nos ao dono da propriedade, solicitando-lhe o favor de nos deixar apanhar algumas plantas que se destinavam ao Jardim Botânico de Coimbra. O proprietário gostosamente nos deu autorização, mas ficou impressionado pelo facto de termos colhido poucas. E não resistiu à tentação de nos dizer: podem levar à vontade, como um senhor que cá veio o ano passado e que encheu um saco!... Agradecemos, dissemos que aquelas nos bastavam e pedimos-lhe que, no futuro, não deixasse levar a ninguém mais do que aquelas que nós levávamos...

Não iríamos, pois, pela indicação exacta das localidades em que habitam *N. cyclamineus* DC. e *N. calcicola* Mendonça, fornecer elementos da maior utilidade aos colectores de bolbos, pondo, assim, em perigo duas preciosidades da nossa flora? Evidentemente que o risco é grande.

Lembrámo-nos depois que o Anuário se destina particularmente aos membros da Sociedade Broteriana e que estes sentem tanto carinho pelas plantas que povoam o nosso País, como nós próprios. E não poderiam os sócios, uma vez conhecedores destes factos, auxiliar-nos na tarefa de defender as plantas raras da nossa flora contra os ataques daqueles que só vêem o lucro momentâneo que podem auferir? Pensamos que sim, porquanto poderiam averiguar quais as plantas das regiões em que habitam que são cobiçadas pelos comerciantes. Falariam depois com os proprietários das terras, tentando fazer-lhes compreender a importância dessas plantas e pedindo-lhes que não as deixassem colher senão ao pessoal das instituições científicas portuguesas que apresentasse as correspondentes credenciais. Os sócios da Liga para a Protecção da Natureza poderiam actuar de uma maneira idêntica e talvez que, mediante os esforços combinados destas duas agremiações, alguma coisa se conseguisse...

Lembrámo-nos ainda de aproveitar este ensejo para dirigir algumas palavras de exortação aos comerciantes, na hipótese de o presente número do Anuário chegar às mãos de algum deles. As plantas espontâneas de interesse hortícola poder-se-ão colher, mas com moderação, de modo a que as espécies não corram o risco de se extinguir. Provocar a extinção de uma espécie, por fins meramente comerciais, é praticar um crime

imperdoável, pois corresponde ao aniquilamento de uma obra da Natureza. A maior parte das plantas são pródigas na produção de sementes. Porque não recorrer a elas? Uma vez colhidas, poderão semear-se e fazer depois viveiros. Os negociantes evitariam assim as despesas inerentes ao arranque das plantas, pois que as sementes se colhem mais fácil e rapidamente, e teriam a possibilidade de obter por sementeira grandes quantidades de indivíduos. O que acabamos de dizer aplica-se também às bolbosas, visto estas poderem conseguir-se da mesma maneira. Neste caso, porém, haveria que renunciar ao lucro imediato, aguardando 3 ou 4 anos para que os bolbos se desenvolvessem e estivessem em condições de ser fornecidos aos clientes.

Infelizmente, não acreditamos na eficácia das medidas que acabamos de preconizar. Estamos convencidos de que só se poderão obter resultados positivos mediante a interferência do Governo. Este deveria legislar no sentido de serem consideradas zonas protegidas as localidades em que existem espécies ameaçadas de extinção, quer em consequência do alargamento das áreas cultivadas, quer pelo facto de serem procuradas pelos negociantes ou seus sequazes. A guarda dessas zonas poderia ser confiada aos Serviços Florestais, ou à polícia rural no caso de se encontrarem afastadas das localidades vigiadas por aqueles Serviços. É evidente que a proibição de herborizar nessas localidades não deverá ser extensiva às instituições portuguesas da especialidade, que poderão necessitar dessas plantas para fins científicos ou para permutar com estabelecimentos congêneres estrangeiros.

A Liga para a Protecção da Natureza, tão auspiciosamente fundada em 1948 e cuja acção é já muito notável, poderia, por intermédio do seu Conselho Técnico, elaborar uma lista das zonas que deveriam entrar em regime de protecção e obter das entidades superiores a legislação necessária à defesa das plantas aí existentes. Fazemos os melhores votos para que essa prestimosa agremiação atinja os seus objectivos, na cruzada que empreendeu no sentido de salvar do aniquilamento algumas das preciosidades que a flora e a fauna do nosso País encerram.

UMA CARTA DE BROTERO

PUBLICADA E COMENTADA POR

A. FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

ENTRE os documentos a cuja catalogação se está procedendo no Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra sob a proficiente direcção do Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. MÁRIO BRANDÃO, surgiu uma carta do nosso insigne botânico FELIX DE AVELLAR BROTERO, dirigida a JOÃO ANASTACIO DO COUTO, deputado, secretário, escrivão e contador da Junta da Fazenda da Universidade de Coimbra. Conhecedor do interesse que devotamos ao estudo da vida e da obra do autor da *Flora Lusitânica*, o Ex.^{mo} Sr. Prof. MÁRIO BRANDÃO teve a cativante amabilidade de nos obter uma cópia da mencionada carta. Agradecemos, penhoradamente, ao ilustre Director do Arquivo e Museu de Arte a oportunidade que nos deu de tornar conhecido mais um documento do punho do nosso naturalista. Cumpre-nos agradecer também à Ex.^{ma} Sr.^a D. LÍGIA BRANDÃO todos os cuidados que dispensou à execução da cópia.

A carta a que nos referimos é do teor seguinte:

Ill.^{mo} Sñr Joaõ Anastacio do Couto

Amigo, e Sñr da minha maior veneraçãõ, desejo cordialm.^{te} q̃ V.^a S.^{ria} logre perfeita saude na posse das mais completas venturas, e igualm.^{te} toda a sua Ill.^{ma} Familia. Eu não tenho passado bem com estes frios q̃ tem havido, e q̃ me tem aggravado m.^{to} as minhas indisposições rheumaticas.

Por ordem, q̃ tive do Ministerio, annunciei na Gazeta de Lisboa neste proximo mes passado, q̃ tendo recebido dos Estados Unidos da America huma boa quantid.^e de sementes de huma preciosa especie de Algodoeiro, estava prompto a distribuilas pelos Agricultores curiosos, q̃ com ellas quisessem fazer algumas tentativas de cultura, a qual podia ser m.^{to} util; e como o Jardim Botânico dessa Universid.^e he taõ bem

destinado a semelhantes tentativas, resolvi remetter daqui huma boa porção das ditas sementes p.^a q̃ nelle se senieassem, e experimentasse a sua vegetação. Portanto mandei ao Procurador Joaõ Manuel de Lima hum maço com as ditas sementes, e outro ainda mais com algumas deste Real Jardim Botânico do Palacio da Ajuda e de outros estrangeiros, com cujos Professores estou em correspondencia, e recommendei ao dito Procurador, que houvesse de remetter directam.^{te} a V.^a S.^{ria} os referidos dois maços. Confio q̃ elle se não esquecerá de lhos remetter; por conseguinte rogo a V.^a S.^{ria}, q̃ logo q̃ ahi os receber delles haja de fazer entrega ao Ex.^{mo} Reformador Reitor dessa Universid.^e p.^a q̃ elle os mande entregar ao Opositor, q̃ interimam.^{te} está regendo a Cadeira de Botanica e Agricultura, e este cuide em fazer semear a tempo todas as sementes contidas nos ditos maços, e se interesse pela sua boa cultura.

O negociante Joaquim Bernardes da Silva, meu procurador, participou-me não ter podido obter o pagam.^{to} da minha Ajuda de Custo e propinas, q̃ se me devem, as quaes S. Mag.^{de} pela minha Carta de Jubilação me concedeo, e manda pagar por essa Universid.^e, como V.^a S.^{ria} sabe; rogo portanto a V.^a S.^{ria} se digne fazer-me a honra e obsequio de cooperar p.^a q̃ o dito meu Procurador haja de receber o mencionado pagam.^{to}, e alem disso o do meu quartel, sem muitas delongas, pelo q̃ lhe ficarei cada vez mais obrigado.

Digne-se V.^a S.^{ria} apresentar o tributo da minha veneração á Ill.^{ma} Snr.^a D. Vicencia e mais Snr.^{as}, ás quaes igualm.^{te} minha sobrinha affeiçãoadissim.^{te} se recommenda.

Fico para obsequiar e servir a V.^a S.^{ria} em tudo o q̃ puder prestar-lhe, pois sou com a mais distincta consideração, e respeito

Alcolena de Belem

a 9 de Fevr.^o

de 1824

De V.^a S.^{ria}

Fiel am.^o, m.^{to} obrigado, e maior ven.^{dor}

Felix de Avellar Brotero

Ao Ill.^{mo} Sñr. Joaõ Anastacio do Couto

Gd.^e D.^s m.^s an.^s

Deputado, Secretario, Escrivão e Contador

da Junta da Fazenda da Universid.^e

De Coimbra

Como nasceu em Novembro de 1744 e a carta foi escrita em Fevereiro de 1824, BROTERO caminhava nesta data para os 80 anos. Poderá notar-se que, apesar da idade avançada, o grande naturalista conservava toda a sua lucidez e mantinha os predicados de simplicidade, clareza e elegância que caracterizam todos os seus escritos. A sua saúde, porém, parece não ser boa,

pois se queixa do frio, que tinha agravado as suas indisposições reumáticas.

O reumatismo parece ter sido a doença que mais afligiu BROTERO. A primeira lamentação que conhecemos encontra-se numa carta, de 10 de Junho de 1799, dirigida a D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO ⁽¹⁾. Numa outra, endereçada também ao Ministro D. RODRIGO, escrita em 24 de Novembro de 1800 ⁽¹⁾, queixa-se novamente, dizendo que sofre dessa doença há 3 anos. Sendo assim, BROTERO deve ter começado a padecer por volta dos 53 anos, idade que não pode ser considerada muito avançada.

Novas queixas aparecem numa carta dirigida em 1802 ao seu colega espanhol CAVANILLES ⁽²⁾ e noutras endereçadas ao Conde de Galvêas, ao Conde de Suberra e a outras personalidades ⁽³⁾. Por outro lado, refere-se frequentemente à circunstância de ter estado ou de se encontrar de partida para as Caldas da Rainha, onde procurava alívio aos seus padecimentos ⁽³⁾.

O anúncio a que alude na carta sobre as sementes de algodoeiro foi realmente publicado no n.º 15, Ano 1824, sábado 17 de Janeiro, pág. 63, 1.ª coluna, da *Gazeta de Lisboa*. Esse anúncio diz o seguinte:

«No numero das sementes de plantas uteis a differentes Artes, que o Director do Real Jardim Botânico, contiguo ao Palacio do sitio de N. Senhora da *Ajuda*, costuma receber dos paizes estrangeiros para o dito Jardim, ha presentemente huma boa quantidade das de huma preciosa especie de Algodoeiro cultivado nos lugares septentrionaes dos *Estados Unidos da America*, com as quaes se podem fazer algumas proveitosas tentativas de cultura nestes Reinos, principalmente no do *Algarve*. Por tanto todos os Agricultores curiosos, que quizerem fazer taes tentativas, poderão recorrer ao dito Director, que com prompta vontade lhes fará entregar a sufficiente quantidade de sementes

⁽¹⁾ Vide AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR — Cartas inéditas de e para Brotero. *Anuário Soc. Broteriana*, 10: 12-96, 1944.

⁽²⁾ Vide AMÉRICO PIRES DE LIMA — Três cartas inéditas de Brotero a Cavanilles. *Anuário Soc. Broteriana*, 12: 53-86, 1946.

⁽³⁾ Vide AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR, *op. cit.*

de que precizarem para as mesmas tentativas. A experiencia tem mostrado que os Algodoeiros se dão bem em quasi todos os terrenos, que não são muito seccos, nem muito humidos; as sementes dos herbaceos (como são as da especie de que se trata) semeão-se no principio de Abril, na distancia de hum pé até pé e meio entre si, e os fructos das plantas que produzem, colhem-se em Setembro. Não he possivel circumstanciar aqui tudo o que he respectivo á Cultura, e Historia natural desta especie de Algodoeiro, como tambem de algumas outras, e das suas variedades numerosas; isso exige hum extenso Tratado que não he proprio deste lugar; a esse respeito os curiosos poderão consultar o Diccionario de Agricultura da Encyclopedia Methodica, Tom. 3.º, pag. 533, Art. *Cotonnier* (*Gossypium*) aonde acharão este assumpto muito bem exposto e particularizado. Os Algodoeiros são cultivados em todas as quatro partes do nosso Planeta; cultivão-se na *Europa*, nas Ilhas do *Archipelago*, em *Malta*, *Sicilia*, *Corsega*, *Italia*, *França* meridional, e mesmo na *Hespanha*, principalmente no Reino de *Valença*, aonde, segundo atesta o Professor *Ortega*, a especie do Algodoeiro arbustivo, he cultivada em muitos campos, e a quantidade de algodão, que annualmente se colhe da sua grande cultura, monta a quatrocentos quintaes: a analogia do clima indica, que esta especie de Algodoeiro, e não menos as que se dão bem na *America septentrional*, podem ser cultivadas tambem em *Portugal*, principalmente no *Algarve*, e sitios maritimos do *Alemtéjo*, em extensas culturas com igual feliz successo.»

(*Annuncio remettido pelo sabio Director do Real Museo e Jardim Botanico*).

A análise deste anúncio mostra que BROTERO, além de ser um exímio botânico, possuía profundos conhecimentos de Agricultura, pois não ignorava nada do que dizia respeito à cultura do Algodoeiro, embora se tratasse de uma planta que até àquela data não tinha sido experimentada em Portugal. A sua superior competência em assuntos de Agricultura é também posta em evidência pelas magnificas memórias que publicou ou que deixou manuscritas, entre as quais se contam as seguintes: *Principios de Agricultura philosophica*. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, 4.º, 115 pág., 1793; *Observações sobre as doenças*,

feridas e outras imperfeições das arvores fructíferas e silvestres de toda a especie, com um methodo particular de as curar, descoberto e practicado por Guilherme Forsyth, jardineiro de Sua Magestade Britannica. Traduzido do inglêz. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, 8.º, 62 pág., 1802; Parecer sobre a cultura do arroz em Portugal in Manuscriptos do Dr. FELIX DE AVELLAR BROTERO por J. RAMOS-COELHO. *O Instituto*, 37 (2.ª série), 1890; Reflexões sobre a agricultura de Portugal, sobre o seu antigo e presente estado; e se por meio de escholae ruraes practicas, ou por outros, ella pode melhorar-se, e tornar-se florente. *Mem. Acad. R. das Sciencias de Lisboa*, 4, parte 1.ª: 75, 1815; *Historia natural da Orzella*. Lisboa, na Impressão Regia, 8.º, 16 pág., 1824; *Noções geraes das dormideiras, da sua cultura, e da extracção do verdadeiro opio, que ellas contêm.* Lisboa, na Impressão Regia, 8.º, 30 pág., 1824; *Noções botanicas das especies de Nicotiana mais usadas nas fabricas de tabaco, e da sua cultura.* Lisboa, na Impressão Regia, 8.º, 47 pág., 1826; *Historia natural dos pinheiros, larices e abetos, remettida á secretaria de estado dos negocios da Marinha e Ultramar.* Lisboa, na Impressão Regia, 4.º, XII + 152 pág., 1827; *Principios de agricultura philosophica, ou lições de agricultura, explicadas em a cadeira da Universidade de Coimbra* (ms.); *Annotações e additamentos a alguns artigos das memorias dos Drs. J. A. Dalla-Bella, Vicente Coelho de Seabra, e Antonio Soares Barbosa, sobre a cultura das Oliveiras* (ms.); *Generalidades respectivas á agricultura das arvores das florestas, e das que podem servir para ornar os jardins, conforme as ideias de alguns auctores inglezes.* Incompleto (ms.); *Breve tractado dos usos e cultura das batatas doces, vulgarmente chamadas batatas das ilhas, a cuja planta Linneu deu o nome Convolvulus batatas.* Deduzido de Bose e outros agronomos, em 1828. (ms.); *Tractado do ananaz de corôa.* Incompleto. (ms.); *Demonstrações elementares sobre a enxertia das arvores.* Incompleto. (ms.); *Phytologia, ou a philosophia da agricultura e horticultura, ou compendio de phyturgia e geurgia philosophicas por Erasmo Darwin, dr. em Medicina.* Tradução portugueza (ms.); *Dissertação de Bergman sobre as terras geoponicas, que obteve o premio dobrado da Academia de Montpellier em 1773.* Tradução portugueza (ms.).

Algumas das cartas dirigidas a D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO e publicadas por AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR ⁽¹⁾ atestam também a mesma elevada competência.

BROTERO não se refere ao nome específico do Algodoeiro nem na carta, nem no anúncio. Consideramos muito difícil, senão impossível, averiguar com precisão de que espécie se tratava. Teremos, pois, de ficar limitados a saber que pertencia ao grupo dos Algodoeiros herbáceos.

Como é sabido, BROTERO, após a sua jubilação, que teve lugar em Agosto de 1811, foi encarregado da direcção do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, passando, assim, a viver em Lisboa. Não deixou, porém, de continuar a ter o maior interesse pelos progressos do Jardim Botânico de Coimbra, que tinha dirigido com tanto brilho, chegando mesmo, em 1816, a enviar uma exposição ao Reformador-Reitor em que critica certas obras ali efectuadas e dá sugestões sobre o que se deveria fazer ⁽²⁾. A presente carta é mais um documento comprovativo desse interesse. Nessa data, não havia em Portugal qualquer instituição devotada exclusivamente ao ensino da Agricultura. Este era ministrado na cadeira de Botânica e Agricultura da Faculdade de Filosofia da Universidade, competindo, portanto, ao Jardim Botânico experimentar novas culturas que poderiam ter interesse para o País. Por esse facto, BROTERO remete as sementes de Algodoeiro para que em Coimbra se fizessem ensaios que, no seu dizer, poderiam ser muito úteis.

Anuncia que manda também sementes de plantas que existiam no Jardim Botânico da Ajuda, assim como outras que obteve de jardins estrangeiros com cujos professores se encontrava em correspondência. Com a remessa dessas sementes, o

⁽¹⁾ *Op. cit.*

⁽²⁾ Sobre a matéria desta exposição, veja-se:

Representação, que fez no anno de 1816 o Dr. Felix de Avellar Brotero ao reformador-reitor da Universidade de Coimbra, sobre o estado em que se achava o ensino de botanica e agricultura, e o do Jardim Botânico da faculdade Philosophica. *O Conimbricense*, n.ºs 2574 e 2575.

JÚLIO HENRIQUES — *O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*. Imprensa da Universidade, Coimbra: 29-33, 1876.

ABÍLIO FERNANDES — Desavenças e desditas de Brotero. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, 14: 72-73, 1945.

intuito de BROTERO era, evidentemente, contribuir para o enriquecimento das coleções do Jardim, que nesse tempo estava atravessando uma crise de certa gravidade ⁽¹⁾.

Pede para que as sementes sejam entregues ao Reformador-Reitor, a fim de este, por sua vez, as mandar ao Opositor que nessa data estava regendo interinamente a cadeira de Botânica e Agricultura.

Depois da jubilação do Dr. ANTÔNIO JOSÉ DAS NEVES E MELLO, a direcção do Jardim foi confiada, em 12 de Agosto de 1822, ao catedrático JOSÉ DE SÁ FERREIRA SANCTOS VALE. Tendo este sido eleito deputado às cortes nesse mesmo ano, foi substituído na sua ausência pelo Dr. JOÃO PEDRO CORRÊA DE CAMPOS, o Opositor a que se refere o nosso naturalista ⁽²⁾.

Teriam sido realizados os ensaios preconizados por BROTERO? Nos arquivos do Jardim Botânico não encontramos qualquer resposta a esta pergunta. Dado, porém, o facto de, como relata JÚLIO HENRIQUES ⁽³⁾, o Dr. JOÃO PEDRO CORRÊA DE CAMPOS ter dispensado o maior interesse ao desenvolvimento científico do Jardim, é provável que os referidos ensaios tenham sido efectuados, embora não tenham ficado elementos que nos habilitem a dizer se foram ou não coroados de êxito.

Como em várias outras cartas já publicadas ⁽⁴⁾, BROTERO queixa-se da falta de pagamento da ajuda de custo e propinas que, de harmonia com a sua carta de jubilação, lhe deviam ser pagas pela Universidade. Roga, pois, ao escrivão e contador da Fazenda para interceder no sentido de esse pagamento ser feito ao seu procurador, ao mesmo tempo que solicita que a entrega do quartel do seu vencimento não sofra demoras. É provável que BROTERO tenha resolvido pedir ao escrivão e contador para entregar as sementes ao Reformador-Reitor, a fim de ter ensejo de lhe escrever, rogando-lhe o favor de acelerar o pagamento das importâncias que lhe estavam em débito. Por

⁽¹⁾ Vide JOAQUIM AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO — *Memoria historica de Faculdade de Philosophia*. Coimbra, Imprensa da Universidade: 88, 1872.

⁽²⁾ Vide JOAQUIM AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO, *op. cit.* 260 e 312 e JÚLIO HENRIQUES, *op. cit.* 33.

⁽³⁾ *Op. cit.* 33.

⁽⁴⁾ Vide ABÍLIO FERNANDES, *op. cit.* 32-35.

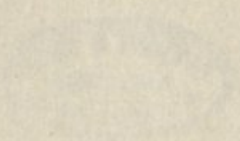


esta e outras cartas, verifica-se que o nosso naturalista lutava continuamente com dificuldades financeiras. As causas destas dificuldades foram já por nós analisadas em um trabalho anterior ⁽¹⁾ e residiam na circunstância de BROTERO, amigo muito dedicado da família, ter a seu cargo vários sobrinhos, de cuja manutenção e educação se ocupava com o maior desvelo, como de seus próprios filhos se tratasse.

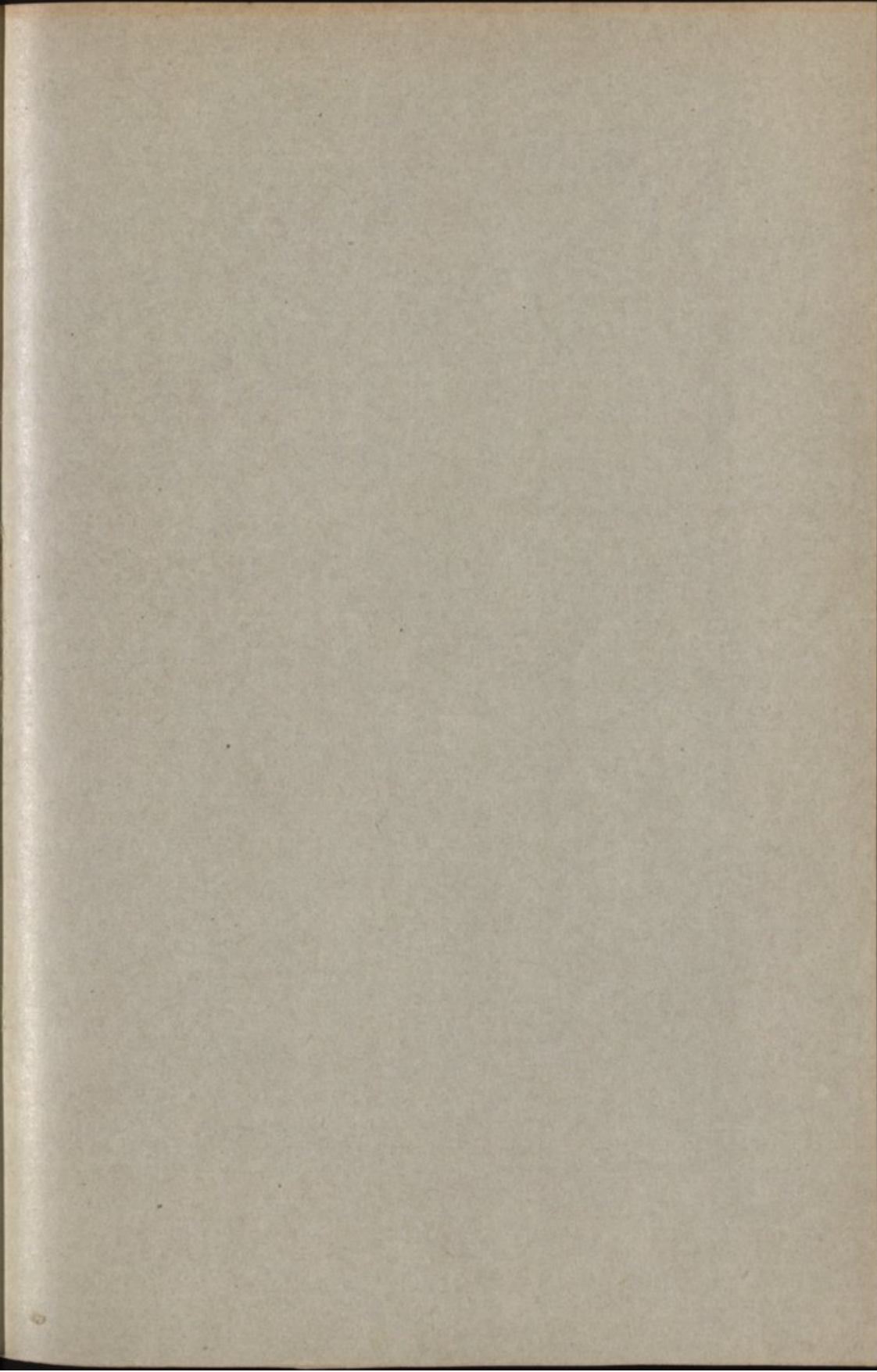
(¹) ABÍLIO FERNANDES — Quatro cartas inéditas de Brotero para o Conde da Barca. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, 16: 81-120, 1947.

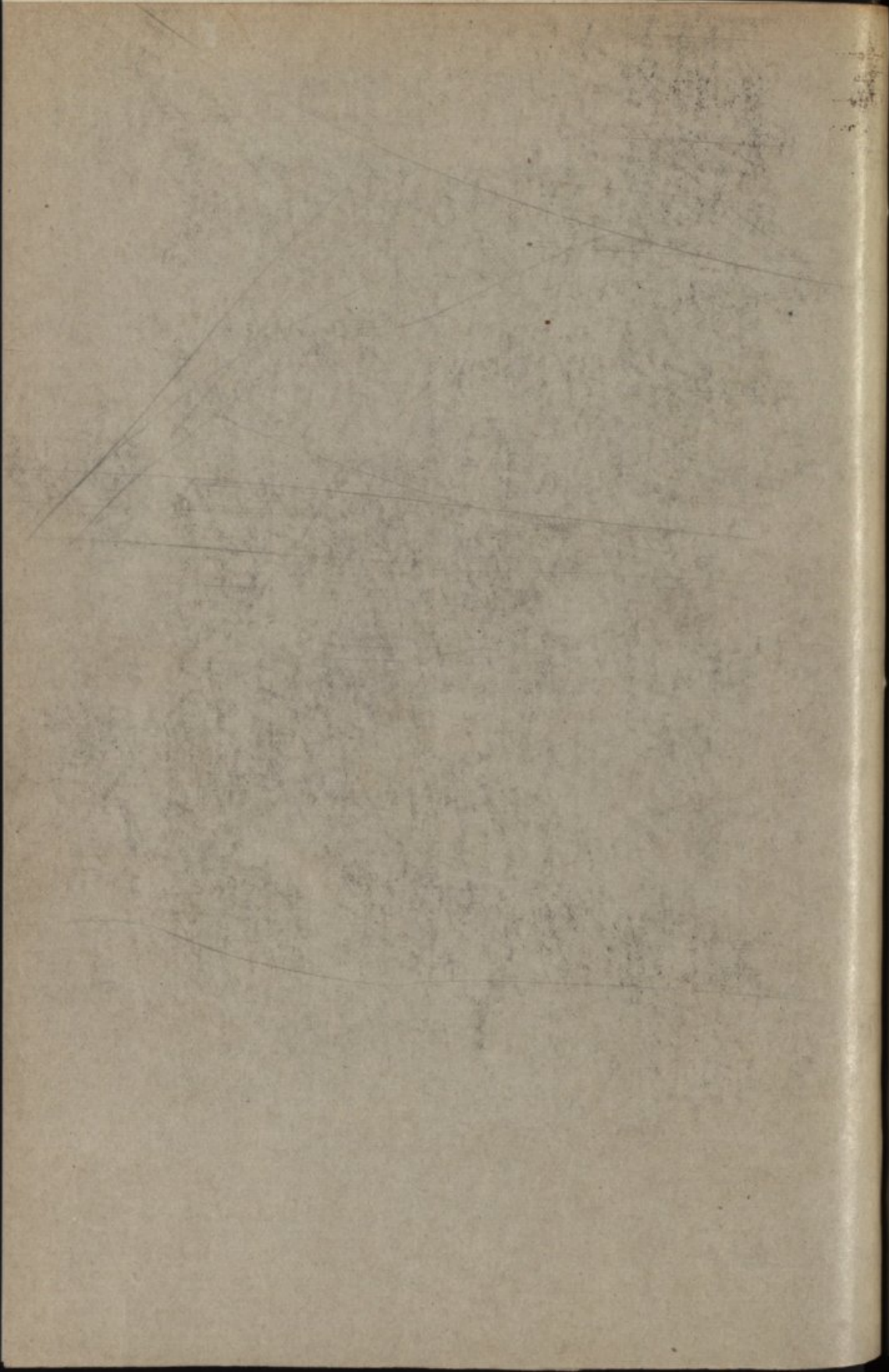


THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
CHICAGO, ILL.
1911



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
CHICAGO, ILL.





- 4. MAI 1954

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XX

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

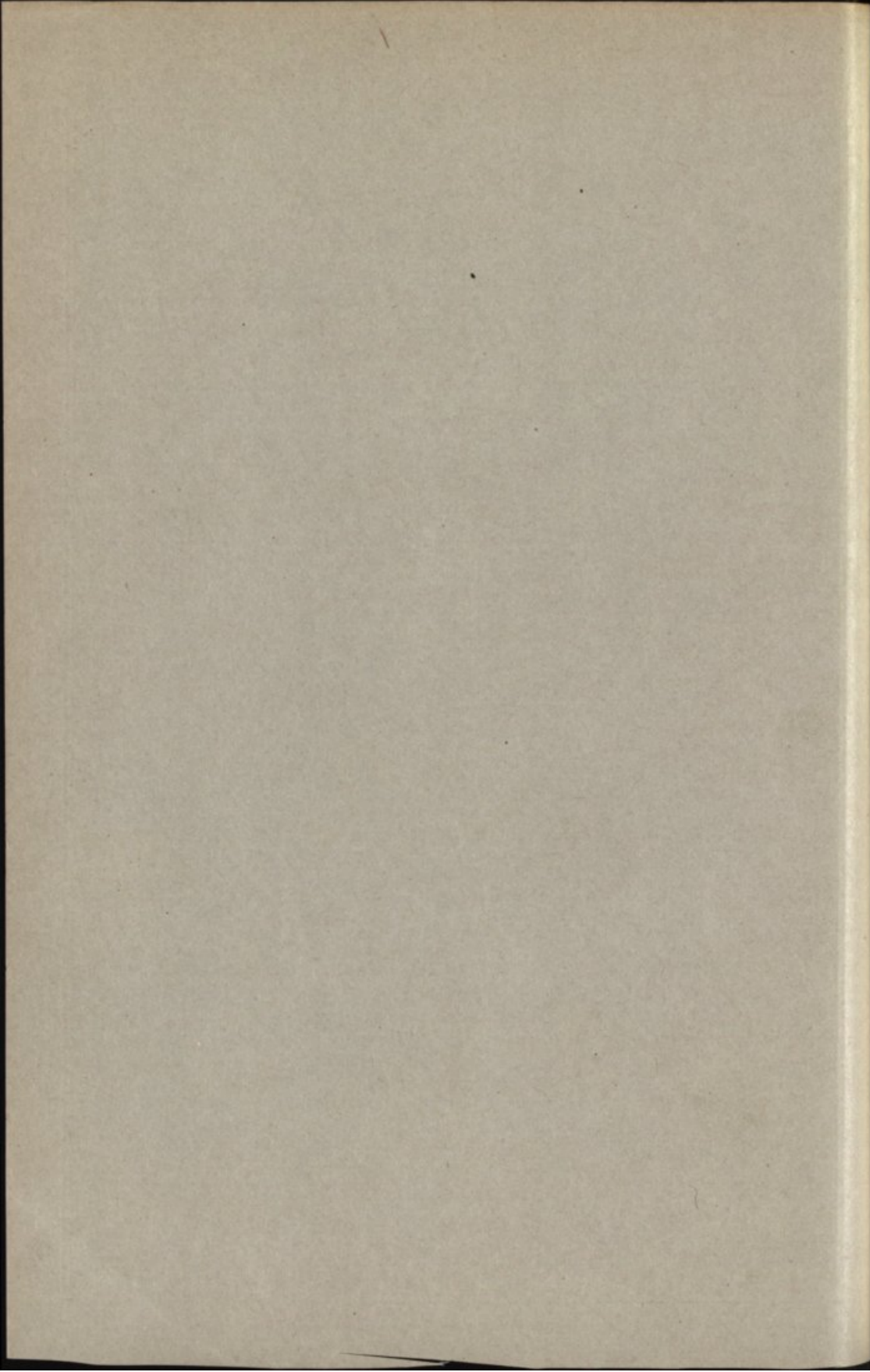
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA
1954



ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XX

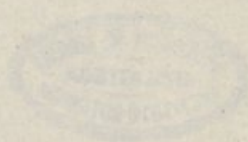
ANUÁRIO
DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XX

1954



AMERICAN
SOCIETY OF
ARTISTS
1902



ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XX

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico

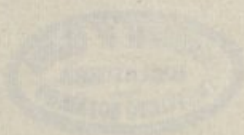


COIMBRA
1954

ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XX

REDACTOR
THEOPHILUS FERNANDES
F. A. MENDONÇA



Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaga

1924

SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 30 de Janeiro de 1954

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1953. Esse relatório é do teor seguinte:

«Não há nenhum facto de vulto a assinalar na vida da Sociedade durante o ano transacto. Como habitualmente, a Direcção dispensou o melhor do seu cuidado às revistas, tendo-se publicado os volumes XXVII do Boletim e IX das Memórias, bem como o n.º XIX do Anuário. Agradecemos penhoradamente a todos os autores a valiosa colaboração que se dignaram conceder-nos.

O movimento da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido por troca e oferta 530 volumes e 1.495 folhetos.

A Sociedade fez-se representar no XV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências que teve lugar em Oviedo, de 27 de Setembro a 4 de Outubro. Nessa reunião científica, apresentaram comunicações os seguintes sócios: D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES, D. MARIA LUÍSA DE CARVALHO AZEVEDO NEVES, Rev. P.º MANUEL PÓVOA DOS REIS, Dr. JOSÉ DE BARROS NEVES e Dr. ABÍLIO FERNANDES.

Como nos anos transactos, o pessoal do Instituto Botânico efectuou diversas herborizações no país. O material está sendo estudado pelo naturalista D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES, que oportunamente dará conhecimento das novidades encontradas.



Mais uma vez a Direcção se vê constrangida a lamentar a reduzida actividade dos sócios, porquanto poucos foram os que remeteram espécimes de herbário para o Instituto Botânico. Apela-se, portanto, novamente, para a boa vontade de todos, no sentido de que prossiga com regularidade a tarefa da exploração botânica do país ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Presidente, na ausência do Secretário-tesoureiro, informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1953, existia em caixa um saldo de 13.308\$65.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES diz que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por este facto, propôs que a Direcção ficasse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.^{mos} Srs. Drs. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e VIRGÍLIO DA ROCHA DINIZ.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 30 de Janeiro de 1954

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido :

- a) Que a redacção do Boletim e das Memórias ficasse a cargo dos Ex.^{mos} Srs. Drs. ABÍLIO FERNANDES e JOSÉ DE BARROS NEVES.
- b) Manter a comissão de redacção do Anuário.
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

NOVOS SÓCIOS

GISÉLIA BETENCOURT TAVARES DE OLIVEIRA, Estudante de Ciências Biológicas, Porto.

Dr. JOÃO MARIA MONTEZUMA DE CARVALHO, Instituto Botânico, Coimbra.

JOAQUIM CARVALHO SANTIAGO, Engenheiro Agrónomo, Chefe do Laboratório de Fitopatologia da Estação de Melhoramento de Plantas, Elvas.

LUÍS DE CASTRO PINHEIRO, Durrães, Barcelos.

MANUEL DE CARVALHO, Lisboa.

MARIA LUÍSA DE CARVALHO AZEVEDO NEVES, Instituto Botânico, Coimbra.

MARIA MANUELA GAMA, Estudante de Ciências Biológicas, Coimbra.

MARIA SUZETTE DA SILVA ANDRADE, Licenciada em Ciências Biológicas, Canas de Senhorim.

NARCISA LUÍS PEREIRA, Licenciada em Ciências Biológicas, Coimbra.

1. Que a redacção do Boletim e das publicações da
Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra, seja feita sob a direcção
do seu Presidente, Dr. D. António Faria de Sá, e
com a colaboração de um Conselho de redacção
composto por membros da Comissão e de outros
peritos da matéria.

2. Manter a Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra, sob a direcção do seu
Presidente, Dr. D. António Faria de Sá, e com a
colaboração de um Conselho de redacção, a publicação
do Boletim e das publicações da Comissão, e a
realização de estudos e trabalhos de investigação
na área da História e Geografia da Universidade
de Coimbra.

NOVOS SOCIOS

Dr. D. António Faria de Sá, Presidente da
Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra, e Dr. D. António Faria de Sá,
Presidente da Comissão de Estudos de História e Geografia
da Universidade de Coimbra, são os únicos membros
da Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra, e os únicos membros da
Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra.

Dr. D. António Faria de Sá, Presidente da
Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra, e Dr. D. António Faria de Sá,
Presidente da Comissão de Estudos de História e Geografia
da Universidade de Coimbra, são os únicos membros
da Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra.

Dr. D. António Faria de Sá, Presidente da
Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra, e Dr. D. António Faria de Sá,
Presidente da Comissão de Estudos de História e Geografia
da Universidade de Coimbra, são os únicos membros
da Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra.

Dr. D. António Faria de Sá, Presidente da
Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra, e Dr. D. António Faria de Sá,
Presidente da Comissão de Estudos de História e Geografia
da Universidade de Coimbra, são os únicos membros
da Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra.

Dr. D. António Faria de Sá, Presidente da
Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra, e Dr. D. António Faria de Sá,
Presidente da Comissão de Estudos de História e Geografia
da Universidade de Coimbra, são os únicos membros
da Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra.

Dr. D. António Faria de Sá, Presidente da
Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra, e Dr. D. António Faria de Sá,
Presidente da Comissão de Estudos de História e Geografia
da Universidade de Coimbra, são os únicos membros
da Comissão de Estudos de História e Geografia da
Universidade de Coimbra.

AINDA O DOUTOR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

por

AMÉRICO PIRES DE LIMA

(Membro honorário do Instituto Brasileiro de História da Medicina)

O conhecimento da vida e obras do insigne explorador e naturalista, Doutor ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, ainda está cheio de lacunas e pontos obscuros, não obstante os esforços de vários autores, que dele se têm ocupado.

Todas as achegas que se possam trazer para o melhor conhecimento da sua biografia são preciosas, como base da futura história de conjunto, que ele há tanto tempo merece e espera.

Depois de publicado o meu último trabalho ⁽¹⁾, novos factos vieram ao meu conhecimento, o que explica o presente.

Por amável deferência do Dr. JOÃO RIBEIRO MENDES, Presidente da *Sociedade Amigos Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira*, do Rio de Janeiro, recebi um Catálogo de manuscritos e bibliografia do grande naturalista ⁽²⁾. Só por ele tive conhecimento de que o Prof. TAVARES DA SILVA se tinha já ocupado do mesmo assunto ⁽³⁾.

Logo que me foi possível, compulsei aquele estudo, verificando que ele se baseia em 58 documentos.

Dos 144 documentos que compõem a minha colectânea, 43 encontram-se (embora nem sempre na íntegra) no trabalho daquele Professor.

⁽¹⁾ O Doutor ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, Documentos coligidos e prefaciados por AMÉRICO PIRES DE LIMA. Lisboa, 1953.

⁽²⁾ ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. Catálogo de Manuscritos e Bibliografia. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras raras e Publicações. 1952.

⁽³⁾ Prof. D. A. TAVARES DA SILVA. O cientista luso-brasileiro Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA (Notas para o seu estudo). « Boletim da Sociedade de Geografia », 65ª série, n.ºs 3 e 4 (Março-Abril de 1947, p. p. 117-188, e n.ºs 5 e 6 (Maio-Junho de 1947, pp. 279-357).

São os seguintes (em que os caracteres vulgares correspondem à numeração do Prof. TAVARES, e os romanos, à minha):

I (4a), II (1), IV (9), V (10), VIII (6), IX (7), X (8), XI (11), XIII (12), XIV (13 e 14), XVI (15), XVII (16), XVIII (17), XIX e XXII (18), XX (19), XXIV (20), XXV (21), XXVI (22), XXVII (23), XXVIII (24), XXX (25), XXXII (18a), XXXVI (26), XXXVIII (28), XXXIX (29 e 29a), XLIV (31 e 32), LVI (33), LX (5), LXX (55), LXXII (36), LXXV (38), LXXVI (40), LXXVII (39), C (41), CI (42), CII (43), CXIII (46), CXVIII (48 e 48a), CXXIV (49), CXXX (50), CXXXIII (52), CXXXIV (56 e 57).

Os 15 restantes eram desconhecidos para mim. Porém, o exame cuidadoso, que deles fiz, não me levou a modificar as minhas conclusões. Há, todavia, um (o 47) que vem esclarecer um assunto que deixei suspenso. Efectivamente, dizia eu (pág. 47): «O certo é, porém, que o Dr. Alexandre se julgava insufficientemente pago, a ponto de pensar em obter um emprego na Alfândega de Pernambuco! É o que se depreende de uma exposição transcrita por V. Corrêa Filho (*loc. cit.* págs. 218 e 219)».

Pois o documento 47, de TAVARES DA SILVA (*loc. cit.* pág. 348), reza assim: «S. A. R. ordenou que se lavrasse logo um decreto dando a propriedade do Officio de Sellador da Alfandega do Maranhão ao Dr. Alexandre com a faculdade de nomear Serventuário, que hade logo subir à R.^l Assignatura. 13. Novº 1800».

Pelo visto, o Doutor pediu Pernambuco, mas foi-lhe concedido o Maranhão. O que pouco importava, afinal, visto que nunca lá pôs os pés. Tratava-se de mais uma *sinecura*, a juntar à de official da Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos, cujas funções também não exercia.

O n.º 98 do citado Catálogo (2), a pág. 105, informa-nos que o Doutor ALEXANDRE solicitou «sobrevivência» do officio de Zelador (TAVARES DA SILVA diz, e julgo que bem, *Sellador*) da Alfândega do Maranhão nas pessoas de seus filhos Germano, Maria das Mercês e Guiomar Joaquina, e que essa pretensão foi deferida. A petição seria de 1811.

RODOLFO GARCIA (4, pág. 32), estribado em documentos, esclarece ainda mais o caso, quando informa: «...em 28 de Maio de 1811, por despacho datado do Rio de Janeiro, fêz-lhe (o Príncipe regente) ainda mercê daquele ofício, para verificar-se por seu falecimento em seu filho Germano Alexandre de Queiroz Ferreira e na falta dêste na filha mais velha, com a obrigação de contribuir para sua mãe, D. Germana Pereira de Queiroz Ferreira, com a pensão anual de 400\$00 enquanto viva fosse».

De modo que a lenda da miséria, em que teria vivido e morrido o Doutor ALEXANDRE, sofre mais um golpe decisivo. Além dos 700 mil reis, que lhe rendiam os lugares de cá, ainda recebia do Maranhão um ordenado, cujo quantitativo ignoro, mas do qual era possível amputar uma fatia de 400 mil reis anuais.

O filho mais velho teria herdado do pai, não só o lugar de oficial da Secretaria da Marinha e Ultramar, mas também a *sinecura* da Alfândega do Maranhão. A viúva, pelo seu lado, teria ficado a receber uma pensão igual a metade do ordenado de oficial da referida Secretaria, e mais os 400 mil reis do Maranhão...

A *ária* da miséria, tão glosada em todos os tons, parece não ter por onde se lhe pegue. A verdade é muito mais que suficiente para que se exalte a glória do Doutor ALEXANDRE, e se lastimem as suas incomparáveis desditas.

O Prof. TAVARES DA SILVA (*loc. cit.*, págs. 166 e 167), a propósito da inutilização de parte das colecções do grande explorador, encarna-se sobre VANDELLI, a quem chama «ignóbil italiano» e «agente baixo e sinistro».

Julgo ter demonstrado (1, págs. 3 e seguintes) que não deve atribuir-se a VANDELLI a autoria daquela malvadez, se a houve. Porque, se a houve, e se foi perpetrada por um estrangeiro, mais lógico seria atribuí-la a JÚLIO MATTIAZZI, fiel depositário das colecções enviadas do Brasil. Além do mais, VANDELLI, muito ocupado com vários negócios, devia perder muito pouco do seu tempo pelo Museu...

Mas não caíamos na feíssima acção de conspurcar a me-

(4) RODOLFO GARCIA. Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA (conferência). Colecção Brasileira de Divulgação, Série II, Biografia, n.º 3, 1946.

mória de mortos indefesos, a partir de meras suposições, sem base séria e consistente.

É verdade que o documento CXIII da minha colectânea demonstra que, entre o Doutor ALEXANDRE, e VANDELLI, surgiu um *conflito de jurisdição*, talvez exacerbado pela hipersensibilidade, já então existente no primeiro.

Por causa desse documento, afirmei eu (pág. 29), um tanto precipitadamente, que «Em 1800... já o Doutor estava incompatibilizado com Vandelli». Ora, no Aditamento, que termina aquele meu trabalho, publiquei (em frente da pág. 424) a fotocópia de uma carta do primeiro ao segundo (*), na qual se confessa «obrigado discípulo».

Mais demonstrativo de que tal *incompatibilidade* não chegou a passar de simples amuo, ou, quando muito, foi transitória, é o documento publicado por RODOLFO GARCIA (4, pág. 31), em que nos informa que os filhos do Dr. ALEXANDRE eram: Germano Alexandre, Maria das Mercês e «Guiomar Joaquina, nascida a 13 de Setembro de 1807, em Lisboa, e batizada em 15 de Setembro, padrinhos o Dr. Domingos Vandelli e Nossa Senhora das Mercês».

Parece inteiramente absurdo que o Doutor ALEXANDRE convidasse para padrinho de sua filha o «ignóbil italiano», o «agente baixo e sinistro», o «génio escuro», que lhe tivesse diabòlicamente inutilizado o produto de tantos esforços, tantas canseiras, tantos perigos corridos.

É dever elementar do historiador manter o mais rigoroso objectivismo, e abster-se de levantar juízos temerários.

Ora a maneira como foi glosada a *tradição*, a que se referiu veladamente o Prof. BOCAGE, é, precisamente, a prova mais clara de falta de objectividade.

Também já depois de publicado o meu trabalho, tive conhecimento de que o falecido e ilustre naturalista, Dr. Betten-court Ferreira, de colaboração com o Dr. Santos Júnior, projectara um trabalho ácerca do Doutor ALEXANDRE. Esse estudo, infelizmente, não pôde ser levado a cabo, por causa da doença e morte daquele erudito naturalista. Entretanto, alguns

(*) Por lapso da Tipografia, as estampas foram colocadas fora do lugar.

materiais chegaram a ser reunidos. O Dr. Santos Júnior, mediante um subsídio concedido pelo antigo Ministro das Colónias, Dr. Vieira Machado, conseguiu obter 70 fotocópias, correspondentes a 33 documentos, na sua maioria cartas autógrafas do Dr. ALEXANDRE.

O meu amigo, Dr. Santos Júnior, teve a amabilidade de me ceder essas fotocópias para publicação, motivo por que aqui lhe deixo consignados os meus agradecimentos.

No fim, vão publicadas em estampas, com o n.º 2 e seguintes.

A história da primeira estampa vai referida adiante.

Dos 33 documentos coligidos pelo Dr. Santos Júnior, 30 foram publicados, em cópia, na minha colectânea. Dos três restantes, o n.º 56 e 57 é a cópia do parágrafo de uma carta aos directores de várias povoações, ordenando que prestassem todo o auxílio ao Dr. ALEXANDRE. O n.º 68 é um requerimento da viúva, D. Germana Pereira de Queiroz Ferreira, a pedir uma pensão correspondente a metade do ordenado do marido como official de Secretaria. Esse requerimento foi deferido, como se prova pelo documento CXXXIV da minha colectânea, reproduzido agora em fotogravura, com o n.º 71. O n.º 70 é a certidão de óbito do Doutor.

Nas estampas seguintes, os caracteres romanos correspondem à numeração da minha colectânea. Os números de ordem das estampas vão em caracteres vulgares.

Para o Instituto de Botânica do Porto, foi há pouco adquirida uma colecção de manuscritos originaes. Um deles, carta autógrafa do Dr. ALEXANDRE, vai agora reproduzido, em fotogravura, com o n.º 1.

É um curioso documento referente aos primeiros trabalhos officiaes daquelle sobre a mina de carvão de Buarcos. Ele demonstra a má sina que, desde o princípio, amargurou o grande naturalista. Reza assim :

Illmº e Exmº Sñr

Os dois Naturalistas, que desta Corte partiraõ por Ordem de V. Exª á vizitar a Mina de Carvão de Buarcos, xegando agora no primeiro dia de Feverº não pertendem desculpar a sua demora em Coimbra, q̃ excedera os termos da concessão de V. Exª. Alexandre Roiz Ferreira alem de ter sido



demorado pelo Illm^o Reformador q̃ o doutorara na primeira Dominga depois dos Reys, percizava ali prover-se de alguma roupa necessaria á seus usos: apenas se desēbarasou de hum outro negocio partio logo a obedecer a voz de V. Ex^a q̃ o xamava. Aqui se axa oprimido de hum cumulo de infellicidades: Seo companheiro João da Sylva Feijó, depois de ser atolado em hum grande Lameiro onde suportou sobre si o imenso peso da besta em q̃ montava, xegou não pouco molestado: neste mesmo dia morreu-lhe afogado no Tejo o seo criado: por conclusão de todos os males mesmo em Lisboa no caminho para a Ajuda ás dez horas da noite lhe roubarão a sua Mala sem q̃ lhe ficase outra roupa mais q̃ a q̃ trazia na Jornada. Pois q̃ a estas intelecidades todas succedidas á ele Alexandre acreceo a ultima de não axar nesta Corte a V. Ex^a de quem esperava toda a providencia, depois de remeter a V. Ex^a a Relasão da viagem á Mina, supplica a V. Ex^a mande prover do q̃ lhe he mais neccessario para poder apparecer perante V. Ex^a. Ele protesta ser com o mais profundo acatam.^{to}

L. Ajuda 4 de Fever^o de

1779

Illm^o Exm^o Snr Martinho de Mello e Castro
de V. Ex^a

Humilde servo e cr.

Alexandre Roiz Fereira *

CORRIGENDA À COLECTÂNEA

- O documento XXII é o complemento do XIX.
- O documento a pág. 346 é o n.º XCVIII e não o XLVIII.
- As estampas colocadas em face das págs. 420 e 424 deviam ir no fim do volume, a seguir à Explicação das Estampas.

Mm. e Exm.º Sr.

Os de vs Naturalistas, que desta Corte partião por Ordem dell' Ex.º, a visitar a Mina de Carvão de Duarcos, regressando agora no primeiro dia de Fevereiro, não pretendem de suppar a sua demora em Coimbra, e expedida os termos da Contas de d. Ex.º. Alexandre Roiz Ferreira, alcaide de Terceira, demorado pelo Hon.º Reformador q' o deutevra na primeira Dominga depois dos Reis, fizevra ali prover a de alguma outra precaria a seus heres, e q' n' a se elati fizevra de h'um e outro negocio p'atto logo a obedecer a vos dell' Ex.º q' o nome va.

Aqui se avia enrimido de h'um humulo de infirmitades: Tas com-panheiro João da Silva, depois de ir atolado em hum grande Lameiro onde suporreu sobre si o imenso peso da besta em q' montava, regou n' os poucos molestado: n' este mesmo dia morreu. He fegado no Lago e se o fegado: p' os con-clusões de todos os males m'ime em fegado no caminho n' a fegado de dez ho-ras da noite He roubado a sua Malta um q' fegado e outro fegado mais q' as e vaze na semana.

Deis q' estas infirmitades todos mudadas a ele Alexandre e vzeu a ultima de não avor n' esta Corte a V. Ex.º de quem es perova toda a provincia, depois de vimele a V. Ex.º a Relação da Viagem a Mina, suplicia a V. Ex.º o mande prover do q' He he mais necessario p'ora no dar apparecer perante V. Ex.º. E p'ora esta se como mais p'orvido aca-tam. f. Ayuda 2 de Fevereiro de 1773.

Mm. e Exm.º Sr. Martinho de Mello E V. Ex.º
Castro.

Humilde Servo e c.

Alexandre Roiz Ferreira





Recibi do Sr Joao Gomes de Araujo, a quan-
tia de hum conto seis centos, e trinta, e dois mil reis
das ajudas de custo dos Naturalistas, Pescadores, e Sa-
lunarios Botanicos, q' vão para as Expedicoes: a saber

Para

O Sr Alexandre Rodrigues Ferreira

Naturalista 240000 r.

Agostinho Joao de Cabo Sardineiro

Botanico 192000 r.

Joao de V. Cadima Pescador 192000 r.

Sr Joao Freire Pescador 192000 r.

Mocambique.

Sr da Costa Sardineiro Botanico 192000 r.

Antonio Gomes Pescador 192000 r.

Angella.

Angelo Benatti Naturalista, e Pescador 240000 r.

Sr Antonio Pescador 192000 r.

Suma 1632000 r.

Hoje 8 de Março 1783.

Julio Mattiuzzi

Senhora.

Dir. o D.^o Alexandre Rodrigues Ferreira, filho legítimo de Manoel Rodrigues Ferreira, natural da cidade da Bahia, Naturalista actualmente empregado no Serviço de V. Mag.^a na Expedição Filosófica dos Estados do Rio de Janeiro, e havendo elle supp.^o servido a V. Mag.^a pelo espaço de doze annos na Universidade de Coimbra onde umos de Bernoulli e de la Hire, e de Historia Natural, sem por isso parecer emolumento algum, passou depois a servir a V. Mag.^a pelo espaço de cinco annos na disposição e redução do seu Real Gabinete de Ajuda, examinando as produções e fazendo as experiências q.^{ue} lhe eram ordenadas, em quanto não foi mandado para o Brazil, para onde foi chamado da Universidade; e como o Sup.^o a o presente se acha em hum Serviço da Real Academia de Minas, e das Indústrias, por onde se tem implicado em infinitos perigos por mar, e por terra, persuadido de estar nos termos de para honrar os seus trabalhos supplicar a V. Mag.^a seja servida adiantar ao Sup.^o a Ordem Militar q.^{ue} a V. Mag.^a milite sem parecer; e porquanto lo he muito proprio de V. Mag.^a honrar os trabalhos dos q.^{ue} com tanto zelo a servem.

P. a V. Mag.^a seja servida ordenar a supplica do Sup.^o

E R. M.^{ca}

aqui he alagada; a agua se não pode remediar sem
 the farses estry para o bay estry ha pouco tempo
 fora da Cidade eim tello q ha deag estry: em
 q não vejo: trata sempre de arruinar humapou
 ca de uminte: sobre hum taboleiro de terra q den
 tro na Cidade corre a o longo do Arrenal: o suco
 se desta primeira captação he q hade resolver
 das estry.

O em q agora se tem afentada a vy
 pinto da Viagem he q havendo de por entre, for
 meres eptat e Charnia a ma canga, emquad
 do na parte; vou ao recolhendo as produções
 doq Suburbio q nella heem; a farses a segunda
 remesia; isto extende-se sobre a parte para o
 de ordenar o Ant Federal: a barra em si, St.
 Lum: he hum Barro; aqui mermo sae tamda
 as produções q se não sei a q lado me voltei:
 e a toda ella não está cultivada, vacada, eplai
 tada, donde procede isto: em devida posao
 importa applicar genti qh aqto hum humoral
 dipterys d'inheto, ali de humas eualtarmada
 tornat, hum Cacao, hum acozyl, hum cana
 viol, se yta vendido, vem outro q não euifando
 de o conservar, apenas, frega, paffa hum anno q
 julga pouco tempo, e quando se resolve a oltas
 por elle, ja tudo outra, por isto hum mato tã
 expeto como no principio: ali q aqto a daptat
 falta agente: e aindamto aqto de, a na frustar
 tudo: e q se vem a farses, he, e aqto hum chao
 perdido, não ganhar outro, não, esta manha
 q se andava machimando a daptat, e aqto aq
 paffa por hum dicio q chamao V. For, onde no
 mero de humas de mato vi humay daq Casy
 reflectio o Dito q me acompanhavo: aqto
 foi ja hum airoal tom; quando repoyto na
 de o Sr. Fernando de Costa: Tempo poravicho
 qou em q melhor se q aqto de, e aqto aqto
 de aqto nute Pait, e aqto aqto aqto aqto
 o commero, distribuido a qto aqto aqto
 dem devida S. Mag: e aqto aqto aqto aqto
 V. La: o fructo de qto aqto aqto aqto aqto
 M: dilatar a pte de qto aqto aqto aqto aqto
 na, quanto haqto, my: B. E. V. E. x.

Cidade de Belim 27 de
 Set. de 1783.

M.º humilde Cr.

Alexandre Rodrigues Ferreira



Ilm. e Exm. Sr.



A nova resolução q' tomei depois de fechada a primeira carta p'bra de 1840 far q'ua tenha lembrança. Si me dá a sua de 1840 que p'bra sendo-me honram. 1840 a Cabeça do Sr. p'bra q' vai para eu ver se para alguma coisa Arrua, tal foi a sofreguidão com q' vi esta rara peça, q' logo fui a Salas q' ur ad. 1840 q' de linha a felicidade de remeter p' o Gabinete de 1840, humo peça de 1840 no Gabinete da Europa não ha exemplo. Como não 1840 nam eu podemos com devoto damoras hum so tra mais humo peça como esta, logo na embarecação q' d' hoje diva/partir, afundamos ad. 1840 e ad. 1840 de a offeír p' o Real Gabinete, eu de jurem com ella remeter q' estava a mais. Vão por com a dita carta, humo cofrada de 1840, humo porcelo de colary, e bractely de pennas q' tudo vinha junto com a cabeça em humo Caixa, sem poder se apanhar d'isto saber mais por agora de q' d' barra de Santapina a tal carta daqui sete, ad. 1840 de 1840 de 1840. Vão no mesmo ani xote 2 frascos, hum dos q' lava e Apaga dore, e o outro quatro sinapagos q' não tem flôr. Vão q' 1840, p' fui tay e em humo dellos o sininho de corallo q' 1840 remette viver, q' são o 1840 de India. Agora acabo de receber humo de 1840 q' da no Gabinete está preparada do, porq' como eu não figuro a tal humo po. Se não de missionario da Historia, ad. todo me mandas humo humo d'ito, outro humo peça, porq' no Real Gabinete de 1840. Vão a todo de q' tava o my Nome, q' modo de 1840. 1840 me produzem, que

ho oem q' trabalho. Esguio e of. o ma offn
ca. Rizer a v. l.º. p. d.º. q' m. d.º. cl. da
de de Alem 28. de 1793.

DE V. L.º.

m.º humilde cr.

Alexandre Rois Ferreira



Ainda o mesmo doente e acha pouco convalescido,
 tendo perdido mais tempo e estado mais a esca-
 riar. Não posso mais do que recomendar o apre-
 do da V. Ex.^a a quem se guarda tanto tempo, quão
 foi a V. Ex.^a Sirijé.

Para 23 de Dezembro de 1783.

De V. Ex.^a

Muito humilde Sr.

Alexandre Rodriguez Ferrera



M. e Em. Sr.



Vinda que pelo Sr. Nuno Maranhão he que he de remetter a V. E.ª a humilhada remessa das produções de te anno, por me parecer mais a cortado remetter muito já poucas vezes, do que pouco por muitas; não deixo com tudo deixar de fazer ao M.º a V. E.ª, supor q me foi quasi vel. Apres. particularm.º e deo assim fazer, participando a V. E.ª o quanto tenho estado malhado desde o meado de meo de Abril até presente, em q trata de hir convalescendo. Ponderar a V. E.ª a hum.º remessa a minha enfermidade e queiras do vulgo, he de verella q devoto aguem com qubem afflige aguem figura nella; e q de rison si infermar foz a enfermidade propria, he que havendo eu deo barado nesta Cid.ª e immediatam.º aonde se q.º e Maranhão, onde padeci minha febre, havendo a commençação no S.º General para a Villa de Curitiba, e da li volta de porem outras taras ja fora ja dentro de casa, sem me haver merecido e deo a minha a saude propria, fia. Se na informaç.º de hum Soldado q me deo, q me q.º sem de hum q.º moderno a distancia q hea desta Cid.ª a Tucunduba, me foi da que hea minha adreito sitio para nelle observar a planta q chama.º Taniguanhua, q he a de q fazem os rios para os barros; e tendo andado duas legoas boas com fida e vindo, isto vintas ago.º em q.º, e de brisa de hum calor ardente.º me, como qubem hea na supexão de fazer hum q.º se medir, sobre as hea hja suffocação tal q logo vim de rede para casa. Da q.º porreida a minha da minha enfermidade q implicando se com a outra deo me vii usando q.º me meo em bem durado estado. e se parecer do Medico do hospital em mai.º tendo



Outra coisa mais q melancholia: pelo voto do Commis-
 sario deligeo do Arto Medico de Juizado Sua Cardial
 gia historica e assim me parece, porq suposto q a melan-
 cholia de me ver doente e de doença tão grave como não
 as malitacões, que quando aumentou mto a minha
 queixa, com tudo soffrido deas q pericardias, como era
 caso da Encarnada, e adeo actual do estomago, porra
 que alguma coisa mais não q a melancholia. No entanto
 em toda a Cid.ª pela qual se apathou q eu nas tinha
 mais q melancholia hum me ha' tido por sumatua, entre
 por melancholia, e alguns por malicia: dar se ha' caso q
 ainda aqui alguns os fustas deito em impetorem as
 vnaas? Quer outra providencia q deu as reputarias d'hu-
 mom de V. E.ª obrigar me ao patrocínio de Sua E.ª
 e Mm.ª e Com.ª do General, a quem ja' mais poderem con-
 fesso plenamente quanto deo sempre e quanto agora
 lhe fho devido: porq para e deo de hua vez nem curei
 a sua Miza nem pello julga-se vir appropriado q
 a minha doença q me nas' emuag, nem signal pello
 ou particular de proteccao q me nas' mortace. Se a
 ta nas' fira ha' mto ja' q de taria lido minha porri-
 zai de malicia: quero saber tudo emtas' prouas tempo,
 deum os Coramille, quero qdrua, quero palarita, quero
 unimias, quero historias tanto for pta traher. No en-
 tanto q se mignora hir caminhando por entre a sim-
 plicidade das prouas, e actucia das expensas, tanto
 mais esta observacão q ajuntar as outras do Estado.

Em quanto ao Caminho q se tem palaritade em
 alguma Villa de base da duracao q dava a qual que
 V. E.ª me entrego, minha nas' tem rascada segund
 informas' os Directores, e nas terras vng tem nascido





Agueiras sê a alguma de hum galão, entra a dar amon-
to, e logo morre: e mais q' q' nascido no quintal do the-
souro Geral do Indio. Seno' Manuel Rodriguez, mais
quatro de quatro galões: todo e mais q' q' tirado
vão mto, as quaes elle recolheu para n' repulantes: a
este respeito tinha julgado e mame, q' Maragraré non
queto do trigo em Provanbuz: e calor de Sol he actua
a terra he mto qorda; estas circumstancias amarram q'
e Canhamo germinar mais sêdo do q' devia, cujo hospito
se poderá emendar compacte enfraquecendo a terra, e a
furgurando semelhante galantado a algum lugar, em q'
n' nao' fua sentir tanto o calor do Sol.

No tocante a' nossa viagem q' o Rio Negro,
bem sêdo me persuado q' estôrni' humptas as Canhas,
pela mto' actua, e em q' o S.º General tem feito traba-
lhar na sua constatação: a alguma repira se mover de pa-
ar, esta mto' emquanto nao' miltior de todo; porque
a nao' miltiorar em termos de nao' fazer vias, sêdo pro-
uo q' vao' indo a diante e dephadado, q' e mame
suscitem as plantas, q' atêdo o tempo se reducam, pre-
pregando-se deste modo o tempo na quillo no mame,
q' se poder durar.

Deo guarde a V. Ex.ª tanto mais quanto ha-
vemos miltior.

Pern' 3o de Junho
1782.

De V. Ex.ª

M.º humilde Cr

Alexandre Rodriguez Ferreira

Assim podem elle ter os Indios de q̃ necessita p̃
 a Fabrica de Anil em q̃ me tem fido varias
 perguntas incumbindo-se de estar traduzido
 do p. portuguez a obra de fazer Anil es-
 crita em Francês, a qual elle fiz ver com os
 Iros Iruos, q̃ sendo meus, sab do Serviço de
 Mag. Realva q̃ elle desse dicto a mesma con-
 ta q̃ tem dado d. 2 Leisquieres de Maguari
 da Costa de Caite, q̃ por ordem de S. J. Fernan-
 do da Costa foi estabelecido supposto q̃ a hoga
 estas demolidas pelo S. J. Jac. S. Caldas.
 Em se lhe darem para satisfim os Indios por
 cios nas se faria, coisa das nova, q̃ não faz
 se a mesma q̃ ordena q̃ se faça a Carta Algia
 de 28 de Novembro de 1775, recomendo
 nella S. Mag. q̃ se faça a diligencia possivel
 por affixar alguma pessoa a fabricar anil
 e não se todos os Indios q̃ para a dita fabri-
 ca pedir, e ainda tudo o mais, ... Por m. 2.
 Ex. sabe q̃ a se não fazer certa a paga de qu-
 nito, não se pode applicar a elle o S. J. J. J. J.
 q̃ paga alias a cada Indio o Salario de 1200
 por mez, e sustendo d. 2 Ex. resolveo
 q̃ for servido. M. 2. a 2. Ex. os annos, 2.
 Havemos mistiv. DE 2. Ex.

Pará 3 de Setembro de 1782.

M.ª humilde Cr.

Alexandre de Alencar



Ilm. & Exam. SnT.



Permitte a V. Ex.^a e M.^a Ill.^{ma} a Historia, para servir de applicação ao Proposito da Cidade de São Paulo, segundo avisa a V. Ex.^a pois havia eslavantes em q.^{ta} remette o dito Proposito entre outros rios e produções, q.^{ta} fosse. He hum complexo de objectos vagares girados sobre diversos objectos, como V. Ex.^a vira, q.^{ta} hevem alguns dia, de fora de serem dignas e differentemente, fazeo parte da Historia Natural, e Civil ditta Estado. He o descripto Lago q.^{ta} conheci no espaço de tempo q.^{ta} decorre desde 25 de Set.^o do anno passado até 10 de Setembro do presente. Sete dia por diante accompanhei ao S.^o General, entrando com elle nas villas de Ouytas, Melgaco, e Teret, donde sahimos juntos em demanda da bahia do Akacapa, mas não se vende encontrado mais pelo espaço de 3 dias, desde q.^{ta} entrei no Canal do Sapupuru, reflecti q.^{ta} de parte a parte havia incommoção, da d.^a S. de um me andar esperando a cada passo, por navegar a minha Canoa, muito roncada a remos, em consequencia da carga, e da minha emporgar o remo da minha equipagem nocte e dia, para o acompanhar, devendo ahi se preparar o Indio para mais dilatada viagem. Terete no dia de deixei a direita do Akacapa, onde por ou tra parte pouco podia fazer pela claridade q.^{ta} q.^{ta} he preciso ao S.^o Gen.^l entrar e sair das 24 bocas, e remanei esta villa de S. Antonio do Curup, onde cheguei a 2 de corrente e don de saio a 14 para a de Santo do M.^o Achei por Commandante da Sua Fortaleza ao Sr. Alente de Aluzigarez Manoel da Costa viduo a quem vamos todos devendo obsequio mas quasi ordinario, e eu muito particularm.^{te} He o Sr. sum ma promptidão no aviamento de todo o pertenc.^{to} a meu fim de indagar, e escolher productos de villa he de branco, porém esta p.^{te} q.^{ta} algunos dos Indios, a excepção de 5 Caia cobertos de t.^{ta} tudo o mais são p.^{te} todos de m.^o, a terra tudo produz o Caia, de q.^{ta} ha maior natu ra do nas Ilhas da Costa fronteira, o Café o tabaco de q.^{ta} abunda todos os Guinlay, o arroz no plantação: a manga, o algodão, mas a fertilidade da terra he a q.^{ta} far mal a Agricultura na terra, f.^{ta} se deo no Caia q.^{ta} he rec.^{ta} de q.^{ta} Indio, onde ja disse q.^{ta} ha maior d.^a e como se a colta a pequena colheita como cada hum se tenta, com tanto q.^{ta} não traballu nem cuida de plantar, nem a menor de conservar alguns p.^{te} q.^{ta} ha. outros q.^{ta} querem não podem tirar a colta de drago. He o q.^{ta} me offerece dizer a V. Ex.^a M.^a 1.^a os annos q.^{ta} havemos m.^o de 90 e 92

Villa de S. Antonio de
Curup 30 de 867.º de
1789.

muscle humilde cr

Alexander Ritchie



Ilm. e Exm.º Snr.



Continuo a beijar a mão de V. Ex.ª que o não
faco tantas vezes quantas tenho de obrigá-
lo, assim o permittem a distância, em q' me
deito, e a multiplicidade de observações a q'
eu se devo occorrer. Mas que eu me esqueça
Snr. Exm.ª da mão benéfica que me tira do
meu nada, e por graça muito particular me
consagra a o primeiro serviço q' nesta ordem
de Estudos se faz a V. Ex.ª. Da Villa de Cu-
rupa remetto a V. Ex.ª humha simples minuta
da Historia Natural e Civil da Cidade do
Luz, por occasião desta parte, na qual me olvi-
dei de dar a outra em como a 13 de Setembro
do anno passado sahí da Cidade em co-
panhia de Snr. General, de quem me apertou
a trouxa, e sobrevio a entrar nos todos
no Canal de Sajupuru, e com ser já passado
tanto tempo quanto he o decesso da 13
de Setembro até hoje 8 de Janeiro de 1788
ajuda agora me acho nesta Villa de Santa-
rem, e nem metade he da viagem, para o
Rio Negro. Dempoz-me por tarde pelo qm.
de 3 dias na Villa de Curupá, da 1.ª e da
2.ª de 88.ª até o dia 13 do mesmo, observei
do tudo, quanto tenho minutas de respeito
della, minuta por em, e a V. Ex.ª sera a par
sentada, quando o Exm.º Snr. José de Sales
Caldas me socorrer com algum Escrevente
por q' além de q' esta minha letra he inco-
por de ser lida por V. Ex.ª pela sua pouq'
he, eu tambem fero com copias minutas
o tempo, e devo empregar em observar. De
cada humha das Villas conservo hum apor-
tamento q' faco como tophe da Villa de
Almeirim, ou Luz, onde entre a 13 de
88.ª e donde sahí a 8 de Novembro, tendo
observado o ferro, a achra, as argilas, etc.
dalli parti até a Villa de Monte Alegre a 10
de 88.ª até 13 do mesmo, em q'
thegues e desta Villa parti para a estrada
de Santarem a 3 de Dezembro, onde em si
de varios calcifos as Canas, vender os
Trinos, refazer o mantimento, e donde par-
to para Obidos amanha, e sahí 10 do cor-
rentu. O Com.º q' agora acaba de q' o
de Souza, Alvará, Alvará, fica incluído
de se mandar fazer calcifos, e copiar
da a Cidade os calcifos, e levar a Luz,
Moys, 2.º Doutor, 1.º Jacay, 1.º Kinga, 1.º
e 2.º Virasom, segundo o resto q' se
eu remetto a V. Ex.ª e naõ obria eu q' o
ficaria aqui dilatado dias. Ha o q' se
de por agora na presença de V. Ex.ª a q'



Alto gale, vaneq, haryng, mider. Van
vaneq, de Janeiro de 1855.

De 21 Ex.º

Alto humilde Co.

Alexandre, de 1855.





Ilm.º e Exm.º Snr.



Agora mais do que nunca, acabo de vir
a conhecer o Sr. D. António de Sousa
e a D.ª D.ª de Sousa, de praxeas com o Sr.
larg.º, não digo os serviços feitos a S.
Maj.ª, mas a vontade de os fazer.
Conheço, que nem he o meu talento nem
são por ora as meus insignificantes ser-
viços, os q. na presença de V. Ex.ª se fa-
zera dignos de tal ajuizamento.
Tal he a q. V. Ex.ª prodigalitou comigo
no off.º que vai dist.º datado de
18 de Setembro do anno passado. Não
contente V. Ex.ª de me haver assigna-
do a Graca Regia do Despacho de
meu Simão, q.º, também adiantar-
me a approvação do meu trabalho, se
he, q. tal nome merecem huns meros
Empregados de boas fracas forças. Como po-
rão elles ter a felicidade de merecer
o agrado de V. Ex.ª, feliz mil vezes eu
q. tenho o grado de modo q. V. Ex.ª me ap-
prova, e muito mais feliz para o dia
de, se perseverar constante e inviolavel
no projecto, e no modo de servir a S. Ma-
j.ª. Não no seu serviço me desorientar
do agrado de V. Ex.ª. Para continuar
a obedecer a V. Ex.ª, e a S.ª, e a S.ª, e a S.ª,
obedecendo a Ordens de V. Ex.ª e Exm.º
Snr. e a S.ª, e a S.ª, e a S.ª, e a S.ª, e a S.ª,
pelo mez.º de Janeiro de 1847 de Villa de
Santarem, por outro nome, Tenajo, e
sim como, agora a deu de que V. Ex.ª
degraa, chegou a esta Villa de Barcel-
los. Cheguei a minha chegada o Ilm.º
e Exm.º Snr. João Pereira Caldas com
o impagavel obsequio de me dirigir ao
caminho a Graciosa, e a Graciosa
q. fez, da parte que he eu havia anti-
cipado, em como para executar a Or-
dens de S. Ex.ª era a chegada a Forta-
leza de São João. O Sr. Comendador
tinha anticipado a providencia das
Representações das Casas q. são a vel-
hores e as mais decoreas da Villa sem
reservar obsequio algum ordinario e
extraordinario, dos q. foram tal proli-
caveis nesta distancia. Recibo-me
depois com aquelle acolhimento, e agra-
tallo, q. V. Ex.ª dentro do seu gabinete
me fez a honra de annunciar, e ainda
agora q. confirma, segundo a letra do
officio, q. foi servido dirigir-me. Im-
mediatamente, q. cheguei, e me fa entrar
na participações da Off.ª de S.ª, e a S.ª,
consignando-me nella o lugar, que eu
nao mereço, ordenando logo a meu
notu proprio, que com referencia aou-
tro q. aq.º trabalho de calafetagem,
as Camas do meu transporte, e aq.º
construir com nunca villa e cidade.
e Camas, e aq.º Camas, em q.º
acondicionados, os productos naturaes.
Vada digo em dizer a V. Ex.ª q. mandou
apromptar tudo por hum a couza he
notavel nesta S.ª, q. a imitação de V.
Ex.ª nao se contenta com mandar fa-
zer as couzas, mas afflito em peito
anima com a pretenta, e dirige como
palavras as ob.º q. são confidat a o
seu Cuidado. Tão vasto heo confitum.

[illegible]

Mr. Geo. W. Ex. pelos annos, que
havemos mister

96 2. 4x.

Barcellos 16 de Junho
de 1785.

Arroyo Encarnida Cr.

Alexandre Roux Fils




 Illm^o e Exm^o Srs.


Depois de escripta a Carta, q^a V. Ex.^a acabou de apromptar, a desmarchação das Cartas, agut chegadas as Cartas de Folha de Planos, que pelo q^o me dava a entender o Julio na Carta de insinuacao, q^a me dirigio, fiquei eu entendendo, que esas destinadas para os Tacaros, q^a de novo me recomendarão, agora, q^a vejo o tamanho d'ellas, fico entendendo, e para q^o servem, igualm^{te} referem o q^o disse, e respeito ao ultimo, q^a V. Ex.^a disse, q^a temellia porq^o ho impossivel, q^a hum 36 Copista, q^a ha, e se pouco custo, no q^o escreve no pequeno esp^o de 4 dias, quando muito, escreve tudo, quanto na minha letra está escripto, em 3 Semanas. Cada vez me confundo mais na maxima de obervar, e recolher, sumptuam^{te}, para as vidas participacoes encontro mil oblaculos; o q^o tem da letra, naq^o escrevo certo; o q^o escreve certo, escreve como eu; e o q^o escreve bem, e certo, naq^o lhe falta, q^a escrevo pelo expediente da demarchação. Tem-me não preciso occupar alguns amigos, para me escreverem alguns papéis, como sq^o, m^{te} q^o envio a V. Ex.^a para V. Ex.^a ficar no conhecimento de q^o, no tocante, aq^o está da m^a parte, naq^o facto a omeu deves, apromptando as minutas precisas, ainda p^a aquellas coisas, q^a naq^o sab da primeira obrigacao, no q^o dependo porim da Copista, encontro as difficuldades propostas.

M^{te} J^o a V. Ex.^a pelos annos, q^a ha vimos mistos. DE V. Ex.^a

Barcellos 24 de
Junho de 1786.

Chusio Eumilde Co

Alexandre Reiz For^{te}

Ilm. e Exm. Sr.

Ordinou-me o Exm. Sr. João Pereira Cal
das, em officio, que me dirigio nesta Villa
de Barcellos, datado de 13 de Agosto do an
no proximo passado, que investigando me
re no reconhecimento das produções
naturaes deste Rio Negro, e dos outros seus
confluentes, na conformidade das Ordens
de S. Magestade, me não dispensasse por outra
parte do por na sua inspecção as observa
ções, e fizesse sobre o Estado presente da
agricultura, e do commercio, população,
e manufacturas das povoações, que eu
visitasse, para S. Ex.ª assim fazer con
tar na Real Trizencia. Em cumprimento
to da sobredita ordem, sahí desta Villa
na manhã de 20 do referido mês, e ha
vendo-me demorado no: Povoações, e
nas margens do Rio, o tempo q' requeria
e recomendado, compulso das antigas
e modernas, e estou a meu cargo, cheguei a
fortaleza de S. Gabriel, no dia 26 de
septembro. Da fortaleza tinha sido forçada
a saída de S. Magistade, e Coronel Mano
el da Gama, fôbo de Almada, o qual ha
vendo passado pelo tranco de set de am
parado, por quasi todos os Indios, e al
guns soldados de seu Commando, vio
a na conflagração de incendiar a
diversas das correntes, e os q' mais
veroches, e a S. seu quartel de S. Gabriel
ainda q' no estado em que se achou, de
total abatimento de forças corporaes, me
não seria expiar a brevidade, que de
seja q' houvesse na minha expedição
do agima, bem cedo me dirigendi de
quanto o seu espirito era superior a q'
trabalhos, q' passava, porque, ordenando
logo, que se contemplassem os Indios, e
as causas principais, todos os meos me
fueitou para seguir viagem. Sahí
da fortaleza no dia 13 de 1861, e tendo
subido a primeira cachoeira do Rio
Maupis, no qual me demorei 3 dias, a
fim de q' gastei no Rio para, e
no Rio 7 de 1861, cheguei a fortaleza por
tura de S. Joseph de Marabitaná, na
manhã de 11 de novembro. Auctive
ordem de subir acima, e por isso voltei
a entrar nos rios da margem superior
brenal, especificados n'ello, como fôr
e Limity, o Chauris, onde me demo
rei 13 dias, e por onde suby atz afor
do Rio Maturaca, o outro Rio Padua
ry, defronte da Villa de Romay, e o
baraca. Concluido o exame, por
ui a hum unico Naturalista, e do
pensionado, como eu me considero, che
guei a esta Villa pelo: Choro da
tarde de 6 de Janeiro do corrente an
no, depois de 4 meses, e 10 dias de via
gem. Se cumprir, ou não a ordem, q'
S. Ex.ª me distribuiu, não sou eu, o qual
devo informar a S. Ex.ª apenas me com
pelo resumir nesta carta a Historia
das minhas observações, participadas
a S. Ex.ª, e a classe dos productos, que



envio, por segunda remessa desta Capitania.
 Tenho já entregue a S. Ex.^a as 5 Partes da
 1.^a remessa, e contém a Historia
 do Estado, em 2.º e 3.º, as Doações
 deste Rio, até a de S. Gabriel, e jun-
 tas mais 7 Memorias de diferentes
 titulos, a saber, a 1.^a sobre a Carta
 ruga, a 2.^a preparada nos Caixões
 n.º 1, e a 3.^a = a 2.^a sobre os Peixes.
 4.^a que foram remetidos da Villa de
 Santarem nos Caixões da ultima re-
 missa da Capitania do Para e de que
 agora remetto no Caixão n.º 1, 2, 3, 4,
 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16,
 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26,
 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36,
 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46,
 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56,
 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66,
 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76,
 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86,
 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96,
 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105,
 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113,
 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121,
 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129,
 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137,
 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145,
 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153,
 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161,
 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169,
 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177,
 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185,
 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193,
 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201,
 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209,
 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217,
 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225,
 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233,
 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241,
 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249,
 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257,
 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265,
 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273,
 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281,
 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289,
 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297,
 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305,
 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313,
 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321,
 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329,
 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337,
 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345,
 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353,
 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361,
 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369,
 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377,
 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385,
 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393,
 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401,
 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409,
 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417,
 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425,
 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433,
 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441,
 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449,
 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457,
 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465,
 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473,
 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481,
 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489,
 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497,
 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505,
 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513,
 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521,
 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529,
 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537,
 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545,
 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553,
 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561,
 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569,
 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577,
 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585,
 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593,
 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601,
 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609,
 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617,
 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625,
 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633,
 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641,
 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649,
 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657,
 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665,
 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673,
 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681,
 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689,
 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697,
 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705,
 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713,
 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721,
 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729,
 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737,
 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745,
 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753,
 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761,
 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769,
 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777,
 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785,
 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793,
 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801,
 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809,
 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817,
 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825,
 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833,
 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841,
 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849,
 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857,
 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865,
 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873,
 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881,
 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889,
 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897,
 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905,
 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913,
 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921,
 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929,
 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937,
 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945,
 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953,
 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961,
 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969,
 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977,
 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985,
 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993,
 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000.

[illegible]

as suas Informaçoens, e ao seu trabalho.
 Creio, q' tem vindo a fazer parte de chegar
 ao Aldeia, de ali a 12 de Maio q' chegou, e
 depois da ultima Carta q' me escreveu
 Julio Mattiazzi, na data de 20 de Julho
 de 1788, nem se quer tinha sabido, e
 lá tem chegado as produçoens remet-
 tidas. E esta ha a mais pungente
 mortificação q' posso, e a illusão sem
 fim, e a mais penoso trabalho q' se
 faz, e as outras em observar, receber,
 e preparar, e dar a devida, e
 chegar, mal aconcellado, e
 a succeder ter o finado do Mar Ant-
 nio Joseph Monturo o de cuído de ex-
 por a o tempo do Caixão, q' sempre
 das as Calafates, e q' diz q' o melhor q'
 permittido as medidas, e q' não
 as q' ha, e segundo soube depois, q'
 q' não p'ncipalmente da humidade.
 Quanto mais os q' deste rio em, e
 igual, não ha medida, e q' por
 passada, p' obra alguma, e para q'
 q' ha de ser a distancia, e q' não
 q' se p' a impossibilidade dos cas-
 tos, e q' não ha, e q' não ha, e q'
 tudo reconheço, e q' não ha, e q'
 to por este como pelo q' não ha, e
 esta de fazer a prompta tudo quan-
 to necessário, e q' não ha, e q'
 cancear a sua concessão, e q' não ha,
 finado, e q' não ha, e q' não ha,
 finado, e q' não ha, e q' não ha,
 agora se acha a confusão da gra-
 vidade, e q' não ha, e q' não ha,
 a toda esta 2.ª de mais q' não ha,
 estado ultimo a q' chegou.

Do Antepagada Vicente Pereira de Souza,
 q' ha 23 annos q' tem servido, e q' não ha,
 no Aldeia, e q' não ha, e q' não ha,
 cidade unida, e q' não ha, e q'
 não foi nomeado pelo Aldeia, e q'
 Martinho de Souza de Albuquerque, e
 Cabo da Canção, e q' não ha, e q'
 vo dizer a q' não ha, e q' não ha,
 finado, e q' não ha, e q' não ha,
 q' não ha, e q' não ha, e q' não ha,
 tempo, e q' não ha, e q' não ha,
 grata alguma, e q' não ha, e q'
 Bertho, e q' não ha, e q' não ha,
 mas, e q' não ha, e q' não ha,
 sua limitação, e q' não ha, e q'
 tem servido nesta cidade, e q'
 onde, e q' não ha, e q' não ha,
 do Aldeia, e q' não ha, e q' não ha,
 bem nas mesmas deliberação, e q'
 a, e q' não ha, e q' não ha,
 q' me acompanhando, e q' não ha,
 na subordinação, e q' não ha,
 as suas obrigações, e q' não ha,
 a q' não ha, e q' não ha, e q'
 hum soldado, e q' não ha, e q'
 si p' si, e q' não ha, e q' não ha,
 toda do Aldeia, e q' não ha,
 Protecção de 2.ª, e q' não ha,
 no Aldeia, e q' não ha, e q'
 outras, e q' não ha, e q' não ha,
 feno, e q' não ha, e q' não ha,



mas nos outros, e sem embargo de que da
parte do meu relacion com a Bahia, me
breve, e dirigia a sua supplica da
de V. Ex.ª, por onde, attenda a, de n.º.

No instante, supoz as ordens de V. Ex.ª
fice regendo a Bahia.
De V. Ex.ª, pelos annos, e havemos
miter.

Parcellas 14 de Novembro
de 1780.

DE V. Ex.ª

P. S.

Depois de scripta, as
to, chegou o sobredito
Relatorio da Bahia.
e, eu o diria, me
dado, em busca de
nossa Coherencia, e
remetter, e foy de pe
lo modo anulado em
2.º Instancia, hoje chegou
com elle, e foy de
6 dias, e de 10, foy
e o de 10, foy de
fuy um, e foy de
fayola, e foy de
de, e foy de
de, e foy de
Parcellas 14 de Novembro
de 1780.

Muito humilde Co.

Alexandre Rodrigues Ferreira.

Que eu não podesse fazer alguma de melhor
 no devoto da minha commissão, ou
 seja o que são do detalhe do meu
 trabalho nos limites da minha com-
 missão, ou o que são com o mesmo al-
 cance, e politico, para facilitar a
 verdade de todos quantos podem ser
 uteis a o objecto da dita commissão,
 assim o pede V. Ex.º colligir dos Pa-
 péis meus, e das as copias das car-
 tas por mim dirigidas, e em muitos
 deo q' tudo, unido a o Memorial de fun-
 do de Clemencia, e de Bondade, que
 particularmente caracterisa a Grande
 Almsa de V. Ex.º, outra vez ponho na
 sua Presença o Memorial incluso de
 meu Thomaz Bartholomae, o qual sem
 se quer no Centro de sty history, me
 deixa muito a pedir, e a mim de
 vendo aliq' dirigir il a V. Ex.º, que
 foi quem se dignou tiralo da poeira
 do seu nada. O q' pede, he que V. Ex.º
 lhe complete a Graça principada, pro-
 movendo-o, como diz elle, que se ac-
 provando, e que com elle foras despa-
 chado, o Conego de Indira Brubru
 da. O Memorial he nenhum, my
 V. Ex.º he muito Grande. Quiza V.
 Ex.º ver. se livro de tas impertinente
 Postendentes, queira mostrar a toda
 aquella Se, que foi creatura sua, e
 nella fallou a V. Ex.º. Não, que, se
 não fora, nada teria bastado. Sabo
 V. Ex.º, e concorrendo intas em V. Ex.º
 e das, grande qualidade de Mini-
 stros Babilis, e de Príncipe, meu
 particular, quanto em mim se de
 brão o motivo de pedir a V. Ex.º.
 Gra V. Ex.º, pelos annos, que todos he
 virmos mistur. Babilis do de
 Fevereiro de 1787. DE V. Ex.º

Muito humilde Sr.

Alexandre Rodriguez Ferrera

Ilm. e Exm. Snr.



Bartholomeu Rodriguez Ferreira,
a quem V. Ex.^a por Sua Muito Alta
Bondade e seu merecimento al-
gun d'elle, fez a Graça de promo-
ver a Congregação de meias Prebenda
na Cathedral da Cidade da Pau-
hia, donde he natural, segunda-
vês implora a Protecção de V.
Ex.^a que he toda a razão, em que
funda a Sua Supplicação, pedindo
a V. Ex.^a que assim como foi Ser-
vido principiar a contemplalo
naquelle tão Grande Beneficio,
e Honra, que lhe confere, se dig-
ne em consequencia della, con-
sideralo Creadura Sua na referi-
da Sé, completando-lhe o Bene-
ficio principiado, com promove-
lo a Congregação de Prebenda inte-
ra, que he até onde aspira to-
dos os Seus desejos, e todas as
suas Pertinencias. Assim ope-
ra da Ilimitada Clemencia
de V. Ex.^a supprindo V. Ex.^a a
Sua Grandeza, o que ao Supp.
falta de Merecimento.

E. R. M.^{ce}

Tendo qu' no Mês de Fevereiro proximo
passado, dirigido a elle Ex.^{ma} Carta, que
acompanha os vinte e hum volumes
em 8.º e 4.º incluídos os productos, na
tural da quinta Remessa de este Rio
Negro: Mas se me offerece agora outra
carta mais que pôz a disposição de V.
Ex.^{ma} e não, que também está acom-
panha os vinte volumes, que consistem
da Relação inclusa, e comtudo a
senta Remessa do mesmo Rio. Suo Ex.^{ma} Pro-
curador geral recolheu a esta Villa, na mar-
cha, o capitão do Rio Negro, para con-
ferir com o Jardineiro Botânico
Agostinho Joachim de Cabo, o qual
na verdade desacompanhou a Comen-
da que lhe dei de aproveitar o tem-
po em recolher, e preparar o Rio
dequelle Rio: visto que para não
impedir o em viagem o corpo inte-
ro do Expediente, e como devia ser,
para não justamente virem os
em mais, e me acompanhados, e
em ordenados, e em seguida de obedi-
culo, por huma parte, e não querar
Ex.^{ma} tornar sobre si o Destino desta Ex.
pedição, sem V. Ex.^{ma} mesmo o determi-
nar, e por outra parte as multipli-
cadas Expedições de reconhecimento
em dos Rios, ordenadas neste anno
por S. Ex.^{ma} e fazendo-lhe a presente
o Jardineiro Botânico o cobrador
do Rio, foi S. Ex.^{ma} servido mandar
realizar, e quando o corpo todo o
auxilio, e o Rio, e o Rio, e o Rio, e o Rio,
da vez approuva S. Ex.^{ma}, e o Rio, e o Rio,
primeiro Expediente do Rio do Solomão
em: A Remessa Extra. do Rio Negro
pedi, que a V. Ex.^{ma} dirigisse as Memó-
rias, e servas o título seguinte.

Primeira. Memória sobre a Marinha
interior do Estado do Brasil para a
elaboração da História Natural, e agora remet-
tem mais cinco, incluídos nos cinco
volumes, e constituem parte da sexta
Remessa do Rio Negro.

Segunda. Descrição do Rio do Solomão
do Rio Negro, e se considerava dos
da Santarém para o Real Gabinete
de História Natural, e agora remet-
tem mais cinco, incluídos nos cinco
volumes, e constituem parte da sexta
Remessa do Rio Negro.

Tercera. Observações Medicas sobre
as enfermidades endémicas e epis-
micas do Rio Negro, por Antão Jo-
saph de Araya Braga, Cirurgião do

Quarta Partida da Diligencia da Demarcação para servir de reposta a Carta de 9 de Janeiro de 1786. Naturalista Alexandre Art. Ferreira, na data de 20 de Fevereiro de 1786.

Quarta. Tratado particular de alguns generos de Agricultura, e suas Culturas no Rio Negro. Por Antonio Villaça de Almeida, em resposta a Carta de 9 de Janeiro de 1786. Naturalista Alexandre Art. Ferreira, na data de 16 de Setembro de 1786.

Cujos Pagos, confio, que ponhão a V. Ex. na intelligencia de não se, de que me u não pouço a o trabalho, mas querel de continuarse a fazer esta a conta de 2 terço de servir, quanto pouço a S. Mage. e agradeas a V. Ex. M. Ex. a V. Ex. pelo anno, que ha vem a mister.

Parcellas 4 de Mayo de 1787.

DE V. Ex.

Muito humilde sr.

Alexandre Rodrigues Ferreira





Não se me offerecendo agora a participar a V. Ex.^a sobre alguma delles, que não tenha sido participada nas memórias precedentes: Cidades, e respeito de comércio, e destino d'ellas, Exploradas: Porthuguezas, e de V. Ex.^a não somente os productos naturaes, que vão incluídos nos 3 volumes, que constão da Relação ou da V. Ex.^a, por septima Remessa do Rio Negro, Belles, e da Cópia atuneta N.º 2, faço a devida participacão, para vir a V. Ex.^a no conhecimento, de como, e parte dos referidos productos, que não foi recolhidos nas immediacões desta villa, de baixo da Protecção do Ilmo e Exmo Sr. João Pereira Caldas, a quem dei eu recolher, conduzindo-me como mo Senhor, pelo Justineiro Real de Agostinho Pacheco do Cabo, e quem me pediu a V. Ex.^a em 26 de Mayo, p.º de 1817, e o Esquero do Caldeirão, do Rio dos S. Simões na conformidade do q.^o e do de respeito proprio a V. Ex.^a donde refutou q.^o daquelle Esquero remetter ao Justineiro humas, e trouxe como outras produccões, quando se recolheu nesta villa, na tarde de 7 de Agosto. Aqui continuo a trabalhar, não como digo, mas como místico, e impiedoso, por q.^o eu não empregue, e faço sempre, q.^o nos Artigos da minha Commissão, e quando a V. Ex.^a se não digna significar as suas ultimas intencões.

Sempre me, que ainda depois della com cluidas poderes sua Magestade para diante mandar recolher neste Estado, e preparar algumas outras produccões, em cujo preparo estão magistralmente empregados os d.ºs: Indios Cipriano de Souza, e Joseph da Sylva, os quaes desde o principio desta viagem me tem acompanhado com o auxilio de Diogenes d'Almeida, e pensando que esta seria a Intenção de V. Ex.^a por humas partes, e de outras com despesa da Real Fazenda, e sua muita habilitade, e sagacidade, e por outras, fundamente nellas humas titulos, e obrigações, de a todo tempo trabalhar, vem com q.^ota nas minhas Expensas como: suppliquei ao Ilmo e Exmo Sr. Martinho de Souza, e Albuquerque, que se nomeasse em Officio de Don.º de 1817, das suas Povoações, addicionando-lhe a V. Ex.^a, e trabalhando na obra da Real Academia de Historia, e de ficção de 1817.

é continuarem a servir como mesmo uzeiro de Representadores dos productos da Expedição, em quanto ella durar, e a prepararem, depois della concluida, os productos, que se lhes ordenarem. Ao que S. Ex.^a promptamente annueio, como consta da Copia N.º 3, que he a do Rio, que fez a o Barão de Botelhos, estava a chegar a esta Villa, e firmo como da outra Copia do Rio N.º 4. Também consta da caixa, q. S. Ex.^a mandou dar a o Soldado Joseph Gomes Rodrigues, Pereira, pelo motivo nella declarado.

O que tudo não sendo em si outra coisa mais, do que hum visivel influxo das quella Bolleosa Botelha, com V. Ex.^a heita Certe, e neste Estado, se tem dignado honrar, e distinguir em millosta leve tintura, que he de alguns Estudos Naturaes, de dia, em dia, vai multiplicando em mim as obrigações, de me humilhar, de me abater, e de me confundir na sua Presença, não sendo de mim a pessoa, que me mereça indignidade, para algum dia fazer tanto a minha gratidão.

D. G.^a a V. Ex.^a pelo anno, que havemos mister. Pácullos 26 de Setembro de 1787=

D. E. V. Ex.^a

Muito humilde Cr.

Alexandre Rodrigues Ferreira.





Tanto me não esqueço de cumprir, quanto posso, com o meu dever, que, nem ainda nas viagens de eu parte de Barcellos para este Rio, deixei de prometter, para o meu desigido, a D. Ex.ª, três volumes, com que vou aconcluyr os o.ºs de duto, e he constado da Relação in-
cluzida. Talhe teve este tempo a os en-
dado, que de alguma coisa he promette-
do, e cada hum dos do seu prepar-
pustulativo, poron nisto metido. E a
levo a o.º Real, e de mais, que com a sua
cidade. Da Capital de Barcellos, por
ti pela humo hora de tarde de 27 de
Agosto proximo passado: a for de 10.
e segue pelas ruas de marinha,
de 6 do corrente, e nella ha umos
e esta demorando, fazendo o.º D. Ex.ª
me ordena, e va eu com fadiga in-
tendo as minhas observações. E
as eu fazer, como dito, recebi de S. Ex.ª
o.º Sr.º João Pereira Caldas, a Instruc-
ção de 23 de Agosto, de que não por-
to, agora a copia na Relação de D.
Ex.ª, por S. Ex.ª a por pela sua par-
te, e eu nella, tudo quanto achou, jul-
go he conforme a D. Ex.ª me or-
dena. De S. Ex.ª recbi a amplifi-
ma provisão de tudo quanto pedio
por esta forma, para a dar principio
a esta segunda, seguinte.
M.ª G.ª de D. Ex.ª pelo anno, que ha-
mos misto. Na for do Rio de
Janeiro, a os 11 de Setembro de
1788.

DE D. Ex.ª

Mm. e Exm. Sr. Martinho de Alho, e Castro.

Muito humilde Cr.

Alexander de S.ª

Deo guarde a V. Ex.^a pelo anno, que
for o primeiro milênio. Villa Rica 28 de
Abril de 1790.
Ilmo. Ex.^{mo} Sr.^o Martinho da Mello, e Castro. DE D. Ex.^a

Muito humilde sr.

Alexandre Rodriguez Ferraz

M^{ma} e Ex.^{ma} N.ºs.

Na Respeitavel Presença de V. Ex.^{ma}, tenho nesta occasião a honra de pôr, humas duas Memorias, que encerram a primeira, intitulada das Observações sobre a Classe dos Humidos observados nos Povos das Ilhas Rivas, e da Classe dos Negros e da Classe das Mulheres. Com as descrições e circunstancias, que se encontram em todos os livros antigos e modernos Naturalistas, e principal mente, com a Classificação de Linneu.

Relação, que acompanha as memórias de que se remette para o Real Gabinete de Historia Natural, com o Capitulo 1.º da primeira memoria dos Productos Naturaes da Capitania de Mato Grosso.

Quanto a o que dellas contendo, porba: me parecer dignas da Relação de V. Ex.^{ma}, e da de duas razões:

Primeira, porque esta Honra meior, e dignidade das memórias, de que nella se trata. E particularmente a honra e subordinação Relação, quanto expõe os motivos, por que se acham languidos os Estabelecimentos das Ilhas Rivas.

Segunda: para que V. Ex.^{ma} cada vez mais se efformar na inhibitoral entera, de que to do o tempo, que me sobre, de observação, visto, e acondicionamento dos Productos Naturaes, eu devida mente o emprego, com o devido uso, e circumstancias de todas aquellas observações, que não se propoz, e se acham, ou não da minha Relação, e de todas as memórias, e outras das Naturezas, que a seu tempo apparecerem de baixo dos Rios, com de V. Ex.^{ma}. E que se me dê a de V. Ex.^{ma}, não se, por não terem sido feitas, como V. Ex.^{ma} com alguma vez se entendido, mas sim, por não terem sido feitas, e cartografadas, e com as de V. Ex.^{ma}, de hum modo, que me pareça digna de se apresentar a V. Ex.^{ma}. E que nada se deve esperar com precipitação, e de vicia, como eu bem de agora consigo, não obstante a minhas fideles, e diligentes observações, que pratico, desde que cheguei nesta Capitania, e não obstante a fideles, e diligentes observações do Tardissimo Instituto Historico.



Toucham do Cabo; que tanta falta me faz, por
 ter sobre os meus livros recados e papeis,
 que elle trouxe a os seus.
 Dito que, ja desde ygora porem a D. Ex.^a que
 sendo eu, e que de aqui por diante, deves
 reger com o pae de duas distinctas obr
 as: que sua, a de meu encargo, e de
 defuncto. Bem porem Chiquese
 nhumas. Memorias pedirei ordenar pa
 ra si: dirigio a D. Ex.^a continuando D.
 Ex.^a e de ellas haja de ser o Portador, q
 fo do Real Regresso de S. Magestades, e
 mandar retirar-me.

o Benacoel Toucham Joseph Cavallante de
 Albuquerque, filho; Serottimo desta Gov
 na, meu Paisano, Romage e Collega que
 foi na universidade de Coimbra, de quem
 do dirigio a D. Ex.^a por buona vez, e
 va o incluso rascão de Carlos, e de
 bom vai no Caixa N.º, me pella, que
 da sua entrega me queira e encomen
 dar em mil encargo de ella, e que faga
 he, pelo q' deca a D. Ex.^a respectar nella
 humas chisturas sua, e de deca a M.
 e Ex.^a casa de D. Ex.^a e no deca a
 mim, nada menos, que meitas me grato
 si entregue, e comtentez demonstrado
 q' me continua a fazer de seu filho,
 e Amizado.

Deos guarde a D. Ex.^a pelo amor, que
 have em mim.
 De Vila Rica 26
 de Abril de 1790

Ilmo. e Ex.º Snr



Recuso recebida a Carta, com que V. Ex.ª, em Res-
posta a minha, que acompanhava a ultima
Remessa dos Productos Naturaes da Capitania
do Rio Negro, houve por bem de hon-
rar as minhas humilhadas, em data de
30 de Novembro de Anno de 1788, a qual
me fez a Honra de entregar nesta Capital
logo q' a ella chegou, e q' V. Ex.ª me deu
7647 de Albuquerque, de Hello, Pereira, e Co-
ares, e cujos ordens, não meno, que os de
sua Ex.ª, me foram, e entreguei, na subordi-
nação na forma q' me V. Ex.ª ordenava: E
depois da reconhecimento feito a Hello
a V. Ex.ª, pela singular doçura, e Hellei,
q' nella me fez, da appropriação q' meus tios,
de quizes trabalhos laboriosos, e cativos, e
do q' V. Ex.ª de encargo, e jubileos: E
a data a V. Ex.ª, que em quanto a o meu
regresso desta Villa, sobre a Cidade de Ba-
va, ainda agora repito o mesmo, que do
Cachoeira de Sancto Antonio, pluriplas
a V. Ex.ª, em data de 26 de Janeiro de
1789, e he, que, sem embargo dos ordens,
por V. Ex.ª expedidos, e q' V. Ex.ª me deu
sua de Albuquerque, de Hello, Pereira, e Co-
ares, a primeira, data de 30 de Outubro
de 1787, quando tambem foi a q'
V. Ex.ª me dirigio a mim, e a segunda,
de 30 de Novembro de 1788, ambas, a o
fim de poder eu regressar para aquella Ci-
dade, logo q' tiver concluido, ou todo, ou
o principal objecto da minha commes-
sub, e ambas a mim meo intima-
das por S. Ex.ª, e em consequencia de nenhuma
forma como sobre mim o dar por concluso-
dos os referidos objectos, se não quando
V. Ex.ª meo positivamente affirmo a todo
nos: Pois q' de outra sorte passaria tal
vez a V. Ex.ª igualmente acclamação, e
de fadiga esta diligencia, q' he o q' eu mu-
do a muito tempo avia

ora tambem certo, que me fazi a V. Ex.ª a Tere-
sa de Pernambuco se esta minha insistencia
interessar se funde esta não de justica
com a minha me, se não na de justica
me com V. Ex.ª: Pois que, não o meo
ordenado ha aqui mais santissimo, de q'
ordenado ha qualque parte, não o de
de per se me tem sido, e de um raso, e he
neco, q' eu pela sua amabilidade eu pe-
la sua beneficencia, me comede a demo-
rar me nella. Por outra parte, não
sendo ainda passados mais de seis mezes





deide q' aqui cheguei, não somente não tenho
podido concluir em tão curto espaço de
tempo, ou todo, ou o principal objecto
da minha commissão, quanto illiar, o
Mineralógico, mas também, nem um me-
nor de Thum, agora pedarei de, e voltar de
Rio Cuyabá, e Paraguary, até onde D.
Ex.^a me manda escripturar a conta de
cripta pelo Engenheiro, e Retenome,
e ali forão expedidos um Diligência
de Rany Demarcagang, offerecendo-me
me tão somente para então, quanto
mais, para andar sem fadiga, como D.
Ex.^a me ordena, o diligência expoz de
600 legoa; q' um tanto montará a via-
gem, entre ida, e volta. D. Ex.^a onde
nará o q' for servido
Deo guarde a D. Ex.^a pelo anno, q' hure
nos maites. Villa Rica, a 16 de
Abril de 1790.

D. Ex.^a

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.^o Martinho de Mello, e Castro.

Muito humilde sr.

Alexandre Rodriguez Ferreira

12



Todos os Volumes que Vm.^a

remetto para o Real Gabinete, serão entregues; e aqui arrecadados com todo ocuidade fico esperando occasião de Nave da Coroa, que venha a este Porto, para nelle os fazer embarcar bem acondicionados.

A remeti ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Martinho de Mello e Castro o Saco de Cartas que Vm.^a dirigia ad Ex.^a e ao Sr. Martinho de Souza agora remeti as que Vm.^a lhe escreveu.

Em Borba ha de Vm.^a achar quando descer, hums Caixoes de Tálha, que vierão de Lisboa, para ofim de Vm.^a allu melhor acondicionar os Produtos, que tiver recolhido Eu estimarei que continue a desfrutar vigorosa saude, para poder empregar se em fazer Completa sua Collecção, e para que me procure muitas o cazions em que possa obter mais escrever a Vm.^a



D'Guarde a Vm.^a Para 24 d' Outubro de 1798
Francisco de Souza Coutinho. Inor D.
Alexandre Rodriguez Ferreira.

Almundo Rodriguez Ferreira B.



N.º 3

Copia do 2.º S.º da Carta que foi expedida por
S.ª Ex.ª ao Comm. de Santarém com a data de 21 de
Mayo de 1791



Aos Directores das Povoações de
Rio, e das de Monte Alegre, Obidos, Furo, Almo-
quer, e Cutre, prevenira Vm de Ordem minha, pa-
ra que no caso, em que por alguma dellas seasse o
Sr. Alexandre Rodriguez Ferreira, quando regres-
sar de Mato Grosso, se lhe preste todo o auxilio de
qualquer qualidade, que elle seja; ainda mesmo
que não porte, mas a qualquer dellas o mande requie-
rer, sem que Eu haya de admittir escusa, e antes proce-
derei com todo o rigor por qualquer omisso, que em
contrario praticarem. De qualquor soccorro, que por
este modo lhe seja prestado, se me farão as competen-
tes Participações; ficando Vm na intelligencia
de praticar o mesmo pela parte que lhe toca.



Em identica conformidade, se escreveo ao
Comm. do Guirupia, a respeito das Povoa-
ções do Rio Xingu, e das de Esporense, Ma-
rayolos, Tragozo, Almeirim, e Sta. Anna
do Cajari.

Aos Directores de Borba, Serpa, Sil-
ves, Topinambaranas, e Obidos se dirigio
nada da acima a Ordem abaixo transcripta

Constando me, que o Sr. Alexandre Rodriguez
Ferreira regressa da Capitania de Mato Grosso. Vm
logo que o mesmo ali chegar, lhe aprromptará todo o au-
xilio, tanto de Indios, como de mantimentos, e qualque

outra couza, que pelo mesmo lhe for requirida, para
abrevidade, e commodo da sua Viagem; ficando-me
responsavel pela menor contravenção

Alexandre Rodrigues Ferreira R



2





Como em observancia das R.^{as} Ordens tem v^m concluido os Exames, e Deligencias mais importantes, de que foi encarregado nesta Capitania principal^{me} as q^{as} são relativas a e Mineratologia, tendo visitado e observado as principaes Fabricas de extrahir Ouro dos Districtos desta Villa, da do Cayabá e do Tugão de S. Pedro d' El Rey, e recolhido os Productos Naturaes, que achou dignos de remetter, e conduzir para o Real e Mozus distando-lhe ainda o observar as Cachoeiras do Ryo e da daira, e mandar desenhar os seus prospectos tirados na occasião da maior varante das Aguas do dito Ryo, em q^{as} algumas das ditas Cachoeiras fazem amais notavel vista, que hi nos mez de Setembro, Outubro, e Novembro. E por ser chegado do tempo se faz preciso que v^m parta adita Deligencia com a Expedição do seu Commando, e depois de aconcluir se recolha a Cid^{de} do Pará, e d'alli a Corte de Lisboa d'appresentar-se a S. Ex.^{ta} o Senhor Secretario de Estado e Martinho de Mello e Castro, para de qua na dita Cid^{de} do Pará não encontre algumas Ordens em contrario do Sobre d^{ito} Ex.^{ma} Senhor.

Para v^m se conduzir adita Cid^{de} do Pará com as Pessoas que formam a Expedição do seu Comando levando em sua Comp^{ta} os volumes



de Productos Naturaes, que ultimam^{te} tem de
colthido, se achão ja promptas, por Ordem mi-
nha, tres Canoas maiores e humma mais peque-
na, com humma Montaria Todas com as suas
competentes, e necessarias Equipagens, entre as
quaes se comprehendem doze Soldados Pedestres,
que tambem vão armados para a sua Escolta,
alem de Cabo d' Esquadra de Dragoens Joã
da Costa Lima que mando acompanhar á V^m.
com dous Soldados Dragoens desta Guarnição,
e hum Cabo d' Esquadra, e hum Sold^o que aqui
se achão porthenentes aos Regim^{tos} do Estado do
Pará.

Os Ordens q' dou do sobredito Ca-
bo de Esquadra Joã da Costa / que vai encarregado
do Commando da dita Trop^a, e Equipagens / se
leuarem em tudo, oque l'apeita ao d'ite seu Coman-
te, a que haya de seguir, as que V^m thedor da-
qui ali o Pará, antes abem da sua Expedi-
ção, e do S^o Serviço, e depois de chegar a quella
Cidade, deverá o mesmo Cabe observar as que for
serviço dar lhe o Ex^{ma} Senhor General daquelle
Estado Thom. Francisco de Souza Coutinho

Se succeder que V^m ja depois de
sahir do Rio Madeira se encontre com o de





o Tenente de Bragosa António Francisco de Aguiar que veio Subir para esta Capital de volta da Corte de Lisboa, aonde foi com Licença de S. Mag.^a enocao de elle trazer alguns Soldados da Guarnição do Pará, será muito conveniente, que Vm.^{es} lhes troque por todos ou parte dos que leva pertencentes a desta Capital, trocando-lhe tam bem os Pedestres por outros tantos Indios, visto que dena altura por diante ja não pode haver Lúcio de Gentio Silvestre

So Apudante Manoel Rebelo Luyte tenho encarregado para que, de Accordo, com Vm.^{es} faça huia Relação de todos os Provi-mentos, e Petrechos necessarios para adita sua Viagem a fim de se apromptarem logo que elle me ap-
porezente adita Relação, devendo nesta Brilla prove-
se as Canoas do seu transporte sómente dos Ma-
cama^{tos} de Boca necessarios até o Forte do Trin-
cipe e alli dos precizos para todo o resto da Viagem,
para o que darei as correspondentes Ordens ao Co-
man^{de} do mesmo Forte.

Se Vm.^{es} achar que falta alguma
possivel providencia, que não tenha occorrido tendente
naõ so a maior Segurança, e Lóm oidade de Vm.^{es},
mas tam bem ao essencial fim de facilitar a ex-
ecução



execução dos Encargos, que pelas V.ªs Ordens
lhe são incumbidos, em sua Represente para
promptam^{te} a fazer executar.

Dei guarde a V.ªm m^{da} Pella
Pella 16 de Setembro de 1791
João de Albuquerque de Mello Pereira
e Caseres - Inor^{do} Alexandre Rodriguez
Ferreira



Alexandre Rodriguez Ferreira

1772.

Ilmo. Ex^{mo} Senhor.



N.º 11.º
 N.º 12.º
 N.º 13.º
 N.º 14.º
 N.º 15.º
 N.º 16.º
 N.º 17.º
 N.º 18.º
 N.º 19.º
 N.º 20.º
 N.º 21.º
 N.º 22.º
 N.º 23.º
 N.º 24.º
 N.º 25.º
 N.º 26.º
 N.º 27.º
 N.º 28.º
 N.º 29.º
 N.º 30.º
 N.º 31.º
 N.º 32.º
 N.º 33.º
 N.º 34.º
 N.º 35.º
 N.º 36.º
 N.º 37.º
 N.º 38.º
 N.º 39.º
 N.º 40.º
 N.º 41.º
 N.º 42.º
 N.º 43.º
 N.º 44.º
 N.º 45.º
 N.º 46.º
 N.º 47.º
 N.º 48.º
 N.º 49.º
 N.º 50.º
 N.º 51.º
 N.º 52.º
 N.º 53.º
 N.º 54.º
 N.º 55.º
 N.º 56.º
 N.º 57.º
 N.º 58.º
 N.º 59.º
 N.º 60.º
 N.º 61.º
 N.º 62.º
 N.º 63.º
 N.º 64.º
 N.º 65.º
 N.º 66.º
 N.º 67.º
 N.º 68.º
 N.º 69.º
 N.º 70.º
 N.º 71.º
 N.º 72.º
 N.º 73.º
 N.º 74.º
 N.º 75.º
 N.º 76.º
 N.º 77.º
 N.º 78.º
 N.º 79.º
 N.º 80.º
 N.º 81.º
 N.º 82.º
 N.º 83.º
 N.º 84.º
 N.º 85.º
 N.º 86.º
 N.º 87.º
 N.º 88.º
 N.º 89.º
 N.º 90.º
 N.º 91.º
 N.º 92.º
 N.º 93.º
 N.º 94.º
 N.º 95.º
 N.º 96.º
 N.º 97.º
 N.º 98.º
 N.º 99.º
 N.º 100.º

[illegible]

o que he hoje o Estado do Grão Pará, eu
me não fardo de admirar. Estes são
governos e habitantes deste Estado.

1772

Imo Dno Sr
M. e. d. e.



Nela charrua denominada a Princi-
pe da Puzra, que foy de este Sr. e de que
he Commanante Manoel da Silva e
mas, Timoteo para o Real Gabinete, e
Caracalento, e de um Embrothy, que con-
ta da Relação que entregou ao meu
Governador, e Capitão General do Es-
tado, para não na Respectavel Proxi-
ca de D. E. d.

Quando ao Doutor Alcaide, que
agora se foy de este Sr. e de que
a D. E. d. que agradece a premissão, e
fidelidade com que a nova meo a esta pro-
te tenho procurado de cumprir a comen-
sas, que me foy de este Sr. e de que
Mestre de sua Magestade e pro-





os productos naturaes, que tenho de vender,
 deo, e comorados de que em grande parte
 delle trabalhou por suas proprias mãos,
 minha filha, criada de V. Ex.ª formosa
 Senhora da Cunha e de mais, por semelhante
 te entretive, e principalmente pelo de obae-
 quiar a V. Ex.ª, que se dignou aceitar a
 differença de productos, e assim, que com muito
 goito e a promptidão, me pedis a ditta mi-
 nha filha, que elle alias nunca tinha visto,
 e com ella se casou muito a minha satis-
 facção, e contenta, sendo seu Padrinho o Ex.
 General deste Estado, e ficando ella por ora
 em minha casa em quanto de V. Ex.ª não
 chega a newsana de mais, para ella se
 poder transportar ao Rio de Janeiro, para a



acompanhar seu marido como deve.
 Aqui a fim partuço a V.ª pela parte
 que orelou, para que também sobre ella
 V.ª se estenda as acas de sua
 libeas como expore.

Por Juazeira V.ª, por mui tophi-
 zes amig. Para a V.ª Outubro 1892.

M.ª M.ª por Martinho de Mello e Castro.

Per.ª

Assim, como o Visconde de
 L.ª Pereira da Costa.



Doutor



De Dona Germana Pereira de Guires Pereira,
viuva de Hieronymo Rodriguez Pereira, que
teve a honra de servir a V. A. e ao Emprego de Offizal
da plantação de Cotonão dos Seguros da Marinha, e
Domingos Ulthamarinos por espaço de 24 annos, que
por facimento de d'elle seu Marido, pedia a Supplican-
te e seus Filhos, e a razão a circumstancias bem descre-
das. E como V. A. e pela Sua Real Magestade, e a
medade continua attenção as Viúvas de seus Vassallos
sallos que se distinguem no Real Serviço, a Supp-

Pede a V. Magestade Real se Digne
fazer-lhe a Merce de Gratificação, que pe-
las Despesas da mesma Secretaria de
Estado, a Supp. seja contemplada com
a Penção da metade do Ordenado, que ve-
cia e era Marido.

C. R. M.^o

D. Germana Pereira de Guires Pereira

P



Ca e Rm Senhor

D

De D. Gertrudes Pereira de Lencastre e Pereira
viuva que ficou de D. Alexandre Rodriguez e Pereira
que a ella se lhe faz provera, que o Cura da Santa Igre-
ja Patriarchal, lhe pague por Cortidas o que comtudo do-
bita do dito seu marido, e por que provera Despacho

V. a V. Ex. seja servido mandar
se lhe pague a dita cortidas



De Comenda e de Sella
Pa'la de Março de 1814

Atte. Lencastre

C. R. M.

João Evangelista, Cura da S. Igreja Patriar-
chal, da Familla do Principe Regente. Ag-
ostini, Certifico que vendo o livro dos Ritos
dos Parochianos da tua S. Igreja, nella se en-
tra o assento do thór, e por na Chancelaria
de vinte, e tres dias do mes de Abril de



Cemil oito centos, comente Saliceo
 do Doutor Alexandre Rodrigues Pereira,
 casado com D. Geromara Pereira de
 Queiroz verhu, Quado do Príncipe
 Regente. No p.º do n.º 1.º n.º 1.º n.º 1.º
 No p.º do n.º 1.º n.º 1.º n.º 1.º
 fahado, Official da Intendencia, mor-
 dor na Calçada d' Ajuda, Círculo do Ri-
 o do Paço Frequentia de Sta. Joana Pa-
 triarial, e p.º do n.º 1.º n.º 1.º n.º 1.º
 mento da Intendencia, p.º do n.º 1.º n.º 1.º
 tua não p.º do n.º 1.º n.º 1.º n.º 1.º
 to, e foi sepultado na Igreja do Rosário
 dos Religiosos do Colégio de S. Agor-
 timo da Freguesia de S. Joana Pa-
 triarial, de que fiz este apenso, qua-
 la p.º do n.º 1.º n.º 1.º n.º 1.º
 11 de Maio de 1815.



O Cura João Evangelista

não se contenta mais no apenso
 apenso áque me apenso, e de p.º
 de p.º de p.º de p.º de p.º
 1815.

O Cura João Evangelista

Reconheço abster a signal da Intendencia
 do R.º do Cura João Evangelista de 12 de
 Maio de 1815.

João de S. João Evangelista
 João de S. João Evangelista
 João de S. João Evangelista

Atendendo a Supplica que dirigio a Minha Real Magestade D.ª Maria Theresa Rainha de Portugal, de Hespanha e de Sicilia, de Alexandre Rodrigues Ferreira, que foi Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos, no qual impugno assim como em muitas outras incumbencias do Meu Real Serviço, se conduziu sempre com reconhecida intelligencia e honra; Foy por bem por todos estes respectos fazer Mercê a Supplicante de humas Rendas, correspondente a metade do Ordinario que vence este Official da Secretaria, a qual lhe sera regularmente paga pelas despezas da mesma Secretaria, com o vencimento de dias do morto de seu marido: O Conde da Barca do Meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos o tenha assim entendido e lhe faça expedir para esta fim as Ordens necessarias. Palacio do Rio de Janeiro em vinte quatro de Fevereiro de mil e cento e oitenta e ois



